

CIPRIAN VĂLCAN

CIORAN

*Um aventureiro
imóvel*

30 ENTREVISTAS



GIOVANNI ROTIROTI

Ciprian Vălcan

CIORAN
UM AVENTUREIRO *IMÓVEL*
30 ENTREVISTAS

Tradução, prefácio, notas e cronologia:

Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes



ÁTOPOS EDITORIAL

Patrice Bollon, Paulo Borges, José Thomas Brum, Massimo Carloni, Nicolas Cavallès, Livius Ciocârlie, Sylvain David, Aurélien Demars, Antonio Di Gennaro, Joshua Foa Dienstag, Philip Dracodaïdis, Farkas Jenö, Michael Finkenthal, Aleksandra Gruzinska, Aymen Hacen, Liliana Herrera (†), Roland Jaccard (†), Ireneusz Kania, Fernando Klabin, Jacques Le Rider, Ger Leppers, Marco Lucchesi, Joan M. Marín, Dan C. Mihăilescu, Marta Petreu, Vincent Piednoir, Flamarion Caldeira Ramos, Mario Andrea Rigoni (†), Giovanni Rotiroti, Constantin Zaharia.

Título original: *Cioran, un aventurier nemișcat. Treizeci de interviuri.*

© Ciprian Vălcan (1973-)

© Editura All (2015)

© Editorial UTP (2018)

© *Átopos* Editorial (2023)

Vălcan, Ciprian

Cioran, um aventureiro imóvel [livro eletrônico]: 30 entrevistas / Ciprian Vălcan ; tradução, prefácio, notas e cronologia: Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes. -- 1. ed. -- São Paulo : Átopos Editorial, 2023. [PDF]

Título original: *Cioran, un aventurier nemișcat: Treizeci de interviuri.*

ISBN: 978-65-85286-00-8

1. Cioran, Emil, 1911-1995 - Crítica e interpretação 2. Entrevistas 3. Filósofos romenos
I. Título.

23-144899

CDD-199.498

Índices para catálogo sistemático: 1. Filosofia romena 199.498

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN: 978-65-85286-00-8

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à
ÁTOPOS EDITORIAL.

Edição: Rodrigo Inácio R. Sá Menezes

Tradução: Rodrigo Inácio R. Sá Menezes

Capa: ATOPIX Design

Projeto gráfico: ATOPIX Design

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

ÍNDICE

PREFÁCIO

A aventura da interpretação: uma polifonia “cioranesca”

Rodrigo Inácio R. Sá Menezes

p. 10

ENTREVISTAS

[01] *“Cioran era um dândi intelectual”*

Patrice Bollon (França)

p. 17

[02] *Cioran, budismo e filosofia ocidental*

Paulo Borges (Portugal)

p. 23

[03] *“Pessoa é o irmão português de Cioran”*

José Thomaz Brum (Brasil)

p. 31

[04] *“Cioran parte de onde Nietzsche parou”*

Massimo Carloni (Itália)

p. 35

[05] *“Pelo estilo e desafios do seu pensamento, Cioran é único no século 20”*

Nicolas Cavallès (França)

p. 41

[06] *“Cioran era um sedentário sem pátria intelectual, um aventureiro imóvel”*

Livius Ciocârlie (Romênia)

p. 47

[07] *Cioran: um heroísmo às avessas*

Sylvain David (Canadá)

p. 55

[08] “*Se há um gesto nietzschiano em Cioran, é o de destruir as suas próprias tendências nietzschianas*”

Aurélien Demars (França)

p. 61

[09] “*Cioran é um profundo contemplativo e um dos mais importantes filósofos do século 20*”

Antonio di Gennaro (Itália)

p. 67

[10] *Cioran e a tradição do pessimismo*

Joshua F. Dienstag (EUA)

p. 73

[11] “*Cioran era um solitário para além da solidão*”

Philip Dracodaïdis (Grécia)

p. 79

[12] “*Cioran é o mais ‘monografado’ dos escritores*”

Farkas Jenő (Hungria)

p. 83

[13] “*Cioran é muito distinto dos seus contemporâneos*”

Michael Finkenthal (Israel)

p. 89

[14] *Cioran, Bach, Gombrowicz*

Aleksandra Gruzinska (Polônia/EUA)

p. 95

[15] “*Minha filha, Alma, de um ano, será leitora de Cioran*”

Aymen Hacen (Tunísia)

p. 100

[16] *Cioran: o voluptuoso, o insolúvel*

Liliana Herrera (Colômbia) †

p. 105

[17] “*Cioran, esse vândalo dos Cárpatos*”

Roland Jaccard (França) †

p. 111

[18] “Cioran é o grande mestre das ‘verdades amargas’ da existência”

Ireneusz Kania (Polônia)

p. 113

[19] “O que me atrai em Cioran é a originalidade, a coragem, a provocação, a tonicidade, a poesia, a ruptura da metáfora fossilizada”

Fernando Klabin (Brasil)

p. 119

[20] “Cioran representa uma tradição segundo a qual pensar e escrever são inseparáveis”

Jacques Le Rider (França)

p. 125

[21] “Cioran dominava a arte de divertir o leitor”

Ger Leppers (Holanda)

p. 129

[22] “Cioran é graffiti para escrever nas paredes da cidade, por engajamento cívico”

Marco Lucchesi (Brasil)

p. 133

[23] “Cioran é um carrasco de ilusões”

Joan M. Marín (Espanha)

p. 139

[24] “O meu Cioran é o ‘caso’, o apaixonado por tudo que é extravio, dilaceração, fracasso, estilhaçamento, aporia, nada”

Dan C. Mihăilescu (Romênia)

p. 145

[25] “Cioran atinge o leitor na cabeça exatamente como um grande poeta”

Marta Petreu (Romênia)

p. 151

[26] “Cioran dura porque resiste às interpretações, porque se dirige a cada um”

Vincent Piednoir (França)

p. 159

[27] *“Cioran se aproxima de filosofias antigas que propunham uma abordagem terapêutica em vez de teorias”*

Flamarion C. Ramos (Brasil)

p. 165

[28] *“Leopardi e Cioran pertencem à mesma família espiritual”*

Mario A. Rigoni (Itália) †

p. 171

[29] *“Sem a possibilidade soberana do suicídio, a vida seria insuportável”*

Giovanni Rotiroti (Itália)

p. 179

[30] *“Para mim, Cioran sempre foi um melancólico”*

Constantin Zaharia (Romênia)

p. 185

CRONOLOGIA

p. 195

BIBLIOGRAFIA

Livros de Cioran e bibliografia crítica-exegética

p. 204

SOBRE O AUTOR

p. 209

On est beaucoup plus franc dans une conversation que dans un livre. C'est pour cela qu'il est infiniment plus important de pratiquer un écrivain que de le lire.

[A gente é muito mais franco numa conversaço do que num livro. É por isso que é infinitamente mais importante praticar um escritor do que lê-lo.]

CIORAN, *Cahiers* : 1957-1972

A aventura da interpretação: uma polifonia “cioranesca”

C*ioran, um aventureiro imóvel* reúne 30 entrevistas ou conversações sobre a obra desse que se declarou um “secretário das suas sensações”, um “pensador orgânico” para quem a vida – “essa grande Desconhecida” – sempre foi a matéria-prima da reflexão filosófica e da criação literária. São intercâmbios “cioranianos”, diálogos filosóficos e literários mantidos por Ciprian Vălcan ao longo de anos, no melhor espírito cosmopolita. São apresentadas aqui 30 vozes, algumas consonantes, outras dissonantes, 30 *logoi* que giram em torno de um interesse (e uma paixão) em comum: o filósofo, o pensador, o escritor, o caso, o enigma, o paradoxo ambulante, o compatriota expatriado, o ilustre estrangeiro, o amigo, o homem de carne e osso que nasceu em Rășinari, em 1911, e faleceu em Paris, em 1995 – Cioran.

Pela primeira vez em língua portuguesa, o livro de Vălcan vem somar-se à fortuna crítica e exegética dos estudos cioranianos, ainda incipiente no Brasil. Mas também é uma leitura indicada para o grande público que deseja conhecer mais sobre o autor romeno de expressão francesa. *Cioran, um aventureiro imóvel* é um valioso aporte crítico-hermenêutico tanto para a pesquisadora acadêmica como para o leitor sem nenhuma formação filosófica. Em termos propedêuticos, os 30 pontos de vistas

sobre Cioran compilados aqui são iluminadores em si mesmos e pela constelação hermenêutica que formam em conjunto, confirmando a observação de Marta Petreu de que “os grandes autores guardam uma riqueza escondida que só a complementaridade das interpretações traz à luz.”

A biógrafa resume bem a que se propõe este livro de Vălcan: dar uma visão geral, por aproximações e variações de perspectiva – uma espécie de “retrato falado”, esboçado polifonicamente por um coro de 30 vozes – do enigmático autor de livros como *Nos cumes do desespero*, *O Livro das ilusões*, *Sobre a França*, *Breviário de decomposição*, *Silogismos da amargura*, *História e utopia*, *A Queda no tempo*, entre tantos outros. Vălcan recolhe impressões, *insights*, memórias, correspondências, anedotas, críticas e interpretações as mais variadas – às vezes inusitadas. Como um detetive “cioranesco”, formula um punhado de perguntas-chave e justapõe uma série de depoimentos que – pela dialética entre consonância e dissonância, convergência e divergência – engendram uma imagem paradoxal, o perfil de um autor sem um perfil definido, a identidade de um homem sem identidade, “um estrangeiro para a polícia, para Deus, para mim mesmo”.

Querela das interpretações

Como Nietzsche, Cioran é um pensador de muitas *peles* – ou “máscaras”¹ (tantas quanto exigem as suas solidões). “Nietzsche é uma soma de atitudes, e é rebaixá-lo procurar nele uma vontade de ordem, uma preocupação de unidade”, diz Cioran em *A tentação de existir*, fazendo uma autoconfissão indireta – por um *détour* em Nietzsche. Essa natureza fragmentária e polifônica, proteiforme e insólita, titânica e temerária, nos coloca um tremendo desafio hermenêutico. Aqui, nos deparamos com a questão das *condições de possibilidade* e dos *limites* da interpretação de uma obra que parece admitir todas as interpretações e, ao mesmo, rejeitá-las uma a uma. Há algo de *não-interpretável* na obra de Cioran (como na de Nietzsche): uma *singularidade* irreduzível, indefinível, derivada da relação entre *temperamento* e *estilo*.²

Dito isso, nenhuma unidade subjacente às interpretações propostas pelas 30 personalidades entrevistadas por Vălcan. A multiplicidade de perspectivas suscitadas

1. Em ensaio sobre “o estilo como aventura”, Cioran afirma que o estilo é, ao mesmo tempo, “uma confissão e uma máscara”. CIORAN, *A tentação de existir*. Trad. de Miguel Serras Pereira e Ana Luisa Faria. Lisboa: Relógio D’Água, 1988, p. 104.

2. “Se existe uma relação entre o ritmo fisiológico e a maneira de escrever de um escritor, por maioria de razão existirá uma relação entre o seu universo temporal e o seu estilo.” *Ibid.*, p. 103.

por *um mesmo autor, uma mesma obra*, poderia ter como o seu corolário: dois leitores de Cioran, três interpretações da sua obra. Neste sentido, a polifonia das interpretações é um reflexo da polifonia discursiva da própria “obra” – magistral *désœuvrement* – em questão: uma “obra” sumamente fragmentária, como uma “escritura do desastre” (Blanchot), sincopada e assistemática, como a existência mesma. Cioran anota nos seus *Cahiers*: “Sobre todas as coisas, eu tenho *pelo menos* dois pontos de vista divergentes. De onde a minha indecisão teórica e prática.” Essa “indecisão”, contagiante, não falha em manifestar-se na exegese cioraniana. Como sustentar uma interpretação simples, única e definitiva, de um pensador que não tinha um ponto de vista simples, único e definitivo sobre nada?

O método Vălcan

Salvo exceções, quase todas as entrevistas são compostas das mesmas perguntas. São perguntas “protocolares” que Vălcan considera fundamentais a se fazer a qualquer interlocutor em diálogo sobre Cioran. A repetição tem a função de reforçar o contraste de convergências e divergências hermenêuticas entre os 30 entrevistados, estabelecendo eixos temáticos ao longo dos quais as interpretações se aproximam ou se distanciam. Cada uma das perguntas foi minuciosamente pensada e escolhida. Cada uma delas tem a sua pertinência, seja pela generalidade, seja pela inquirição minuciosa de índole crítica, hermenêutica ou epistemológica.

Vălcan quer saber como e quando os seus interlocutores tiveram um primeiro contato a obra de Cioran. É que a primeira leitura costuma ser impactante, por vezes dividindo a existência do leitor entre *antes e depois de Cioran*. “Revelação”, “epifania”, “choque”, “experiência-limite” transformadora e inesquecível. Fala-se das circunstâncias da descoberta, do primeiro livro, do efeito produzido, de como – em alguns casos – essa “obra” vertiginosa foi capaz de produzir uma profunda reviravolta nas suas vidas. Esta curiosidade em particular tem uma significação especial no caso do(a)s compatriotas de Cioran: tendo perdido a cidadania romena e censurado pelo regime comunista romeno recém-estabelecido, os seus livros só puderam voltar a circular livremente, e só passaram a ser devidamente reeditados, após a queda de Ceaușescu e do Muro de Berlim, ao final de 1989.³

3. Um artigo de Stelian Tănase, “Cioran vigiado pela Securitate”, publicado no *Cahier de l’Herne Cioran*, descreve como o “exilado metafísico” e muitos romenos no exílio eram permanentemente vigiados por espões da polícia secreta do regime comunista romeno (a Securitate era como a KGB

A pergunta comparatista, tendo em vista o *estilo* e os *temas* de reflexão, pretende sondar cada interlocutor em busca de afinidades, cumplicidades, similitudes, aproximações e diálogos possíveis entre Cioran e outros nomes do universo intelectual europeu do século 20. Ela sugere duas coisas: primeiro, que o estilo e o teor da “obra” de Cioran são inseparáveis, como “unha e carne”; segundo, que os paralelismos podem se basear em uma das variáveis, nas duas, ou em nenhuma – há quem negue toda possibilidade de comparação. É interessante, neste ponto, que o razoável para uma intérprete pode ser impensável para o outro. Aqui, uma vez mais, entra em jogo a questão da singularidade, da originalidade, que pode levar ao clichê de que Cioran (ou qualquer outro autor) é simplesmente incomparável. Como observa justamente Vincent Piednoir, Cioran está entre os maiores “não por ser parecido a eles, mas por ser radicalmente diferente”. É daí que deriva a grandeza, a singularidade, o dom de exprimir o inefável, de elevar o que é único e muito particular ao plano do universal.

O interesse de Vălcan sobre os aspectos da “obra” que nos atraem de início, paralelamente aos que viemos a considerar relevantes após anos de frequência e familiarização com o texto, subentende o fato de que a “obra” em questão é como o rio de Heráclito: nunca idêntica a si mesma, sempre movente, em devir, de modo que a experiência de leitura assume, ela mesma, um caráter fluido, dinâmico, (co)movente. Ler Cioran é a experiência vertiginosa da ausência de fundamento, fixidez e solidez de todas as coisas – a começar pelas palavras, essas “sombras de realidade”, sem as quais, não obstante, cairíamos na idiotia ou cometeríamos suicídio... A sua obra revela o paradoxo de uma identidade que se afirma por negação e apagamento (*effacement*) de si. “Nós não somos realmente nós mesmos senão quando, colocados diante de si, já não coincidimos com nada, nem sequer com a nossa singularidade”, lê-se em *La Chute dans le temps*.⁴ Assim fala o antropólogo dos Cárpatos, e essa antropologia é inseparável da sua poética, dessa sua “demiurgia verbal” de ares gnósticos.

Outra pergunta recorrente tem a ver com a relação histórico-filosófica entre Cioran e Nietzsche. Tendo em vista a inevitável (e muitas vezes precipitada) comparação entre os dois, é importante saber o que cada um pensa sobre essa relação, que poderia ser descrita, a partir de Harold Bloom, como um caso de “angústia da influência”. Pergunta “sintomática”, que serve de bússola, índice hermenêutico da constelação intelectual de

romena), que registravam cada detalhe das suas vidas no estrangeiro.

4. CIORAN, *La Chute dans le temps*, in *Œuvres*. Paris: Gallimard (coll. « Quarto »), 1995, p. 1071.

Cioran, um aventureiro imóvel

Cioran, bem como daquilo que o distingue, no que ele possui de único, em meio a ela. Ela diz muito não apenas sobre o nosso autor, sobre as influências que incidem sobre a sua formação intelectual, mas também sobre Nietzsche em particular, cujo *titanismo* é exaltado pelo próprio Cioran – a sua grandeza tresloucada, a sua genialidade temerária.⁵

Nesta e em outras perguntas as divergências interpretativas se mostram mais salientes. Mas, controvérsias à parte, é inegável – e aqui reside a pertinência da pergunta sobre Nietzsche – que haja certo parentesco, certa cumplicidade fisiológica e temperamental entre os dois pensadores. Como observa uma vez Vincent Piednoir, “ambos rejeitam a ideia de sistema, exploram o caminho do fragmento, introduzem o humor e a psicologia no cerne do pensamento, opõem-se ao racionalismo ocidental, têm uma profunda paixão pela música...”

Caleidoscópio “cioranesco”

Os entrevistados de Ciprian Vălcan são intelectuais dos mais diversos *backgrounds*, personalidades proeminentes nas suas respectivas áreas, algumas das quais célebres nos seus países por conta das contribuições que fizeram às suas culturas. São biógrafos, tradutores, editores, professoras universitárias e pesquisadores das mais variadas especializações, escritores, poetas, amigos ou leitoras que se corresponderam com Cioran, e que tiveram, eventualmente, o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, na sua mítica mansarda na Rue L’Odéon, 21, em Paris.

Cioran, um aventureiro imóvel dá a conhecer uma ampla e heterogênea rede internacional de “cioranólogos” e “cioranólogas” (para empregar um termo de Marta Petreu). São intelectuais de países como França (6), Romênia (4), Itália (4), Brasil (4), Polônia (2), Hungria (1), Espanha (1), Portugal (1⁶), Holanda (1), Grécia (1), Colômbia (1), Tunísia (1), Israel (1), Canadá (1) e Estados Unidos (1).

5. “Nenhum sistema filosófico me deu o sentimento de um mundo independente de tudo o que não é ele. É doloroso, mas é assim: podeis ler todos os filósofos que quereis, nunca sentireis que vos tornastes um outro homem. Naturalmente, dentre os filósofos excludo Nietzsche, que é muito mais que um filósofo. [...] A presença do paraíso em Bach corresponde à sua ausência total em Beethoven. Isso significa que este último seja irreligioso? Beethoven é religioso pela tensão infinita que caracteriza seu trabalho de criador, exatamente como Nietzsche, cujo titanismo é de essência religiosa.” CIORAN, *O Livro das ilusões*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2014, p. 164, 203-204.

6. A entrevista com Paulo Borges não foi traduzida do romeno. Utilizamos a versão original em língua portuguesa (de Portugal), publicada no blog “Serpente Emplumada”, em 21 de março de 2012.

Prefácio

A edição brasileira de *Cioran, un aventurier nemișcat* vem com notas de rodapé elucidativas, sempre que necessárias a título de contextualização (sobretudo de personalidades da cultura e de termos da língua romena), além de notas com as referências completas de aforismos e passagens da obra de Cioran citados pelos 30 entrevistados. Ao final, a leitora encontrará uma cronologia da vida de Cioran, seguida de um índice bibliográfico e uma biografia de Ciprian Vălcan.

Uma vez que a edição original de *Cioran, um aventureiro imóvel* foi publicada em 2015, na Romênia, e que muitas das entrevistas datam de muito antes do ano da sua publicação, algumas das biografias introdutórias foram atualizadas para esta edição. Três dos entrevistados, por exemplo, já não estão entre nós: a professora Liliana Herrera, o nosso farol sul-americano nos estudos cioranianos, nos deixou em 20 de setembro de 2019. Roland Jaccard faleceria na mesma data, dois anos depois: cometeu suicídio dois dias antes de completar 80 anos. Por fim, outra grande perda é a de Mario Andrea Rigoni, amigo de Cioran que desempenhou um papel crucial para a sua difusão no mundo cultural italiano. O grande *leopardiano* nos deixou em 15 de outubro de 2021, após lutar longamente contra uma grave doença. *Cioran, um aventureiro imóvel* vai dedicado às suas memórias.

Curiosidade: “Aventureiro imóvel”, a fórmula paradoxal que dá título ao livro, é uma caracterização que Cioran faz de Jorge Luis Borges no perfil do escritor argentino contido em *Exercícios de admiração*. Como muitas outras representações que Cioran faz dos autores que lhe interessam, esta lhe cai como uma luva.

Rodrigo Inácio R. Sá Menezes

Janeiro de 2023

GIOVANNI ROTIROTI

CIORAN
UM AVENTUREIRO *IMÓVEL*
30 ENTREVISTAS

“CIORAN ERA UM DÂNDI INTELECTUAL”

PATRICE BOLLON



Patrice Bollon é um jornalista e escritor francês. Trabalhou em jornais e revistas como *Libération*, *Le Monde*, *Le Figaro littéraire*, *L'Express*, *Paris-Match*, *Vogue-Hommes*, *Femme*, *City Magazine*, *Le Magazine Littéraire*, *Philosophie Magazine* e *La Revue des deux mondes*. Foi coordenador da coluna de cultura do *Globe-Hebdo*. Como escritor, publicou seis livros, entre os quais um ensaio sobre o dandismo: *Morale du masque* (Seuil, 1991), publicado no Brasil como *A moral da máscara* (Rocco, 1993), além de *Esprit d'époque* (Seuil, 2002), *Pigalle 1940-1960* (Hoebeke,

2004), *Manuel du contemporain* (Éditions du Seuil, 2007) e *Kapital Kontrol* (Anabet, 2009). Patrice Bollon é autor de *Cioran, l'hérétique* (Gallimard, 1997), uma primorosa biografia crítica sobre o pensador romeno traduzida para o japonês e o alemão.

CIPRIAN VĂLCAN – Como você conheceu a obra de Cioran?

PATRICE BOLLON – Não me lembro exatamente como vim a descobrir o nome de Cioran. Sem dúvida foi em algum um artigo de jornal, o que me levaria a comprar a edição de bolso do *Breviário de decomposição* (que ainda tenho), no início dos anos 1970. Eu tinha vinte e poucos anos na época e buscava coisas mais radicais. Eu participava de uma organização anarco-comunista de ultraesquerda, mas ao mesmo tempo também era fascinado pelos *beatniks*. Queríamos ser *beats*, de barba e cabelo compridos, viajar a Creta, Tanger, Istambul etc.

Em termos de ideias, eu admirava absolutamente Marx, Kropotkin, Stirner e Nietzsche, e, em literatura, Lautréamont, Artaud e Bataille. Em suma, fui uma espécie de filho perfeito da época, a meio-caminho entre a esquerda e os mitos marginais do rock, dos “rodoanéis”,¹ do amor livre, etc. Assim, o título do livro de Cioran representou

1. *Ceintures* em francês. Bollon se refere aos “anéis viários” que contornam Paris, facilitando o fluxo de veículos de carga sem a necessidade de passar pelo centro da cidade. Trata-se de uma referência à marginalidade, à prostituição e à decadência dos subúrbios em torno da cidade grande, um “prato cheio” para dândis e *flâneurs* (N. do E.).

Cioran, um aventureiro imóvel

para mim uma espécie de “gatilho de compra”, como se diz no *marketing*. Não poderia haver ideia mais bonita para mim que a de “decomposição”! Acho que de início eu me contentava em pinçar passagens aqui e ali, como me dava na telha no momento.

Só vim a ler Cioran sistematicamente no final da década de 1970, e foi bem mais tarde, em 1986, após a publicação de *Exercícios de Admiração*, que vim a conhecê-lo, por ocasião de um perfil que escrevi para uma revista chique, *City-Magazine*, intitulado: *L'Aristocrate du doute* (“O aristocrata da dúvida”²). Naquela época eu estava escrevendo meu primeiro livro, *Morale du masque*, um ensaio sobre a ética da aparência, e aspirava a ser um dândi... Portanto, para mim, a descoberta de Cioran não foi um mero fato literário; ele acompanhou minha evolução intelectual e espiritual.

C. V. – Você conheceu Cioran pessoalmente? Como era o homem Cioran?

P. B. – O que me conquistou de imediato foi o seu lado marginal, *dândi*. Encontrei nele, de alguma maneira, o exemplo do que eu mesmo sonhava ser! O completo oposto de um literato, ele era o que Nietzsche chamava “espírito livre”. Não gostava de falar sobre a sua obra. Afinal, ela estava ao alcance de todos, bastava mergulhar nela e tirar suas próprias conclusões. Por isso, com ele conversávamos sobretudo sobre os desafios da vida.

Lembro-me de ter contado a ele, quando o conheci pela, a história de uma estranha figura do rock, Vince Taylor, um magnífico (e de certa forma patético) perdedor, em quem David Bowie se inspirou para criar o personagem Ziggy Stardust. Ele se divertiu. Enquanto eu tentava retornar à filosofia, ele me dizia que o destino de Vince Taylor era muito mais “metafísico” do que toda a obra de Kant! Como naquela época eu estava fascinado pela vida de Wittgenstein, também me lembro de ter contado a Cioran sobre o “milagre” que ele teria realizado quando era professor de crianças camponesas na Áustria. Ele deu gargalhadas!

Após conhecê-lo, passei a encontrá-lo, ou ligar para ele, quase toda semana. Trocávamos opiniões sobre autores menos conhecidos, como o grande erudito italiano Mario Praz. Ele se preocupava muito com a minha situação financeira (como eu iria sobreviver sem um emprego estável, como ele?), e, além disso, se interessava pela minha vida pessoal (quem era, aliás, a jovem bela e mestiça com quem ele tinha me visto

2. Republicado quase 10 anos depois como parte de um dossiê temático de mesmo título: “Cioran, aristocrate du doute”, in *Le Magazine littéraire*, nº 327, dezembro de 1994 (N. do E.).

caminhando em Saint-Germain-des-Près na semana anterior? eu estava apaixonado? e assim por diante).

Enfim, tínhamos conversas intermináveis e muito agradáveis. Ele era aberto, engraçado, delicado, com uma polidez sempre impecável. Pessoalmente, nunca pude associá-lo ao tema do suicídio ou ao pessimismo. Para mim, Cioran era um dândi intelectual — como os dândis “de verdade”, pois o dandismo não tem nada a ver com a roupa. Como escreveu Barbey d’Aurevilly, é exatamente a sua negação: uma atitude, uma moral de vida.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes ainda hoje?

P. B. – Os dois temas que me chamaram na primeira leitura e que continuam a me atrair até hoje são estes que citei: a revolta (no sentido da vontade de marginalidade e assimetria) e a maneira de adaptar-se. Como já disse muitas vezes, para mim Cioran é antes de tudo um mestre de vida, de existência: como permanecer nobre em um mundo que não é nobre, mas ignóbil, corrupto, vil, imundo, preso na armadilha sórdida do dinheiro e do sucesso material a qualquer custo?

Aos que pensam assim, Cioran dá uma esperança de êxito, como Wittgenstein: ambos oferecem remédios para o que podemos denominar decadência espiritual. São verdadeiros filósofos, à maneira dos sábios, grandes cínicos, como o “Cão celestial”, Diógenes. Diria apenas que, neste quesito, Wittgenstein me parece mais forte, porque mais intransigente: um verdadeiro “santo civil”. Seja como for, estamos longe da visão batida de um Cioran melancólico e preocupado exclusivamente com o estilo, visão que algumas pessoas mantêm até hoje, e que, na minha opinião, só faz degradá-lo.

Não se encontrava nele nenhum vestígio de afetação, fosse no estilo, fosse no comportamento, como encontramos nos seus “admiradores”. Era um homem justo, autêntico, mas sempre se podia repreender nele uma certa esperteza, notadamente a de nem sempre levar as suas convicções às últimas consequências. Em vez disso, ele só dava o impulso. Os idiotas e os néscios normalmente passam por cima dos seus ensinamentos, porque não tratam de literatura, mas justamente do que é mais importante, dir-se-ia sobre a única realidade que deveria importar: a vida.

Cioran, um aventureiro imóvel

C. V. – Qual é a sua interpretação da obra de Cioran?

P. B. – Em *Cioran, l'hérétique* (Gallimard, 1997), tentei dar coerência à sua obra em torno do motivo da “redenção”, notadamente dos seus descaminhos do passado – refiro-me às posições antisemitas e filonazistas da juventude de Cioran. Isso me levou a propor uma interpretação política e moral sob o signo de “anti-utopia” (expressão extraída dele mesmo). Podemos permanecer fiéis ao ideal ou sonho de uma reviravolta política e social total, quando conhecemos as suas consequências? E o que fazer em seguida? Esta tese foi criticada, mas também repetida muitas vezes, por vezes até criticada por quem a confirmou! É um joguinho de egos estúpidos, no qual a França é, infelizmente, uma grande especialista, mas deixemos isso para lá... Enfim, esta tese não passa de uma proposta. Há outras.

Pode-se argumentar, por exemplo, que existe em Cioran, implicitamente, uma filosofia da vida, e que ela só precisa ser desenvolvida. É o que argumentei há alguns meses em um artigo do dossiê Cioran na *Magazine Littéraire*. Finalmente, há o estilo, sobre o qual ainda não falamos. Cioran é um mestre da escrita, comparável a Baudelaire na prosa, superando em grande medida até mesmo os *moralistes* do século XVII, aos quais ele é amiúde associado com uma certa preguiça intelectual. Pode-se dizer, então, que para Cioran o estilo é tudo. A ideia vem depois. Esta é a tese defendida por alguns; o problema é que quem defende isso nunca analisa a fundo o que o estilo significa para o autor.

Cioran não era de forma alguma preciosista. Se o estilo pode ser considerado, no seu caso, a mensagem, é porque, para ele, o estilo não representa uma preocupação meramente estética, mas também ética. Sua obra ilustra a famosa frase do *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein, segundo a qual “estética e ética são uma só”. No fundo, esta é a interpretação geral que dou à sua obra. Isso nos traz de volta à tese de que o estilo é o meio – o único? é o que resta averiguar – para enfrentar com elegância o desastre da existência. Eis o dandismo de Cioran: uma moral de vida...

C. V. – Do ponto de vista dos temas de reflexão e do estilo, quais autores podem ser comparados a Cioran?

P. B. – Não vejo, *a priori*, nenhum autor contemporâneo que se compare a Cioran. Na verdade, parece-me que o melhor paralelo que poderíamos fazer seria com romancistas

como Albert Cossery e Jean Genet. Penso neles pelo estilo, mas ainda mais pelo caráter independente que os impele a ir até às últimas consequências: um caráter moral, no fundo. Porém, esta é uma qualidade que encontramos cada vez mais raramente hoje, num mundo onde, inclusive em literatura, tudo se tornou um negócio, material ou egóico.

No campo do pensamento, as coisas são um pouco diferentes. Como é pouco ou nada rentável, foi dominado pelos universitários. É claro que alguns deles têm qualidades, mas o seu *métier* não está pautado pelas necessidades da vida, sendo muitas vezes contrário, nocivo à vida. Sem dúvida existem no mundo muitos genuínos *Privat Denker* (“pensadores privados”), conforme à expressão de Nietzsche que Cioran também reivindicava para si, mas isso significa que talvez não os conheçamos.

Estes são os únicos que se poderia legitimamente comparar a Cioran, pois pertencem a uma mesma família, a dos ensaístas-poetas, como Nietzsche, Leopardi, Kierkegaard, Wittgenstein ou, com algumas reservas, Schopenhauer. Cioran pertence a essa categoria. Quase poderíamos falar, a seu respeito, dos “clarividentes”...

C. V. – Você considera acertada a opinião dos exegetas que veem Cioran como o principal continuador de Nietzsche no século 20?

P. B. – O que acabo de dizer ilustra a indiscutível proximidade, em termos de atitude, entre Cioran e Nietzsche – a diferença é que este último era muito mais *filósofo* no sentido pleno do termo. Nietzsche perturbou a filosofia, reconstruindo-a. Na sua obra, ou nas margens dela, está contida toda a reflexão que viria em seguida: Foucault, é claro, mas também uma parte de Wittgenstein e o Heidegger de “O que significa pensar?”. Cioran não tem o mesmo poder que eles. Para mim, repito, ele é um mestre da existência – o que significa que é, em certo sentido, menos, em outro, mais do que esses autores...

C. V. – Qual é a recepção atual da obra de Cioran na França?

P. B. – Não me sinto qualificado, na minha posição atual, para responder a esta pergunta. Depois da publicação do meu livro, em 1997, fui me dedicar a outras coisas. Não me vejo como um “especialista em Cioran”. É o tipo de identidade que desprezo. Portanto, não acompanho a atualidade dos comentários sobre a sua obra. Mas, até onde sei, são fracos. Talvez a recepção de Cioran ainda nem tenha começado. Não faz muito tempo

que li dois ou três trabalhos sobre ele, o *Cahier de l'Herne* (2009) e um ensaio de título bastante vulgar: *Éjaculations mystiques*.³ Todas essas publicações pareciam laboriosas, egoístas, pretensiosas, fracas – todo o contrário do que poderíamos e deveríamos extrair da obra de Cioran. Mas devemos manter a fé no futuro. Se a pergunta colocada por Cioran é sobre a existência, ela certamente será abordada um dia de modo adequado. Porque teremos que sair da idade da cegueira na qual definhamos atualmente. Talvez então Cioran apareça como um dos recursos possíveis para uma revolução metafísica e espiritual que poderá regenerar um Ocidente impotente. Esperemos, pois!

3. BARSACQ, Stéphane, *Cioran : Éjaculations mystiques*. Paris: Seuil, 2011.

CIORAN, BUDISMO E FILOSOFIA OCIDENTAL

PAULO BORGES



Paulo Borges (1959-) é um dos mais influentes intelectuais portugueses da atualidade. É professor do departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi membro da comissão organizadora da visita do Dalai Lama a Portugal, em 2001 e em 2007. É membro correspondente da Academia Brasileira de Filosofia, membro-fundador da Associação Portuguesa para o Estudo das Religiões, presidente da União Budista Portuguesa e da Associação Agostinho da Silva. Além disso, dirige a Revista *Cultura ENTRE Culturas*.

Entre os seus livros de filosofia, teoria e crítica, destacam-se *Vida nua* (Lisboa, Edições Sem Nome, 2021), *O sorriso do Buda: uma introdução ao budismo* (20/20 Editora, 2020), *Presença Ausente. A Saudade na Cultura e no Pensamento Portugueses / Nova Teoria da Saudade* (Lisboa, Âncora Editora, 2019), *Vazio e Plenitude ou o Mundo às Avesas. Estudos e ensaios sobre espiritualidade, religião, diálogo inter-religioso e encontro trans-religioso* (Lisboa, Âncora Editora, 2018), *Do Vazio ao Cais Absoluto ou Fernando Pessoa entre Oriente e Ocidente* (Lisboa, Âncora Editora, 2017), *O Coração da Vida. Visão, meditação, transformação integral* (Lisboa, Mahatma, 2017), *O Teatro da Vacuidade ou a impossibilidade de ser eu. Estudos e ensaios pessoais* (Lisboa, Verbo, 2011), *Descobrir Buda. Estudos e Ensaio sobre a Via do Despertar* (Lisboa, Âncora Editora, 2010), *Agostinho da Silva. Uma Antologia Temática e Cronológica* (Lisboa, Âncora Editora, 2006), *Tempos de ser Deus. A espiritualidade ecuménica de Agostinho da Silva* (Lisboa, Âncora Editora, 2006), vários volumes das *Obras de Agostinho da Silva* (Lisboa, Âncora Editora, 1999, 2001, 2002, 2003) e *A Plenificação da História em Padre António Vieira. Estudo sobre a ideia de “Quinto Império” na “Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício”* (Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995).

Entre os seus livros de poesia, contos e outros gêneros ficcionais, destacam-se *Folia. Mistério de Pentecostes em três actos* (Lisboa, Ésquilo, 2007), *Línguas de Fogo. Paixão, Morte e Iluminação de Agostinho da Silva* (Lisboa, Ésquilo, 2006), *Ronda da Folia Adamantina* (Lisboa, Átrio, 1992), *Capital* (Lisboa, Edições Jorge Cabrita, 1988) e *Trespasse* (Lisboa, Edições do Reyno, 1984).

CIPRIAN VĂLCAN – Em que medida um melhor conhecimento da filosofia oriental contribui para a transformação da reflexão filosófica da tradição ocidental? No seu caso, como é que o budismo influenciou o estilo de filosofia que pratica?

PAULO BORGES – Conhecer as filosofias orientais – muito diversas entre si – é indispensável para conhecer melhor a própria filosofia ocidental. Por um lado, porque algumas filosofias orientais, como a persa e a indiana, são fruto da mesma matriz linguística e cultural, a indo-europeia, com categorias muito semelhantes às do pensamento ocidental, procedente da submatriz grega do pensamento indoeuropeu. Por outro, porque outras filosofias orientais, como a chinesa e a japonesa, radicam numa matriz linguística e cultural muito distinta, configurando uma heterotopia (Michel Foucault), uma alteridade apenas por contraste com a qual se podem plenamente esclarecer as fundamentais opções que configuraram o destino da filosofia europeia-ocidental e a civilização dela surgida.

Não é possível compreender a Europa e a filosofia ocidental sem as confrontar com o pensamento chinês, como hoje mostra François Jullien. O mesmo se pode dizer, embora de forma mais atenuada, da filosofia persa, indiana e tibetana (a qual, embora procedente de outra matriz linguística, incorporou muitas das categorias indianas). Se bem que ligadas a uma matriz comum, estas filosofias exploraram possibilidades muito diversas daquelas que foram sendo predominantemente privilegiadas pelo pensamento ocidental. Pese o risco de generalizações sempre falaciosas, pode dizer-se que as filosofias orientais privilegiam a experiência directa e pré-conceptual da vida e/ou do fundo indeterminado dos fenómenos, enquanto a filosofia ocidental, sobretudo desde Platão e Aristóteles, optou pela determinação conceptual do mundo com fins político-científicos.

Outra grande diferença é o antropocentrismo do pensamento ocidental pós-socrático – raiz da actual crise ecológica e da devastação da Terra e dos seres vivos – perante a tendencial empatia cósmica do pensamento oriental com todas as formas de vida, vistas como iguais no seu fundo comum. Seja como for, as tradições são sempre muito mais interligadas do que as histórias da filosofia nos levam a crer. Não há culturas, mas sim entre-culturas.

Conhecer o pensamento oriental é decisivo para que o Ocidente compreenda as outras possibilidades que as suas opções sacrificaram, mas que nele permanecem latentes,

por serem inerentes ao homem e ao espírito. Isto já é uma profunda transformação e possibilita imprevistas metamorfoses do pensar europeu-ocidental. Isto exige todavia o *expatriamento* da nossa situação cultural mais imediata, que nos permita vê-la de fora, panoramicamente. Isto exige um pensamento nómada, que não se ancore numa dada matriz linguístico-cultural, mas viva em constante viagem no espaço entre todas elas. É esse o projecto da revista que dirijo, *Cultura ENTRE Culturas*.

Encontrei o budismo ao terminar a licenciatura em Filosofia, em 1981, e reconheci nele o que já era e vivia antes de o saber. Senti o mesmo em relação a alguns pensadores portugueses contemporâneos, que descobri na mesma altura. Essas influências, o budismo, sobretudo Nagarjuna, Longchenpa, Hui Neng, Linji, Dogen, Chögyam Trungpa, Thich Nhat Hanh, o tantrismo e o Dzogchen tibetanos, os mestres com quem estudo pessoalmente, a prática quotidiana da meditação, pensadores e poetas portugueses como Antero de Quental, Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, José Marinho, Eudoro de Sousa e Agostinho da Silva, mas também Eckhart, Rumi, Nietzsche, Cioran e poetas e místicos de todas as tradições, têm-me ajudado a esclarecer as mais gratas experiências que remontam à infância: o sentimento agudo da estranheza de existir e haver realidade, vivido até à iminência da exaustão e loucura; a comunhão disso com um amigo de jogos de rua, cerca dos 8 anos de idade; a iniciação adolescente à consciência sem sujeito nem objecto e ao sentimento de ser todo o mundo-ninguém por via da música, da dança e da experiência erótico-sexual e amorosa; a experiência do espaço aberto ao sair da Universidade de Lisboa, no fim das aulas de Filosofia, com a mente livre de todo o artifício conceptual; a mesma liberdade nas longas caminhadas por montanhas e florestas, pelas colinas de Lisboa e ao entardecer nos miradouros sobre o Tejo; a contemplação do oceano no finisterra português e a *saudade* de um *não sei quê*; o brilho das coisas nos muros caiados de branco; a vida sem quem nem quê, sem porquê nem para quê, livre e infinita. De tudo isso vem e a tudo isso regressa o meu pensar, mais directamente expresso em *A cada instante estamos a tempo de nunca haver nascido* e *Da saudade como via de libertação* (2008), além de na ficção *Línguas de Fogo* (2006).

C. V. – Como foi a sua conversão ao budismo? Foi uma escolha racional ou puramente um ato de fé?

P. B. – Não me sinto convertido ao “budismo”. Na verdade não me interessa tanto o

budismo histórico e institucional, mas antes a experiência de Buda, o Despertar da mente-coração na sua natureza primordial, livre de condicionamentos conceptuais-emocionais e das decorrentes convenções sócio-culturais. É isso que encontro nos mestres e em muitos homens exemplares de todas as tradições espirituais, bem como na agnóstica e ateia. Deus procede de uma raiz indo-europeia que significa “o que brilha” e a experiência dessa luz que há na consciência, para além de budologias e teologias, de religiões e filosofias, é a mesma em todo o homem, religioso, agnóstico ou ateu.

Dei por mim a seguir a via do Buda por experiência, caminho do meio para além da razão e da fé. Pessoalmente aprecio nela várias qualidades: o espírito iconoclasta, patente no “Se vires o Buda, mata-o!” de Linji, pois o Despertar não é alguém ou algo exterior; ser experimental e não dogmática, pesem os desvios de muitos budistas; ter uma ética global que não exclui nenhum ser senciente, como os animais; assumir-se como mero meio a ultrapassar, pois o que importa não é ser budista e sim Buda; e, sobretudo, a qualidade e inspiração dos mestres vivos que a ensinam. Contudo o meu interesse pelo budismo estende-se a todas as religiões e vias espirituais, formas diferentes de conduzir pessoas com distintas tendências, capacidades e condicionamentos histórico-culturais a um mesmo objectivo: a plena descoberta de quem desde sempre são.

C. V. – Como você descobriu a obra de Cioran? Que significado teve para si o contacto com ela?

P. B. – Há algo em mim tão afim que não poderia deixar de a encontrar. É como se Cioran expressasse toda a revolta, desespero e pulsão niilista da minha adolescência e juventude, mas hoje não é tanto isso que na sua obra me interessa, lamentando que fique demasiado refém disso e de uma dolorosa ausência de amor e compaixão. Interessa-me nele o iconoclasmo místico e, sobretudo, as aberturas a uma transfiguração redentora. Cioran poderia ter escrito apenas o seguinte trecho de *Nos cumes do desespero*, no qual me reconheço inteiramente:

Queria enlouquecer com uma única condição: a garantia de me tornar um louco alegre, animado e permanentemente bem disposto, sem problemas e obsessões, que dá risadas insensatas do raiar do dia até o anoitecer. Embora deseje infinitamente êxtases luminosos, prefiro não tê-los, devido às depressões que a eles se seguem. Por outro lado, quero que um manancial de luz quente brote de mim e transfigure todo o universo, um manancial que não se assemelhe à tensão do êxtase, mas que mantenha a calma de uma eternidade luminosa. Distante da concentração do êxtase, que ele se assemelhe à leveza da graça e com o calor do sorriso. Que o mundo inteiro

flutue nesse sonho de luz, nesse encanto de transparência e imaterialidade. Que não haja mais obstáculo e matéria, formas e limites. E, nesse âmbito, que eu morra de luz.¹

Cioran inspira a mais ousada e radical aventura: transcender todos os limites do pensamento, da vida e da existência e sobreviver para o dizer ou gritar, com uma mestria literária que enobrece as ruínas do mundo. Inspira-me também nele o que encontro em portugueses como Pascoaes e Pessoa: na periferia da cultura europeia dominante, agudamente conscientes do fim de ciclo da sua civilização, serem movidos pelo ímpeto de libertação dos ídolos dessa mesma cultura e civilização, sem se deterem no limite do humano, numa titânica *hybris* de superação de tudo, do sujeito e de si mesma, numa nostalgia ou saudade violenta do incondicionado, irreduzível à constituição do sujeito no mundo e fundo sem fundo de toda a experiência. Fascina-me o modo como em Cioran o génio literário serve um obsessivo e minucioso ajuste de contas com todas as ficções da consciência, da história e da cultura, escalpelizadas e reduzidas a cinzas pelo cirúrgico e cáustico bisturi do aforismo e do pensamento incendiado na veemência da insónia, da febre e da blasfémia, mas também do entusiasmo extático e transfigurador. E também a assumida inspiração no primitivismo dos camponeses das montanhas romenas e na pulsão herética da sua cultura popular, semelhante ao que em Portugal acontece com Teixeira de Pascoaes ou Agostinho da Silva. Cioran mostra aliás conhecer as fundas afinidades entre a cultura romena e a portuguesa. Num dos seus *Entretiens* assume a “nostalgia sem limites”, inerente à fugacidade da experiência temporal do absoluto, como fundadora da sua visão do mundo e acrescenta: “Este sentimento liga-se em parte às minhas origens romenas. Ele impregna ali toda a poesia popular. É uma dilaceração indefinível que se diz em romeno *dor*, próxima da *Sehnsucht* dos Alemães, mas sobretudo da *Saudade* dos Portugueses.”²

Fiz uma conferência sobre Cioran e Fernando Pessoa na Universidade de Gröningen, na Holanda, em 2009, que publiquei na revista *Arca* graças a Ciprian Vălcan e que incluí no meu último livro sobre Pessoa: *O Teatro da Vacuidade ou a impossibilidade de ser eu* (2011).

C. V. – Como é atualmente a recepção da obra de Cioran em Portugal?

P. B. – Nos últimos anos tem havido um aumento de traduções que estão a ser recebidas

1. CIORAN, *Nos cumes do desespero*. Trad. de Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2012, p. 33.

2. IDEM, *Entretiens*. Paris: Gallimard, 1995, p. 230.

com muito interesse, mas creio que até agora só há um estudo publicado: João Maurício Barreiros Brás, *O pensamento insuportável de Cioran. Um itinerário do desespero à lucidez* (2006).

C. V. – Qual o papel da filosofia na nossa época? Crê que a filosofia chegou ao fim do seu caminho ou tem hipóteses de sobreviver?

P. B. – Tudo o que tem início tem fim e a filosofia, se a identificarmos com a modalidade logocêntrica e conceptual surgida na Grécia e sobretudo com a sua vertente académica e institucional, está a esgotar-se, pelo afastamento da vida e de outras possibilidades do espírito. A filosofia deixou em geral de ser um modo de vida integral, como nas escolas filosóficas gregas (como recordou Pierre Hadot) e indianas, para se tornar uma actividade meramente intelectual, com uma linguagem técnica hiper-especializada em questões estéreis, que nada dizem às fundamentais aspirações humanas. Essa filosofia traiu a própria vocação, enquanto amor da sabedoria, do saber/sabor da essência da vida, e nesse sentido o seu triunfo é a sua morte.

Por outro lado, se considerarmos filosofia as múltiplas formas do pensamento planetário que visam a sabedoria – um saber que nos converte naquilo que sabemos e promove uma vida mais plena e solidária –, então essa filosofia é perene enquanto conatural ao exercício consciente do viver e sempre se renova em função dos novos lances do jogo do mundo. No que respeita à filosofia ocidental, creio que o seu renascimento depende do diálogo com esses outros paradigmas não-ocidentais e sobretudo do reencontro com a vida e o infinito que nela se abre. Necessitamos de um novo início: repensar tudo na experiência mais imediata, a do indeterminado pré-conceptual. Não a partir de Deus, do homem, do mundo ou de qualquer outro pressuposto, não “a partir de”, mas nisso que a cada instante *há antes* de se pensar e se *abre entre* cada pensamento, palavra e fenómeno. Isso implica morte e renascimento contínuos: viver sem apoios.

C. V. – A prática do aforismo ou do fragmento poderia contribuir para dar um novo alento à filosofia ocidental, mais aberto e menos dogmático?

P. B. – A filosofia nasce do espanto balbuciante não só perante o haver algo, mas também perante o nada desse haver. Só aí pode re-nascer a cada instante, incinerando todos os conceitos, métodos e sistemas. O aforismo e o fragmento são o mais eloquente dizer

desse gritante silêncio que há no aparecer das coisas. Neles a filosofia regressa à sua matriz místico-poética, anterior à violência do conceito que a extirpou do espanto original, como diz Maria Zambrano.

C. V. – Crê que se pode falar de um declínio geral da civilização ocidental ou olha para o futuro com esperança? A civilização oriental poderia oferecer um modelo para este Ocidente que padece de niilismo?

P. B. – Procuo viver e pensar para além do medo e da esperança. No plano colectivo, feito desse medo e esperança, creio assistirmos ao fim do que se convencionou chamar Ocidente e Oriente, que progressivamente se fundem numa nova civilização global que exteriormente tem um cunho ocidental - económico e tecnológico - , mas que arrisca uma vida curta e o iminente colapso social e ecológico se interiormente e ao nível da liderança não reencontrar a espiritualidade e a ética que presidiram ao melhor do Ocidente e do Oriente tradicionais, mas agora em termos laicos e trans-religiosos. Foi o que anunciou Fernando Pessoa, ao interpretar o maior mito profético da cultura portuguesa, o do Quinto Império, como uma era do espírito e da cultura que deverá fundir e elevar a uma superior síntese civilizacional a essência de Grécia, Roma, Cristandade e Europa, incorporando ainda o melhor de todas as culturas e civilizações mundiais num amplo universalismo. Antevejo essa superior síntese como uma nova aliança com a Terra e todos os seres vivos, fundada numa consciência holística e numa ética cósmica.

O niilismo ocidental resulta da incapacidade de se suportar habitar poeticamente esse “vazio” aberto pela “morte de Deus” proclamada pelo “louco” nietzschiano: “Para onde nos movemos nós? [...] Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo?”³ Nesse aspecto, a espiritualidade oriental, mas também a de Plotino, Eckhart ou a heteronímia de Pessoa, podem ajudar-nos a descobrir nesse abismo o nosso próprio rosto e o de todas as coisas: o infinito exuberante de todos os possíveis, Todo o Mundo-Ninguém.

3. NIETZSCHE, Friedrich, *A Gaia Ciência*, Livro III, § 125 (“O homem louco”). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 148.

Le vrai contact entre les êtres ne s'établit que par la présence muette, par l'apparente non-communication, par l'échange mystérieux et sans parole qui ressemble à la prière intérieure.

[O verdadeiro contacto entre os seres apenas se estabelece através da presença muda, da aparente não-comunicação, da troca misteriosa e sem palavras que se assemelha à oração interior.]

CIORAN, *Do inconveniente de ter nascido*

“PESSOA É O IRMÃO PORTUGUÊS DE CIORAN”

JOSÉ THOMAZ BRUM



José Thomaz Brum doutorou-se em filosofia pela Universidade de Nice, com orientação de Clément Rosset. É professor de Filosofia e Estética na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Traduziu para o português autores franceses como Théophile Gautier, Guy de Maupassant e Clément Rosset, além de cinco livros de Cioran: *Breviário de decomposição*, *Silogismos da amargura*, *História e utopia*, *Exercícios de admiração: ensaios e perfis* e, mais recentemente, *O Livro das ilusões*. É autor de *Nietzsche: as artes do intelecto* (L&PM, 1986) e *O pessimismo e suas vontades* (Rocco, 1998). Na França, publicou *Schopenhauer et Nietzsche : vouloir-vivre et volonté de puissance* (L'Harmattan, 2005, prefaciado por Clément Rosset). Publicou inúmeros artigos sobre Cioran na Romênia, entre eles: “Cioran et le portugais” (*Cahiers Emil Cioran – Approches critiques IX*, 2008), “Remarques sur l'essentiel dans quelques œuvres françaises de Cioran” (*Cahiers Emil Cioran – Approches critiques XI*, 2010) e “Notes sur Cioran et Nietzsche” (*Alkemie 6*). É membro correspondente do periódico *Cahiers Emil Cioran* (Editora da Universidade Lucian Blaga de Sibiu) e membro ativo do Centro Emil Cioran da mesma universidade.

CIPRIAN VĂLCAN – Como você conheceu a obra de Cioran?

JOSÉ THOMAZ BRUM – Tendo saído de um meio católico, mais precisamente beneditino, eu me interessava por tudo que fosse relacionado ao cristianismo: a favor ou contra. Um dia comprei *Les gnostiques*, de Jacques Lacarrière, e um livro com um título gnóstico: *Le mauvais demiurge* (1969). Foi o começo da minha “aventura” cioraniana.

Em 18 de outubro de 1986, publiquei um artigo, em um importante jornal brasileiro, o *Jornal do Brasil*, um pequeno artigo sobre Cioran intitulado “A sabedoria da desilusão”. Minha intenção era apresentar a obra de Cioran ao público brasileiro. Em 1987 comecei a traduzir *Exercícios de admiração* e, em 1988, iniciamos uma correspondência epistolar. Depois, enquanto fazia meu doutorado em Filosofia orientado por Clément Rosset, em Nice, continuei a trabalhar sobre Cioran.

C. V. – Você conheceu Cioran pessoalmente e se correspondeu com ele. Como era ele?

Cioran, um aventureiro imóvel

J. T. B. – Cioran, o homem de carne e osso, era o exato oposto de um misantropo taciturno. Se é verdade que era misantropo, não é menos verdade que fosse igualmente caloroso e atencioso em relação aos projetos dos outros. O que mais me impressionou no homem Cioran foi a sua incrível alegria, uma alegria incrível, muito visível nas conversas animadas que tínhamos. Cioran era um grande conversador, e a atmosfera da sua mansarda lembrava o ambiente dos salões do século 18. Um homem com verve, muito tato e elegância – assim era o homem Cioran.

Cioran me contou várias anedotas sobre a sua vida em Paris e sobre suas relações pessoais com alguns dos seus amigos, como Guido Ceronetti. Ele me contou a famosa história da mulher finlandesa que dizia “*Ich hamletisiere*”.¹ O fato de eu ser da América Latina era uma alegria para ele, pois Cioran amava o estrangeiro mais do que tudo. O riso de Cioran era moderado pelos momentos em que seu olhar se enchia de melancolia. Mas, acima de tudo, havia gentileza e elegância da cabeça aos pés.

C. V. – Você traduziu *Breviário de decomposição, Exercícios de admiração, História e utopia* e *Silogismos da amargura*. Quais são as principais dificuldades ao traduzir Cioran?

J. T. B. – As principais dificuldades são relacionadas ao estilo. Como reproduzir esse estilo vibrante e colorido e, ao mesmo tempo, expressar a profundidade do seu pensamento? Cioran não pode ser traduzido por alguém estranho à literatura. Ele foi um grande escritor em dois idiomas, romeno e francês. Mas uma formação filosófica segue sendo indispensável para captar a complexidade do seu pensamento. Para os tradutores, os livros de Cioran também apresentam a dificuldade de um autor que oscila entre o riso e a seriedade. Cioran não é menos profundo por ser irônico. Pelo contrário, a ironia e o humor são para ele ferramentas que devem ser combinadas ao lirismo e à brevidade. De formação filosófica, mas profundamente impregnada de literatura e poesia, a obra de Cioran é um desafio para quem quer separar categoricamente filosofia e literatura.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você continua considerando importantes hoje?

J. T. B. – Cioran é um grande pensador da existência, um pensador existencial. O fato de expressar o pensamento com um estilo de escrita que se aproxima da prosa poética dá

1. “Eu hamletizo” em alemão. Cioran conta essa anedota na entrevista com Verena von der Heyden-Rynsch, in *Entretiens*, p. 116. Cf. VĂLCAN, Ciprian, “Os loucos de Cioran”. Trad. do romeno de Rodrigo Inácio R. Sá Menezes. In: *Revista Humanitas*, ano XV, nº 144, 2021 (N. do E.).

às suas ideias uma dimensão extraordinária. O fato de ter conseguido expressar todas as angústias modernas sem fugir da dimensão metafísica do homem faz dele o irmão espiritual de Pascal, Schopenhauer e dos grandes russos, como Chestov e Rozanov. No mundo de hoje, considerado por alguns um mundo “pós-cristão”, Cioran traz um pensamento cheio de nostalgia de um Deus desaparecido ou ausente e, ao mesmo tempo, uma reflexão cética que nos ajuda a combater extremismos de todo tipo. Essa mistura entre uma atmosfera pós-morte de Deus e um ceticismo irônico, herdado dos moralistas franceses, faz de Cioran uma voz singular que – como diz muito bem Philippe Sollers – “faz voar em pedaços o espetáculo social”.

C. V. – Qual escritor de língua portuguesa poderia ser comparado a Cioran em termos de pensamento, temas de reflexão e estilo?

J. T. B. – Na minha opinião, só um escritor da língua portuguesa poderia ser comparado a Cioran: Fernando Pessoa. Encontramos em Pessoa aquela melancolia irônica, o exílio lírico que corresponde à palavra saudade. *Sehnsucht, saudade, dor*.² Cioran falou-me da sua admiração por Antero de Quental, mas é Pessoa quem considero o irmão português de Cioran. Quanto ao Brasil, acho que há alguns aspectos cioraniano em Machado de Assis, mas Pessoa está mais próximo dele.

C. V. – Você concorda com a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

J. T. B. – É a opinião de Gabriel Liiceanu (“*un Nietzsche contemporan trecut prin școala moralistilor francezi*”³) e de Susan Sontag, no seu famoso texto sobre *A Tentação de existir*. Mas não devemos esquecer a crítica de Cioran ao *Übermensch* de Nietzsche, nem a dimensão *Skepsis un Mystik* [Ceticismo e Mística] do seu pensamento. Em *Ébauches de vertige* [Esboços de vertigem], capítulo de *Écartèlement*, Cioran escreve: “Eu não gostaria de viver em um mundo esvaziado de todo sentimento religioso.”⁴ Não acho que

2. Substantivo romeno (neutro) carregado de afetividade e poeticidade, podendo significar “saudade”, “nostalgia”, “anseio”, “desejo” etc. “Sinto tua falta” em romeno se diz: *mi-e dor de tine*. Na primeira versão do *Breviário de decomposição*, intitulada *Exercices négatifs*, havia um texto sobre “os segredos da alma romena: o ‘dor’ ou a nostalgia”, equivalente a “Apoteose do vago” na versão final do *Breviário* (N. do E.).

3. “Um Nietzsche contemporâneo que passou pela escola dos moralistas franceses” (N. do T.).

4. “*Je ne voudrais pas vivre dans un monde vidé de tout sentiment religieux. Je ne songe pas à la foi mais à cette vibration intérieure, qui, indépendante de quelque croyance que ce soit, vous projette en Dieu, et quelque fois au-dessus.*” [Eu não gostaria de viver em um mundo esvaziado de todo sentimento

Nietzsche subscreveria a esta afirmação.

Há também o problema do aforismo. Os aforismos de Cioran são mais irônicos e secos que os de Nietzsche. É a diferença entre alguém marcado por La Rochefoucauld e Chamfort e a tradição do aforismo alemão. Pode ser que Cioran esteja próximo de Nietzsche devido à preocupação comum com a dimensão trágica da vida, mas, na minha opinião, ele está mais próximo de Schopenhauer do que de Nietzsche.

C. V. – Qual é a recepção da obra de Cioran atualmente no Brasil?

J. T. B. – Atualmente Cioran é lido no Brasil sobretudo por jovens artistas, pesquisadores e escritores. Mas ainda não aconteceu de um brasileiro escolher a sua obra como tema de uma tese de doutorado. Um volumoso livro sobre as relações culturais entre o Brasil e a Romênia foi publicado recentemente: *Brasil e Romênia: pontes culturais*.⁵ Cioran ocupa um lugar de grande honra nela. A partir de 2011, a editora Rocco, do Rio de Janeiro, republicará as traduções que fiz de Cioran. Aposto que isso vai reavivar o interesse brasileiro pela obra de Cioran.

religioso. Não penso na fé mas nessa vibração interior que, independente de toda fé, vos projeta em Deus e, às vezes, *mais acima*] CIORAN, *Écartèlement, Œuvres*. Paris: Gallimard (ed. « Quarto »), 1995, p. 1448.

5. VILAS-BOAS DA MOTA, Ático, *Brasil e Romênia: pontes culturais*. Brasília: Thesaurus, 2010.

“CIORAN PARTE DE ONDE NIETZSCHE PAROU”

MASSIMO CARLONI



Massimo Carloni estudou Ciências Políticas e Filosofia na Universidade de Urbino. Foi o idealizador da edição italiana do livro de Friedgard Thoma: *Per nulla al mondo. Un amore di Cioran* (L'Orecchio di Van Gogh, 2009), para o qual escreveu o prefácio, “Cioran in love”. Coordena a publicação dos escritos póstumos de Cioran pela editora Il Notes Magico. Massimo Carloni prepara um estudo monográfico sobre o pensamento de Cioran.

CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

MASSIMO CARLONI – Na primeira metade da década de 1990 eu me deparei com alguns dos seus aforismos, citados em um livro de Italo Mancini, *Il pensiero negativo e la nuova destra*, no qual Cioran figurava entre os escritores do declínio, na linha de Nietzsche, Spengler, Bataille, etc. Duas ou três formulações que emanavam uma luz especial, maravilhosa, bastaram para me convencer a ir mais a fundo na obra daquele autor que eu não conhecia, e que era apresentado como húngaro (sic!). Cativado pelo título, comecei a ler *A tentação de existir*. No entanto, o verdadeiro avanço veio quando recebi de Paris as *Œuvres* da Gallimard. O contato direto com o seu francês, elegante e explosivo ao mesmo tempo, foi decisivo para mim. E fiquei comovido com as fotos da sua mansarda. Este homem, eu disse a mim mesmo, não se limita a meditar o essencial. Ele o vive.

C. V. – Qual é a sua interpretação da obra de Cioran?

M. C. – Primeiramente, eu gostaria de propor uma distinção. No período romeno, Cioran é essencialmente um pensador que escreve, no sentido de que as ideias e a urgência em libertar-se delas prevalecem sobre a forma de exposição. É um período de grande frenesi intelectual, em que o escritor devora tudo. Porém, a frieza emocional e a desesperança o impedem de elaborar plenamente tudo o que assimila. Tudo isso em detrimento da escrita, que parece monótona e cansativa. Em francês, pelo contrário,

Cioran é antes um escritor que pensa, para quem as exigências do estilo são primordiais, tanto mais que se encontra num país de tradição literária secular, onde a arte do bem dizer foi elevada aos cumes da experiência humana.

Paralelamente ao câmbio linguístico, não devemos subestimar a convulsão existencial ocorrida nesse período. De um intelectual envolvido nos conturbados acontecimentos políticos de seu país, Cioran se torna um emigrante socialmente marginalizado, vivendo com os meios modestos de um estudante. Na Romênia, ele ainda acreditava na História, na possibilidade de influenciar o curso dos acontecimentos, possivelmente desempenhando um papel ideológico. Na França ele está isolado, a posição ideal para observar com desilusão a decadência de uma civilização. Retornará então ao ceticismo, que havia depreciado na juventude, e ao budismo, filosofia anti-histórica por excelência.

Mediante uma análise implacável, ele afia as garras da dúvida para mostrar as contradições de uma sociedade impregnada de visões utópicas e pseudo-religiosas. A perspectiva a partir da qual Cioran observa os acontecimentos também é metafísica: a História é o resultado de uma Queda ontológica original, que todos continuamos a perpetuar ao longo do tempo. Essa intuição leva Cioran a buscar outros caminhos de salvação fora do cristianismo, já que, a seus olhos, a mitologia sumária de um Deus criador que intervém no tempo já tinha datado. Da Bíblia, porém, ele admira o Gênesis, o relato da queda no pecado, pois acredita que nos ajuda a compreender a ruptura com a plenitude das origens. A mística cristã é uma tentação cioraniana, mas é muito embebida de Deus para seduzi-lo. As filosofias orientais, pelo contrário, porque dão as costas à história, continuam a falar-lhe sobre o essencial. A sua sabedoria médica exerce um forte apelo sobre ele, para cuidar das feridas da grande doença que é a vida.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes até hoje?

M. C. – O que me atraiu desde o início e continua a me fascinar não é nenhum aspecto da sua obra em particular, mas a *liberdade*, a sinceridade com que aborda a complexidade da vida, do *insondável à anedota*, para falar como ele. A abordagem de Cioran é sempre existencial, não à toa os seus primeiros mestres foram Pascal, Kierkegaard e Nietzsche. Também me formei, de forma mais modesta, na escola desses pensadores. É provável que todos esses fatores tenham favorecido a minha afinidade espiritual imediata com

Cioran. Com ele, a sinceridade dos conteúdos harmoniza-se com um estilo sóbrio e não acadêmico, por vezes intimista, nunca banal, o que torna a sua leitura agradável, como um passeio noturno na companhia de um amigo com quem se fala livremente sobre qualquer coisa...

Gostaria de evocar o elemento que considero como a chave decisiva para compreender a personalidade de Cioran. O próprio Cioran é quem no-la oferece, repetindo uma fórmula baudelaireana: *o horror e o êxtase da vida simultâneos*.¹ Devemos sempre combinar essas duas atitudes aparentemente inconciliáveis. Os críticos costumam destacar o primeiro lado, o horror da vida, fazendo de Cioran um campeão do niilismo, um misantropo que adora catástrofes. Essas coisas são, no entanto, apenas uma parte da sua personalidade. Depoimentos de amigos e cartas revelam um Cioran diferente: apaixonado, cortês, generoso, amante da natureza. Para ver o verdadeiro Cioran, devemos, portanto, ler detalhadamente sua obra, sempre levando em conta a arte de *pensar contra si próprio*,² tão elegantemente exposta em seus aforismos.

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran em termos de temas de reflexão e estilo?

M. C. – Para me limitar ao panorama literário italiano, poderíamos compará-lo a Guido Ceronetti, poeta, filósofo, escritor, jornalista, tradutor, dramaturgo, teatrólogo e marionetista italiano, amigo de Cioran, a quem o autor romeno dedicaria um inusitado retrato em *Exercícios de admiração*. Eles têm muitas coisas em comum, a começar pela cosmovisão gnóstica, com tonalidades apocalípticas. Antimodernos os dois, eles detestam a era da tecnologia e menosprezam a ideia de progresso. Ceronetti, refinado exegeta e tradutor de vários livros do Antigo Testamento, compartilha com Cioran a paixão por *Jó* e o *Eclesiastes*. Há também o estilo: como Cioran, Ceronetti é um sapateiro, um polidor da palavra. A sua escrita segue um ritmo que tende a se condensar naturalmente na forma epigramática do aforismo. Outra característica em comum é a prosa corrosiva, típica dos *moralistes*, uma prosa que golpeia, esbofeteia, mas em escala metafísica. Para finalizar, lembro-me de uma curiosidade: na Itália, chegaram a fundir

1. “Ainda criança, senti no meu coração dois sentimentos contraditórios: o horror e o êxtase da vida”, escreve Baudelaire em *Mon cœur mis à nu* (1897). Paraphraseando-o, Cioran escreve: “Em mim ‘o horror e o êxtase da vida’ são absolutamente simultâneos, uma experiência de cada instante.” CIORAN, *Cahiers: 1957-1972*, p. 389 (N. do E.).

2. Cf. “Pensar contra si próprio”, in *A tentação de existir* (N. do E.).

os seus nomes em... *Cioranetti!*

C. V. – Você concorda com a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

M. C. – É certo que, do ponto de vista filosófico, Cioran se colocou, pelo menos no início, sob o signo de Nietzsche, no sentido da descontinuidade e da ruptura com a filosofia contemporânea, cortando as pontes com o jargão acadêmico, propondo um estilo completamente novo, dinamiteiro e fragmentário. Cioran reconhece isso: “Nietzsche foi eminentemente *libertador*. Foi ele quem sabotou o estilo da filosofia acadêmica, quem atentou contra a ideia de sistema. Ele foi libertador, porque depois dele pode-se dizer tudo...”³ O próprio Nietzsche se inspirou na tradição francesa dos *moralistes*, mas se afastou dela para vestir-se com as roupas do profeta Zarathustra e do reformador, em seus escritos sobre a transvaloração dos valores. Presa da exaltação interior, pode-se dizer que Cioran parte de onde Nietzsche parou: uma euforia excessiva, implacável, que se regozija no delírio da destruição. Nietzsche enlouquece, ao passo que a “demiurgia verbal”⁴ de Cioran esfria, encontrando a sua medida em contato com o ceticismo e com o *vazio* budista.

C. V. – Como se dá atualmente a recepção da obra de Cioran na Itália?

M. C. – O público italiano veio a conhecê-lo tardiamente, no início dos anos 1980, por iniciativa do professor Mario Andrea Rigoni, amigo e tradutor de Cioran, e da editora Adelphi, que publicou a sua obra. Nos anos seguintes, foram traduzidos os livros franceses e romenos mais importantes. Porém, após a tradução dos Cahiers, as publicações foram mais esporádicas e sem uma ordem precisa.

No tocante à recepção, Cioran teve de início um impacto considerável no meio cultural italiano, conquistando a admiração de numerosos intelectuais e escritores: de Citati a Ceronetti, de Calvino a Carmelo Bene, para citar apenas alguns dos que o acolheram, reconhecendo nele um grande mestre do pensamento e do estilo. Por outro lado, o mundo acadêmico, especialmente o filosófico, rejeitou-o como um corpo estranho e indesejável, o que não lhe teria desagradado... Seja como for, devemos notar a presença de um importante grupo de leitores fiéis, difícil de classificar, oriundos de

3. CIORAN, Entrevista com Fernando Savater, in *Entretiens*, p. 22.

4. Cf. “Demiurgia verbal”, in *A tentação de existir*.

todos os estratos sociais, e que aguardam ansiosamente o aparecimento de novos textos do pensador romeno. Para tanto, eu mesmo estou envolvido em um projeto editorial para a publicação das obras inéditas de Cioran na Itália.

Le meilleur de moi-même, ce rien de lumière qui m'éloigne de tout, je le dois à mes rares entretiens avec quelques salauds amers, avec quelques salauds inconsolés qui, victimes de la rigueur de leur cynisme, ne pouvaient plus s'attacher à aucun vice.

[O melhor de mim mesmo, este fiapo de luz que me afasta de tudo, devo a minhas raras conversas com alguns canalhas amargos, canalhas inconsoláveis que, vítimas do rigor de seu cinismo, não poderiam mais se dedicar a nenhum vício.]

CIORAN, *Silogismos da amargura*

“PELO ESTILO E DESAFIOS DO SEU PENSAMENTO,
CIORAN É ÚNICO NO SÉCULO 20”

NICOLAS CAVAILLÈS



Nicolas Cavallès se interessa pela relação entre *escrita e filosofia*. Coordenou, junto a Aurélien Demars, a edição da obra francesa de Cioran na coleção “Pléiade” da editora Gallimard. Desde 2013, dirige a editora Hochroth-Paris, dedicada à poesia. É autor de *Les Ombres opposées* (Corti, 2023), *Le Temps de Tycho* (Corti, 2021), *L'Élégance et le Chaos. Correspondance de Catherine Pozzi* (Non Lieu, 2011) e *Vie de Monsieur Legat* (Du Sonneur, 2016), este último premiado com o Prix Goncourt.

Sobre Cioran, publicou *Cioran malgré lui : écrire à l'encontre de soi* (CNRS, 2011) e *Le Corrupteur corrompu : barbarie et méthode dans l'écriture de Cioran* (Le Manuscrit, 2005). Nicolas Cavallès é tradutor do romeno.

CIPRIAN VĂLCAN – Quando você leu Cioran pela primeira vez?

NICOLAS CAVAILLÈS – Foi na adolescência, na biblioteca municipal. O livro era o *Breviário de decomposição*. Rapidamente peguei o volume e o li encostado numa parede isolada, debaixo de uma árvore, atrás de um estacionamento.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran atraíram a sua atenção na primeira leitura e quais lhe parecem importantes hoje?

N. C. – A obsessão da morte, a potência negativa, o sentimento de solidão e essa misantropia metafísica, por assim dizer, que forneceram a Cioran a missão literária de reduzir a nada todas as ilusões da existência humana. Além disso, a oscilação entre a liberdade e o nada.

C. V. – Você concorda com a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

N. C. – De jeito nenhum. Nietzsche poderia ser considerado um “irmão inimigo” de Cioran, uma leitura de juventude que ele viria a denunciar como uma “palhaçada mística”.¹ Um jovem atormentado da década de 1920 não podia deixar de ser seduzido pela aventura nietzschiana, e Cioran carregou em si durante toda a vida esse desequilibrado iconoclasta que o impressionou de início e depois o decepcionaria. Mas se ele escreveu muito sobre Nietzsche, isto se deve mais ao gosto de polemizar, e um pouco de autocrítica também. O itinerário de Cioran o aproxima antes de Schopenhauer – se for preciso inscrevê-lo numa perspectiva pessimista alemã.

C. V. – Que escritores do século 20 podem ser comparados a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

N. C. – Nenhum. Se considerarmos o estilo e os desafios do seu pensamento, Cioran é único no século 20. Suas obsessões e as de seu grande amigo, Ionescu, eram completamente adjacentes, senão idênticas; mas suas obras seguem caminhos formais quase contrários. O mesmo em relação a Beckett ou Paul Valet. Cioran teve duas grandes influências, Chestov e Valéry, e podemos comparar seus livros com razão, mas aqui também diferenças decisivas separam Cioran de um e de outro; o simples fato de

1. “A adolescência se compraz no malabarismo das alturas; em um pensador ama o saltimbanco; em Nietzsche amávamos Zaratustra, suas poses, suas palhaçadas místicas, verdadeira *feira de cumes*...” CIORAN, *Silogismos da amargura*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 34.

ter tido influências tão opostas evidencia o fim ao qual Cioran foi abandonado. Quanto aos que vêm depois dele, que o leem e se apresentam como “filhos espirituais” daquele que “cometeu todos os crimes exceto o de ser pai”,² dificilmente escaparão ao risco da caricatura. Cioran está mais próximo de um poeta exaltado, à sua maneira, do que de qualquer autoproclamado discípulo; ele encoraja cada um a seguir o seu próprio caminho, não a imitar ninguém.

C. V. – Você acha que a obra de Cioran é devidamente lida na Romênia após 1989?

N. C. – A obra de Cioran goza de múltiplas leituras na Romênia, o que é muito bom, ainda que certas perspectivas hiperpolitizadas ou psicanalíticas ou estilístico-linguísticas possam chocar por seu caráter excessivamente reducionista. Irina Mavrodin, Simona Modreanu, Ion Vartic, Marta Petreu, Constantin Zaharia, só para citar alguns, publicaram importantes livros a Cioran, com considerável contribuição para a sua leitura. Trata-se aí sobre a sua *ambiguidade, ingenuidade, melancolia*, qualidades diversas que suscitam comentários diversos, mas sem ser excludente nem sem prejudicar a complexidade do conjunto.

C. V. – A recepção crítica de Cioran é diferente na Romênia e na França?

N. C. – Certamente, sim, e as razões para essa diferença de abordagem são interessantes. Costumo discutir isso com um amigo romeno que mora na França e está preparando um livro sobre Cioran e o pessimismo. Ele fica escandalizado com a leitura medíocre que os franceses fazem de Cioran, com sua tediosa redução a um estilista blasé, cético, quase frio. De fato, parece-me que um abismo separa a recepção francesa da obra de Cioran – com o humor e a lendária *frivolidade de salão* – da sua recepção internacional, em que são privilegiadas as dimensões espiritual e existencial (que os franceses confundem ao aproximá-lo de Camus ou da “náusea” sartriana).

Os franceses – pelo menos alguns jornalistas ou comentaristas superficiais – tendem a recuar diante da tristeza de algumas páginas e preferem rir dela, muitas vezes de forma estúpida, se não vaidosa. Nas excelentes reuniões dos Amigos de Cioran de Sibiu, por exemplo, organizadas anualmente por Eugène van Itterbeek, vieram dois filósofos colombianos, Liliana Herrera e Alfredo Abad Torres. Outros virão, de outras partes do mundo. Bem, não acho que o que une essas pessoas em Răşinari seja a piada a

2. IDEM, *Do inconveniente de ter nascido*. Trad. de Manuel de Freitas. Lisboa: Letra Livre, 2010, p. 8.

que alguns franceses tendem a reduzir Cioran. Ele soube captar em sua obra formas de sofrimento extraordinárias, sombrias, emocionantes, que tocam o universal; parece-me que na Romênia as pessoas ainda são sensíveis a esta dimensão essencial. Os franceses – se é que se pode generalizar –mergulharam demais no entretenimento.

C. V. – Você editou a obra de Cioran na famosa coleção “Pléiade” da editora Gallimard. Como nasceu o projeto deste volume, lançado em Paris em novembro de 2011?

N. C. – O projeto nasceu de modo natural, sendo Cioran um dos maiores autores do panteão da Gallimard, à qual se manteve fiel desde o seu primeiro livro em francês, o *Breviário de decomposição*, até o último, *Aveux et anathèmes*. O volume da “Pléiade” é, compreensivelmente, uma bela forma de comemorar o centenário do nascimento de Cioran (1911-2011), mas reflete sobretudo o profundo eco encontrado pela sua obra entre os moribundos do terceiro milênio.

C. V. – Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou ao editar o volume da obra de Cioran na “Pléiade”?

N.C. – Cioran leu enormemente, durante toda a sua vida, todos os tipos de livros, de todas as civilizações, de todos os séculos e até de todos os campos do conhecimento humano, da filosofia à mitologia, da poesia à história, do misticismo à biologia; e lia fluentemente em vários idiomas – em romeno e em francês, obviamente, mas também em alemão, inglês e até espanhol ou italiano, ocasionalmente.

Encontrar as fontes das citações presentes em sua obra não foi tarefa fácil, até porque Cioran citava com elegância, sem especificar a fonte da citação ou mesmo explicitar que estivesse escrevendo em reação a um texto anterior. A busca por essas referências, que constituem o essencial das notas de rodapé do volume, feita em colaboração com Aurélien Demars, nos levou a aventurar-nos em muitas obras esquecidas ou empoeiradas.

Penso, por exemplo, na citação de Serafim de Sarov em *Do inconveniente de ter nascido*: “O silêncio aproxima o homem de Deus e torna-o na terra semelhante aos anjos.”³ Sabe-se que Cioran leu em sua juventude O último santo, o grande texto de

3. “São Serafim de Sarov, durante os quinze anos que passou em completa reclusão, não abria a porta da sua cela a ninguém, nem sequer ao bispo que de quando em quando visitava o convento. «O silêncio - dizia ele - aproxima o homem de Deus e torna-o na terra semelhante aos anjos». O que o santo deveria ter acrescentado é que o silêncio não é nunca tão profundo como na impossibilidade de rezar...” *Ibid.*,

Merejkovski sobre Serafim de Sarov, mas esta citação não se encontra lá... Ela aparece em um livro de Igor Smolitsch, *Monges da santa Rússia*. Dito isso, se por vezes é “difícil” identificar uma leitura distante, estas “resistências” obviamente aumentam o prazer da leitura.

C. V. – Você é um grande conhecedor da língua romena, o que se comprova, entre outras coisas, pela sua excelente tradução de *Deveniri întru ființă*, de Constantin Noica.⁴ Como você aprendeu romeno tão bem e quais são atualmente os seus projetos de tradução do romeno?

N. C. – Aprendi o romeno para ler Cioran e morar em Bucareste – sem saber o que poderia vir a seguir. Sem precisar evocar Eminescu ou Nichita Stănescu, quando você lê uma poetisa de apenas 20 anos (Emilia Zăgrian): “minha voz é fina / meu fêmur puxou meu peito para baixo da saia” [*vocea mea e subțire / femurul mi-a tras șinul sub fusta*], ou quando ouve um motorista de ônibus dizer, no meio da noite, numa rua deserta, tomado de desgosto, sem se dirigir a ninguém: “o nojo flui de mim” [*curge scârba de pe mine*], o aprendizado vai além do simples fato linguístico.

Agora estou traduzindo o último romance de Gabriela Adameșteanu, *Provizorat*, que deve ser publicado em 2013 pela Gallimard. Entre os projetos que espero ter a sorte de realizar um dia está a tradução dos romances de Radu Aldulescu, o diário de Jeni Acterian e a poesia de Emil Botta.

p. 132.

4. NOICA, Constantin, *Le Devenir envers l'être*. Trad. par Nicolas Cavaillès. Hildesheim: OLMS, 2008.

*La conversation n'est féconde qu'entre
esprits attachés à consolider leurs
perplexités.*

[A conversação só é fecunda entre
espíritos determinados a consolidar
as suas perplexidades.]

CIORAN, *Écartèlement*

“CIORAN ERA UM SEDENTÁRIO SEM PÁTRIA INTELECTUAL, UM AVENTUREIRO IMÓVEL”

LIVIUS CIOCÂRLIE



Livius Ciocârlie (Timișoara, 1935) é um crítico literário, ensaísta, memorialista e professor universitário romeno. Formou-se em Filosofia, em 1958, pela Universidade de Bucareste. Em 1990, foi nomeado professor da cátedra de literatura francesa da Universidade de Timișoara e professor convidado na Universidade “Michel Montaigne” de Bordeaux, na França. É autor de inúmeros livros. Dentre os seus estudos críticos, destacam-se *Realism și devenire poetică în literatura franceză* (1974), *Negru și alb. De la simbolul romantic la textul modern* (1979), *Mari corespondente* (1981),

Eseuri critice (1983) e *Caietele lui Cioran* (2000). Como ensaísta e romancista, publicou *Un Burgtheater provincial* (1985), *Clopotul scufundat* (1988), *Fragmente despre vid* (1992), *Paradisul derizoriu. Jurnal despre indiferență* (1993), *Viața în paranteză* (1995), *Cap și pajură* (1997), *Trei într-o galeră* (1998), *De la Sancho Panza la Cavalerul Tristei Figuri* (2001), *Batrânețe și moarte în mileniul trei* (2005), *Pornind de la Valéry* (2006), *Cu dinții de lâna. Jurnal 1978-1983* (2008), *Cartea cu fleacuri* (2010), *Cu fața la perete* (2010), *La foc mărunt* (2012) e *Exerciții de imaturitate* (2012).

CIPRIAN VĂLCAN – Quando você leu Cioran pela primeira vez?

LIVIUS CIOCÂRLIE – Foi durante as férias, pouco depois de eu me formar na faculdade, o livro tinha sido enviado para mim por meu amigo Mihai Bogdan. Ele, por sua vez, o havia emprestado de Virgil Bogdan, o seu tio, professor de filosofia na escola secundária “I.L. Caragiale”, um intelectual que aprofundara os seus estudos na Alemanha, coautor de uma primorosa antologia de filosofia universal, muito lida naquela época (entre guerras), e que já havia se aposentado naqueles anos aos quais me refiro, os anos cinquenta, entregando-se à leitura e ao anonimato. Ele tentou desembaraçar as nossas mentes pela leitura de Platão, Hegel, Heidegger, comentando todos eles. Até que um dia ele nos disse: “Se vocês não querem aprender grego antigo e

alemão, não tenho nada a fazer por vocês”.

Aquele primeiro livro de Cioran, só bem mais tarde seguido de um segundo, era *Transfiguração da Romênia* (1936¹). Não me convenceu. Escrevi para o meu amigo dizendo-lhe que achei o livro um tanto espalhafatoso. E ainda hoje penso isso, embora também ache que é o livro mais vivo escrito por Cioran em língua romena. Pode-se inferir que não sou um admirador da sua obra romena. Já faz um tempo que, sem ter o que fazer, pensei em relê-la na íntegra. Comecei então, metodicamente, por *Nos cumes do desespero*. Não pude resistir. Seguramente é um livro notável para um jovem de apenas 22 anos. Como muitas vezes acontece com os jovens, Cioran o sentimento de viver “na mais fecunda das efervescências”, que a vida pulsava nele em um “ritmo essencial”, o que lhe permitia descer até o “fundo original da vida”. Ele se inclinava para um “paroxismo musical”, um “paroxismo lírico”, ao qual nunca faltava “um grão de loucura interior”. Era o retrato de Nietzsche, não de Cioran. Ele deveria ter sido um grande poeta – e não foi. Lendo-o, tem-se a impressão de escutar um tenor que se fixou num tom alto demais e o manteve assim. Infelizmente, enquanto escrevia em romeno, Cioran não podia mudar.

Para tornar-se o que se tornou, um grande escritor, Cioran precisou abandonar o *lirismo* da sua juventude. Ele confessará: “À medida que envelheço, percebo que a poesia me é cada vez menos necessária”². Ademais, ele precisava deixar de se levar tão a sério. Para poder escrever, como ele faria: “Me é impossível saber se me levo a sério ou não.”³ Tornou-se cético. O ceticismo era para ele como “um sorriso que paira em cima das palavras...”⁴ Ou seja, proporcionou-lhe o sentimento da gratuidade, sem o qual – por mais solenes que sejam os temas abordados – ninguém se torna um grande escritor. Assim, ele soube aproveitar os recursos da “brevidade, do rigor e da frieza deliberada” da língua francesa, tão sutil “até a inexistência, de uma precisão assustadora, discreta até na vulgaridade.”⁵ É, sobretudo, o “idioma ideal para traduzir delicadamente

1. *Schimbarea la față a României* (1936), inédito em língua portuguesa. À parte a edição original romena, há somente uma edição francesa, *Transfiguration de la Roumanie*, publicada pela Éditions de l’Herne com tradução de Alain Paruit (N. do E.).

2. CIORAN, *Entrevistas com Sylvie Jaudeau*. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2001, p. 29.

3. IDEM, *Cahiers: 1957-1972*. Paris: Gallimard, 1997, p. 405.

4. IDEM, “Demiurgie verbale”, *La Tentation d’exister*. Versão portuguesa: “Demiurgia verbal” (trad. de Rodrigo Inácio R. Sá Menezes), in Revista (n.t.) *Nota do Tradutor*, nº 9, vol. 2, Set. 2014, p. 175.

5. IDEM, *História e utopia*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 11.

sentimentos equívocos.”⁶ Ela seria assim – para usar uma palavra que aprendi quando estudava Derrida – “indecidível”. Não saber em que medida Cioran acredita, ou não, no que diz. É irônico, para dizê-lo de outro modo.

Seja como for, eu o considero um *escritor*. A propósito, travei uma polêmica amigável, no programa de Eugen Negrici, com Marta Petreu. Na minha opinião, Cioran não foi um filósofo. Ele continuou a expressar-se por toda a vida, mas já não liricamente. Empregou certa matéria intelectual, emitiu ideias sobre ideias, muitas delas dignas de toda a atenção, vindo a atrair o interesse dos filósofos, mas, insisto, *expressando-se*. Muitos escritores têm ideias filosóficas, algumas das quais são mais objetivas e mais descoladas do autor que no caso de Cioran. As ideias de Naphta e Settembrini não são necessariamente as de Thomas Mann. Ainda mais porque eles se enfrentam diretamente. Os escritores podem se dar ao luxo de contradizer-se quando apresentam as suas próprias ideias. No recente colóquio dedicado a Cioran na Feira do Livro de Paris, vários participantes – entre eles Sorin Alexandrescu – falavam justamente sobre as *contradições* de Cioran, assumidas ou não.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais lhe parecem importantes hoje?

L. C. – Não acho que a minha leitura pessoal seja importante, primeira ou última. Quando li *Transfiguração da Romênia* pela segunda vez, depois de 1990, me interessou muito mais. Eu me diverti com a grandiloquência um tanto forçada, afirmações como a de que a Romênia deveria ter a população da China e o destino da França, ou que a Romênia deveria levar em conta as exigências de Cioran, sob a ameaça de que, caso contrário, ele a deixaria. Eu estava interessado em contribuir para uma longa série de escritos sobre o que se poderia denominar “o mal romeno”, ciente de que generalizações espetaculares desse tipo devem ser abordadas *cum grano salis*.

Constatei que Cioran tinha sido um extremista em ambas as direções, igualmente atraído por Hitler e por Stalin. É verdade que na edição posterior a 1990 não apareceu mais o capítulo crispante sobre os judeus. A decisão de Cioran de eliminá-lo foi duramente criticada, mas acho que, até certo ponto, ele tinha o direito de fazê-lo, pois em *A tentação de existir* (1956) fazia um elogio aos judeus (ver “Um povo de solitários”), que lhe pareciam ser o povo que mais vive no sentido da vida (na linha de Nietzsche,

6. IDEM, *Aveux et anathèmes*, in *Œuvres*. Paris: Gallimard (coll. « Quarto »), 1995, p. 1723.

a vida foi para Cioran um conceito fundamental), de modo que os outros povos são “judeus que não vingaram”, que não conseguem ser tão vitais. Um bom leitor, com um ouvido literário apurado, percebe que Cioran realmente acredita no que diz. O seu livro que foi descoberto há pouco tempo, escrito logo após a sua chegada na França, prova que ele havia realmente desistido, e cedo, de certas ideias inaceitáveis. Claro, também deve-se levar em conta o *exagero*. Aliás, o exagero é talvez o único meio de expressão mantido por Cioran nos livros franceses, só que agora perfeitamente controlado, de modo que, unido (e em tensão) com a lucidez e a ironia, produz uma fonte de energia literária, como uma mola esticada.

Excetuando a leitura desinteressada nos anos 60, a minha primeira leitura proveitosa de Cioran foi depois de 1990. Muitas foram as ideias que me seduziram, não sou capaz de enumerá-las, mas quero assinalar duas coisas. Primeiro, a funcionalidade de duas subdominantes: a *tentação mística* e a *nostalgia*. Atribuir religiosidade ao autor de *Le mauvais démiurge* (1969) seria errado, mas na ausência da referida tentação ele teria sido mais seco, mais como Valéry, a quem não podia amar por causa da *secura*. Por outro lado, se Cioran tivesse evocado mais frequentemente a nostalgia de sua terra natal (como faz insistentemente na entrevista com Gabriel Liiceanu), teria sido mais flácido.

Em vez disso, a sua nostalgia colore afetivamente todo o mal que Cioran continuou a dizer sobre os romenos, de modo que, no final, o que ele diz se torna coparticipativo. Em segundo lugar, o autorretrato por delegação, e ao mesmo tempo tão complexo, tal como em *Exercícios de admiração*. Autorretrato por identificação nos capítulos sobre Joseph de Maistre e Borges. Como Borges, por exemplo, Cioran era – vivendo na Rue de l’Odéon – um “sedentário sem pátria intelectual, um aventureiro imóvel”⁷ e um “sedutor como nenhum outro”,⁸ alguém que consegue “dar uma gota de impalpável, de etéreo, de finura a qualquer coisa, mesmo ao raciocínio mais intrincado. Porque nele tudo é transfigurado pelo jogo, por uma dança de achados fulgurantes e de sofismas deliciosos.”⁹ Autorretrato por oposição, por recusa (Paul Valéry, Mircea Eliade) e autorretrato pelo que lhe falta. É o caso do taciturno Beckett, para quem Cioran era um balcânico “falador”, e de Benjamin Fondane. Como este, Cioran teve, em sua velhice, um belo rosto devastado, mas o que *não* se lia nele era o sofrimento milenar do rosto de

7. IDEM, “Borges”, *Exercícios de admiração: ensaios e perfis*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 127-128.

8. *Ibid.*, p. 128.

9. *Ibid.*, p. 128.

Fondane.

C. V. – Você concorda com a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

L. C. – Na verdade, não. É óbvio que o jovem Cioran foi um nietzschiano, mas não creio que tenha dado uma contribuição importante que pudesse complementar a concepção do filósofo alemão. Traços do nietzscheanismo também podem ser encontrados no período francês, como, por exemplo, a atração confessa que a tirania exercia ainda sobre ele, embora, conceitualmente, ele não mais a promovesse. Além disso, nunca deixou de dar à vida um valor supremo, embora se visse cada vez mais desvitalizado. Eu diria que Nietzsche ofereceu a Cioran uma armadura que, uma vez amadurecido, ele abandonaria.

O paradoxo é que, na França, Cioran se torna o que parecia detestar, ou seja, “romeno”. Coloco as aspas porque não acho que os romenos – ou qualquer outra nacionalidade - possam ser caracterizados de forma que corresponda a todos, ou à maioria. No entanto, eu sei como Cioran caracterizou os romenos – passivos, sem iniciativa, excessivamente tolerantes, fatalistas – e sei que ele mesmo se viria desta forma ulteriormente. Cioran não pôde continuar em Nietzsche porque o que havia de extremamente pessoal em Nietzsche não podia ser retomado, e porque ele mesmo, insisto, não era um filósofo. Cioran tinha uma maneira de ver as coisas que gerava muitas ideias – isso é outra coisa.

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran?

L. C. – Cioran era um representante da *negatividade* (característica, em grande medida, do século 20). Como tal, sendo representativo, ele estava aparentado a muitos outros. Alguns, como Roland Jaccard, o reivindicam. Mas acho que não dá para comparar porque cada escritor é singular – ou não é. Com quem devemos comparar Proust, Faulkner, Thomas Mann, Hortensia Papadat-Bengescu ou Breban?

C. V. – Você acha que a obra de Cioran é devidamente lida na Romênia desde 1989?

L. C. – Não sou capaz de emitir um juízo a este respeito. Não tenho compreensão suficiente da exegese de Cioran, não me preocupei com isso. Limito-me a apontar um aspecto amplamente notório que não concerne unicamente a Cioran. Um certo provincianismo

Cioran, um aventureiro imóvel

da nossa cultura nos faz exagerar. Continuamos a ver em Nae Ionescu¹⁰ um importante filósofo, embora não tenha deixado nenhuma obra. Ele só deixou a lenda de ter sido um grande professor, o que não é a mesma coisa. Ignoramos o fato de que aqueles jovens, tão cheios de potencial, não estavam em condições de julgá-lo criticamente, e que, no fundo, Nae Ionescu desvirtuou a cabeça de muitos. Bastou que Cioran fizesse uma menção honrosa a Petre Țuțea para que ele também – inteligente, é verdade, e animado – pretendesse ser um grande pensador. E quando temos um valor real, vira tabu. Em vez de interpretar, presta-se um culto, ignorando que ser transformado em estátua significa perder a vida. No caso de Cioran, o culto lhe confere uma gravidade exclusiva, cansativa para mim. Cioran não era um guru, um profeta, um professor. Era um cético irônico, muito inteligente e talentoso, um histrião espetacular, tão provocador quanto encantador. O que não exclui a gravidade de algumas das suas ideias.

C. V. – Em relação ao Colóquio em Paris, você achou que a recepção romena de Cioran é diferente da ocidental?

L. C. – Não me sinto muito qualificado para responder. Embora eu seja um ouvinte atento, infelizmente a minha audição já não é tão boa. Só pude entender alguns oradores quando os acompanhava muito de perto. O que posso dizer é que o Instituto Cultural Romeno teve o mérito de convidar apenas pessoas que não eram do ramo, mas que escreveram sobre Cioran ou estiveram próximas a ele (só lamentei a ausência de Marta Petreu, Ion Vartic, Dan C. Mihăilescu, e, por que não, a sua). Para responder minimamente, eu diria que, embora tenham sido todas de alto nível, as comunicações não chegaram a delinear uma forma específica de ler Cioran, tornando possível diferenciar a recepção romena de outras (francesa, espanhola, italiana). O caráter de aniversário (centenário) também tem a ver. A numerosa audiência ao longo de todo o evento, composto não só por romenos, foi gratificante.

10. Sem nenhuma relação com o dramaturgo de mesmo sobrenome, Nae Ionescu (1890-1940) foi um professor de lógica e metafísica na Universidade de Bucareste, responsável por atrair muitos de seus alunos – a começar pela notória geração de 1927 à qual pertencia Cioran – ao movimento de extrema-direita surgido nos anos 30, de caráter ultranacionalista e antissemita, conhecido como Guarda de Ferro (ou Legião do Arcanjo Miguel, seu heterônimo religioso). Inspirando-se na *Lebensphilosophie* alemã, Nae Ionescu inventou uma filosofia/ideologia tipicamente romena, uma espécie de vitalismo/existencialismo nacional, o assim-chamado *Trăirism*, do verbo *a trai*, “viver”, “experienciar”, “vivenciar”, de onde também o substantivo *trăire*, “experiência”, “vivência” (N. do E.).

C. V. – Como se deu a decisão de escrever *Caietele lui Cioran* [Os Cadernos de Cioran¹¹]?

L. C. – O livro meio que se escreveu sozinho, por assim dizer. Lendo Cioran, senti prazer em comentá-lo. Reuni fragmentos suficientes para compor um volume. Do meu ponto de vista, não é tanto um livro sobre Cioran – o título é um tanto enganoso –, mas uma parte do meu ciclo autobiográfico, em que parto da evidência de que o que faz um homem é parte da sua vida. Para que fosse um livro sobre Cioran, eu teria que ter lido os *Cahiers* primeiro e comentado só depois. Mas tudo o que fiz, para evitar o caos, foi distribuir os fragmentos em algumas seções. Não reivindico um lugar na fortuna crítica cioraniana. Eu acrescentaria, para aqueles que esperavam conhecer mais a fundo o homem Cioran através dos seus Cadernos, que a leitura destes, para este fim, é mais interessante que a dos livros propriamente ditos. Mas não é o meu caso. Estou mais interessado no escritor do que no homem – um homem em cuja vida, desde o período romeno até a sua doença terminal, nada de especial aconteceu (aliás, o seu episódio amoroso marcou a senhora alemã mais do que ao próprio Cioran, e ela acabou se tornando uma escritora conhecida por isso). Eu me diverti com a peregrinação dos romenos à mansarda na Rue de l'Odéon, em Paris, a exemplo da peregrinação que qualquer intelectual que se preza precisa fazer em Păltiniș.¹² No que concerne ao escritor, a [peregrinação] dos livros é maior que a dos cadernos, ainda que não falem admiráveis fragmentos. Nos *Cahiers*, Cioran abriu mão em parte da ironia e da ambiguidade, voltou a ser lírico, levando-se mais a sério, considerando-se um Jó que sofria conscientemente por todos aqueles que sofrem sem sabê-lo.

Lembro de uma frase de Alexandru Paleologu: *Cioran a putut să fie așa de pesimist fiindcă a fost un om fericit* [Cioran pôde ser assim tão pessimista porque era um homem feliz]. Feliz no dia-a-dia, acrescentaria eu, lembrando sempre que aquilo que um homem pensa faz parte da sua vida. Um escritor, com a sua gravidade costumeira, me questionou: *Cum îți permiti dumneata să glumești pe socoteala lui Cioran?* [Como você se permite brincar às custas de Cioran?]. Eu me permito porque o *amo*. Aquele que amamos nos diverte, nos faz rir, nos provoca. E, o que é mais importante, nós nos importamos com ele. Paremos por aqui.

11. CIOCÂRLIE, Livius, *Caietele lui Cioran*. București: Humanitas, 2007.

12. Localidade montanhosa na Romênia, circunscrita ao *județ* (distrito) de Sibiu, Păltiniș é um popular destino de inverno, famoso por sua estação de esqui (a mais alta do país). Na estrada que leva ao resort de férias, encontra-se o mosteiro onde o filósofo Constantin Noica (1909-1987) passou os últimos anos de sua vida. A sua habitação no mosteiro de Păltiniș tornou-se um local de peregrinação de jovens intelectuais romenos (N. do E.).

Nous aussi nous cherchons le « bonheur », soit par frénésie, soit par dédain : le mépriser c'est encore ne pas l'oublier, et le refuser en y pensant ; nous aussi nous cherchons le « salut », ne serait-ce qu'en n'en voulant point. Et si nous sommes les héros négatifs d'un Age trop mûr, par ce fait même nous en sommes les contemporains : trahir son temps ou en être le fervent, exprime - sous une contradiction apparente - un même acte de participation.

[Também nós buscamos a “felicidade”, seja por frenesi, seja por desdém: desprezá-la é ainda não esquecer-la, e repudiá-la pensando nela; também nós buscamos a “salvação”, ainda que seja não a desejando. E se somos os heróis negativos de uma Idade demasiado madura, por isso mesmo somos seus contemporâneos: trair seu tempo ou ser fanático por ele exprime – sob uma contradição aparente – um mesmo ato de participação.]

CIORAN, *Breviário de decomposição*

CIORAN: UM HEROÍSMO ÀS AVESSAS

SYLVAIN DAVID



Sylvain David é bacharel, mestre e doutor em Estudos Literários (Estudos Franceses) pela Université du Québec em Montreal, Canadá. É professor associado do departamento de Estudos Franceses da Concordia University, também em Montreal, onde leciona literatura francesa do século 20 e literatura contemporânea. Dedicou-se a investigar a obra de Cioran em sua tese de doutorado, *De l'inconvénient d'être moderne : l'héroïsme négatif de Cioran* [Do inconveniente de ser moderno: o heroísmo negativo de Cioran], defendida em 2005. Publicou no ano seguinte o livro *Cioran: um héroïsme à rebours* (PUF, 2006).

CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

SYLVAIN DAVID – Comecei a ler Cioran quando concluía um trabalho de licenciatura sobre o romance *Viagem ao fim da noite*, de Louis-Ferdinand Céline. Fiquei imediatamente impressionado com o fato de que alguns dos seus aforismos coincidiam com, ou prefiguravam, o que eu queria escrever sobre o romance de Céline. (Por exemplo, a pergunta: “Por que, depois de fazer uma boa ação, queremos imediatamente seguir uma bandeira, seja ela qual for?” resume, a meu ver, a ambiguidade das primeiras frases do romance de Céline, no qual o herói, Bardamu, (após defender suas visões anarquistas e antimilitaristas em um longo e inflamado discurso, decide alistar-se, por pura bravata, em um regimento de passagem). Assim, cheguei ao ponto em que cada aspecto do meu trabalho podia ser acompanhado por um comentário cioraniano! Por isso, quando chegou o momento de me inscrever no doutorado, escolhi como tema a obra francesa de Cioran, na medida em que me permitia dar continuidade às minhas reflexões anteriores, ao mesmo tempo em que me conduzia a um universo literário completamente diferente. Afinal, para além da atmosfera sombria que encontramos em Céline e em Cioran, não devemos esquecer que *Viagem ao fim da noite* – ao contrário dos romances posteriores de Céline – permanece um texto clássico e, portanto, repleto

de máximas que mantêm um pleno impacto mesmo fora do contexto de sua enunciação primária (por exemplo, “*A verdade deste mundo é a morte*”, para citar a mais famosa). Assim, na obra de Cioran, fui atraído principalmente pela força de choque da forma breve (aforismo, máxima, fragmento), usada para transmitir uma visão pessimista e desencantada do mundo.

C. V. – Em 2006, você publicou um primoroso livro intitulado *Cioran: um héroïsme à rebours*. Qual é a interpretação que você faz da obra de Cioran neste livro?

S. D. – Este livro, nascido da minha tese de doutorado, busca evidenciar a dimensão evolutiva da obra francesa de Cioran. Se o que me interessou inicialmente foram as questões relacionadas à escrita fragmentária e à visão de mundo crepuscular, observáveis em vários ensaios do autor romeno, ficou claro rapidamente para mim, por uma leitura assídua dos textos, que, por um lado, de um livro ao seguinte não se constata a mesma forma de escrever, e, por outro lado, que seus livros não apresentam sempre o mesmo tipo de pessimismo. Nessa perspectiva, procurei demonstrar – a partir das observações sobre esse tema nos *Cahiers* – que a obra francesa de Cioran pode ser dividida em três períodos distintos.

Uma primeira fase que compreende o *Breviário de decomposição* (1949), *Silogismos da Amargura* (1952) e *A tentação de existir* (1956), na qual o autor, sob o prisma de um ceticismo exacerbado, repisa continuamente a relatividade fundamental de toda ideia ou valor. À “demonstração” da insignificância, da ausência de valor universal, corresponde o emprego do fragmento e do aforismo, que sugerem, pela forma, certa fragmentação do pensamento.

Segue-se uma segunda fase em que, como que “bloqueado” pelo ceticismo radical, Cioran tenta reatualizar-se, abrindo o seu discurso a um imaginário mais extenso: desse esforço resultam *História e utopia* (1960), *A Queda no tempo* (1964) e *O demiurgo malvado* (1969), uma ampla reflexão sobre os temas da *origem* (sobretudo pelo prisma do “pecado original”), do *declínio* (pelo prisma de uma dupla reflexão sobre o tempo e a história) e do *fim* (como evidenciam as múltiplas evocações do Apocalipse). Esta etapa intermediária da obra francesa de Cioran se caracteriza pelo crescente recurso ao ensaio, cuja prosa prolongada lhe permite expressar melhor – de forma duradoura – a grande narrativa da decadência humana.

Por fim, isto nos conduz ao terceiro e último período, em que, aparentemente entediado com as grandes representações do imaginário ocidental em ruínas, Cioran se afasta da filosofia para abrir sua obra à surpresa dos pequenos fatos e gestos do cotidiano: daí os textos um tanto íntimos, como *Do inconveniente de ter nascido* (1973), *Esquartejamento* (1979), ao menos as partes aforísticas, e *Confissões e anátemas* (1987), o último livro de Cioran. Esta última fase tem como corolário um regresso à forma breve, desta vez menos para suscitar o nada das ideias recebidas que para restituir – com uma intenção idealista – instantes vividos, momentos do mundo.

Tal recorte da obra tem o mérito de destacar um aspecto essencial da mesma, a meu ver: o fato de Cioran ir sempre *longe demais* – em suas próprias palavras – em sua *démarche*, fato que o leva a rever suas intenções estéticas e filosóficas para poder, *apesar de tudo*, continuar escrevendo. Este “apesar de tudo” (*quand même*¹) – em sua fragilidade assumida – me parece o princípio fundamental da obra francesa de Cioran, o que confere a ela a sua dinâmica paradoxal.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você segue considerando importantes hoje?

S. D. – O interesse pela dimensão evolutiva da escrita de Cioran acabou me levando a afastar-me da atmosfera sombria dos primeiros livros – que inicialmente me atraíram – e a concentrar-me em seu aspecto memorialístico, dir-se-ia “humano”. Na verdade, a grande força da obra de Cioran em francês reside no fato de elevar o ceticismo ao nível de um sistema (ainda que a afirmação soe contraditória), depois de derrubar esse sistema por dentro (o famoso “pensar contra si próprio”), superando a negatividade inerente sem cair noutras formas de fé. A esse respeito, é exemplar a seguinte observação: “*Você, o mais desenganado dos mortais, sem nenhuma ilusão sobre os outros e sobre si. Mas ainda te resta uma, apesar de tudo: aquela, tenaz, inextirpável, a de já não possuir nenhuma*”²

Por isso, os aspectos que me chamam a atenção atualmente têm a ver com as obras tardias de Cioran (o que no meu livro eu chamo “o último Cioran”), como *Do*

1. *Nous aimons toujours... quand même ; et ce « quand même » couvre un infini.* “Apesar de tudo, continuamos amando; e esse ‘apesar de tudo’ cobre um infinito.” CIORAN, *Silogismos da amargura*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 87.

2. IDEM, “Le démon est-il sceptique ?”, *La Chute dans le temps*, in *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1995, p. 1111 (itálico nosso).

inconveniente de ter nascido ou *Aveux et anathèmes* (embora a princípio minha preferência fosse *Silogismos da amargura*). Da mesma forma, enquanto determinada crítica afirma em uníssono que Cioran suscita interesse antes de tudo como *estilista*, aprecio muito os *Cahiers* [Cadernos] onde, exatamente, o autor tende a “se esconder” menos atrás da fachada de estilo (que é “uma confissão e uma máscara”³) e, como resultado, acaba revelando mais de si (mas, como no caso da correspondência de Flaubert, outro *paratexto* elevado à categoria de *corpus*, talvez seja o conhecimento aprofundado da obra “oficial” de Cioran que dê todo o sabor à leitura dos seus *Cadernos*).

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

S. D. – Cioran sempre foi uma figura à parte na paisagem literária francesa do seu tempo. Penso que é precisamente por isso que se torna interessante aproximá-lo dos seus contemporâneos, para ver se, apesar de tudo, há pontos comuns de pensamento e estilo. Nessa perspectiva, já aproximei o *Breviário de decomposição* (1949) de *Le Rivage de Syrtes* (1951), um romance de Julien Gracq, para mostrar como esses dois textos surgidos no pós-guerra (um ensaio e um romance) continuam-se um ao outro na sua paradoxal representação da paz como “espera” (ou mesmo estagnação), sob a qual se encontrava, como que em marca d’água, a visão spengleriana de um “declínio” do Ocidente. Ademais, estou trabalhando atualmente em uma leitura comparativa dos últimos textos de Cioran e Guy Debord (*Panégyrique, In girum imus nocte et consumimur igni*), tentando desprender deles a concepção desiludida da escrita daquele que – pela radicalidade de suas próprias ideias – supera suas crenças iniciais sem, no entanto, pretender estabelecer novas crenças. Por fim, um dia eu gostaria de comparar um volume como *Do inconveniente de ter nascido* ao famoso *Livro do desassossego* de Fernando Pessoa (atribuído ao heterônimo Bernardo Soares), para entender melhor de que maneira é possível articular a expressão de um pensamento pessimista com o exercício de uma representação de si (e dos outros).

C. V. – Você concorda com a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

3. IDEM, “O estilo como aventura”, *A tentação de existir*. Trad. de Miguel Serras Pereira e Ana Luisa Faria. Lisboa: Relógio d’Água 1988, p. 104.

S. D. – Tudo depende de que Nietzsche estamos falando. Porque, de um ponto de vista estritamente filosófico, é óbvio que alguns contemporâneos de Cioran, como Deleuze ou Foucault (para citar apenas dois), levaram as ideias de Nietzsche muito mais longe do que ele. Dito isso, se estamos falando do Nietzsche moralista, o de *Assim falou Zaratustra*, que busca determinar a *atitude* conveniente em face da existência, então sim, Cioran se inscreve de fato – ainda mais pelo do autorretrato proporcionado por sua obra – nessa linhagem. Mas não é menos verdade que esse aspecto especial da obra de Nietzsche deve muito aos moralistas franceses dos séculos 17 e 18, nos quais Cioran também se inspirou. O buraco, portanto, é muito mais embaixo...

C. V. – Como é a recepção crítica da obra de Cioran atualmente no Canadá?

S. D. – Segundo Italo Calvino, uma obra “clássica” é um texto que todos conhecem, mas que ninguém leu. Tal definição poderia ser aplicada à obra de Cioran no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, tanto no Quebec quanto na Europa francófona, na medida em que não era raro deparar-se com os aforismos de Cioran citados nas mais diversas circunstâncias, mas poucos realmente conheciam a fundo a sua obra (conheço bem a situação: foram os anos em que eu redigia a minha tese e tinha muita necessidade de interlocutores). Hoje as coisas parecem ser ao contrário: parece que passou a “moda” Cioran, mas há cada vez mais jovens pesquisadores dedicando teses de mestrado e doutorado à sua obra. Assim, nos próximos anos devemos testemunhar uma reavaliação – e reinterpretações – da obra de Cioran.

*Ce qu'on appelle « pessimisme » n'est rien
d'autre que l'« art de vivre », l'art de goûter
la saveur amère de tout ce qui est.*

[O que se chama “pessimismo” não é
senão a “arte de viver”, a arte de saborear
o gosto amargo de tudo que existe.]

CIORAN, *Cahiers: 1957-1972*

“HÁ EM CIORAN UMA *METAFÍSICA DO PIOR* QUE IMPLICA UMA *METAFÍSICA DO JÚBILO*”

AURÉLIEN DEMARS



Aurélien Demars é doutor em filosofia pela Université Jean Moulin Lyon III e pesquisador do Centre de Recherche sur la circulation des idées da mesma universidade. A sua tese de doutorado é um vasto e compreensivo estudo hermenêutico sobre Cioran: *Le pessimisme jubilatoire de Cioran: enquête sur un paradigme métaphysique négatif* [O pessimismo jubiloso de Cioran: investigação sobre um paradigma metafísico negativo] (2007).

Editou, com Nicolas Cavaillès, a edição da obra francesa de Cioran na coleção “Pléiade” da editora Gallimard. Além disso, é coeditor, com Mihaela-Gențiana Șțănișor, da coleção francesa *Cioran, archives paradoxales: nouvelles approches critiques* (Classiques Garnier).

CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

AURÉLIEN DEMARS – Eu mal tinha entrado na Faculdade de Filosofia e me interessei por uma corrente de pensamento expressamente criticada, mal vista e incompreendida, sobretudo na universidade: o pessimismo. Eu me propus, na minha formação pessoal, para além dos estudos, reabilitar os clichês com os quais o pessimismo era rotulado, fazendo, nesse sentido, uma biblioteca de ideias de Hegesias a Schopenhauer e Hartmann e então no período contemporâneo. No contexto de então, resolvi mergulhar nas obras de Cioran que acabavam de sair pela Gallimard, na coleção “Quarto”. Cioran era frequentemente salpicado com todos os clichês dos pessimistas, embora não suportasse categorias escolares como “pessimista”, “niilista”, etc., às quais ele por vezes gostava de ser reduzido. Devo a descoberta de Cioran, portanto, à hospitalidade dessa abordagem equívoca, isto é, dessa distância que eu gostava de medir entre um falso personagem (a caricatura de um pessimista misantrópico), por um lado, e o autor original de uma filosofia do mal profunda e inédita, por outro (ou seja, uma *filosofia do pior* em sentido

literal e forte: um *pessimismo*).

C. V. – Você publicou ótimos artigos sobre Cioran. Como interpreta a obra dele?

A. D. – Parece-me que a obra de Cioran vem de uma hermenêutica de nuances (ele fala de uma gama de estados negativos, uma gama de vazios, uma gama de emoções, uma escala de ilusões, etc.), e esta não é apenas um relativismo subjetivo porque combina uma filosofia existencial com uma metafísica negativa, ou seja, uma filosofia dos vários sentimentos de existência e da inexistência com uma metafísica de princípios ou estados negativos, sem nada em comum com a metafísica no sentido clássico, idealista, sistemático. O ritmo de toda a obra de Cioran segue as suas obsessões metafísicas e existenciais acerca da origem e do fim, sejam elas em escala cósmica, humana ou individual (Criação, idade de ouro, nascimento; Apocalipse, fim da civilização, morte).

Neste quadro, parece-me que as experiências existenciais evocadas por Cioran – sobretudo a experiência do mal – fazem sentido na dependência de uma complexa articulação entre razão (a lucidez do mal derrotando ilusões, armadilhas e utopias...), sensação (dor) e sentimento (sofrimento), de modo que o nível de um corresponda a um determinado nível de outros. Ora, em diferentes graus de sensação, sentimento e lucidez, Cioran conhece e reconhece experiências intensas de alegria, prazer, êxtase... e é justamente na contradição desses relatos que parece possível ler uma *metafísica do pior* que implica necessariamente uma *metafísica do júbilo*. De acordo com essa hermenêutica pautada por grandes desafios filosóficos, minha interpretação parte de um exercício de leitura que se quer amiúde genético. É por isso que dei à minha tese de doutorado um título que resume a ideia norteadora que exponho aqui: *le pessimisme jubilatoire* [o pessimismo jubiloso] *de Cioran*.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção inicialmente e quais você considera importantes atualmente?

A. D. – Para além do encanto estético da sua linguagem, mas também de temas, abordagens e pontos de vista, a minha atenção prendeu-se sobretudo na contradição entre a mais obscura lucidez e a alegria mais intensa, contradição determinante que Clément Rosset identificou na década de 1980. Na verdade, uma característica evidente que me chamou a atenção e ainda me atrai consiste na *fascinação do pior* que anima Cioran e nas assonâncias paradoxais com alegria, riso e êxtase... inclusive o prazer

que Cioran extrai dessa fascinação do pior. Além disso, a finesse cultural e a opulência metafísica do seu pensamento não deixaram de me chamar a atenção para os vários “saltos qualitativos” e “situações-limite” evocados por Cioran, especialmente no que diz respeito à distinção, feita ao final de *La Chute dans le temps* (1964), entre “cair no tempo” e “cair do tempo”: esta divisão me parece ainda mais originária e original do que a diferença entre *ser* e *estar*.

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

A. D. – Somos sempre tentados a comparar Cioran e Camus, Sartre ou Heidegger – *errado*. É uma ilusão que uma leitura detida da obra de Cioran não autorizaria. Na verdade, suas intenções, apostas e métodos são divergentes, apesar da enganosa semelhança de algumas palavras usadas. Assim, os temas abordados, aparentemente comuns, não possuem mais o mesmo significado. A dificuldade da comparação depende do que se compara: estamos falando da obra romena de Cioran, de aforismos, do autor dos retratos...?

A singularidade da sua escrita torna Cioran único no século 20? Sem dúvida, mas isso não impede comparações. É preciso evitar uma armadilha semelhante à falsa aproximação, é preciso resistir à tentação de se contentar em afirmar que Cioran, por não se parecer com ninguém, não deve ser comparado a quem quer que seja. O próprio Cioran foi inspirado por muitos autores, muitas vezes por meio de uma reação crítica ou uma distorção mais ou menos intencional, muitas vezes transformando uma admiração primária em uma espécie de ressentimento misturado com aversão, como, por exemplo, em relação a Valéry. Ademais, essas influências variam ao bel-prazer das obsessões de Cioran e das constringências de seus encontros e descobertas literárias. A obra de Cioran é extremamente rica em alusões, referências, intertextualidade...

Para saber com quem compará-lo e ter certeza de que Cioran é incomparável, pode-se pensar certamente em Chestov, cuja influência, ainda que parcial e temporária, culmina em *La Chute dans le temps* [A Queda no tempo]. Há muitos temas em comum entre eles. Na verdade, Cioran não seguiu com Chestov, mas reteve a leitura que ele faz dos grandes pensadores (a começar por Pascal, mas também Kierkegaard, Nietzsche, Dostoiévski, Tolstói...). Cioran pode ter se inspirado um pouco, muito vagamente, em Chestov, no que diz respeito ao *estilo da leitura de temas de reflexão*, à sua maneira

de identificar certos *topoi* e momentos decisivos de uma obra ou de uma biografia. Por fim, a escrita de Cioran, cujos rascunhos atestam sua predileção por compor pequenos fragmentos com título e travessão, também lembra Chestov. Nenhuma dessas abordagens deve nos fazer esquecer que o interesse de Cioran por Chestov durou pouco tempo e, mesmo assim, a originalidade do primeiro se constitui em detrimento da do segundo.

C. V. – Você concorda com a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

A. D. – Não, esta interpretação equivocada, uma espécie de gabarito manjado, é facilmente refutada por uma exegese minuciosa de Cioran. No final das contas, é desconhecer Cioran, a sua obra, o seu pensamento, se formos levados a crer que ele poderia ser o continuador de alguém. Também devemos ter em mente uma lição de Nietzsche que o próprio Cioran não ignorou e aplicou a si mesmo, a de que devemos superar os nossos “educadores”, como Nietzsche superou Schopenhauer, por exemplo. Ademais, cronologicamente, Cioran parece ter começado uma leitura mais pessoal e aprofundada de Nietzsche só ao final de seus estudos universitários, após ter estudado as obras de Kant, Schopenhauer, Spengler, Kierkegaard, Bergson...

Cioran não apenas não é “espontaneamente” nietzschiano, mas, além disso, certas ideias, que pareceriam nietzschianas à primeira vista, podem muito bem vir, na realidade, de outras fontes secundárias, indiretas, posteriores... Soma-se a isso o fato de que tal concepção de uma continuidade entre Nietzsche e Cioran é completamente desprovida de sentido, natureza e conteúdo na relação entre suas obras. Também é preciso saber exatamente do que se fala propriamente, pois o Nietzsche de Cioran é absolutamente singular: Cioran aprecia que as ideias do *Übermensch*, do eterno retorno e da vontade de potência manchem a obra do filósofo alemão.

Além disso, as alusões de Cioran a Nietzsche são menos elogiosas que críticas (Nietzsche seria ingênuo, teatral, sem humor, desconhecedor do ser humano...). O que ele reteve, afinal, de Nietzsche? Provavelmente o modo de escrever filosofia, bem como, sem dúvida, uma compreensão da oposição entre espírito e vida (embora Cioran tenha sido influenciado também por Ludwig Klages), entre outras coisas. Mas estamos falando de empréstimos que não têm valor senão no seu conteúdo, não na autoridade do autor original. Quanto ao apego de Cioran a Nietzsche, circunscreve-se a um determinado

período, quando o jovem Cioran apreciava o profetismo do filósofo alemão e admirava a sua “arrogância”, a sua “histeria”.

Posteriormente, Cioran lutou contra o que chamou de “vestígios de Nietzsche” e do seu antigo lirismo. Ele reteve uma outra lição de Nietzsche (mas também de Baudelaire e Dostoiévski, explicitado em *A tentação de existir*): a *arte de pensar contra si próprio*, ou seja, a recusa não só de ser o continuador de outrem, mas também de si mesmo. Neste sentido, se há um gesto nietzschiano em Cioran, é o de destruir as suas próprias tendências nietzschianas. Para concluir, Cioran não manteve uma leitura homogênea nem contínua de Nietzsche. Ao contrário, encontramos nos seus *Cahiers* fragmentos esparsos nos quais Cioran afirma que não consegue mais ler Nietzsche.¹ Em suma, Cioran tem relações ambivalentes, complexas, descontínuas, com Nietzsche... que não teriam o sentido de uma continuidade a menos que fizessem Cioran suportar o tormento da cama de Procusto.²

C. V. – Como é atualmente a recepção crítica de Cioran na França?

A. D. – No momento em que comemorávamos o seu centenário, em abril de 2011, a popularidade de Cioran não diminuía. A partir de agora, assistimos a um desenvolvimento da exegese sobre Cioran. Mesmo que siga sendo muito pouco estudado na universidade, e mesmo que a sua atualidade seja constantemente turbada por polêmicas que nem sempre têm a ver com a leitura da obra em si, diversas leituras de Cioran, de cunho geral ou especializadas, podem ser destacadas, dependendo do *tipo do estudo* (polêmica, testemunho, análise argumentativa), da *abordagem* (principalmente “literária” e, em menor medida, “filosófica”, menos frequente na literatura e na civilização romenas), do *método* (literatura comparada, hermenêutica, ou, mais recentemente, a *crítica genética*, fonte de novas perspectivas

1. “Não posso mais ler Nietzsche nem me interessar por ele. Parece-me demasiado *ingênuo*. Faz tempo que deixei de admirá-lo. Um ídolo a menos. Ele também se comprou na prolixidade, no preenchimento, na *grandiosidade* difusa.” CIORAN, *Cahiers: 1957-1972*. Paris: Gallimard, 1997, p. 659.

2. Procusto é um personagem da mitologia grega que faz parte da história de Teseu. Procusto era um bandido que vivia na serra de Elêusis. Em sua casa, ele tinha uma cama de ferro, que tinha seu exato tamanho, para a qual convidava todos os viajantes a se deitarem. Se os hóspedes fossem demasiados altos, ele amputava o excesso de comprimento para ajustá-los à cama, e os que tinham pequena estatura eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. Uma vítima nunca se ajustava exatamente ao tamanho da cama porque Procusto, secretamente, tinha duas camas de tamanhos diferentes (N. do E.).

de desenvolvimento) e da *problemática* (ético-política, fenomenológica, poética). A recepção de Cioran, liberta de ancoragens institucionais e geográficas, abarca, assim, pesquisas e interpretações heterogêneas às quais é difícil atribuir critérios unitários de reconhecimento. É a especificidade de uma recepção dinâmica que se multiplica continuamente.

C. V. – Poderia falar do seu trabalho como editor da obra francesa de Cioran na “Bibliothèque de la Pléiade”, da editora Gallimard?

A. D. – Em colaboração com Nicolas Cavallès, é uma edição que reagrupa todos os escritos franceses de Cioran. É uma edição comentada, acompanhada de uma cronologia e de uma bibliografia bastante detalhadas. A laboriosa preparação desta edição teve de superar inúmeras dificuldades quanto à identificação de alusões e citações, explícitas ou implícitas. É como procurar incessantemente por uma determinada agulha, não em um palheiro, mas em uma enorme caixa de agulhas. Levou muitos anos para estabelecer algumas fontes. As apresentações dos livros restituem, tanto quanto possível, a gênese dos textos, a genealogia das ideias essenciais, a temporalidade específica da composição dos livros, o ritmo da escrita... É uma tentativa de olhar para a obra do ponto de vista do próprio autor, especialmente a partir de rascunhos, versões manuscritas e páginas inéditas dos *Cadernos* manuscritos preservados etc. É, portanto, uma tentativa de resgatar o tempo próprio de Cioran, a vitalidade do seu pensamento e a interioridade da queda do tempo.

“CIORAN É UM PROFUNDO CONTEMPLATIVO E UM DOS MAIS IMPORTANTES FILÓSOFOS DO SÉCULO 20”

ANTONIO DI GENNARO



Antonio Di Gennaro formou-se em filosofia pela Universidade “Federico II” de Nápoles. A sua investigação privilegia o desenvolvimento do existencialismo contemporâneo e centra-se especialmente nas questões do tempo e do sofrimento. É autor do livro de poemas *Parole scomposte* (Alfredo Guida Editore, 2000) e do ensaio sobre Cioran *Metafisica dell’addio* (Aracne Editrice, 2011). Organizou, em colaboração com a Academia romena em Roma, um colóquio

dedicado ao centenário do nascimento de Cioran, em novembro de 2011. Coordenou, em colaboração com Gabriella Molcsan, a publicação dos textos apresentados no colóquio *Cioran in Italia* (Aracne Editrice, 2012).

CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

ANTONIO DI GENNARO – Em outubro de 1999, conclui a licenciatura em Filosofia na Universidade de Nápoles com uma tese intitulada *Filosofia e storia della filosofia nel pensiero di Karl Jaspers* [Filosofia e história da filosofia no pensamento de Karl Jaspers]. Logo em seguida, me inscrevi em um curso de atualização sobre “Religião e cultura na história do Ocidente”, também na Universidade de Nápoles. Lembro que, ao final de uma aula, pedi ao professor que me recomendasse alguns textos sobre o tema da *dor*. Surpreendido, ele não soube me dar indicações precisas nem sugerir um autor específico. Naqueles anos, a dor representava para mim uma emergência, uma emergência a enfrentar. Eu percebia a dor como uma verdade profunda, como uma ferida na alma. Dito isso, eu buscava escritores, poetas, filósofos que tivessem colocado esse tema no centro de suas reflexões e de seus escritos. Eu estava procurando por comparações, buscava respostas. Senti então que a filosofia, a que se aprende na universidade, não servia para nada. Abstrata demais, teórica demais, não oferecia respostas. A epistemologia de Kant, o historicismo de Weber ou Dilthey, a hermenêutica

de Gadamer e nem mesmo as filosofias da existência de Jaspers, Sartre ou Heidegger me ajudavam.

Um dia, por volta do ano 2000, um amigo me ofereceu um exemplar de *La Chute dans le temps*, de Cioran. A princípio, o volume não me impressionou muito, mas as últimas páginas, que versam sobre a “consciência do tempo”, foram para mim “fulgurantes”, “iluminadoras”. A partir de então comecei uma leitura diligente e profunda da obra de Cioran como um todo. Cada texto seu se apresentava para mim como um universo a ser explorado. Eu descobria (e me apaixonava por) um autor que não lidava com conceitos abstratos e teorias evasivas, mas com experiências vividas concretamente (tédio, dor, desespero, insônia, solidão, morte). Era o “filósofo” que eu procurava, o “antifilósofo” por profissão, o “sábio” que não se ensina filosofia nas universidades, mas que é capaz de indicar caminhos existenciais. Eis o que é fascinante em Cioran: para ele, a filosofia é o verdadeiro consolo da alma, a busca do sentido a despeito do absurdo da vida e do “inconveniente de ter nascido”.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

A. D. G. – Penso que Cioran é um dos filósofos mais importantes do século XX, um profundo contemplativo e um dos mais importantes metafísicos, ao lado de Heidegger e Jaspers, ainda que, ao contrário deles, Cioran nunca tenha sido um filósofo profissional, acadêmico, um professor universitário, mas antes um pensador privado, um escritor livre, um errante ou “sem-teto” da filosofia. À exceção de um curto período como professor de um liceu na Romênia, Cioran nunca ensinou filosofia, mas nos deixou uma obra extremamente importante que testemunha autenticamente o que significa fazer filosofia, o que significa *filosofar*. Pois, segundo Cioran, a filosofia não é uma “coisa” abstrata. Está relacionada ao que somos no mais profundo do nosso ser. A filosofia remete à raiz de nossa subjetividade: sentimentos, emoções, paixões.

Neste sentido é “patosofia”, pensamento vital, busca de um sentido apesar do absurdo da realidade, e, portanto, para recorrer às palavras de Jaspers, um “esclarecimento da existência” (*Existenzerhellung*). A filosofia de Cioran se funda no negativo (solidão, dor, sofrimento, tédio, angústia), na consciência como “sentimento de morte”. Não é por acaso que seu primeiro livro, escrito aos 22 anos, intitula-se *Nos cumes do desespero* (1934). Já neste livro Cioran se distancia da filosofia oficial e diz “adeus à filosofia”, a qual, na sua visão, foge dos verdadeiros tormentos. Cioran

experimenta um distanciamento em relação à vida, repulsa, não-integração, e descreve em sua obra essa experiência, esse sentimento de cisão e dilaceração, essa inquietação existencial, esse “exílio metafísico”.

Assim, Cioran descreve a dor em seus textos. Ela é dita, transcrita, contada. A dor, portanto, é fenômeno, é o que aparece, o que se manifesta. Mas o que há por detrás dela? O que está por trás desse grito de dor? O que está por trás do desespero de Cioran? Na minha opinião, encontramos a resposta numa passagem de um dos seus livros romenos, *Amurgul gândurilor* (1940): “Tudo o que não é felicidade é um déficit de amor”¹

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

A. D. G. – Acho que o tema do *amor* é fundamental para a concepção e a evolução do pensamento de Cioran. É possível supor que por trás do sofrimento descrito por Cioran haja uma necessidade de amor, a nostalgia de um amor passado? Em outras palavras: que amor teria marcado Cioran e com o qual ele teria sonhado ao longo de sua vida? Que amor impossível ele teria cultivado em sua memória e imaginação? Que abraço perdido? Sobre que despedida se constrói a metafísica do adeus? Tenho a impressão de que por trás da experiência da dor, de que fala Cioran, oculta-se a experiência de um abraço não dado, de um amor perdido. Por exemplo, Cioran fala em vários lugares sobre um amor juvenil (nunca declarado, reprimido) por uma jovem de Sibiu: Cela Schian.² Por causa da sua timidez, Cioran não conseguiu se aproximar dela e um dia ele a viu acompanhada de outro rapaz, o que o fez morrer de ciúmes. Referindo-se a este episódio da adolescência, Cioran recorda no *Cahier de Talamanca* (1966): “Mas nesse instante eu decidi minha ‘carreira’, todo o meu futuro. Seguiram-se anos de completa solidão. E tornei-me aquilo que deveria me tornar”³

Por que, depois de tantos anos, Cioran sente a necessidade de evocar esse “primeiro amor”? Por que ele vincula tão intimamente a desilusão que experimentou na juventude à visão de mundo que teria posteriormente? Ele lamenta uma possibilidade não realizada, um amor vivido em potência, que prenuncia um destino de solidão e morte na alma. Creio que toda a obra de Cioran deve ser lida sob esta luz “psicanalítica”,

1. “Tot ce nu-i fericire este un minus de iubire.” CIORAN, *Amurgul gândurilor*. București: Humanitas, 1991, p. 133.

2. Sobre Cela Schian há uma longa reminiscência no *Caderno de Talamanca*, p. 40-42 (N. do E.).

3. CIORAN, *Caderno de Talamanca*, p. 42.

Cioran, um aventureiro imóvel

à luz de um “conflito” original e não resolvido com eros. Para Cioran, amor e desespero são duas faces da mesma moeda, no sentido de que o desespero nasce da ausência de amor, de uma sede de amor insaciável. Além de suas amargas considerações sobre a vida, Cioran deixa entrever uma grande necessidade de amor. Um aforismo particularmente belo de *Silogismos da amargura* serve de testemunho: “Apesar de tudo, continuamos amando; e esse ‘apesar de tudo’ cobre um infinito.”⁴

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran aos temas de reflexão e o estilo?

A. D. G. – Quanto ao estilo, não acho que seja uma questão muito importante. Aliás, não era nem para Cioran, a julgar pelo que está escrito nos *Cahiers*: “Falamos do meu ‘estilo’. Mas isso não me interessa nem um pouco. Tenho algo a dizer, e digo-o, e é isso o que importa; a maneira de dizê-lo é secundária. O ideal seria escrever sem estilo; esforço-me para isso, e conseguirei. Só o pensamento importa. O resto é para os literatos.”⁵ Dito isso, me concentrarei apenas na questão dos temas, dos problemas. Em primeiro lugar, penso obviamente em Fernando Pessoa e *no Livro do Desassossego*, a indiscutível obra-prima da narrativa do século 20. Mas também o italiano Cesare Pavese e o sueco Stig Dagerman, ambos suicidas. É central para todos eles o problema da *fragmentação da consciência e da identidade* (o ego múltiplo ou “dividido”, como diria o psiquiatra e filósofo escocês Ronald Laing), do caos e da finitude humana.

Além disso, permita-me esta digressão, penso também no cineasta polaco Krzysztof Kieślowski, falecido em 1996, famoso pelo seu *Decálogo* e pela trilogia *Branco, Vermelho, Azul*. Acho que Cioran não o conhecia, mas teria certamente apreciado a sua cinematografia. Há algo que conecta profundamente o pensamento trágico de Cioran com a experiência cinematográfica de Kieślowski, muito filosófico, extremamente conceitual. Como Cioran, Kieślowski é muito introspectivo: seus filmes tratam da solidão do homem, das adversidades do destino, da necessidade de Deus, enfim, da “interioridade” do sujeito. Se tivesse que citar outros autores contemporâneos, também me vêm à mente o escritor francês Joë Bousquet e o filósofo italiano Giuseppe Rensi.

C. V. – Você concorda com os exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

4. IDEM, *Silogismos da amargura*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 87.

5. IDEM, *Cahiers: 1957-1972*. Paris: Gallimard, 1997, p. 909.

Entrevista com Antonio di Gennaro

A. D. G. – Não, não sou desta opinião. Referindo-se a Nietzsche, Cioran escreve nos *Cahiers* uma frase concisa, lapidar: “Era um cordeiro que se sonhava lobo”. Esta frase resume o que Cioran escreve sobre Nietzsche em *Do inconveniente de ter nascido* (1973):

Respondi, a um estudante que queria saber o que eu pensava acerca do autor de Zaratustra, que deixara há muito de o frequentar. Porquê?, perguntou-me ele. – Porque o acho demasiado *ingénuo*...

Censuro-lhe os seus entusiasmos, e até mesmo os seus fervores. Apenas demoliu ídolos para os substituir por outros. Um falso iconoclasta, com aspectos adolescentes, e uma qualquer virgindade, uma qualquer inocência, inerentes à sua carreira de solitário. Limitou-se a observar de longe os homens. Se os tivesse olhado de mais perto, nunca teria podido conceber nem louvar o super-homem, visão bizarra, risível, para não dizer grotesca, quimera ou fantasia que só poderia surgir no espírito de alguém que não teve tempo de envelhecer, de conhecer o desprendimento, o longo e sereno fastio.⁶

Agora, em síntese, o que é o *Übermensch*? Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche escreve: “O super-homem é o sentido da terra”.⁷ O super-homem é aquele que não estremece diante de nada. É aquele que percebeu a nulidade da vida, mas que não teme a imprevisibilidade do devir, o absurdo da realidade, o fato de não haver sentido na vida. Ao contrário, ele realiza sua própria existência, criando novos valores e aceitando com “*amor fati*” o fluxo irracional da vida. O super-homem não acredita em um mundo além, em nenhuma transcendência (Deus está morto!), mas vive tanto quanto possível a vida com um espírito dionisíaco. O super-homem de Nietzsche aceita o trágico da vida. Cioran não pensa assim. Para ele, o homem é um “animal enfermo”, um “animal aplastado”, um “animal grotesco”. O niilismo de Cioran é radical, extremo, insolúvel. Ele não acredita em ilusões, nas oportunidades da vida, nas potencialidades humanas e no sentido da história. Cioran baseia sua visão do mundo em um axioma simples: a vida é tormento, turbulência. Isso é tudo. Portanto, mais do que um discípulo de Nietzsche, Cioran me parece mais sintonizado com o pensamento de Leopardi, Schopenhauer e Philipp Mäinlander.

C. V. – Como é a recepção crítica da obra de Cioran atualmente na Itália?

A. D. G. – Cioran ainda é um autor que ainda está para ser descoberto e explorado, principalmente na Itália. Em nosso país ainda não foram traduzidas obras

6. IDEM, *Do inconveniente de ter nascido*. Trad. de Manuel de Freitas. Lisboa: Letra Livre, 2010, p. 79.

7. NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, prólogo, § 3. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 14.

importantíssimas, como *O Livro das ilusões*, *Amurgul gândurilor* [O Crepúsculo dos pensamentos], *Îndreptar pătimaș* [Breviário passionai] e *Singurarate și destin* [Solidão e destino], a produção jornalística de 1931-1944, nem as correspondências com Wolfgang Kraus e Armel Guerne, com parentes e amigos na Romênia, além das entrevistas concedidas a importantes jornalistas e escritores. Tudo ainda é muito novo, desconhecido, precioso, o que pode engendrar novas perspectivas interpretativas.

A obra de Cioran foi introduzida inicialmente na Itália graças à diligência de Mario Andrea Rigoni, que coordenou a publicação dos principais livros obras do autor romeno pela editora Adelphi. Paralelamente, foram publicados nos últimos anos estudos críticos muito interessantes que abordam a obra de Cioran sob diversos ângulos interpretativos.

Destaco os estudos do próprio Rigoni, além de Lucia Vizioli-Orazi, Rino Tripodi, Fabio Rodda, Aurelio Rizzacasa, Antonio Castronuovo, Barbara Scapolo e Rotiroti. Muitos deles participaram do evento *Cioran in Italia*, que organizei, em novembro de 2011, em conjunto com a Academia romena em Roma, por ocasião do centenário do nascimento de Emil Cioran. Foi um importante encontro de filósofos, escritores e pesquisadores.

Em geral, eu diria que Cioran goza de muita atenção na Itália, mas seria bom ter uma “rede” internacional estruturada, um grupo de pesquisa transversal para compartilhar informações e conhecimentos sobre o pensador romeno. É a única forma de reconstruir rigorosamente, “cientificamente”, a experiência histórico-filosófico-hermenêutica deste grande pensador.

CIORAN E A TRADIÇÃO DO PESSIMISMO

JOSHUA F. DIENSTAG



Joshua Foa Dienstag é professor de Ciência Política e Direito na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. É autor de *Pessimism: Philosophy, Ethic, Spirit* (Princeton University Press, 2006), que contém todo um capítulo sobre o pessimismo existencial em Cioran, Unamuno e Camus. Também é autor de livros sobre filosofia política, cinema e pós-modernismo. Atualmente é membro do Centro de Estudos Avançados em Ciências Comportamentais da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos.

CIPRIAN VĂLCAN – Como você conheceu a obra de Cioran?

JOSHUA F. DIENSTAG – Eu estava tinha uma vaga noção de parte da obra de Cioran até alguns anos atrás, antes de me aprofundar nele. A maioria de seus livros escritos em francês também foram publicados em inglês, e eu me lembro particularmente quando saiu *Lágrimas e Santos*, em 1995: atraiu muitas críticas e, por um curto período, Cioran teve alguma atenção nos Estados Unidos. Até então, eu pretendia escrever sobre pessimismo, mas não havia feito muito sobre o assunto. Acho que comprei o livro e talvez o tenha folheado antes de abandoná-lo em uma prateleira.

Mais tarde, quando comecei a pesquisar para o livro que acabaria se tornando *Pessimism: Philosophy, Ethic, Spirit* (Princeton University Press, 2006), comecei a ver o nome de Cioran mencionado em vários lugares e me convenci de que deveria me familiarizar com a sua obra. Comecei a ler e discutir *Do inconveniente de ter nascido* em um seminário e, no final do semestre, senti que precisava dar mais atenção a Cioran. Ficou muito claro para mim que ele fazia parte de uma tradição pessimista mais ampla,

então eu queria chamar a atenção para um dos seus representantes mais importantes no século 20.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

J. F. D. – Para mim, o primeiro passo para entender a perspectiva de Cioran é conhecer a tradição da qual ele faz parte. O seu estilo aforístico não se presta a muitas citações, então alguns leitores menos familiarizados com essa tradição podem pensar que Cioran é inteiramente *sui generis*. Mas, quando você conhece a tradição do pessimismo (que para mim começa com Rousseau e inclui Leopardi, Schopenhauer, Nietzsche e Unamuno, entre outros), não é que Cioran esconda as suas influências. Muitos dos tópicos que o preocupam particularmente – a consciência do tempo, o suicídio, o tédio, a decadência – são tópicos que boa parte da filosofia moderna leva a sério há um bom tempo. E, é claro, Cioran foi extremamente bem formado no espírito desta tradição, na Romênia.

Deixando de lado o flerte lamentável de Cioran com o nacionalismo romeno (que devemos reconhecer), parece-me que a sua contribuição mais importante é enfrentar os problemas do pessimismo sem o conforto metafísico (ou religioso) do século 19, por assim dizer. Certamente Schopenhauer e outros tinham uma visão bastante clara das durezas da vida cotidiana, mesmo nas melhores circunstâncias. Mas eles desenvolveram sistemas mentais muito complexos, por assim dizer, para tentar combatê-las. Era ao mesmo tempo uma evasão, talvez uma falta de honestidade. Até mesmo Nietzsche, de quem Cioran tanto aprendeu, é objeto de críticas em *Do inconveniente de ter nascido*. Na minha opinião, a obra de Cioran após a Segunda Guerra Mundial é uma longa tentativa de sobreviver à condição humana submetida ao tempo – com o mínimo de autoilusão possível – e de comunicar a experiência dessa sobrevivência. Para mim, é o melhor exemplo moderno da ideia de filosofia como estilo de vida, uma ideia que Pierre Hadot e outros recentemente trouxeram de volta.

Mas, diferentemente de Epicuro e outros filósofos antigos, Cioran recusa o conforto de uma natureza ordenada com a qual o homem poderia identificar-se. A frase “*livre no deserto*” (e por “deserto” entende-se um mundo desprovido de conforto natural, até mesmo intelectual) exemplifica para mim o que é mais importante para Cioran. A liberdade não é necessariamente algo que nos faz felizes, como os teóricos liberais querem acreditar. A liberdade tem um custo alto. No entanto, mesmo neste

deserto há momentos de grande beleza que podemos apreciar e dos quais podemos participar – uma beleza que não é o resultado de um sistema de pensamento ou de produção.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes até hoje?

J. F. D. – Quanto à pergunta anterior, queria também mencionar o estilo de Cioran, que é, claro, uma das primeiras coisas notáveis em seus livros. É uma bela escrita, é claro, mas às vezes acho que isso leva a uma sobrevalorização de Cioran como “estilista”. Toda a nossa literatura e filosofia seriam melhores se todos pudessemos escrever tão bem quanto Cioran. Mas para mim isso não é um ponto importante.

O que importa é que o estilo de Cioran combina perfeitamente com o conteúdo da sua filosofia. Cada pensamento é lindamente expresso, mas a leitura de um livro de aforismos é uma experiência de disjunção e contradição, o que combina com o pensamento central de Cioran. Essa combinação de forma e substância é algo que a filosofia contemporânea quase nunca tenta e, com algumas exceções, é claro, como Wittgenstein, quase nunca consegue. Para mim não faz sentido elaborar uma filosofia da contradição e da decadência numa prosa sistemática e deliberada. Talvez, se Cioran tivesse pertencido ao sistema acadêmico, teria sido forçado a escrever assim (por exemplo como Adorno). Mas Cioran teve a liberdade do exílio (não só do seu país, mas de todas as instituições) para poder encaixar perfeitamente a palavra e a ideia, sem se importar com as convenções acadêmicas.

Mesmo se rejeitássemos todas as ideias de Cioran sobre a consciência, o tédio, o sofrimento e coisas do gênero, a lição sobre *formas de escrita possíveis* permaneceria importante. Além disso, resta para mim a questão de como admitir os efeitos da *consciência submetida ao tempo*, uma questão central para a ética – mas que a maioria dos sistemas éticos modernos raramente considera. Em última análise, a obra de Cioran descreve claramente como esses efeitos são complexos e como distorcem a maioria das nossas ideias sobre bondade, justiça, progresso e assim por diante. Incorporar verdadeiramente essa ideia nos nossos conceitos de democracia e liberdade, por exemplo, requer uma pequena (ou não tão pequena) revolução.

C. V. – Que escritor(es) do século 20 poderia(m) ser comparado(s) a Cioran em termos

de estilo e temas de reflexão?

J. F. D. – No meu livro, tentei mostrar as similitudes entre Cioran, Unamuno e Camus. Não sei em que medida Unamuno é conhecido na França hoje. Quando publicou *O sentimento trágico da vida*, em 1913, o livro foi rapidamente traduzido para muitas línguas e lido em todos os países da Europa. Pelo que soube (mas posso estar errado), Cioran quis inicialmente ir para a Espanha estudar com Unamuno mas, impedido pela Guerra Civil Espanhola, acabou indo para a França. Mesmo que a história não seja verdadeira, é muito fácil entender porque Cioran esteve atraído por Unamuno. Embora se declarasse católico, Unamuno desenvolveu uma crítica da consciência do tempo muito semelhante à encontrada em Cioran. A ideia da vida humana como algo que está constantemente em guerra consigo mesma é bem desenvolvida ali, e estou certo de que teve influência em sobre Cioran.

Apesar das dificuldades pessoais que Cioran teve com Camus, acho que devemos considerá-las, retrospectivamente, como uma espécie de “rivalidade das pequenas diferenças”. Para mim, a comparação entre Cioran e Camus é uma das mais prolíficas e importantes da filosofia do século 20. Embora os dois terminem em lugares opostos – Camus o ativista, Cioran o “herói da preguiça total” – suas análises básicas da condição humana são tão semelhantes que é vital acompanhá-los do primeiro ao último passo. Primeiramente, é importante saber que a premissa de uma consciência submetida ao tempo não leva inexoravelmente a uma única conclusão, mas abre uma diversidade de respostas possíveis. O fato de que Cioran e Camus tiveram vidas tão diferentes – enquanto ambos tentavam aderir rigorosamente a uma filosofia pessimista – é justamente a razão pela qual a comparação entre eles é tão importante. Ambos nos oferecem uma espécie de fuga da “gaiola de ferro da modernidade”, mas é como se um chegasse ao Polo Norte e o outro ao Polo Sul, usando a mesma bússola.

C. V. – Você concorda com os exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

J. F. D. – Esta questão está longe de ser fácil. O difícil é identificar quais foram as contribuições mais importantes de Nietzsche. A influência de Nietzsche foi tão universal – mas também tão diversa, com diferentes elementos da sua obra tendo diferentes efeitos em diferentes áreas – que fica difícil determinar os seus principais herdeiros.

Esquemáticamente, eu dividiria a influência de Nietzsche em pelo menos 3 áreas principais. Primeiro, é a crítica da metafísica e da linguagem que preparou o terreno para tantos filósofos do século 20, de Heidegger a Derrida. Em segundo lugar, foi a sua influência como filósofo da cultura que levou aos mais variados desenvolvimentos no campo das artes e nos estudos das artes. Mas a terceira área importante, a que apresenta Nietzsche como cético e estilista (novamente, como um proponente da filosofia como *modo de vida*), é o que torna justificável a interpretação de Cioran como o principal continuador de Nietzsche no século 20. Acho justo dizer que Nietzsche buscava uma outra forma de se relacionar com sua própria consciência, em um nível elementar – e esse foi certamente um projeto que Cioran levou adiante.

Em outra abordagem, muitos dos exegetas de Nietzsche dividem a sua obra em três fases principais: inicial, intermediária e tardia. O Nietzsche do período intermediário, especialmente em *Humano, demasiado humano* e *Aurora*, é a melhor razão para argumentar que Cioran é o sucessor de Nietzsche. No período inicial, Nietzsche ainda tem apegos metafísicos e, no período tardio, teorias históricas e ambições grandiosas. Mas no período intermediário, Nietzsche permanece cético em relação a todos os tipos de dogmas e escreve em um estilo aforístico que nos faz pensar em Cioran. A ideia de que o ceticismo não é apenas uma posição intelectual, mas a base de um modo de vida, ainda que incomum, é muito importante para ambos e é algo que deve ser levado muito a sério.

C. V. – Como a obra de Cioran é lida hoje nos Estados Unidos?

J. F. D. – Infelizmente, devo admitir que Cioran ainda recebe muito pouca atenção nos Estados Unidos, na minha área. Claro, é bem conhecido entre os especialistas de língua romena e literatura francesa. No entanto, no mundo da filosofia e da teoria política, do qual faço parte, dificilmente você encontrará muitas pessoas que tenham lido a obra de Cioran, e menos ainda que tenham escrito sobre ela. O estilo aforístico de Cioran não é muito apreciado nesses círculos, então, mesmo quando alguém entra em contato com um de seus livros, muitas vezes falta a base crítica necessária para entendê-lo. É fácil apreciar a escrita como uma espécie de “literatura”, mas, para alguém treinado na filosofia anglófona, muitas vezes é difícil entender a teoria envolvida.

Eu esperava que isso pudesse mudar quando Ilinca Zarifopol-Johnston publicou *Searching for Cioran* (2009), mas a morte prematura da autora resultou em um livro

Cioran, um aventureiro imóvel

incompleto, cujo foco estava mais na biografia (que é bastante interessante) e menos na filosofia. Claro, o pessimismo é em geral mais difícil de ser assimilado nos Estados Unidos, e não é só Cioran que tem esse problema. Fiz o possível para mudar isso, mas acho que é preciso uma geração com outras prioridades além desta para apreciar plenamente o que Cioran tem a oferecer.

“CIORAN ERA UM SOLITÁRIO PARA ALÉM DA SOLIDÃO”

PHILIP DRACODAÏDIS



Philip Dracodaïdis nasceu em 1940 em Chalkida (Cálcis), na Grécia. É formado em sociologia, história e literatura comparada na França (pela Sorbonne e Universidade de Montpellier). Ocupou cargos de direção em agências de publicidade, empresas multinacionais e empresas de consultoria empresarial. Especializou-se em gestão cultural e atua como especialista internacional em estratégia e preparação cultural, protegendo e valorizando patrimônios culturais. É autor de romances, coletâneas de contos e ensaios. Seus ensaios se concentram em questões contemporâneas como o terrorismo em face das utopias de estabilidade, a literatura como produto

nas mãos dos “mercadores da cultura” (*coaches*, agentes, *publishers*), a memória humana em face da “memória” do computador e as tendências do presente e do futuro na era do Antropoceno. Traduziu os Ensaio de Montaigne, *Gargântua e Pantagruel* de Rabelais, *O Herói e Oráculo Manual e Arte de Prudência* de Baltasar Gracián, *O Guardador de rebanhos* de Fernando Pessoa e *A Planície em chamas* de Juan Rulfo. É Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras (França), Oficial da Ordem de Isabela Católica (Espanha) e membro fundador da Sociedade de Autores Gregos. Integrou a equipe que reorganizou o Ministério da Cultura da Romênia (1991-2001). Em 2015, a editora italiana Scuola de Pitagora Editrice publicou *Intervista com Philippe D. Dracodaïdis*, editado por Antonio di Gennaro. No mesmo ano, Dracodaïdis publicou na revista *Alkemie*, nº 15, o artigo “Cioran, mythologie d’une rencontre”, no qual relata o seu encontro Cioran em 1985, em Atenas.

CIPRIAN VĂLCAN – Que aspectos da obra de Cioran chamaram sua atenção na primeira leitura e quais você continua considerando importantes hoje?

PHILIP DRACODAÏDIS – Há livros que não podemos ler da primeira à última página. E com razão, se estamos falando de pensadores que transtornam a ordem estabelecida

não pela vaidade de um prazer egoísta, mas para revelar o que está presente sem fazer barulho. Não é espanto nem preguiça malemolente o que bloqueia a leitura, mas a liberdade de proceder em etapas, sem ordem preestabelecida, para além da tirania de ter que passar de um capítulo a outro. Cioran é certamente um profissional desse lance de dados que jamais eliminará o acaso da leitura em benefício do leitor, o seu semelhante, o seu irmão. O leitor retorna ao pensador. E, se não retorna, rolar o dado faz parte da sua bagagem de jogador.

C. V. – Você o conheceu pessoalmente. Como era *o homem* Cioran?

P. D. – O personagem era distante. Ele piscava os olhos, mostrando que não estava à vontade ao primeiro contato; precisava de tempo para ter certeza de que valia a pena aparecer, conversar. A espontaneidade das perguntas, a força da voz, um movimento de mãos para apressá-lo a falar, tudo isso era um bom começo de conversa. Em vez de curvar-se ao interlocutor, agarrava-se aos braços da poltrona, meneando de um lado para o outro, com ares de clérigo avaliando pecados para determinar o castigo de quem estava à sua frente. Cioran estava seguro dos seus escritos, mas parecia querer examiná-los. O seu meio-sorriso provou que seu pensamento funcionava bem; o aperto parcial dos lábios provava que ele voltava a refletir sobre o assunto em discussão. A minha entrevista com Cioran, do Instituto Francês de Atenas, em 1985, terminou da seguinte forma:

Eu: “Você escreve que “ser é estar encurralado”.¹ Podemos terminar a entrevista com “*être coincé*”?”

Ele: Sim, claro, “*être coincé*”.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

P. D. – Há um lado de Cioran que, a meu ver, não foi atualizado e ainda está por ser descoberto. É o seu lado *balcânico*, um legado de lutas, conveniências, traições e esperanças, genocídio e fraternidade, uma mistura de religiões e tradições, participações e exclusões, um espaço onde a compreensão mútua e as suspeitas sociais se entrelaçam e se esquecem em massacres incontroláveis, onde intervêm os protetores do Norte e do Oeste exibindo as suas manobras para o bem transitório das populações locais e para o mal intemporal de todas as classes sociais, cujos fundamentos nunca são estáveis.

1. “Être, c’est être coincé”. CIORAN, *Écartèlement*, in *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1995, p. 1458.

Um legado de mais de cinco séculos à margem dos desenvolvimentos europeus e que se interpreta localmente ao longo de alianças precárias, graças a personalidades cuja envergadura, peso político e cultural é o apanágio de espíritos audazes e a destruição de espíritos corruptos, uma modernidade que caducou antes mesmo de atingir a idade adulta. Um espaço aberto que foi quebrado. Poucas palavras, um terno feito para todos e para ninguém, um caminho aberto para a glória da vida que levou a muitos impasses de morte e terror...

Cioran carrega toda essa herança. A sua obra é o espelho dessa herança que se camufla sob o manto de outra língua, o francês, distinta da sua língua materna, em Sibiu e arredores onde o turco, o grego, o romeno, o hebraico, o alemão, o tártaro e muitos dialetos tinham direito de cidadania.

Cioran tem o caráter trágico do pensamento balcânico cuja lógica gera paradoxos, absurdo, a complexidade da evidência e a virgindade do invisível. Cioran tem um lado Panait Istrati² (o seu lado “fora da lei”) e um substrato Ion Luca Caragiale³ (irônico/onírico/pragmático). Não é por acaso que o iniciador do teatro do absurdo é o romeno Eugen Ionescu, que abriu mão da língua materna para escrever em francês.

C. V. – Você concorda com os intérpretes que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

P. D. – Cioran não deixou herdeiros; personalidades que fizeram contribuições tão ousadas para restabelecer um presente soterrado por dogmas e utopias não têm (felizmente) pares nem epígonos. Eu sustento que não há nada de nietzschiano nele. Se interpretarmos a brutalidade da sua reflexão, seus golpes diretos no alvo, seu moralismo peripatético (uma “ética” violentamente antimoralista) como teste de força, do super-homem ou outras conveniências, estaremos enganados. Cioran foi o apóstolo

2. Panait Istrati (1884-1935) foi um escritor romeno que escreveu grande parte de sua obra em língua francesa, como Cioran. Em virtude disso, e graças às traduções portuguesas dos seus livros, o nome de Panait Istrati começa a aparecer no contexto literário e cultural brasileiro na década de 1960. Destaca-se a coletânea *5 obras primas da novela contemporânea* (1964), na qual Istrati figura ao lado de Jean-Paul Sartre, John Steinbeck, David Herbert Lawrence e Thomas Mann. Istrati foi saudado por personalidades brasileiras como o embaixador Pascoal Carlos Magno (1906-1980) e Nelson Vainer, que inclui um perfil do escritor em seu *Universalidade da cultura romena*, de 1974 (N. do E.).

3. Ion Luca Caragiale (1852-1912) foi um dramaturgo e contista romeno. A sua obra teve uma boa divulgação no Brasil a partir da década de 1960, a começar pela edição e encenação de algumas das suas peças de teatro, que foram apresentadas em Belo Horizonte e Campinas (N. do E.).

Cioran, um aventureiro imóvel

do impasse, da majestade do olhar que descreve o céu aberto apesar das nuvens que lá estão, porque as nuvens passam, mas o azul do céu permanece.

Não sou especialista em Cioran, nem mesmo um leitor assíduo dele, mas continuo sendo o seu fiel leitor. Tive a sorte de o conhecer graças à sua visita a Atenas por ocasião da entrevista que acabo de mencionar. Consegui manter contato com ele durante os últimos anos de sua vida, uma correspondência quase “amigável”, através da qual pudemos aprofundar a rejeição da facilidade reflexiva, cultivar “o pensar” (*a gândi*) em vez de “pensamentos” (*gândirii*), falar pouco para falar melhor. A sua preferência por Pascal em vez de Montaigne e seu respeito pelos *moralistes* não são indícios de um método de trabalho, mas escolhas para glorificar o “inconveniente de ter nascido”, essa deficiência que só pode aumentar a grandeza da vida. *Cioran era um solitário que estava além da solidão*. Para a nossa felicidade, ele não se tornou professor de filosofia, nem um comentador universitário, nem um pesquisador de laboratório. Cioran é um achado que ainda está por ser descoberto.

“CIORAN É O MAIS ‘MONOGRAFADO’ DOS ESCRITORES”

FARKAS JENŐ



Farkas Jenő (1944-) é diretor da editora Palamart Book Publishing, historiador da literatura, tradutor e professor de literatura romena na Universidade Eötvös Loránd de Budapeste. Após graduar-se na Escola Secundária Petőfi Sándor em Székelykeresztúr (1965), obteve o diploma de professor na área de História da Romênia na Escola de Formação de Professores de Marosvásárhely. Licenciou-se em franco-romeno pela Faculdade de Letras da Universidade de Bucareste (1972) e obteve um diploma de tradutor romeno-húngaro (1976). Doutor em humanidades pela Universidade Eötvös Loránd (1986). Licenciado em

tradução romeno-húngaro e húngaro-romeno pelo Centro de Formação em Tradução e Interpretação da Faculdade de Letras da ELTE. É autor de livros sobre história literária e literatura comparada em húngaro e numerosos estudos em húngaro, romeno e francês. Editou o número especial da revista *Nagyvilág*, de julho de 2012, dedicada a Cioran. É o tradutor de Cioran para o húngaro.

CIPRIAN VĂLCAN – Como você conheceu a obra de Cioran? Foi quando vivia em Bucareste ou depois de se estabelecer em Budapeste?

FARKAS JENŐ – Meu primeiro contato efetivo com a obra de Cioran foi relativamente tarde. Em meados da década de 1980, fui convidado a colaborar com a *Enciclopédia da literatura universal* de Budapeste, na preparação de artigos sobre literatura romena. Notei com espanto a presença no primeiro volume (1970) de um artigo bastante elogioso sobre Emil Cioran, tendo em conta a “crítica” obrigatória da filosofia ocidental segundo o modelo do léxico soviético. Foi então que comprei um exemplar de *História e utopia* em Paris. Ao ler a “Carta a um amigo longínquo”, devo confessar que me senti, como húngaro, diretamente tocado, e, quanto mais avançava na leitura, mais se aprofundava este sentimento.

Trate-se de exílio, língua, fé, história, crise, decadência, as suas palavras me pareciam declarações inequívocas: “Inveja, confesso, a arrogância de nossos vizinhos,

invejo até a sua língua, feroz, de uma beleza que nada tem de humana”, etc., o que me lembrou os artigos políticos de Eminescu, publicados em *Federațiunea*¹ cem anos antes, e que eram uma espécie de catecismo anti-húngaro. Mas seria errado parar por aqui, pois o ódio Cioran, em seu estado puro, se transforma em uma vontade de esclarecimento de sua posição perante a Hungria: “Quem se revolta, quem se insurge? Raramente o escravo, mas quase sempre o opressor transformado em escravo.”² Essa carta endereçada a Noica pode, portanto, ser considerada uma redefinição do capítulo suprimido de *Transfiguração da Romênia* (1936).

Por mais paradoxal que possa parecer, há uma *dimensão húngara* no subjetivismo cioraniano: “Embora só conheça suas blasfêmias, ela me agrada muito, não me canso de escutá-la, me encanta e me gela, sucumbo a seu encanto e a seu horror, a todas essas palavras, de néctar e de cianureto, tão adaptadas às exigências de uma agonia. É em húngaro que se deveria expirar, ou então renunciar a morrer.”³ Existem inúmeras passagens da obra que demonstram a húngaridade (*unguritate*) de Cioran. Citarei apenas uma breve nota de um livrinho esplêndido, o *Caderno de Talamanca*: “24 de agosto. Talamanca. Ir pela última vez contemplar o moinho de vento ao pôr do sol. Ninguém por perto. Silêncio. O céu e o mar. Ibiza à frente. Cantarolei interiormente lamentações húngaras, que me parecem combinar com todas as paisagens.”⁴

Seguiram-se *Breviário de decomposição*, *La Chute dans le temps* e *Écartèlement*, e depois os escritos romenos republicados após 1990. Por exemplo, um manifesto como “Quousque eadem?” (o último texto do *Breviário*) me faz querer reler Eminescu e Sêneca. Os *Cahiers* (Cadernos) de Cioran são o meu “romance” favorito, junto com o diário do também exilado e pessimista Márai Sándor, que se suicidou em 1989, nos Estados Unidos.

C. V. – Você traduziu Cioran primorosamente para o húngaro. Que dificuldades encontrou na tradução?

F. J. – Sempre me interessei pela transição de Cioran do romeno para o francês. É certo que ele não era nem um pouco alheio a mistificações neste sentido. “Quem renega a

1. *Federațiunea* foi um jornal político, literário, comercial e econômico que circulou na Romênia de 1868 a 1876 (N. do E).

2. CIORAN, *História e utopia*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 17.

3. *Ibid.*, p. 18.

4. IDEM, *Caderno de Talamanca*. Trad. de Flávio Quintale. Belo Horizonte: Âyiné, 2019, p. 52.

sua língua para adoptar outra, muda de identidade ou até de decepções. Heroicamente traidor, rompe com as suas recordações e, até certo ponto, consigo próprio”.⁵ O câmbio de idioma pode ser apreciado não apenas no nível do estilo, mas também como um “ato consciente” de construção rigorosa na “língua de estufa” que era, para Cioran, o francês. Um aforismo datado de 1947-1948, publicado por ele na revista de Mircea Eliade, *Luceafărul* (Paris, 1949): *În istoria gândului n-am găsit nici o categorie pe care să-mi reazim fruntea* [Na história do pensamento não encontrei nenhuma categoria na qual repousar a cabeça], aparecerá anos depois, em francês, em *Silogismos da amargura*, em nova roupagem: “Não encontrei no edifício do pensamento nenhuma categoria sobre a qual descansar a minha cabeça. Em compensação, que travesseiro o caos!”⁶

Cioran substitui “história” por “edifício”, um termo de espacialidade, no intuito de generalizar a ideia de caos, que abarca todo o universo. A finalidade de um verdadeiro filósofo, segundo Cioran, é estabelecer a ordem por meio do pensamento, mediante categorias ordenadoras infalíveis, que ainda não existem na história da filosofia. Aqui vemos a sua insatisfação com as insuficiências da filosofia! Em relação à versão romena, o aforismo em francês é completado com uma *certeza da incerteza* (o caos) e a segunda parte (“em compensação, que travesseiro o caos!”) cria um equilíbrio perfeito que abre perspectivas alucinatórias. É assim que o aforismo se transforma em um *axiome du crépuscule* [axioma do crepúsculo]. E esse “heroicamente traidor” não me parece tão traiçoeiro! Quando se traduz Cioran, é preciso levar em conta esse longo, às vezes árduo, processo de desenvolvimento do texto, as conexões intertextuais da sua obra.

C. V. – Como você interpreta a relação entre Cioran e Nietzsche?

F. J. – Como Nietzsche, Cioran é, acima de tudo, um poeta-pensador. Sua obra é mais literária do que filosófica. Ele é considerado um “ateu”, assim como o seu predecessor alemão. A sua recusa em crer torna-se uma obsessão sem saída. Surge a pergunta: esta luta de vida ou morte pode levar ao nascimento de uma nova moralidade? O cardeal Ravasi, presidente do Conselho Papal para a Cultura, descreveu Cioran como um *ateo credente* cujas imprecações podem ser consideradas orações invertidas. Elas influenciarão a redefinição da espiritualidade europeia nesta era de crise? É possível que sim.

5. IDEM, “Vantagens do exílio”, *A tentação de existir*. Trad. de Miguel Serras Pereira e Ana Luisa Faria. Lisboa: Relógio D’Água, 1988, p. 47.

6. IDEM, *Silogismos da amargura*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 25.

C. V. – Como as páginas escritas por Cioran sobre húngaros foram recebidas na Hungria?

F. J. – O escritor húngaro Bajomi Lázár Endre publicou no jornal *Magyar Nemzet*, em 1961, um retrato interessante de Cioran, talvez o único dos anos 1938-1939 feito por um estrangeiro. O café *Source* no boulevard Saint-Michel era o lugar favorito dos escritores húngaros em Paris, e um estudante romeno “acabrunhado, com uma fala ligeiramente arrastada e murmurante”, discutia quase diariamente com esse grupo de húngaros, bastante misterioso (dizia-se que tinha sido membro da Guarda de Ferro), “um excêntrico confuso que lançava virulentamente na densa fumaça do café teorias antissociais e até anti-humanas” escreve Bajomi Lázár Endre.

Após a sua libertação, continua B. J. E., aquele jovem, chamado Emil Cioran, tornou-se um *docteur ès décadences*, um dos profetas pessimistas da inteligência francesa. Ele qualifica-o como uma espécie de “pássaro da morte” que, em seu “Retrato do homem civilizado”,⁷ na *Nouvelle Revue Française*,⁸ defende os antropófagos e os analfabetos. Cioran aparece, portanto, sob uma luz tão negativa quanto possível, mas este artigo-estudo, de quase uma página de jornal, conseguiu apresentar nas entrelinhas uma corrente de ideias e uma figura de destaque da “cultura ocidental decadente” que era Cioran. Acho que não exagero se digo que é um retrato à *l'envers* [ao avesso].

Não esqueçamos que Cioran também faz um breve retrato dos emigrantes parisienses que podem ter ligações com o grupo da *Source*: “de manhã até a noite eu perambulo entre emigrantes desinteressantes e imbecis, e me acomodo pelos cafés em uma absurdidade elevada à demência” (carta de 28 de novembro de 1938).

Não é de surpreender que vários escritores húngaros antes de 1989 tenham recorrido à “ajuda” de Cioran em debates com romenos sobre temas nacionais. Um dos grandes escritores húngaros, Illyés Gyula, amigo de Tristan Tzara, entre outros, confessa, em um livro de 1978, que, “se algum dia eu esperasse chegar a um consenso sobre a questão das nacionalidades em um debate, escolheria E. M. Cioran como o principal interlocutor. Ele fala não apenas em nosso nível europeu, mas com a nossa profundidade. Ele é um homem tão culto que não precisa deitar-se no divã de um

7. Uma versão portuguesa do texto (traduzido por Rodrigo Inácio R. Sá Menezes), está disponível na revista (n.t.) *Nota do Tradutor*, no 17, vol. 2, dezembro de 2018 (N. do E.).

8. Como muitos outros textos de Cioran, publicados antes na N.R.F. e posteriormente transformados em capítulos de livros, “Portrait du civilisé” é o segundo capítulo de *La Chute dans le temps* (1964).

psicoterapeuta: ele fala da nossa alma.” Da mesma forma, em 1983, no escândalo causado pelo livro de Ion Lăncrănjan, *Cuvînt despre Transilvania* [Palavra sobre a Transilvânia], o escritor Száraz György apela para ajuda de Cioran que, segundo o autor húngaro, “analisa em profundidade a caracterologia dos húngaros em vez de proferir calúnias ao modo de Lăncrănjan”.

Ademais (e isso teria divertido Cioran), uma editora de extrema-direita de Budapeste o excluiu, em 2001, de uma coletânea de textos sobre as variedades espirituais do nacionalismo romeno na década de 1930 (com textos de Corneliu Codreanu, Mircea Eliade, Nae Ionescu, Constantin Noica e Vasile Lovinescu), sob o argumento de que ele posteriormente “*fez declarações contraditórias e quis ser independente a qualquer custo*”. A conclusão dos editores: “*Do ponto de vista ideológico, Cioran não corresponde nem aos critérios da esquerda nem aos da direita.*” Mas era exatamente isso que desejou por toda a sua vida! Paralelamente à recepção política que, infelizmente, supera em muito a estética, os seus livros começaram a aparecer em traduções húngaras a partir de 1990. Atualmente há dez títulos dele em húngaro. Cumpre mencionar também os nomes de Fejtő Ferenc, amigo de Cioran, Réz Pál, que o visitou em Paris, tendo mantido uma correspondência com ele, Fázsy Anikó, Csiszter Kálmán e Karácsonyi Zsolt que traduziram os seus livros.

C. V. – Como é a recepção crítica de Cioran atualmente na Hungria?

F. J. – Com o título *Hommage à E. M. Cioran* [Homenagem a E. M. Cioran], saiu este verão⁹ um número especial da revista *Nagyvilág* inteiramente dedicado ao escritor romeno. A nossa intenção era apresentar a sua personalidade e a sua obra sob diversos prismas, de leitores franceses (Patrice Bollon, Michel Deguy, Jacques Le Rider), romenos (Marta Petreu, H-R. Patapievici, Cornel Ungureanu, Stelian Tănase, Nicolae Turcan, Ciprian Vălcan, Dan. C. Mihăilescu, Ion Vartic, Sorin Lavric, Livius Ciocârlie) e húngaros (Illyés Gyula, Fejtő Ferenc, Farkas Jenő, Zalán Tibor). A bibliografia atualizada da obra, traduções húngaras e monografias sobre Cioran, completam esta importante edição celebratória. Quem consulta a lista de livros publicados sobre Cioran percebe que ele é um dos escritores mais “monografados” e, portanto, um dos mais importantes do século 20.

9. Junho de 2012 (N. do E.).

Formés à l'école des velléitaires, idolâtres du fragment et du stigmaté, nous appartenons à un temps clinique où comptent seuls les cas. Nous nous penchons sur ce qu'un écrivain a tu, sur ce qu'il aurait pu dire, sur ses profondeurs muettes. S'il laisse une oeuvre, s'il s'explique, il s'est assuré notre oubli. Magie de l'artiste irréalisé..., d'un vaincu qui laisse perdre ses déceptions, qui ne sait pas les faire fructifier.

[Formados na escola dos veleidosos, idólatras do fragmento e do estigma, pertencemos a um tempo clínico em que só importam os casos. Só nos interessa o que um escritor calou, o que poderia ter dito, suas profundidades mudas. Se deixa uma obra, se explica, assegura nosso esquecimento. Magia do artista irrealizado..., de um vencido que desperdiça suas decepções, que não sabe fazê-las frutificar.]

CIORAN, *Silogismos da amargura*

“CIORAN É MUITO DISTINTO DOS SEUS CONTEMPORÂNEOS”

MICHAEL FINKENTHAL



Michael Finkelthal é cientista e estuda a física dos plasmas quentes. Nas ciências humanas, concentra-se na pesquisa de fenômenos complexos na cultura e na sociedade, bem como nos aspectos multidisciplinares envolvidos. Tem publicado livros, ensaios e artigos nas áreas mencionadas, além de estudos sobre autores como Emil Cioran, Eugène Ionesco, Lev Chestov e Benjamin Fondane. É coautor, com William Kluback, de *The Temptations of Emil Cioran* (New York, Peter Lang, 1997) e *The Clown in the Agora – Conversations about Eugen Ionesco* (New York, Peter Lang,

1998). Individualmente, é autor de *Interdisciplinarity – Toward the definition of a metadiscipline?* (New York, Peter Lang, 2000), *Complexity, Multidisciplinarity, and Beyond* (New York, Peter Lang, 2008), *Lev Shestov: Existential Philosopher and Religious Thinker* (New York, Peter Lang, 2010), *Benjamin Fondane: The Poet Philosopher between the Existential Monday and the Sunday of History* (New York, Peter Lang, 2012) e *D. Trost: Intre realitatea visului si visul ca realitate* (București, Tracus Arte, 2013). Michael Finkelthal leciona na Universidade John Hopkins de Baltimore.

CIPRIAN VĂLCAN – Quando você leu Cioran pela primeira vez?

MICHAEL FINKENTHAL – Quando deixei a Romênia, em 1970, Cioran ainda não era a *persona grata* (sic) que se tornaria. Não havia sido republicado ou traduzido para o romeno. Meu mentor intelectual naquela época, morando em Cluj, Radu Enescu, me contou sobre a carta de Cioran a Noica e captei o sorriso sarcástico do ex-membro do círculo literário de Sibiu ao proferir a famosa frase sobre “palha espalhada ao pé dos Cárpatos” (*pleava risipită la poalele Carpaților*). Em 1977, eu cursava pós-doutorado em Paris e lá encontrei o “Cioran francês” pela primeira vez (acho que os livros romenos ainda não estavam traduzidos, sendo, portanto, inacessíveis para mim).

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes hoje?

M. F. – Os primeiros livros de Cioran que li durante a minha estadia em Paris (1977-1979) foram *Breviário de decomposição* (1949), *Silogismos da amargura* (1952), e *A tentação de existir* (1956), os livros publicados por Cioran na França nos primeiros dez anos após a guerra, e que o tornariam conhecido no Ocidente. Eu lia um autor até então desconhecido para mim, e tive a impressão de que Cioran foi feito para escrever aforismos; uma escrita fragmentária e fragmentada, cheia de sabedoria e substância, mas ao mesmo tempo impregnada (se não dominada) pelos humores do autor (como ele próprio admitiria mais tarde). Com efeito, nas conversas com Sylvie Jaudeau, publicadas em 1990 sob o título *Entretiens* (José Corti, Paris), Cioran afirma: “O fragmento, único gênero compatível com meus humores, é o orgulho de um instante transfigurado, com todas as contradições que decorrem dele”.¹

O efeito que o *Breviário* teve sobre mim foi muito forte. Mais tarde, lendo *Nos cumes do desespero* (1934) e *O Livro das ilusões* (1936), publicados na Romênia antes da guerra, imediatamente reconheci o “Cioran francês” e entendi porque ele afirma, na entrevista com Sylvie Jaudeau, que “meu primeiro livro já contém virtualmente tudo o que disse depois. Só o estilo é diferente.”² Voltando ao *Breviário de decomposição*: antes mesmo de olhar o índice, com aqueles títulos estranhos à sua maneira, o que me chamou a atenção foi a epígrafe extraída de Shakespeare: *I'll will join with black despair against my soul, and to myself become an enemy* [Contra minha alma eu me juntarei ao negro desespero e farei de mim própria inimiga].³ Cada página do livro confirma uma aguda desilusão (é preciso ler a obra romena para perceber que se trata antes, na realidade, do *desespero*): na visão de Cioran, o homem nada mais é que um espírito escravizado à mediocridade, dominado pela obsessão de *ser útil*: “Fora dos cétricos gregos e dos imperadores romanos da decadência, todos os espíritos parecem submetidos a uma vocação municipal.”⁴

1. CIORAN, *Entretiens avec Sylvie Jaudeau*. Paris: José Corti, 1990, p. 33. A entrevista com Sylvie Jaudeau foi parcialmente publicada no Brasil, em português: *Entrevistas com Sylvie Jaudeau*. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2001 (N. do E.).

2. IDEM, *Entrevistas com Sylvie Jaudeau*, p. 30.

3. A frase é proferida por uma personagem feminina, Isabel, na segunda cena de *Ricardo III* (N. do E.).

4. IDEM, “A soberba inutilidade”, *Breviário de decomposição*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 28.

Em seu delírio ininterrupto, essa criatura lamentável se cria uma realidade em que qualquer ideia, por mais neutra que possa ser de início, acaba se tornando um ato criminoso: “*Sob cada fórmula faz um cadáver*”.⁵ Esse é o mecanismo pelo qual o autor se torna – como nos adverte a epígrafe do *Breviário* – o seu próprio inimigo. Lendo o *Breviário*, fui arrebatado pela ideia que me parecia definir a *Weltanschauung* [visão de mundo] de Cioran: há um *mal fundamental*, uma ausência maligna na própria fibra da existência humana. Um “mal que possui a mesma extensão do ser”, que “é o ser mesmo”.⁶

Se o *Breviário* me perturbou profundamente, o livro seguinte me revelou um autor capaz de superar a fase iconoclasta, ainda que o seu percurso continuasse dominado pelo amargo sentimento da *inutilidade*. Cioran se queixava de que os *Silogismos da amargura* (1952) não tiveram êxito porque não teriam sido compreendidos nem pelo grande público nem pelo leitor especializado. Ele tinha razão. Só quem viveu concretamente a mesma experiência de Cioran, nos vinte anos que antecederam a sua publicação, em 1952, poderia começar um livro assim: “Formados na escola dos veleidosos, idólatras do fragmento e do estigma, pertencemos a um tempo clínico em que só importam os *casos*.”⁷

Nem Camus, nem Sartre, nem mesmo os surrealistas que permaneceram fiéis a André Breton poderiam concordar com esse postulado. Ou com uma observação como: “Mil anos de guerra consolidaram o Ocidente; um século de ‘psicologia’ pôs-lhe a corda no pescoço”.⁸ Lendo-o com a memória ainda viva do *Breviário*, fiquei bastante impressionado com a habilidade com que o autor conseguia sintetizar em uma frase um argumento desenvolvido em um subcapítulo inteiro no livro anterior. Por exemplo, aquela pérola: “Ser *moderno* é remendar no Incurável”,⁹ a partir da qual um tomo inteiro poderia ser escrito...

Silogismos da amargura é um livro de síntese. Muitas das ideias ali expressas permanecem extremamente relevantes inclusive para o leitor “pós-pós-moderno” (sic). Esse “escroque de abismos” desceu muitas vezes ao fundo de um abismo intelectual-afetivo para voltar à superfície com alguns fragmentos de grande verdade: a dele, a dos

5. IDEM, “No cemitério das definições”, *Breviário de decomposição*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 19 (itálico nosso).

6. IDEM, “Virando as costas ao tempo”, *Ibid.*, p. 76.

7. IDEM, *Silogismos da amargura*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 11.

8. *Ibid.*, p. 48.

9. *Ibid.*, p. 23.

outros? Para ele, para os outros? Eu me detive neste aforismo: “Com muita precaução ando em volta das profundidades, roubo delas algumas vertigens e fujo como um escroque de abismos.”¹⁰ Como essa afirmação se relaciona com duas outras que a precedem: “As ‘fontes’ de um escritor são suas vergonhas”¹¹ e “quase todas as obras são feitas com clarões de *imitação*”¹²?

C. V. – Você concorda com os intérpretes que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

M. F. – Cioran é o continuador de... Cioran. Sabemos que na França ele era amiúde considerado o continuador da tradição dos grandes *moralistes* após Montaigne; na filosofia, foi comparado a Nietzsche. Mas este último tinha uma visão, representada pelo Zarathustra, que Cioran não compartilhava. Houve, claro, um momento na vida de Cioran em que ele pensou que era, ou que poderia se tornar, o arauto de uma boa-nova, após a descida da montanha chamada *Berlim*, mas a “transfiguração” sonhada por ele não tinha, além da retórica, nada em comum com a pretensão de Nietzsche de transformar o homem em um “super-homem” (*supra-om*).

Ademais, encontraremos nos *Silogismos* uma descrição bastante sucinta de algumas ideias-chave de Nietzsche, além de algumas observações críticas a respeito do filósofo alemão. Descobrimos que, se é verdade que há diferenças essenciais entre os dois no plano das ideias, o perfil psicológico deles é por vezes muito similar. Cioran observa a tendência de Nietzsche para uma “idolatria da força”,¹³ o que representaria nada mais do que uma tensão interior projetada para fora, uma embriaguez que interpreta e aceita o devir”.¹⁴ Quem aparece aqui, pergunta-se o leitor, Nietzsche ou o Cioran dos anos anteriores à Segunda Guerra (1936-40)? “Todo seu ódio se dirige indiretamente contra si mesmo”, escreve Cioran sobre Nietzsche, mas o mesmo poderia ser dito sobre ele mesmo. Os dois eram *niilistas*? “Seu diagnóstico do niilismo é irrefutável: porque ele mesmo é niilista e o confessa”.¹⁵ Cioran sempre rejeitou a classificação de *niilismo*, apesar de tudo o que escreveu e do que foi escrito sobre ele.

10. *Ibid.*, p. 24.

11. *Ibid.*, p. 16.

12. *Ibid.*, p. 22.

13. *Ibid.*, p. 34.

14. *Ibid.*, p. 34.

15. *Ibid.*, p. 35.

C. V. – Que escritor do século 20 pode ser comparado a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

M. F. – É uma pergunta difícil, ao menos para mim. A hesitação e a dificuldade em responder são sinais do meu apreço por Cioran. É difícil identificar um autor comparável. Comparar é fixar em um padrão para analisar. Porém, é difícil, senão impossível, consertar, fisgar um “escroque”. Cioran é “fluido” tanto em termos de expressão quanto de conteúdo. Claro que encontramos coisas sábias, aforismos cintilantes em muitos autores do século 20, como Fernando Pessoa a Czeslav Milosz (ou Gombrowicz, que desgostava de Cioran). Cioran não é único, nem no conteúdo dos seus escritos, nem na forma de expressão. Contudo, é um autor muito distinto dos seus contemporâneos.

C. V. – Você acha que a obra de Cioran é devidamente lida na Romênia após 1989?

M. F. – É difícil para mim responder a esta pergunta também. Não acompanhei de perto o que foi escrito sobre Cioran na Romênia durante os anos de “transição”. Claro que leio artigos na imprensa literária, e houve anos em que lia todos os exemplares dos *Cahiers Cioran* editados pelo incansável Eugène van Itterbeck, em Sibiu. Leio às vezes uma ou outra tese de doutorado, ou um volume de ensaios publicados por autores como Dan C. Mihăilescu e Gheorghe Grigurcu, mas não o suficiente, e certamente não o suficiente de modo sistemático, para poder formular uma opinião consistente a esse respeito. Estudos como os de Marta Petreu e Ion Vartic, de Cluj, me pareceram impressionantes pela profundidade e sutileza das análises. Em muitos momentos, ficava surpreso ao encontrar “pérolas” como “*Cioran é uma mistura de Nietzsche e Anatole France*” (prefiro não citar a referência). Temo que, no clima de polarização intelectual que se criou desde 1989, avaliações sérias e aprofundadas, considerando não apenas o texto, mas também o contexto e o subtexto, tudo enquadrado na história cultural e política do século, são cada vez mais difíceis.

C. V. – Você vê diferenças entre a recepção crítica de Cioran na Romênia e no Ocidente?

M. F. – A última questão está relacionada de alguma forma às anteriores. Sim, acho que existem diferenças, mas provavelmente seria necessário um volume inteiro para responder. Talvez a solução mais imediata seja recomendar o *Cahier de l’Herne Cioran*.¹⁶

16. PIEDNOIR, Vincent; TACOU, Laurence (eds.), *Cahier de l’Herne Cioran*. Paris: Éditions de l’Herne, 2009.

GIOVANNI ROTIROTI

Cioran, um aventureiro imóvel

Lá se encontram artigos de autores romenos que escrevem no seu país e no exterior, lado a lado com autores estrangeiros que às vezes escrevem em casa e às vezes na Romênia. Este seria um bom começo na busca de uma resposta adequada à sua pergunta.

CIORAN, BACH, GOMBROWICZ

ALEKSANDRA GRUZINSKA



Aleksandra Gruzinska nasceu em Poznań, na Polónia. É professora emérita na Escola de Letras e Culturas Internacionais da Arizona State University. Tem bacharelado e mestrado em língua francesa pela State University of New York, em Buffalo (NY), e doutorado em língua francesa pela Pennsylvania State University. Os interesses teóricos de Gruzinska compreendem a literatura francesa do século 19 (poesia, romance, drama e autoras francesas), Octave Mirbeau, E. M. Cioran, George Sand, a

poetisa polonesa (ganhadora do Nobel) Wislawa Szymborska e o escritor polonês Witold Gombrowicz. Também se dedica à questão do destino dos Filhos da Guerra: crianças polonesas desacompanhadas em sua trajetória de exílio, desamparo, repatriação ou imigração da Polónia aos EUA, via Alemanha, Áustria, Itália e Espanha, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1951).

CIPRIAN VĂLCAN – Como você conheceu a obra de Cioran?

ALEKSANDRA GRUZINSKA – Entre 1964 e 1966 fui estudante de mestrado em Buffalo, na State University of New York (SUNY), no departamento de língua francesa. Quando chegou a hora, tive que escolher um tema para a minha dissertação. Eu estava interessada nas relações franco-polonesas. O Sr. Silbert, reitor da Faculdade de Língua Francesa, observara que não havia nenhum professor na SUNY que pudesse realizar esse tipo de pesquisa. Cada um tinha o seu programa específico e as relações franco-polonesas não faziam parte de nenhum deles. “Consulte o Sr. Raymond Féderman”, ele sugeriu em seguida, para não me desencorajar; talvez ele possa te ajudar.

Sobre as relações franco-polonesas, o Sr. Raymond Féderman, um jovem professor e um ambicioso professor, recém-chegado à SUNY, aos vinte e poucos anos, não manifestou nenhum entusiasmo. Mas, após refletir um pouco, ele me disse para ir

Cioran, um aventureiro imóvel

à biblioteca ler Cioran. Talvez você encontre algo do seu agrado, concluiu. Comece a ler o *Breviário de decomposição*. Foi a primeira vez que me deparei com o seu nome. Nem os meus ex-professores, nem os meus colegas sabiam que ele existia. E, ainda por cima, era um autor vivo, um romeno exilado em Paris! O Sr. Féderman parecia simpático, entusiasmado e cheio de boa vontade para comigo. Então fui à biblioteca, li o *Breviário de decomposição* e foi como “amor à primeira vista”. Ele me fisgou. E, na época, sem saber, me empenhei em fazer estudos de língua francesa que posteriormente teriam um sucesso inesperado, nos anos 1960. Mais tarde, Raymond Féderman entrevistou Cioran. A sua visita deixou uma recordação e um retrato memorável nos *Cahiers*.¹ Parece que minha entrevista com Cioran, anterior à de Féderman, também rendeu uma breve recordação nos *Cahiers*. Mas eu procurei por muito tempo e nunca a encontrei.²

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes hoje?

A. G. – O que descobri na primeira leitura do *Breviário de decomposição* é o exílio do país e da língua, o desafio de escrever em uma língua estrangeira e se destacar nela. Descobri o “medo de desabar com todas as palavras” e as dificuldades que acompanham a luta com as palavras de todos aqueles que precisam vencer, afirmar-se e aperfeiçoar-se numa língua estrangeira, entre estrangeiros. Cioran falou de situações que me eram familiares, com um estilo próprio, de forma fragmentária, mas dinâmica, o que me atraiu. Hoje, mais do que nunca, o mundo moderno é um mundo de emigrações, errâncias e deslocamentos. O problema do exílio, das línguas, das heterotopias, a necessidade de se adaptar a isso e de integrar os estrangeiros permanece atual. Achei a leitura de Cioran revigorante, estimulante, poética e musical, cheia de dissonâncias e contradições como

1. “24 de setembro [1966] – Visita de R. F., professor de francês na universidade de Buffalo. Origem polonesa. Os seus pais morreram em Auschwitz. Em 1942, é deportado. Tinha 12 anos. Salta do trem numa estação e sobe em outro, de mercadorias. Quando o seu trem (com os deportados) parte, ele é *tomado de angústia*; encontra-se em um vagão cheio de sacos de batatas. Ele come – desce em Toulouse, onde trabalha numa fazenda. Após a Libertação, ele vai para a América, onde faz todo tipo de trabalho... Ele me diz que está feliz, que tem uma jovem esposa, que ama a América, que é bem pago – o contrário do que diz a maioria dos intelectuais americanos de origem europeia, quase todos amargos. É o que uma boa natureza pode operar: ele, que deveria ser desesperado, não era nem um pouco. Nascemos felizes ou infelizes.” CIORAN, *Cahiers: 1957-1972*. Paris: Gallimard, 1997, p. 408.

2. Os nomes de amigos, conhecidos e outras pessoas com quem Cioran tinha contato (como Raymond Féderman) são normalmente grafados nos *Cahiers* por siglas (assim, por exemplo, R.F.). Não encontramos nenhuma referência a Aleksandra Gruzinska nos *Cahiers* (N. do E.).

“Escrever cartas de amor com um dicionário”³ e “Deus existe, mesmo que não exista”⁴

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

A. G. – Devemos comparar Cioran com Sartre ou Camus? Cioran formou um estilo e uma maneira de pensar e se expressar completamente pessoais. Ele permanece único mesmo entre seus compatriotas romenos e entre os escritores franceses que o consagraram como o melhor ensaísta do século 20. Cioran fala sobre pertencer a uma cultura inferior, menos conhecida, menos universal e cuja língua é falada por um número reduzido de pessoas. Graças ao sucesso da sua obra, ele provou o contrário. Nesse sentido, ficaria feliz em compará-lo a Witold Gombrowicz, mais ou menos contemporâneo dele. E ele fala sobre culturas inferiores que podem se tornar superiores. No caso de Gombrowicz, trata-se da literatura polonesa. E, ao contrário de Cioran, não parou de escrever em polonês porque queria provar que a grandeza cultural ou linguística não é privilégio das nações ocidentais. Gombrowicz tinha um complexo de superioridade que, de certa forma, Cioran também tinha.

C. V. – Você concorda com os intérpretes que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

A. G. – Não sou qualificada na obra de Nietzsche para poder responder a essa pergunta. A proximidade entre Nietzsche e Cioran recai no pessimismo e no niilismo que encontramos neles. Gostaria de destacar o lugar privilegiado que a música ocupa para ambos. Bach é o favorito de Cioran. As *Variações Goldberg* ocupam um lugar privilegiado para ele. Para Cioran, a música tem uma virtude redentora, de renovação. Transporta-nos para um mundo diferente, mais próximo de Deus. Cioran me recomendou assistir aos concertos nas igrejas de Paris durante as minhas estadias sabáticas na França. Ele estava sempre atualizado e bem-informado sobre o repertório musical de Paris.

C. V. – Como é a recepção crítica de Cioran nos Estados Unidos?

A. G. – O renome mundial de Cioran remonta a meados dos anos 70. Depois de 1995, ou seja, depois da sua morte, eu diria que a recepção permaneceu modesta, e até demais,

3. “Mudar de língua, para um escritor, é como escrever uma carta de amor com um dicionário.” CIORAN, *Aveux et anathèmes*, in *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1995, p. 1661.

4. IDEM, *Do inconveniente de ter nascido*. Trad. de Manuel de Freitas. Lisboa: Letra Livre, 2010, p. 169.

nos Estados Unidos. Artigos importantes não são mais encontrados na revista *Time* como antes. Liliana Nicorescu, do Canadá, publicou um volume nos Estados Unidos, em 2010, *L'Essayiste roumain Émil Cioran a-t-il été un fasciste anti-sémite ?*⁵ É um esforço para entender o contexto nacionalista do entreguerras. Em sua biografia, *Searching for Cioran* (Indiana University Press, 2009), Ilinca Zarifopol-Johnston apresenta um Cioran na soçobra em seus últimos anos.

Cioran tem seu lugar garantido nos colóquios de certas associações acadêmicas, dentre elas, a mais importante, a *Modern Language Association* (MLA). No programa de 2013 da *Rocky Mountain Modern Language Association* (RMMLA), em Vancouver, estado de Washington, um maravilhoso grupo de jovens pesquisadores romenos, franceses, canadenses e americanos, jovens cioranófilos entusiasmados, estão ampliando e garantindo a reputação de Cioran, como pode ser visto pelos temas propostos para a sessão sobre a obra romena e francesa de Emil Cioran.

Aurélien Demars, da Universidade Jean Moulin Lyon 3 e da Universidade de Saboia, propõe como tema “Le sens de la fin selon Cioran”. Liliana Nicorescu, do Québec, apresentará “*Corps et écriture: souffrance et thérapie chez Cioran*” [Corpo e escrita: sofrimento e terapia em Cioran]. Monica Garoiu, do Kenyon College, em Ohio, abordará “*La poétique du fragment dans l'œuvre de Cioran*” [A poética do fragmento na obra de Cioran]. Otilia Baraboi, da Universidade de Washington, falará em inglês sobre “*Cioran e Beckett: performatividade cultural e poética da autotradução*”. Terei o prazer de falar sobre “*Cioran e a música / Cioran sobre a música*”.

E esta geração de pesquisadores entusiasmados participará da criação de uma sessão regular para encontrar Cioran ano após ano nas conferências RMLA. Não devemos esquecer a A.R.A. – *American Romanian Academy of Arts and Sciences*. Cioran aparece com frequência na programação de conferências da A.R.A., as quais tem sido ultimamente mais frequentes na Romênia.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

A. G. – Mais do que uma interpretação, eu diria que existem interpretações, estudos temáticos. Escolhi o tema da *decadência europeia em Cioran* para a minha tese de dissertação. Durante a criação da União Européia e a renovação da Europa, pensei que

5. NICORESCU, Liliana, *L'Essayiste Émil Cioran a-t-il été un fasciste anti-sémite ?* New York: Mellen Press, 2010.

Cioran estava errado em sua avaliação do futuro da Europa. Mas hoje, com a crise econômica, parece que Cioran tinha razão. O que me interessava nele era a amizade, a admiração, a música e outros temas humanos. O seu maravilhoso ensaio sobre “um povo de solitários” (*A tentação de existir*), isto é, o povo judeu, revela-nos um espírito dinâmico, capaz de se renovar, de reinventar o passado sob outra luz.

Cioran fascina os jovens leitores que o abordam pela primeira vez em francês ou graças às traduções dos seus livros. Ele teve a honra de ser traduzido para o inglês por um importante poeta: Richard Howard. Não encontro nenhum sentimento antissemita na sua obra francesa. Exceto por alguns privilegiados, a sua obra romena era praticamente desconhecida até 1995. Segundo alguns críticos, como Sanda Stolojan e Ilinca Zarifopol-Johnston, há uma óbvia continuidade entre os textos de juventude e os de maturidade. Mas o tom e o estilo permanecem muito diferentes. Na obra francesa, não se trata mais da *transfiguração da Romênia*, mas da transfiguração de *Cioran*.

« Dieu n'a rien créé qui lui soit plus odieux que ce monde et, du jour où il l'a créé, il ne l'a plus regardé, tant il le hait. »

Le mystique musulman qui a écrit cela, je ne sais qui il était, j'ignorerai toujours le nom de cet ami.

[Deus não criou nada que lhe seja tão odioso como este mundo, e, desde a sua criação, nunca mais tornou a olhá-lo, de tanto que o odeia.

Não sei quem foi o místico muçulmano que escreveu isto, ignorarei para sempre o nome deste amigo.]

CIORAN, *Aveux et anathèmes*

“A MINHA FILHA, ALMA, DE UM ANO, SERÁ LEITORA DE CIORAN”

AYMEN HACEN



Aymen Hacén nasceu em Hammam-Sousse, na Tunísia, em 1981. Entre 2006 e 2008, foi aluno de doutorado com bolsa na École Normale Supérieure Lettres et Sciences Humaines em Lyon. Poeta e ensaísta, é autor de *Stellaire. Découverte de l'homme gauche* (Fata Morgana, 2006), *Alphabet de l'heure bleue* (Jean-Pierre Huguet, 2007) e *Le Gai désespoir de Cioran* (Miskiliani, Tunisia, 2007). É assistente permanente do Institut Supérieur des Langues Appliquées aux Affaires et au Tourisme de la Moknine (Universidade de Monastir, Tunísia).

CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

AYMEN HACEN – Eu narro essa descoberta em um ensaio publicado em 2012: *À l'abri dans les ruins. Poésie et philosophie en écho*, ensaio em que – de Cioran a René Char e Mahmoud Darwich, passando por Beckett, Michaux, Susana Soca, Armel Guerne, Pierre Alechinsky, Pascal Quignard, Yves Leclair, Pierre-Albert Jourdan, Salah Stétié e outros grandes clássicos modernos – exploro as relações entre filosofia e poesia no âmbito deste gênero literário moderno que é o fragmento, pelo qual o pensamento trágico aspira à palavra universal.

Dito isso, gostaria de falar sobre a descoberta. Descobri Cioran graças a Beckett, há doze anos. Um pequeno fragmento de texto em um dicionário¹ me colocou diante de uma voz que considero hoje uma das mais *nutritivas*: “Para tornar-se esse homem separado que é Beckett, seria preciso demorar-se na locução *se tenir à l'écart* [manter-se à parte], divisa tácita de todos os seus instantes, no que ela supõe de solidão e obstinação subterrânea, sobre a essência de um homem por fora, perseguindo um

1. HAMON, Philippe; ROGER-VASSELIN, Denis (eds.), *Le Robert des grands écrivains de langue française* (verbeta « Beckett »). Paris: Dictionnaires Le Robert, 2000, p. 168.

trabalho implacável e interminável.”²

Uma frase bastou para que o milagre fosse operado. E, não surpreendentemente, o acaso daquele encontro transformou-se em necessidade, na necessidade de abordagem quotidiana de uma que se revela ao mesmo tempo perigosa e consoladora, desesperada e alegre, jubilosa. Um grande quadro começava a se delinear diante dos meus olhos ao longo dos textos que me levavam de Henri Michaux e Roger Caillois a Susana Soca, de Benjamin Fondane a Léon Chestov, de Maria Zambrano a Ortega y Gasset e a tantos outros poetas, escritores e filósofos que foram íntimos de Cioran ou companheiros de caminhada e ideias, cujos escritos ele devorava.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você julga mais importantes hoje?

A. H. – São muitos aspectos, difícil responder... O que significa que Cioran é, sim, muito atual. No entanto, gostaria de dizer em poucas palavras: Cioran abriu os meus olhos para algumas coisas que eu não seria capaz de ver. O romeno exilado em Paris soube dar sentido à vida do tunisiano de Hammam-Sousse. Por sua causa, eu me tornei uma pessoa diferente, não apenas o intelectual que me tornei, mas como *ser humano...* Cioran nunca quis exercer nenhum *métier* que não fosse escrever. Hoje, eu sou o seu oposto – sem deixar de me identificar com ele. Cioran me ensinou a ser, apesar de isso lhe repugnar, um homem comprometido e, principalmente, um pai.

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

A. H. – Qualquer escritor digno de desse nome, hoje em dia, é como um Cioran. Infelizmente, são raros! Os temas de reflexão abordados por Cioran não foram devidamente explorados por mais ninguém. A extrema originalidade de Cioran nada deve à Pléiade, mas apenas à sua presença. Cioran está presente. Esta presença não deve ser comparada à de Beckett, Michaux, Eliade ou Ionesco, nem com a de ancestrais como Heráclito, Pascal, Kierkegaard ou Nietzsche. A contribuição de Cioran é diferente. Ler Cioran requer uma vasta cultura, pois ele escrevia a partir das suas próprias leituras. Então, para responder à sua pergunta, gostaria de dizer com modéstia e simpatia: Cioran é raro e inimitável.

2. CIORAN, « Beckett. Quelques rencontres », *Exercices d'admiration*, Paris, Œuvres, Gallimard, coll. « Quarto », 1995, p. 1574 (aspas e itálico do autor).

C. V. – Você concorda com a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

A. H. – Isso foi dito e pensado muitas vezes. O próprio Cioran rejeitou essa interpretação nas *Entretiens* [Entrevistas] e nos seus *Cahiers* [Cadernos], mas o mais importante – reconhecendo a pertinência da pergunta – é que Cioran nunca quis continuar ou seguir o pensamento de ninguém. A sua busca é a de um homem que tenta se expressar, torna-se si mesmo, não por razões pecuniárias, mas psicológico-filosóficas. Assim, Cioran é raro. Citá-lo é buscar uma certa verdade... Modestamente, como alguém que ama Cioran e a Romênia, graças a ele, posso dizer o seguinte: Cioran é uma fonte de luz.

C. V. – Como é a recepção da obra de Cioran no mundo árabe?

A. H. – O que se convencionou chamar de “mundo árabe”, na verdade, não existe. Veja, Cioran é lido no Catar, mas não na Arábia Saudita, por exemplo. Quanto ao soberbo Egito, não tenho conhecimento de nada, nenhum eco me vem de lá... Isto é sério e triste. Cioran é lido pelos francófonos, e só. Os arabófonos descobriram Cioran graças a alguns corajosos tradutores... Penso particularmente em Adam Fathi, que fez um admirável trabalho de joalheiro ao traduzir *Silogismos da amargura* e *História e utopia* para o árabe. Mas, além dessa modesta presença em árabe, não há mais nada. Não creio que Cioran esteja, aqui, em árabe, mais presente do que em romeno ou francês. Uma presença é questionável quando não dá ocasião para reflexões. Um livro não é nada quando é apenas um livro. Até o próprio Cioran deveria estar aqui para refletir sobre o suicídio ou autoimolação de algumas pessoas, na Tunísia ou em outros lugares. Mas ele está morto e boa parte da extraordinária tradição que ele encarna já não existe, infelizmente...

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

A. H. – Cioran me ensinou a amar a vida. Também me ensinou a lutar contra a morte. A cada dia percebo que o pensamento do jovem Cioran é real, ou seja, *eficaz*: o assim-chamado “politicamente correto” acha que Cioran é fascista, de extrema-direita etc... Discordo! Sou resolutamente de esquerda, desde que nasci, e sei que Cioran é um homem que nos alertou contra os clãs. Cioran era lúcido. Tinha clarividência. Bom para ele, e que descanse em paz! Agora, só lamento o que foi feito e dito em seu nome, tanto que decidi não terminar a minha tese sobre ele. Eu tenho uma filha, Alma, de

Cioran, um aventureiro imóvel

um ano de idade. Eu sei que ela vai ler Cioran. Infelizmente, também sei que ele não a conhecerá. Nunca. Em suma, Cioran é uma luz. Desde então, estou mais “desperto” do que nunca, não sinto mais medo ou dor. Quando sinto o perigo, como os estoicos que Cioran adorava, mergulho na multidão com alma de guerreiro, capaz de antever a dor que há nela, abençoando-a. Na vida cotidiana, cultivo a dúvida, como um cético. Duvido, sim, e duvido de tudo, vivendo, e quem me conhece sabe que bebo um bom vinho, gosto de uma boa risada, leio bons livros e escrevo – espero – o melhor possível. E penso que a vida pertence a Alma, minha filha, e a Sophie, a filha de Mihaela, minha amiga, esperando que estas duas meninas, das duas margens do Mediterrâneo, sejam irmãs e amigas. Eu sei que esse dia chegará. Eu sei que isso vai acontecer.

CIORAN: O VOLUPTUOSO, O INSOLÚVEL

M. LILIANA HERRERA A. (†)



Liliana Herrera (1960-2019) foi uma filósofa, professora de filosofia, tradutora e poetisa colombiana. Organizou um dos mais importantes eventos acadêmicos dedicados ao pensador romeno, o **Encuentro Internacional Emil Cioran**, realizado anualmente na cidade de Pereira de 2008 a 2017. Doutorou-se em filosofia pela Pontifícia Universidade Javeriana (1999). Tendo descoberto Cioran em 1979, dedicou-se a investigar a obra do pensador romeno na monografia de graduação e no doutorado (tendo trabalhado Hegel no mestrado). É autora de *Cioran, aproximaciones* (1994) e *Cioran: lo voluptuoso, lo insoluble* (2003), este último resultado do seu doutorado, além de inúmeros artigos sobre Cioran publicados em periódicos colombianos e internacionais. Além de organizar o *Encuentro*, Liliana Herrera editou inúmeros volumes de artigos oriundos das 10 edições do evento (alguns dos quais coeditados com Alfredo Abad). Foi pioneira nos estudos cioranianos na América Latina e a mais importante exegeta de Cioran na Colômbia, além de ter se correspondido com ele na década de 1980. Entrevista realizada conjuntamente por Ciprian Vălcan e Ilinca Ilian.

CIPRIAN VĂLCAN – Como você conheceu a obra de Cioran?

LILIANA HERRERA – Descobri Cioran em 1979, quando cursava a Faculdade de

Cioran, um aventureiro imóvel

Filosofia e Letras da Universidade de Caldas (localizada em Manizales, município próximo a Pereira, onde atualmente trabalho e vivo). Eu não podia esperar tantas ressonâncias espirituais e psicológicas, assim como uma empatia intelectual que logo se transformaria em paixão. Resolvi fazer minha tese de doutorado sobre ele. Foi um dos primeiros estudos sobre Cioran na Colômbia. Naquela época, Cioran era desconhecido no meu país. Anos depois, eu faria o meu doutorado na Universidade Javeriana de Bogotá, dedicando-me a estudar a obra de Cioran.

ILINCA ILIAN – Como se deu a sua correspondência epistolar com Cioran? Você o conheceu pessoalmente?

L. H. – A correspondência com Cioran durou quase uma década. Claro, não foi regular, mas intermitente. Uma vez por ano, ou a cada dois anos, eu lhe escrevia. As suas respostas eram sempre gentis, sinceras e cordiais. Escrevi-lhe pela primeira vez quando estava começando a minha tese (da qual ele tinha conhecimento). O seu comentário foi muito generoso. Ele me indicou um capítulo sobre a sua relação com a filosofia, uma questão que, segundo ele, era negligenciado pelos críticos europeus da época. Não tive a sorte de conhecê-lo. Quando comecei a cogitar uma viagem a Paris, para conhecê-lo, ele já havia falecido.

C. V. – Pode falar um pouco mais sobre a correspondência que você manteve com Cioran? Quantas cartas recebeu dele? Quais eram os temas abordados?

L. H. – Entre 1983 e 1990, recebi cinco cartas e dois livros de Cioran. Na primeira carta, ele falava da sua obra e da impossibilidade de manter uma “relação epistolar permanente”, o que havia sido para ele, no passado, uma “verdadeira paixão”. Além disso, afirmava estar “*cansado de mim e igualmente da... minha obra, se é que posso usar uma palavra tão pomposa para designar intentos mais ou menos fracassados*”. Na segunda carta, fez comentários generosos sobre a monografia de conclusão de curso que eu tinha realizado sobre ele. Outras, por sua vez, eram muito breves. A última, igualmente curta, é notável. Ele dizia: “*Para mim, há um sentimento superior a todos os outros: a melancolia. O tango existe apenas pela melancolia*”. Os dois livros que recebi foram: *Valéry faces à ses idoles* (Éditions de l’Herne), enviado em 1983, e *Aveux et anathèmes* (Gallimard, 1987), enviado no mesmo ano em que este livro, o último de Cioran, foi publicado. A dedicatória, na folha de capa: “*Eis, talvez, o meu último livro. Não sinto mais vontade de escrever.*”

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran atraíram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importante atualmente?

L. H. – Eu era uma adolescente quando li Cioran pela primeira vez. Essa é uma fase em que formamos as nossas preferências, os nossos gostos, a partir de temas que nos impactam, que nos tocam de algum modo, seja pelo caráter explosivo ou, por outro lado, frugal. Os temas que me interessaram inicialmente eram Deus, o suicídio e a crítica de Cioran à filosofia. No entanto, embora as primeiras intuições sobre a sua obra permaneçam essencialmente as mesmas, posso dizer que se aprofundaram e se ampliaram significativamente. O tema de Deus em Cioran, no nosso meio acadêmico, não é muito bem-visto. Mas penso que seja um dos pilares da filosofia, embora os intelectuais colombianos o desprezem.

Outro aspecto importante é o contexto original de Cioran. O grupo de pesquisa que dirijo na UTP me permitiu reconstruir a gênese contextual da obra de Cioran. Penso que a familiaridade com a cultura romena pode revelar ao leitor de Cioran aspectos fundamentais para a devida compreensão da sua obra. Neste sentido, nosso grupo tem traduzido, do francês para o espanhol, artigos de especialistas romenos, franceses, canadenses, holandeses e outras nacionalidades, cujas perspectivas ampliam e enriquecem o nosso horizonte de pesquisa na Colômbia.

É uma tarefa na qual estou particularmente engajada. Até o momento, traduzi 7 escritores romenos e 5 europeus. Espero continuar com esta atividade, porque é uma importante contribuição para a difusão da obra de Cioran e da cultura romena na Colômbia. Também conseguimos introduzir no programa de estudos do curso de Filosofia da UTP (através do departamento de filosofia contemporânea), alguns cursos sobre Cioran. Uma conquista importante e quase única na Colômbia.

C. V. – Há diferença entre a recepção colombiana de Cioran há 20 anos e na atualidade?

L. H. – Com certeza. Há 20 anos, Cioran era totalmente desconhecido na Colômbia. Os poucos leitores dos seus livros, que chegavam aqui graças às traduções espanholas, eram verdadeiros “marginais”. Quero dizer que eram intelectuais à margem do mundo acadêmico; leitores de poetas “malditos”, existencialistas franceses, a maioria deles boêmios desencantados.¹ Alguns poucos professores universitários também liam Cioran.

1. Entre os primeiros leitores colombianos de Cioran está o poeta “maldito” Héctor Escobar Gutiérrez (1941-2014). Pereirano como Liliana Herrera, o poeta descobriu Cioran graças à amiga filósofa, que

Em todo o caso, as interpretações surgidas eram insatisfatórias, anedóticas e centradas nos temas mais óbvios suscitados pela obra de Cioran. Por exemplo, o problema do suicídio, além do suposto “ateísmo” de Cioran. Isso, entre outras razões, devido à nossa ignorância sobre a cultura e história da Romênia e à escassez bibliográfica.

Hoje, sem dúvida, Cioran é mais seriamente estudado. Aos poucos, os preconceitos acadêmicos vão sendo superados. Tanto é que há, cada vez mais, pesquisas acadêmicas sobre Cioran. Vale citar, a título de ilustração, o prefácio-ensaio que um dos mais importantes filósofos colombianos, Guillermo Hoyos Vásquez, escreveu para o primeiro volume de artigos do *Encuentro Internacional Emil Cioran (2008-2011)*. Este prefácio representa um importante marco histórico no tocante à recepção da obra de Cioran na Colômbia: uma abordagem a partir da fenomenologia de Husserl por um filósofo que, poucos anos antes, havia manifestado publicamente as suas reservas sobre Cioran.

C. V. – Você concorda com a opinião de Michel Onfray, manifestada numa entrevista de 2010, segundo a qual Cioran é um filósofo para adolescentes?

L. H. – Onfray tem razão sobre leitores adolescentes que lidam apenas superficialmente com temas de Cioran, como o suicídio. Mas, para além dessa leitura superficial, há outras mais profundas, de segundo e terceiro nível, que são necessárias em qualquer interpretação séria. Neste sentido, a obra de Cioran possui uma profunda riqueza temática: desde questões linguísticas e estéticas até questões relacionadas à crítica das ideologias, da cultura, da metafísica e da filosofia.

C. V. – O que a atraiu particularmente à obra de Cioran? O pessimismo absoluto ou o humor subterrâneo que atravessa as suas páginas?

L. H. – Como já disse, li Cioran pela primeira vez quando era uma adolescente. Agora, pode-se entender que a minha primeira leitura estava condicionada pela idade: uma leitura ingênua e intuitiva. Um dos temas que mais me saltavam aos olhos, naquele momento, era a questão religiosa de Cioran, que nunca deixou de me interessar. Com

lhe apresentaria o *Breviário de decomposição* em meados da década de 1980. Héctor Escobar Gutiérrez escreveu sonetos dedicados a Cioran, além de ter participado da primeira edição do *Encuentro Internacional Emil Cioran* (2008). Faleceu em 18 de outubro de 2014 (um sábado), durante a realização da sétima edição do *Encuentro*, em Pereira. A revista (n.t.) *Nota do Tradutor* (nº 12, vol. 1, junho de 2016) publicou uma seleção de sonetos de Héctor Escobar Gutiérrez traduzidos por Rodrigo Inácio R. Sá Menezes: “Poética da heresia” (N. do E.).

o tempo, tive acesso a uma importante bibliografia em francês e, a partir dela, pude me familiarizar com a história e a cultura romenas. Assim, o meu horizonte interpretativo se ampliou significativamente. Para mim, os livros de Cioran são um estímulo e um antídoto, tanto pela crítica implacável da ilusão quanto pelo humor irresistível. Em suma, Cioran é um grande escritor, e bons escritores devem ser lidos a fundo para serem devidamente estudados e compreendidos. Como um permanente treino intelectual, mas também como um consolo.

C. V. – Cioran tem sido amiúde comparado ao grande escritor colombiano Nicolás Gómez Dávila (1913-1994). Você concorda com essa comparação?

L. H. – Há diferenças cruciais entre Cioran e Gómez Dávila. Os escritos aforísticos de cada um deles diferem na sua estrutura formal, mas também em intenção e significados; também há uma enorme diferença ideológica. São escritores oriundos de tradições espirituais distintas. Contudo, eles partilham alguns elementos a partir dos quais é possível evocar interessantes paralelismos: até a escolha da escrita aforística, a relação entre o estilo literário e o estilo de vida (embora, obviamente, em circunstâncias diversas), o ócio, a dedicação à leitura exaustiva...

C. V. – Você concorda com os exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

L. H. – Não acho que seja. Basta ler as declarações do próprio Cioran a este respeito. Mas esta é, de fato, uma das desleituras mais comuns na Colômbia. Penso que seja importante, por outro lado, conhecer a tradição dos moralistas franceses, da escrita fragmentária. Esta é uma chave de interpretação apropriada para que os nossos alunos compreendam a obra de Cioran. Outro tema sobre o qual eu costumo insistir é a relação entre filosofia e literatura, uma questão que suscita abordagens transdisciplinares e flexíveis, conforme ao espírito da obra de Cioran.

C. V. – Como você vê o estado atual da recepção crítica de Cioran na Colômbia? É considerado um grande pensador ou não mais do que um excêntrico?

L. H. – A minha primeira palestra sobre a recepção crítica da obra Cioran na Colômbia foi realizada na Romênia! O texto foi publicado em *Approches Critiques*. Era uma primeira elaboração do tema, que merecia ser mais desenvolvido. A recepção da obra de Cioran na Colômbia passou por várias etapas: desde aquela em que era visto como um

escritor “marginal”, “maldito”, a predileção de intelectuais excêntricos e fracassados, até começar a ser considerado um “continuador de Nietzsche”, um autor “pós-moderno”, até, por fim, passar a ser minimamente respeitado na academia.

Atualmente, tem sido objeto de debates sobre a relação entre *filosofia e literatura* (cada vez mais relevante no nosso país), mas de modo mais “literário” do que filosófico propriamente dito. Há universidades cujos alunos fazem mestrado ou doutorado sobre Cioran. O que significa que a sua obra conquista um espaço cada vez maior, e merecido, na filosofia acadêmica colombiana.

C. V. – Pode nos falar sobre as suas atividades acadêmicas e culturais para divulgar a obra de Cioran na Colômbia? Você coordena algum projeto atualmente?

L. H. – Coordeno um grupo de pesquisa na UTP. O nosso primeiro projeto concentrou-se em Cioran. Daí resultou um evento anual: os *Encuentros Internacionales Emil Cioran* (2008-2017). O *Encuentro*, que contou com quatro edições até agora, é norteado por três objetivos principais: (1) divulgar e discutir a obra de Cioran, na companhia de pesquisadores estrangeiros, especialmente romenos; (2) para além de Cioran, discutir questões relacionadas à relação entre filosofia e literatura (aspecto no qual a obra de Cioran se destaca); (3) por fim, difundir a cultura romena na Colômbia. Para cumprir esses objetivos, tenho me dedicado há anos à tradução de bibliografia crítica sobre Cioran. As traduções têm aparecido nos volumes do *Encuentro*, publicados pela editora da UTP, ou às vezes em alguma revista colombiana.

Tenho me dedicado a dois projetos: um deles (alheio às minhas “preocupações cioranias”) tem a ver com a relação entre filosofia e psicologia. O outro é a tradução do livro *La concurrence des influences culturelles françaises et allemandes dans l'œuvre de Cioran*, de Ciprian Vălcan.² Também gostaria de terminar um livro de ensaios, iniciado já faz tempo, sobre Cioran (mas este livro terá que esperar).

2. A versão espanhola do livro de Ciprian Vălcan, com tradução de Liliana Herrera, foi publicado pela editora da UTP em 2016: *Influencias culturales francesas y alemanas en la obra de Cioran* (N. do E.).

“CIORAN, AQUELE VÂNDALO DOS CÁRPATOS”

ROLAND JACCARD (†)

Nascido em 22 de setembro de 1941, em Lausanne, Roland Jaccard foi um escritor, jornalista, crítico literário e editor franco-suíço. Nihilista confesso e um dos mais provocadores ensaístas de língua francesa dos últimos tempos, Jaccard acostumou os seus leitores a juízos agudos formulados em um estilo brilhante. Foi um dos grandes amigos franceses de Cioran, ao lado de Clément Rosset (1939-2018). É autor de diários e outros volumes mais ou menos autobiográficos como *Écrits irréguliers...* (1969), *Un jeune homme triste* (1971), *Les Chemins de la désillusion* (1979), *L'Âme est un vaste pays* (1983), *Le Rire du diable* (1994), *Journal d'un homme perdu* (1995), *L'Homme élégant* (2002), *Journal d'un oisif* (2002), *Ma vie et autres trahisons* (2013),



Au Café Schopenhauer (2020) e *On ne se remet jamais d'une enfance heureuse* (2021). Como ensaísta, publicou inúmeros volumes sobre filosofia e psicanálise, entre outras áreas de interesse: *La Pulsion de mort chez Melanie Klein* (1971), *L'Homme aux loups* (1973), *L'Exil intérieur : schizoïdie et civilisation* (1975), *La Folie* (1979), *Dictionnaire du parfait cynique* (1982), *La Tentation nihiliste* (1989), *Le Cimetière de la morale* (1995), *Topologie du pessimisme* (1997), *Penseurs et tueurs* (2018), entre outros. Publicou de um livro de memórias sobre Cioran: *Cioran et compagnie* (PUF, 2004). No seu último livro autobiográfico, *On ne se remet jamais d'une enfance heureuse* [A gente nunca se recupera de uma infância feliz], Jaccard anunciava que se suicidaria. Com efeito, pôs um fim à própria vida em 20 de setembro de 2021, no seu apartamento em Paris, faltando dois dias para o seu aniversário de 80 anos.

CIPRIAN VĂLCAN – Como você conheceu a obra de Cioran?

ROLAND JACCARD – Descobri Cioran em Lausanne, nos anos 60, com a alegria que se sente ao encontrar um cúmplice. Eu gostava de Lao-Tzu, Sêneca, Montaigne,

Chamfort e Nietzsche. Sabia que também gostaria de Cioran. Não sabia, claro, que nos tornaríamos amigos. Cioran, aquele vândalo dos Cárpatos, era como um deus. Eu o conheci por ocasião de um livro sobre Otto Weininger. Ele apreciava a minha cultura vienense (a minha mãe era austríaca). Cioran foi o amigo mais sinistro e mais engraçado que já tive.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

R. J. – Eu evito interpretar Cioran. Leio-o como se estivesse papeando com um velho amigo.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes hoje em dia?

R. J. – As variações sobre o tema do “inconveniente de ter nascido”. A consciência como maldição.

C. V. – Que autores do século 20 poderiam ser comparados a Cioran no tocante aos temas de reflexão e ao estilo?

R. J. – Thomas Bernhard e, paradoxalmente, Sigmund Freud.¹

C. V. – Você considera justa a opinião dos intérpretes que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

R. J. – Evidentemente.

C. V. – Como é a recepção da obra de Cioran atualmente na França?

R. J. – Tornou-se um clássico do desespero. Dado que a ideia de progresso desmoronou, resta apenas Cioran para nos divertir com o seu humor macabro. O autor ideal para os *unhappy few*. É um mestre inigualável do estilo. Em suma, o pior ainda está por vir para ele: refiro-me à sua apoteose.

1. Cioran tinha uma verdadeira aversão pela psicanálise freudiana (e em geral). “Técnica que praticamos à nossa custa, a psicanálise degrada nossos riscos, nossos perigos, nossos abismos; nos despoja de nossas impurezas, de tudo o que nos tornava curiosos de nós mesmos.” CIORAN, *Silogismos da amargura*, p. 30. “Quanto mais a gente lê Freud, mais se convence de que é um fundador de seita, um profeta intolerante disfarçado de homem de ciência.” IDEM, *Cahiers: 1957-1972*, p. 717 (N. do E.).

“CIORAN É O GRANDE MESTRE DAS ‘VERDADES AMARGAS’ SOBRE A EXISTÊNCIA”

IRENEUSZ KANIA

Ireneusz Kania (1940-) é poliglota e o mais importante tradutor polonês vivo. Já traduziu obras dos mais diversos idiomas, como francês, inglês, italiano, espanhol, português, romeno, russo, alemão, sueco, latim, hebraico, grego antigo, sânscrito, tibetano e páli. Do romeno, traduziu livros de Mircea Eliade, Emil Cioran, Noica, Matila Ghyka, Gabriel Liiceanu e Dumitru Radu Popescu.



CIPRIAN VĂLCAN – Como você conheceu a obra de Cioran?

IRENEUSZ KANIA – Em 1963, quando estudava filologia românica na Jaguelônica, em Cracóvia, participei de alguns cursos de verão em Sinaia.¹ Naquela época eu já conhecia a língua romena e me interessava pela cultura do país. Foi em Sinaia que ouvi pela primeira vez, de um colega mais velho, o nome de Cioran (e o de Eliade), que estava banido oficialmente na R.P.R.² Esse colega, que era alemão, me disse que ambos eram autores muito importantes e já famosos no Ocidente. Ao retornar ao meu país, comecei a buscar mais informações sobre eles. Naquela época, eu tinha mais curiosidade por Eliade, pois também me interessava muito pelas civilizações antigas, principalmente as orientais, as suas religiões e línguas (estudei, além para idiomas românico, sânscrito e chinês). A hora de Cioran viria mais tarde.

1. Povoado romeno localizado no distrito de Prahova, na região da Valáquia, com pouco mais de 14 mil habitantes. O Castelo de Peleş, palácio de verão dos monarcas romenos, localiza-se em Sinaia. É a cidade natal do rei Mihai I da Romênia (N. do E.).

2. *República Popular Romena* foi o nome oficial do Estado romeno desde a abdicação forçada do rei Mihai I, em 30 de dezembro de 1947, até a adoção da constituição que proclamaria a *República Socialista da Romênia* (R.S.R.), em 21 de agosto de 1965 (N. do E.).

Cioran, um aventureiro imóvel

Durante sete anos, de 1975 a 1982, trabalhei como editor na *Wydawnictwo Literackie* (Editora Literária) em Cracóvia. Naquela época, eu tinha bons contatos com as editoras francesas, principalmente a Gallimard, que publicava as obras de Cioran. Recebi tudo o que me interessava dos meus colegas franceses. Assim, pude conhecer a maior parte da sua obra escrita em francês.

O primeiro livro romeno de Cioran só veio a cair nas minhas mãos em 1991. Era *Nos cumes do desespero* (a edição de 1990 da Humanitas, de Bucareste). A Sra. Delia Verdeş trouxe-o para mim como um presente (quero agradecê-la mais uma vez). Então eu o traduzi rapidamente. A tradução foi publicada em 1992. Desde então, temos publicado regularmente outras traduções, do romeno e do francês. Até agora foram oito livros no total.

C. V. – Você traduziu Cioran primorosamente. Que dificuldades suscita a tradução de uma obra de tamanha importância?

I. K. – A prosa romena de Cioran é caracterizada por uma notável intensidade emocional, bem como, muitas vezes, uma tonalidade patética e poética. Já a sua prosa francesa, com uma pulsação interior igualmente intensa, é, contudo, muito mais concisa e límpida, mais disciplinada e autoconsciente. Todos esses traços característicos do estilo cioraniano devem ser respeitados e reproduzidos da melhor forma possível pelo tradutor. Quanto a mim, não posso dizer que os livros de Cioran tenham me causado problemas ou dificuldades excepcionais. Ainda é verdade que às vezes não foi nada fácil para mim encontrar um equivalente polonês adequado para a frase cioraniana, de uma extraordinária plasticidade e elegância. O francês de Cioran é esplêndido, aparentemente frio e cáustico, com uma clareza e brevidade “clássicas”. Isso requer, é claro, certo talento literário do tradutor.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes hoje?

I. K. – Desde o início eu me encantei pela maestria com que Cioran sabe formular as suas emoções – tão poderosas: desespero, dor, loucura, ódio – em formas literárias impecavelmente belas. Por outro lado, como pensador, Cioran também é importante, a meu ver, porque enfatiza a contradição como condição constitutiva da natureza humana que nunca se deixa captar e esclarecer pela lógica bivalente. Pois a fonte profunda de

emoções, pensamentos, intuições, disposições psíquicas e visões de mundo, é, segundo Cioran, o nosso próprio corpo com os seus modos de funcionamento, sobretudo com as suas enfermidades. Essa ênfase na fisiologia e o seu impacto na nossa vida espiritual me parecem de uma importância universal.

O que, para mim, é especialmente marcante e imponente em Cioran é a coragem com que Cioran parte em busca da verdade sobre o homem e o mundo – com uma coragem solitária, sem qualquer ilusão ou esperança, consciente da inevitável derrota. É a atitude de um sábio.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

I. K. – Embora não quisesse ser considerado como um filósofo, Cioran foi um pensador proeminente cuja influência nos círculos intelectuais do Ocidente continua a ser considerável. Na verdade, o seu pensamento expressa como nenhum outro as ansiedades e dúvidas da nossa época. Quanto ao estilo e o teor das suas reflexões, podemos, creio eu, colocá-lo ao lado de Simone Weil, Šestov e Schopenhauer.

Os principais temas das suas reflexões são: o mundo como a obra fracassada de um demiurgo impotente; o homem como o elemento mais lamentável nessa Criação fracassada, irremediável e eternamente estigmatizada pela Queda *in illo tempore*; o mal como um defeito estrutural presente em todos os seres; o sofrimento como o princípio de toda a existência; a consciência como uma “ferida aberta”. Cioran parece não ter visto saída para essa situação, no sentido de uma “escapatória” ou, religiosamente, uma “salvação”.

Embora programaticamente irreligioso, ele ainda era um homem que buscava um absoluto, uma libertação: de fato, a liberdade sempre foi sua obsessão, sua religião. A antropologia pessimista de Cioran se aparenta às ideias do budismo e do gnosticismo (menos a sua soteriologia). As suas concepções histórico-filosóficas, provavelmente formadas sob influência spengleriana, mostraram-se equivocadas (veja as suas considerações sobre a Rússia e o seu papel no futuro). Os seus escritos políticos (como *Transfiguração da Romênia*), contaminados pela cegueira nacionalista, são agora nada mais do que material histórico datado.

Apesar disso, Cioran continua sendo para mim o grande mestre das “verdades amargas” da existência. Amargo como um ácido forte, mas que não deixa de ser

verdadeiro. Guardadas as devidas diferenças, Cioran é, na minha visão, um sucessor criativo de Schopenhauer.

C. V. – Qual escritor polonês poderia ser comparado a Cioran? Para além do universo polonês, que escritor europeu do século 20 poderia ser comparado a ele?

I. K. – Na literatura polonesa, quem me parece próximo de Cioran é Witold Gombrowicz, como um analista que penetra na “corrente negra” (palavras de M. P. Markowski), ou o horror existencial, espreitando sob cada momento da vida e qualquer ação humana. Neste contexto, Beckett também deve ser mencionado.

C. V. – Você concorda com os exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

I. K. – A verdade é que há muitas similitudes entre Nietzsche e Cioran, principalmente no tocante ao diagnóstico pessimista da natureza humana, quebrada e decaída como ela é; o mesmo em relação à cultura. Mas muito mais importante, eu diria *fundamental*, é o que emerge desse diagnóstico, permitindo distinguir claramente os dois pensadores: enquanto Nietzsche, com a sua concepção do *Übermensch* (que deveria ser o homem por vir, uma *entelecheia*³ que atualizaria todas as potencialidades humanas), manifestava certo otimismo antropológico, Cioran, por sua vez, com a sua hostilidade habitual a toda ilusão, considerava o homem um ser incuravelmente caído, o mais deplorável de todos, a criatura mais lamentável do Demiurgo. Por isso é que ele permaneceu imune à maior tentação da ideologia totalitária: a criação de um homem novo e perfeito.

Por fim, se Cioran tivesse que ser o “continuador” de alguém, seria o de Schopenhauer, não de Nietzsche. Por exemplo, Cioran amava enormemente a música, como Schopenhauer: a arte por excelência e a única centelha de luz no inferno deste mundo.

C. V. – Como você avalia a recepção polonesa da obra de Cioran?

I. K. – Nos últimos vinte anos, quase todos os livros de Cioran foram traduzidos e publicados na Polônia. Muitos artigos e ensaios foram publicados, até mesmo alguns livros de crítica sobre Cioran. Nas nossas universidades formaram-se grupos de jovens

3. Na filosofia aristotélica, *entelecheia* significa ato ou atualidade, a qualidade do que é atual (realizado, acabado, perfeito), em oposição ao que é potencial, em estado de potência, potencialidade, *dýnamis* em grego (N. do E.).

pesquisadores da sua obra. Inúmeros eventos acadêmicos têm sido organizados. Cioran está definitivamente inserido na vida intelectual polonesa, sendo uma importante referência nos debates sobre o mundo contemporâneo. Ao lado de Eliade, é um dos autores romenos mais citados na Polônia.

Era exatamente este o meu objetivo, como tradutor, quando, por meio da edição polonesa de *Nos cumes do desespero* (1992), tive a oportunidade de apresentar o grande romeno ao nosso mercado intelectual. Ao final, as minhas esperanças se realizaram.

Pentru a face din destinul tău o problemă subiectivă și universală în același timp, trebuie să scobori toate treptele unui iad lăuntric. Dacă n-ai ajuns încă cenușă, atunci poți face filosofie lirică, adică o filosofie în care ideea are rădăcini organice, tot atât de organice ca și poezia.

[Para transformar o nosso destino numa questão subjetiva e ao mesmo tempo universal, devemos descer todos os degraus de um inferno íntimo. Se ainda não nos convertemos em cinzas, podemos compor filosofia lírica, quer dizer, uma filosofia em que a ideia tem raízes orgânicas, tão orgânicas quanto a poesia.]

CIORAN, *Nos cumes do desespero*

“CIORAN ATRAI PELA TONICIDADE, PELA POESIA, PELA RUPTURA DA METÁFORA FOSSILIZADA”

FERNANDO KLABIN

Fernando Klabin é paulistano e viveu por muitos anos na Romênia. Licenciou-se em Ciências Políticas pela Universidade de Bucareste e trabalhou na Embaixada Brasileira, também na capital romena. Tem mestrado em Letras orientais pela USP. Fernando Klabin é o mais importante tradutor do romeno em atividade. Traduziu *As seis doenças do espírito contemporâneo* de Constantin Noica (Record, 1999), *Senhorita Christina* de Mircea Eliade (Tordesilhas, 2011), *A Barca de Caronte*, autobiografia de Lucian Blaga (É Realizações, 2012) *Acontecimentos na irrealidade imediata* de Max Blecher (Ayllon, 2021), *Uma outra juventude e Dayan* de Eliade (Editora 34, 2016), e *Fragmentos de um diário encontrado* de Mihail Sebastian (Ayllon, 2020). Fernando Klabin também traduziu *Nos cumes do desespero* (Hedra, 2012), o primeiro livro de Cioran escrito em romeno publicado no Brasil.



CIPRIAN VĂLCAN – Você trabalhou na embaixada brasileira em Bucareste, estudou romanística, ciências políticas, tem formação de ator, atuou em filmes, morou em um kibutz, traduziu muitos livros para o português e também para o romeno. Como você explica um conjunto de atividades tão diversas? É uma tradição familiar? Ou você é simplesmente um espírito curioso, sempre atraído por algo novo?

FERNANDO KLABIN – Ficaria tentado a responder, mecanicamente, que não, não é uma tradição familiar. Meus pais, que nasceram no Brasil e moraram na maior cidade da América do Sul, não materializaram preocupações semelhantes e nem me orientaram nessa direção de múltiplos interesses.

Indo mais longe, porém, não posso deixar de me maravilhar com o ímpeto e a

coragem com que os meus bisavós deixaram o norte da Itália e o império czarista no final do século 19 para o outro lado do mundo: o Brasil. Em uma época, imagine só (parece óbvio, mas, ao mesmo tempo, absurdamente necessário que isso seja assinalado nos tempos atuais), em que não havia rádio, televisão, telefone, Internet. Por fim, eu me pergunto, quão bem informados ou simplesmente informados estavam os meus ancestrais sobre o país que escolheram como destino para uma mudança radical de vida?

Creio que esse deslocamento de raízes, que para mim, como indivíduo, não terminou de forma tácita ou implícita, sempre me impeliu, com curiosidade, para a minha própria diversidade genética e cultural, que reflete em parte, aliás, a fascinante diversidade do país onde nasci e cresci. É um caminho que sigo aparentemente de maneira caótica, sem saber por exemplo porque vim para a Romênia, porque fiquei, nem para onde vou.

C. V. – Você traduziu recentemente *Nos cumes do desespero* para uma editora brasileira. Fiquei sabendo que pretende traduzir toda a obra romena de Cioran para o português. Como descobriu Cioran?

F. K. – Descobri Cioran por acaso, em São Paulo, numa das minhas idas às livrarias em busca de livros aleatórios. Eu tinha 18 anos. De repente me vi com o *Breviário de decomposição* em mãos, tirado de uma estante meio escondida, sem entender, perplexo, do que ou de quem se tratava. Foi a primeira edição do primeiro livro de Cioran traduzido no Brasil, por José Thomaz Brum, e publicado em 1989 pela Rocco.

Eu o folheei na hora e descobri uma linguagem tão estranha e misteriosa quanto o título. Era um livro de ficção? Mas como, se o autor era um filósofo? Era um livro de filosofia? Mas como, se eu podia identificar passagens e subtítulos absolutamente poéticos? E o autor, um homem nascido na Romênia, radicado em Paris – tudo parecia tão exótico e “politicamente incorreto” (embora esta noção estivesse na pauta do dia naquela época), e me convenci a comprar o livro. Li-o de uma só vez, sublinhando frases e comentando nas laterais, conforme a obra ia tocando direto no meu coração fervilhante ao final da adolescência.

Mais tarde, com a publicação em português – também com tradução de José Thomaz Brum – de *Silogismos da amargura* e *História e Utopia*, também devorei os dois, bem como o suplemento em homenagem a Cioran na *Folha de S. Paulo*, em 2 de

julho de 1995, por ocasião da morte do filósofo.¹

Desde que cheguei à Romênia, em 1997, resolvi ler os primeiros livros de Cioran escritos em romeno. Considerando que eu ainda não dominava o idioma, tive que esperar até o ano 2000, quando me senti capaz de me aventurar na leitura de *Nos cumes do desespero*. A leitura impressionou-me enormemente, e fui tomado pela vontade de traduzi-lo, como sempre me acontece quando simpatizo com um autor estrangeiro – o que aconteceu, também no universo romeno, com George Bacovia e Max Blecher. O sonho se realizou em janeiro de 2012, quando a editora Hedra, de São Paulo, publicou, com o apoio do Instituto Cultural Romeno, a minha tradução inédita em português.

C. V. – Cioran te parece um autor difícil de traduzir? Que dificuldades você enfrentou traduzindo *Nos cumes do desespero*?

F. K. – Cada autor apresenta as suas dificuldades para ser traduzido. Claro, se você gosta do texto que está traduzindo, metade do esforço já foi feito. Considerando o misterioso parentesco entre as línguas romena e portuguesa, a minha preocupação foi mais no sentido de preservar o tom de Cioran, a sua indignação e ironia explosiva, e o “resto” era feito por si só, quase como uma transliteração. Diria que dificuldades mais sérias, de natureza editorial, eu encontrei quando recorri à tradução francesa. Lá encontrei quase outra obra, inclusive com frases ou parágrafos inteiros suprimidos – pelo próprio Cioran. Isso me ajudou a ser mais fiel ainda ao original romeno, que mantém um ritmo mais agressivo e sincero do que a estilização francesa. A edição brasileira, felizmente, não levou em conta a censura da edição francesa (seguida pela edição espanhola). Por isso, espero ter conseguido imprimir nela uma maior fidelidade ao texto original do jovem Cioran acometido de insônia.

Ademais, sabemos que o trabalho do tradutor, além de ser uma “traição” inevitável, é interminável. Se você não disser “basta” em algum momento ou se não for pressionado por um prazo imposto pela editora, a tradução pode continuar eternamente. Hoje, um ano após o seu surgimento, olhando para o fruto do meu trabalho, sempre me deparo com palavras ou frases que teria modificado para tornar a expressão mais clara e a

1. Trata-se do extinto caderno “Mais!” da *Folha de S. Paulo*. Na edição de 2 julho de 1995, o suplemento cultural dominical dedicou uma página inteira a Cioran, que havia morrido menos de duas semanas antes, em 20 de junho de 1995. Por ocasião da sua morte, o caderno “Mais!” publicou um texto – “A alegria inaudita de Cioran” – de José Thomaz Brum, acompanhado de uma carta enviada por Cioran ao tradutor brasileiro (N. do E.).

Cioran, um aventureiro imóvel

linguagem mais harmoniosa no contexto da língua portuguesa brasileira. Depois dessa primeira experiência traduzindo Cioran, não vejo a hora, mais experiente, de poder traduzir outros títulos seus para o mundo editorial brasileiro.

C. V. – O que o atraiu em Cioran, a escrita ou o modo de vida?

F. K. – Eu sabia pouco sobre o seu estilo de vida e confesso que, em comparação com o pensamento contido nos seus livros, não dou muita importância a isso. Vejo-o quase como o genial Fernando Pessoa que, no seu célebre poema “Tabacaria”, escreve: “*Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda, ainda que não more nela*”. Coincidência ou não, Cioran não era apenas “o da mansarda”, mas também morava nela! Se o retraído Fernando Pessoa, que faleceu em 1935 sem nunca sair de Lisboa, após estabelecer-se aí definitivamente em 1905, tivesse vivido no nosso mundo mediatizado, provavelmente seria conhecido por receber os seus visitantes ao lendário estilo cioraniano. A originalidade, a coragem, a provocação, a tonicidade, a poesia, a ruptura da metáfora fossilizada – é isso que me atraiu e ainda me atrai em Cioran.

C. V. – Você concorda com o diagnóstico de Cioran sobre o inevitável declínio da civilização ocidental? Como um cosmopolita perfeito como você se sente sobre o destino do Ocidente?

F. K. – Eu ousaria dizer que o declínio, ou pelo menos o sentimento dele, é inerente ao ser humano, que nasce, cresce e morre. Não vejo com otimismo o destino da nossa civilização, que pode ser comparada ao urso que já provou sangue humano e assim tentará fazer mais vítimas humanas. A diferença é que o urso um dia será abatido pelo caçador, para que nossa civilização continue a cair, ou que pelo menos não se levante. No entanto, a ascensão total ou o declínio absoluto não pertencem a este mundo. Bem e mal são invenções humanas. Provavelmente continuaremos a ferver nesta área cinzenta esquecida por Deus enquanto a natureza nos permitir. Olhando para trás, é óbvio que não aprendemos as lições do passado. O “adamismo”² outrora apontado por Cioran não

2. *Adamism* em romeno; *adamisme* em francês. O dicionário DEX On-line define “adamismo” como uma doutrina gnóstica dos primeiros séculos do cristianismo, cujos adeptos aspiravam a reintegrar a pureza original de Adão anterior ao pecado. Mas este não é o sentido do uso que Cioran faz do mesmo termo. Em *Transfiguração da Romênia*, há um capítulo sobre o “Adamismo romeno” (*Adamismul românesc*). No discurso do jovem Cioran, (auto)crítico em relação à Romênia (e a si mesmo), o conceito possui uma conotação pejorativa: significa estagnação, paralisia, indolência, apatia, impotência. O “adamismo” romeno seria, na sua visão, a causa da “tragédia” histórica da Romênia na condição de “pequena cultura” incapaz de tornar-se “grandiosa” (*Tragedia culturilor mici* [A tragédia das culturas

parece ser monopólio dos romenos.

C. V. – Muitos pensadores contemporâneos afirmam que a única chance de sobrevivência da cultura europeia reside na extraordinária vitalidade de um continente como a América do Sul, capaz de assegurar a continuidade das tradições culturais. Você concorda com essa opinião? Como o Brasil vê o futuro do Ocidente?

F. K. – A pergunta me faz pensar em Jorge Luis Borges, que dizia que os latino-americanos são agora os verdadeiros europeus. Segundo o seu pensamento, os latino-americanos, como os judeus ou os irlandeses, têm a grande vantagem de serem totalmente, mas não exclusivamente, europeus. Assim, podem manipular toda a tradição cultural europeia sem estarem limitados a ela.

Não tenho certeza se as coisas são realmente assim, mas é claro que os latino-americanos têm um papel importante na renovação dos horizontes culturais e da tradição europeia em geral. Salvo raras exceções, isso ainda não foi totalmente explorado ou compreendido, nem pelos europeus nem pelos latino-americanos, apesar dos vínculos fecundos, embora invisíveis, que ligam os dois continentes.

Um desses elos cruciais é a pouco conhecida contribuição romena para a independência cultural brasileira. Em 1922, o Brasil comemorou um século de independência de Portugal. Embora independente politicamente, o maior país latino-americano ainda estava ligado à Europa, especialmente a Lisboa, Londres e Paris, de onde importava não só mercadorias, mas também correntes de pensamento que floresciam em solo brasileiro, como o positivismo de Auguste Comte ou o espiritismo de Allan Kardec. Um grupo de jovens artistas e intelectuais brasileiros que participou da efervescência parisiense da época, tendo contato com o dadaísmo do romeno Tristan Tzara, trouxe-a para a realidade brasileira ao instaurar a Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922 – que determinou, enfim, a nossa independência cultural e a abertura de caminhos artísticos próprios.

Desde então, um reconhecimento mais claro da própria identidade cultural

pequenas] é o título de outro capítulo de *Transfiguração da Romênia*). “Devemos enfrentar com vigor, com agressividade, esta tragédia que é a cultura adâmica, para preencher com todas as nossas forças o vazio do passado, para tentar trazer à luz, graças a uma iniciativa inesperada, tudo o que vegetava no nosso sono histórico.” CIORAN, *Transfiguration de la Roumanie*. Paris: Éditions de l’Herne, 2009, p. 120 (N. do E.).

impulsionou a caminhada do brasileiro rumo a si mesmo, que está longe de terminar. Desde então, tem aumentado o papel político e econômico do Brasil no mapa mundial e a sua conscientização, o que é de se esperar de um país com mais de 200 milhões de habitantes e uma área tão vasta que caberiam nela 35 Romênicas! Mas, além da extraordinária criatividade e vigor artístico, da extraordinária produtividade industrial e agrícola, estou convencido de que a maior contribuição do Brasil para o mundo é o exemplo de uma sociedade interétnica sem conflitos, na qual as diferenças raciais ou religiosas são absorvidas sem trepidação e colocadas ao serviço do enriquecimento do nosso património imaterial. Embora hoje soframos com o flagelo da criminalidade nos grandes centros urbanos (problema social complexo e de raízes profundas), a mensagem brasileira, tanto pelo posicionamento do país nos fóruns internacionais quanto pela sua expressão artística, sobretudo musical, é inequívoca: paz.

“CIORAN REPRESENTA UMA TRADIÇÃO SEGUNDO A QUAL PENSAR E ESCREVER SÃO INSEPARÁVEIS”

JACQUES LE RIDER



Jacques Le Rider (1954-) é germanista, diretor de estudos na l'École pratique des Hautes Études (EPHE), onde ocupa a cátedra de História Cultural Europeia [L'Europe et le monde germanique]. É autor de *Le Cas Otto Weininger. Racines de l'antiféminisme et de l'antisémitisme* (Paris, PUF, 1982), *Otto Weininger sal voluptatea excesului* (Editura Universității de Vest, 2003; coletânea de ensaios traduzidos por Dana Chetrinescu e

Ciprian Vălcan), *Modernité viennoise et crises de l'identité* (PUF, 1990), *La Mitteleuropa* (PUF, Col. « Que sais-je ? » n° 2846, 1994), *Hugo von Hofmannsthal. Historicisme et modernité* (PUF, Col. « Perspectives germaniques », 1995), *Les Couleurs et les mots* (PUF, 1997), *Nietzsche en France, de la fin du XIX^e siècle au temps présent* (PUF, 1999), *Journaux intimes viennois* (PUF, 2000), *Central Europe or the paradox of fragility* (Iași, Polirom, 2001; edição e tradução de Ciprian Vălcan e Ilinca Ilian), *L'Autriche de M. Haider. Un journal de l'année 2000* (PUF, 2001), *Freud, de l'Acropole au Sinai. Le retour à l'antique des modernes viennois* (PUF, 2002), *Arthur Schnitzler ou La Belle Époque viennoise* (Paris, Belin, 2003), *Malwida von Meysenbug. Une Européenne du XIX^e siècle* (Paris, Bartillat, 2005), *L'Allemagne au temps du réalisme. De l'espoir au désenchantement (1848-1890)* (Paris, Albin Michel, « Bibliothèque Histoire », 2008), *Faust, le vertige de la science*, co-assinado por Paul-Jean Franceschini (Paris, Larousse, 2010) e *Les Juifs viennois à la Belle Époque* (Albin Michel, 2013). Jacques Le Rider foi agraciado com o prêmio Estrasburgo da Fundação F.v.S. (1986), a Medalha Hölderlin da Cidade de Tübingen (1990), o Prêmio Gegner da Academia de Ciências Morais e Políticas (2000), o Prêmio científico Gay-Lussac-Humboldt da Fundação Alexander von Humboldt (2006), o Prêmio Gabriel Monod da Academia de Ciências Morais e Políticas (2009), o Prêmio Guizot da Academia Francesa (2010) e Prêmio Henri Hertz da Chancelaria das Universidades de Paris (2010). É Cavaleiro da Ordem do Mérito da República Federal

CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

JACQUES LE RIDER – Era 1980 ou 1981. Eu terminava o meu primeiro doutorado, que se intitulava, na época, Do terceiro ciclo, dedicado a Otto Weininger, e reunia a imensa documentação sobre a recepção do volume *Sexe et caractère* desde a sua publicação em 1903. Roland Jaccard, que se interessou pela minha pesquisa e propôs publicá-la na coleção « Perspectives critiques » na Presses universitaires de France (PUF), chamou a minha atenção para Cioran, um dos primeiros leitores de Weininger. Graças à mediação amigável de Roland Jaccard, pude entrar em contato com Cioran e encontrá-lo para uma conversa sobre Weininger.

C. V. – Você conheceu Cioran pessoalmente. Como era o homem Cioran?

J. L. R. – A minha lembrança é a de um homem encantador, muito amigável desde que se sintia à vontade.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

J. L. R. – Vejo nele uma distinta fogueira na história da Romênia e da Europa Central no século XX, alguém que levou até o extremo os absurdos monstruosos do nacionalismo e que, na sua nova vida francesa, após a Segunda Guerra Mundial, se consagraria a uma vida purgativa de desilusões.

C. V. – Quais aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes hoje?

J. L. R. – Penso que Cioran representa – em língua francesa – a continuação de uma tradição intelectual segundo a qual *pensar e escrever são inseparáveis*. Depois da era de Wolff, discípulo de Leibniz, a filosofia europeia tornou-se uma especialização técnica e separada da literatura a ponto de a expressão “isto é literatura” ser especialmente depreciativa em francês. Conhecemos o resultado dessa evolução que Thomas Bernhard criticou brilhantemente: fingindo estar próximo de Hölderlin e Trakl, Heidegger empurrou a filosofia para o jargão mais íngreme e é ainda pior na tradução. Cioran, ao contrário, renova a tradição dos clássicos moralistas franceses, com Schopenhauer e Nietzsche, que acreditavam que o pensamento começa justamente com a boa escrita.

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

J. L. R. – Comparar não prova nada. Então, sem medo de ser arbitrário, diria que Jorge Luis Borges me vem à mente. Não pelos temas, mas pelos encontros políticos muitas vezes perigosamente comprometedores e pela procura de uma arte de escrever que seja também uma arte de pensar.

C. V. – Você considera correta a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche?

J. L. R. – É, evidentemente, um exagero, porque o nome de Nietzsche designa um imenso continente do pensamento europeu, e não acho justo colocar Cioran no mesmo patamar. Dito isso, são muitos os pontos que aproximam Cioran de Nietzsche: a escrita aforística, a presença de Schopenhauer, muito forte em Nietzsche até o momento do seu rompimento com Wagner, a referência aos moralistas franceses, a orientação “antimoderna”¹ da crítica dos valores, da cultura e da política.

C. V. – Como é a recepção crítica da obra de Cioran atualmente na França?

J. L. R. – A atual situação na França, subjetivamente falando, tal como a vejo, caracteriza-se por uma confusão sem limites: a perda de marcos, a ausência de qualquer “cânone”, a dominação de um sistema midiático que é o único detentor da autoridade capaz de dizer “isso é importante, isso não”, mas tão apegado à efemérides que não faz nenhuma distinção entre a moda e o que se pode chamar de tradição: os clássicos, os grandes autores (coisas tidas como ridículas, odiosas e reacionárias). Portanto, estamos todos no nevoeiro e limitados a registrar as tendências da mídia. Quando um volume de Cioran é publicado na Bibliothèque de la Pléiade, é um “acontecimento”, todos falam dele. Seis meses depois, outros “acontecimentos” fazem esquecer os precedentes.

A recepção acadêmica, no ambiente universitário, praticamente não tem relação com o sistema midiático. Agora, na França, a universidade tem tão pouca presença na mídia quanto a Igreja. Não há outra presença neste país senão a presença da mídia. Além disso, no microcosmo universitário, parece-me que os “literatos” tendem a considerar Cioran um pouco filosófico demais, enquanto os filósofos hesitam em atribuir-lhe um

1. Cf. COMPAGNON, Antoine, *Os antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes*. Trad. de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Há também uma tese de doutorado orientada por Compagnon sobre os “antimodernos” da cultura romena: SOARE, Oana, *Les Antimodernes de la littérature roumaine* (2013), tese de doutorado em filologia pela École doctorale Littératures françaises et comparée da Sorbonne Paris 4 em convênio com a Universidade de Bucareste (N. do E.).

Cioran, um aventureiro imóvel

valor teórico. As disciplinas estão novamente tão separadas (no passado contava-se com a interdisciplinaridade que, atualmente, é considerada um amadorismo). Não se sabe como classificar Cioran.

“CIORAN DOMINAVA A ARTE DE DIVERTIR O LEITOR”

GER LEPPERS

Ger Leppers nasceu na Holanda em 1953. Estudou as línguas francesa e portuguesa em Amsterdam e Nancy (França). Lecionou na Universidade de Amsterdã até 1987. Em seguida foi membro do Conselho de Ministros da União Europeia em Bruxelas. Ger Leppers é autor de ensaios sobre diversos temas culturais publicados na Holanda, Romênia, França, Alemanha e Colômbia. É crítico literário do jornal holandês *Trouw*.



CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

GER LEPPERS – Ouvi o nome de Cioran pela primeira na segunda metade dos anos 70, em um importante semanário holandês, *De Haagse Post*. Cioran havia concedido uma entrevista a Jan Siebelink, um romancista holandês muito respeitado e lido no meu país.

Naquela época, Siebelink, então um jovem professor de francês em um liceu de província, mas já notabilizado como tradutor de *À rebours* [Às avessas], de Huysmans, acabava de estreitar como autor de um volume de contos editado por um amigo, Peter Loeb, que demonstrava algum interesse pelos textos anódinos que eu gostava de escrever naquela época. Lembro de ter lido a entrevista com interesse, mas, francamente, naquela época quem me interessava era Siebelink, que eu conheci através de Peter Loeb e passei a admirar. Desde então, porém, o nome de Cioran se tornou conhecido para mim. Prometi a mim mesmo que, quando chegasse a hora, eu me aprofundaria nele.

Outro dia, relendo o texto em questão, achei, aliás, muito interessante. É uma excelente introdução ao pensamento de Cioran que mereceria ser traduzida para atingir um público mais amplo.

Então, o meu primeiro encontro com Cioran... não aconteceu. Jovem estudante em Amsterdã, eu poderia ter presenciado o seu encontro com Léo Gillet na Casa

Cioran, um aventureiro imóvel

Descartes. No volume das *Entretiens*, a entrevista com Gillet – resultado desse encontro – é uma das mais ricas e interessantes. Ter perdido essa noite será sempre um dos meus maiores arrependimentos.

No final, a terceira chance deu certo. O meu amigo, o filósofo Ger Groot, me disse que gostou muito de participar de um colóquio sobre Cioran organizado em Sibiu pelo professor Eugène Van Itterbeek.¹ Como, alguns anos antes, Ger Groot viera comigo fazer um curso prático de tauromaquia na França, eu me ofereci para acompanhá-lo no colóquio seguinte. Eu queria muito ir, até porque sempre estivera interessado pela Romênia, esse país latino no meio de povos eslavos. Eu apreciava a música de Enescu,² o teatro de Ionescu, e lia com grande prazer os textos de Urmuz³ traduzidos para o holandês por Jan-Willem Bos. Além disso, naquela época eu trabalhava com um grupo de amigos em um orfanato em Baraolt.

Ger Groot aceitou a minha companhia, mas colocou como condição que eu escrevesse algo sobre Cioran. Então comprei as *Œuvres* de Cioran, da Gallimard (col. «Quarto», 1995), e comecei a estudá-lo. Fui conquistado imediatamente pelo estilo do autor, e, conforme me aprofundava nele, logo pelo seu humor, pelo seu lado cabotino perspicaz, pelo seu pessimismo, mas também pela sua especial generosidade – um aspecto de Cioran que talvez não seja justamente reconhecido.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

G. L. – Pergunta difícil! Uma das coisas que me encantam na obra de Cioran é a falta de unidade, embora existam constantes. Posso dizer que o aspecto que mais me interessa

1. Eugène van Itterbeek (1934-2012) foi um poeta, ensaísta e crítico literário belga que instalou em Sibiu, na Romênia, no início dos anos 1980. Lecionou literatura francesa na Faculdade de Letras e Artes da Universidade “Lucian Blaga” de Sibiu e – de 1992 a 2012 – organizou o *Colocviul Internațional Emil Cioran*, também em Sibiu (cidade onde Cioran passou a adolescência). Itterbeek também editou os *Cahiers Emil Cioran: Approches critiques*, série de estudos críticos sobre o autor romeno publicada pela editora da Universidade “Lucian Blaga” de Sibiu (N. do E.).

2. George Enescu (1881-1955) foi um compositor, violonista, pianista e educador romeno, considerado o mais importante nome da música erudita romena. Um paralelo pode ser traçado entre Enescu e Heitor Villa-Lobos (1887-1959), considerado a figura criativa mais significativa do século 20 na música clássica brasileira (N. do E.).

3. Segundo Fernando Klabin, Urmuz (1883-1923) é considerado o precursor do surrealismo na literatura romena, antecipando o Dadaísmo de Tristan Tzara e o teatro do absurdo de Ionescu. Num ensaio de 1965, o dramaturgo especulava se Urmuz não seria um “irmão espiritual de Jarry” ou uma espécie de “Kafka mais mecânico e mais grotesco”. De Urmuz, Klabin já traduziu “Filme documentário da morte” e “Fuchsiada”, ambos publicados na revista (n.t.) *Nota do Tradutor* (N. do E.).

é a transição entre a sua obra romena e os volumes franceses, a mudança do partidário da Legião de Ferro para o individualista “marginal”, crítico de qualquer forma de *hybris*. Mas isso não pode ser chamado de interpretação.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes atualmente?

G. L. – Eu – que não sou filósofo, mas de formação literária – fui primeiramente atraído pelo esplendor do estilo, pela brevidade, precisão, pelo imperfeito do subjuntivo. Sou mesmo um estrangeiro bárbaro que, por acaso, escreve em francês, e sei como é difícil esse exercício! Cioran inventou um francês puríssimo, mas que é só dele, com o qual ressoa extraordinariamente o francês dos grandes moralistas, e que é, ao mesmo tempo, um francês do século 20.

Em segundo lugar, é preciso saudar o pensador corajoso. Lembro-me dos comentários pontuais de Cioran sobre certos pensadores, certas ideias, sobre a condição humana em geral. Em todos eles, no fundo do desespero obscuro há uma espécie de “descrença generosa”, ligeiramente mal-humorada, que me agrada. Penso especialmente na frase sobre Bach: “Se há uma pessoa que deve tudo a Bach, esse alguém é Deus.”⁴ Cito de memória. Acho muito bonito e justo e, ao mesmo tempo, ousado, engraçado. Não devemos esquecer: Cioran dominava a arte de divertir o leitor. É um aspecto importante dos seus escritos.

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

G. L. – Não sei de nenhum. Talvez Matzneff, um escritor interessante, mas que não chega ao mesmo nível (é um Cioran de segunda categoria, pois falta-lhe, entre outras coisas, a concentração de Cioran). Mas, em geral, o que me interessa num autor, e o que procuro num livro, é a sua particularidade, a sua singularidade. Um autor deve, antes de tudo, escrever coisas que só ele pode dizer e transmitir, ter uma voz própria e os seus temas de preferência, trate-se de Racine, Cioran, Sacha Guitry ou San-Antonio.

C. V. – Você concorda com os exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

4. CIORAN, *Silogismos de amargura*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: 2011, p. 88.

G. L. – Não sei se é importante hierarquizar os autores influenciados por Nietzsche. Se eu tivesse que encontrar um, seria Henry de Montherlant, um grande escritor cujos gostos eróticos parecem condená-lo hoje a um rebaixamento injustificado da qualidade dos seus textos. Pela liberdade de tom e pela intenção, os seus *Carnets* (1930-1944) são, a meu ver, uma leitura capital, um dos pináculos injustamente negligenciados da literatura francesa. Além disso, também acho – mas isso foge um pouco das nossas intenções – que para ser seguidor de Nietzsche, é melhor não ter filhos. Afinal, os filhos não percebem, mas os pais são, de muitas maneiras, reféns deles. Ser pai implica uma vulnerabilidade e exige um tipo de generosidade e disponibilidade que não correspondem a certos aspectos e exigências da atitude nietzschiana. Estou convencido de que pais de famílias numerosas raramente estão entre os seguidores de Nietzsche – muito menos mães! É possível imaginá-los nietzschianos?

C. V. – Como é a recepção da obra de Cioran na Holanda?

G. L. – Acho que a obra feroz de Cioran não faz o gosto e a sensibilidade dos holandeses. Somos um povo de comerciantes, pessoas práticas. Somos também, por outro lado, um povo protestante e tão idealista que fizemos da nossa missão tornar o mundo melhor – o que para a maioria dos holandeses significa: mais parecido com a Holanda. Em ambos os casos, a nossa mente está voltada para o futuro, para a construção, para soluções práticas. Somos pouco inclinados à reflexão metafísica. Obviamente, existem clichês, mas todos têm um fundo de verdade, como sempre. Trata-se, aliás, de uma espécie de clichê que o próprio Cioran utilizava de bom grado nos seus textos. Então, estou na companhia certa!

Em geral, pode-se dizer que os holandeses não são nada sensíveis ao pessimismo e, quanto ao fatalismo, são simplesmente imunes. Bater a cabeça pelo destino da nossa pátria, como fez Cioran no início do seu itinerário na Romênia, seria visto por qualquer holandês que se preze como um comportamento infantil e ridículo que não dá dinheiro e nem melhora concretamente o curso do mundo. Somos pessoas muito prosaicas. Por isso Cioran é pouco lido na Holanda. Mas há um pequeno círculo de leitores fiéis dentre os quais alguns provavelmente são mais seduzidos pela prosa extraordinária do que pelas ideias de Cioran, e que continuam, mesmo em escala reduzida, a promovê-lo.

“CIORAN É *GRAFFITI* PARA ESCREVER NAS PAREDES DA CIDADE, POR ENGAJAMENTO CÍVICO”

MARCO LUCCHESI

Marco Lucchesi é um poeta, escritor, tradutor e educador brasileiro. Nascido no Rio de Janeiro, em 9 de dezembro de 1963, graduou-se na Faculdade de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), fez mestrado e doutorado em Letras pela UFRJ e pós-doutorado em Filosofia do Renascimento na Universidade de Colônia, na Alemanha. É professor de literatura comparada da Faculdade de Letras da UFRJ. Foi professor convidado de diversas universidades na Europa, Ásia e América Latina. Foi professor-visitante da Fiocruz, das universidades de Roma II (Tor Vergata), Craiova (Romênia) e Concepción (Chile). Em 2011, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, como o sétimo ocupante da cadeira nº 15 (fundada por Olavo Bilac e apadrinhada por Gonçalves Dias). Em 2017, foi eleito o mais jovem presidente da ABL, cargo exercido até 2021.



Da sua prolífica e variegada obra, destacam-se os volumes de poesia *Sphera* (2003), *Meridiano Celeste & Bestiário* (2006, Prêmio Alphonsus de Guimaraens) e *Clio* (2014); os romances *O dom do crime* (2011), *O bibliotecário do imperador* (2013) e *Adeus, Pirandello* (2020); os volumes de memórias *Saudades do Paraíso* (1997) e *Os olhos do deserto* (2000); os ensaios *A memória de Ulisses* (2006) e *O carteiro imaterial* (2016). Os seus livros foram traduzidos para línguas como árabe, romeno, italiano, inglês, francês, alemão, espanhol, persa, russo, turco, polonês, hindi, sueco, húngaro, urdu, bengali e latim. É colunista do *Jornal de Letras* (Lisboa), da revista *Humanitas* (Brasil), da revista chilena *Off The Record* e do jornal *Comunità Italiana*. Lucchesi é poliglota e tradutor de muitos idiomas. Traduziu dois romances de Umberto Eco, a *Ciência Nova* de Vico, os poemas do romance *Doutor Jivago*, obras de Guillevic, Primo Levi, Rumi, Hölderlin, Khlebnikov, Trakl, Juan de la Cruz, Francisco Quevedo e Angelus Silesius. Graças ao conhecimento de mais de vinte idiomas, criou uma língua artificial denominada “laputar”. Para além de sua atividade artística, sobretudo na poesia e na ficção, sua

pesquisa se baseia numa atitude multidisciplinar, que abrange a filosofia, a literatura, a música, a filosofia da matemática, a teologia, a astronomia e as artes em geral. Em 2016, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Tibiscus de Timișoara e, em 2020, o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Aurel Vlaicu de Arad, ambas na Romênia.

CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

MARCO LUCCHESI – Caro Ciprian, por onde começar? Pode-se verdadeiramente começar? Talvez pelo fim? Que pista seguir? Talvez as *Passages de Benjamin* ou as *caretas de Artaud*? Cheguei a Cioran por Leopardi, o das *Operette morale*,¹ ainda jovem, “quando a esperança ainda é longa e a memória ainda curta”.² Eu queria tudo e exigia tudo de todos. Eu batia nas portas e procurava as chaves certas para abri-las. E percebia que as portas existiam, mas as chaves, se havia, não serviam para abri-las. Cioran confirmou em mim, até certo ponto, essa intuição, e me abriu amplos corredores, sem portões nem portas, um labirinto cheio de luz e espaço. Ele era afiado. Curioso. Fascinante. *Graffiti* para escrever nas paredes da cidade, por engajamento cívico. Isso é o que o nome dele me pareceu. Eu o lia em francês. Naquela época, eu não era quase nada romeno, como me tornaria mais tarde. Fato que me permitiu chegar à terra de Cioran, à doce língua de Eminescu, poeta com quem o autor da decomposição manteve um diálogo importante. Eu fui atraído por Cioran, que se tornou um dos meus amigos, ao lado de Leopardi e Nietzsche. Naquela idade imatura (cerca de quinze anos), sentia-me atraído por essa tríade pessoal, mas, ao mesmo tempo, sentia a necessidade de exorcizá-los, vencido pela alegria da vida.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran atraíram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes hoje?

M. L. – Acima de tudo, fui atraído pela síntese, pela capacidade musical e aforística

1. Coleção de textos em prosa escritos por Leopardi entre 1824 e 1932 e publicados definitivamente em 1835. Há uma edição em língua portuguesa do Brasil: *Opúsculos morais*. Trad. de Vilma de Katinsky Barreto de Souza: São Paulo: Hucitec/Istituto Italiano di Cultura/Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1992 (N. do E.).

2. Verso do *Canto XIV* de Leopardi, um poema intitulado *Alla luna* [À lua]: *Oh come grato occorre nel tempo giovanil, quando ancor lungo la speme e breve ha la memoria il corso, il rimembrar delle passate cose, ancor che triste, e che l'affanno duri!* Na tradução de Renato Suttana: “Oh, como no tempo juvenil, quando ainda é longa a esperança, e a memória ainda curta, grato é lembrar as coisas que passaram, mesmo que tristes e que as mágoas durem!” (N. do T).

do estilo *graffiti*, como disse anteriormente. E eu o amava em minha contradição de estudante de metafísica, do tomismo, da poesia de Angelus Silesius, dos grandes hinos de Hölderlin. Eu lia Cioran e alguns fragmentos me divertiam bastante, eu ria, uma risada pirandelliana, é claro. Na realidade, era uma espécie de *metaphysische Sprung* [salto metafísico], como pude ver refletido e presente, nalguma medida, no livro de Stéphane Barsacq: *Éjaculations mystiques*, que poderíamos denominar diversamente “orações ejaculatórias metafísicas”, no mais profundo sentido de mística árida, de mística sem Deus. E naqueles *Lehrjahre* [anos de aprendizado] fiquei dividido quanto à existência de Deus, a partir de uma posição filosófica menos agostiniana e mais tomista, mas hoje amo mais a primeira do que a segunda.

Era, portanto, um Cioran particular meu, em bocados. E como mais tarde comecei a faculdade de história, o demônio romeno me ajudou como um xarope para não me deixar arrastar completamente pela janela opressiva do marxismo vulgar presente na universidade naquela época. Hoje, por outro lado, na casa dos cinquenta, amo a música de Cioran, sou apaixonado por sua poesia, viva como o fogo, forte e corrosiva no bom sentido do termo. Sinto-o como um desafio epistemológico, talvez mais na obra escrita em francês, enquanto nos escritos romenos, que eu leio com gosto, pareço vislumbrar uma cãibra da minha juventude, com a sua angústia e dor, intercaladas com poesia, que hoje sei reconhecer e me faz sentir em casa na minha amada Romênia.

C. V. – Você concorda com a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

M. L. – Antes de ler sobre isso, eu já havia sentido intensamente essa continuidade ao ler fragmentos de *O Crepúsculo dos ídolos*, no martelo filosófico, no *modus dissolvendi*, na variedade mozartiana do ritmo com um fundo comum, e, na minha então primitiva experiência de leitor, tinha a sensação de não saber (além da simples cronologia) se era Nietzsche quem tinha influenciado Cioran ou se, “mais provavelmente”, as coisas não se dariam inversamente contrário, rebelando-se contra qualquer linha de tempo plausível ou incerta. Amei esse pensamento e estendi essa ponte para um mundo ideal, sem alfândega, como leitor-trafficante de ideias e potenciais belezas poéticas, pequenas epifanias, entre *Zaratustra* e os notáveis *Silogismos da amargura* de Cioran. À tríade, gostaria de acrescentar Antonin Artaud, sobretudo pela ideia do teatro e do duplo selada com o fervor da crueldade, um outro martelo, um novo silogismo, fonte de fascínio e,

portanto, de paixão.

C. V. – Que escritores do século 20 poderiam ser comparados a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

M. L. – Nietzsche está próximo de nós como um pai, um primo mais velho ou um mestre. Acho que o século passado e o presente se tornaram impossíveis sem a sua leitura, o seu alarme, sem as suas saídas e a sua teologia. Falo da teologia porque vejo que neste campo (menos frequentado pelos filósofos em geral) a contribuição de Nietzsche segue viva, queimando e tocando tudo. E aqui não me refiro apenas à parte óbvia, como os teólogos da morte de Deus, Altizer e outros, mas penso na teologia ocidental, em Hans Urs von Balthasar ou no mais recente Jean Luc Marion, mas paro aqui porque haveria muito a dizer. Somos todos discípulos de Nietzsche, sem o qual não teríamos saúde e salvação. Cioran também é um discípulo seu. E aqui eu poderia me delongar por muitas páginas sobre o problema da música, ao qual Nietzsche trouxe novas críticas. Mas assim me afastaria do estilo sintético em que sinto necessidade de te responder, meu caro Ciprian.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

M. L. – Esta resposta deve se transformar em uma miriápode, com milhares de perninhas. Aqui, em Bruxelas, onde escrevo no café do museu Bozar, sem livros ao meu lado, posso dizer que me sinto ligado, por um lado, ao problema da história e à problemática teológica em Cioran, e, por outro, à capacidade de reavivar os argumentos de uma filosofia do tempo, na sua historicidade possível, deformada e solta, em sintonia com a assim-chamada teologia negativa, onde me sinto numa floresta zaratustriana e encho os meus pulmões com uma lufada de ar fresco.

Acabei de ver de perto o barroco de Zurbarán, as suas pinturas escuras, com uma luz cheia de ferocidade e humildade, com a decomposição das coisas nos arredores e abismos. O *Abgrund* [Abismo] é respirado aqui. Ou talvez *Ab-Grund*. Acho que Cioran viveu a poética de Zurbarán. Talvez seja apenas uma fantasia ibérica minha, pois estou trabalhando agora com o barroco brasileiro e peninsular. Mas isso é um afastamento dissonante da sua bela pergunta. E só agora percebo que amo as ressonâncias de Cioran. E, bizarramente, penso em Noica e Dragomir, diante dos quais experimento um sentimento de amizade e compaixão filosófica. E reverência. Estas são as poucas

palavras que posso usar para descrever em um sussurro o meu Cioran.

C. V. – Como é atualmente a recepção brasileira da obra de Cioran?

M. L. – Meu caro Ciprian, a recepção de Cioran no Brasil se deve a José Thomaz Brum, que o visitou em Paris, eles se correspondiam constantemente, viveram uma amizade que mais parece um romance epistolar, de tradução, de amor. No começo era o Thomaz. e o Thomaz estava com o Cioran, uma pequena gênese, um anjo no sentido etimológico da palavra. Tudo começa com Thomaz, com suas belas e precisas traduções, revisadas e corrigidas inúmeras vezes, escritas em um belo português. Pois, a meu ver, beleza e verdade são conversíveis (estou falando de conversibilidade no sentido da filosofia antiga). E agora Cioran está presente no Brasil, não digo como Benjamin, pois sabemos que Cioran é para os *happy few*, mas o filósofo trabalha, difunde-se imperceptivelmente, é objeto de debates e teses no meu país continental. Os jovens o adoram. Uma vez vi uma citação de Cioran em um muro antigo do Rio, uma citação da qual não me lembro exatamente hoje. Nos meus ensaios e cursos, o filósofo romeno aparece muitas vezes, como pedra angular da cúpula da grande cultura produzida no *espaço miorítico*,³ de Blaga a Cioran.

Abraço-te, querido amigo, com a luz e a sombra de Zurbarán, *ex corde*, Marco Lucchesi, de Bruxelas, 30 de abril de 2014.

3. Adjetivo derivado de *Miorița*, “Ovelhinha” em romeno. A *Miorița* é uma lenda do folclore romeno cantada na forma de balada. O “espaço miorítico” é uma topografia peculiar da Romênia, alternando entre montanhas e planícies, uma geografia propícia ao pastoreio e à transumância (N. do E.).

La connaissance de soi, la plus amère de toutes, est aussi celle que l'on cultive le moins : à quoi bon se surprendre du matin au soir en flagrant délit d'illusion, remonter sans pitié à la racine de chaque acte, et perdre cause après cause devant son propre tribunal?

[O conhecimento de si, o mais amargo de todos, é também aquele que menos cultivamos: para quê surpreendermo-nos de manhã à noite em flagrante delito de ilusão, regressar impiedosamente à raiz de cada acto, e perder causa atrás de causa diante do nosso próprio tribunal?]

CIORAN, *Do inconveniente de ter nascido*

“CIORAN ERA UM CARRASCO DE ILUSÕES”

JOAN M. MARÍN



Joan M. Marín nasceu em Borriana, Espanha, em 1959. Estudou filosofia na Universidade de Valencia. Os seus estudos se concentraram inicialmente em filosofia pessimista e trágica, especialmente Schopenhauer e Nietzsche. Em 1985, publicou *Agnosticismo y Estética. Estudios Schopenhauerianos*. A sua tese de doutorado sobre Cioran, defendida em 1990, foi publicada anos mais tarde na forma de livro: *Cioran o el laberinto de la fatalidad* (Institució Alfons el Magnánim, 2001). Dois anos antes, publicou *E. M. Cioran,*

L'écriture de la llum i el desencant (7 i Mig, Valencia, 1999), uma antologia comentada de aforismos de Cioran traduzidos para o catalão. Joan M. Marín é professor de Estética e Teoria da Arte na Universidade Jaume I de Castellón, onde trabalha como professor e pesquisador no campo da publicidade e do design. Entrevista realizada conjuntamente por Ciprian Vălcan e Ilinca Ilian

CIPRIAN VĂLCAN – Como você conheceu a obra de Cioran?

JOAN M. MARÍN – Foi ao final dos anos 70. Fernando Savater, o primeiro divulgador de Cioran na Espanha, fez a sua tese de doutorado sobre o filósofo romeno e, em 1974, publicou *Ensayo sobre Cioran*. A leitura desse maravilhoso livro me revelou a existência do único autor contemporâneo cuja finesse de estilo e clareza de pensamento estavam à altura daqueles que, na época, mais me preocupavam: Schopenhauer e Nietzsche. Comecei a ler a obra de Cioran com enorme prazer, primeiro em espanhol, depois em francês. O meu interesse pela sua obra foi crescendo progressivamente a ponto de, no início dos anos 80, concluindo as minhas pesquisas sobre a estética schopenhaueriana, desistir de fazer o doutorado sobre Nietzsche e resolver fazê-lo sobre Cioran.

ILINCA ILIAN – A correspondência com Cioran se deu em torno da minha pesquisa

sobre a sua obra. Começou no final dos anos 80. Depois que comuniquei a ele o meu desejo de estudar o seu pensamento, escrevi-lhe várias vezes para abordar alguns tópicos, e ele sempre me respondia com gentileza e brevidade. Sempre escreveu à mão. Algumas vezes ele começava datilografando, mas suponho que o seu temperamento impetuoso o fazia voltar atrás no meio da carta, e continuava a escrever à mão. Concluída a minha tese de doutorado, enviei-lhe uma cópia. Ele me respondeu com várias cartas nas quais, além da sua gratificante opinião, recordo carinhosamente a sua ironia habitual. Em uma das cartas ele se despediu com estas palavras: “*Comme je suis le responsable de vos malheur, vous devez m'en vouloir. Votre thèse était une aventure et je suis vraiment content que vous soyez encoré en vie*” [Como sou o responsável pelo seu infortúnio, você deve me culpar. A sua tese foi uma aventura, e estou muito feliz por você ainda estar vivo].

I. I. – Você conheceu Cioran pessoalmente?

J. M. M. – Não. É um exemplo deplorável de um encontro irrealizado. Em 1990, quando lhe enviei uma cópia da minha tese, Cioran, além de me informar o seu telefone, me deu o seu endereço em Paris, caso eu visitasse a cidade. Nesse mesmo ano, ou no ano seguinte, eu fui a Paris. Lembro-me muito bem de uma tarde, subindo e descendo a *rue l'Odeon*, olhando as janelas que pensávamos ser a da mansarda dele, sem coragem de entrar. Tive vergonha de Cioran, tive vergonha de que um mestre do estilo da língua francesa pudesse ouvir como alguém que estudou sua obra se expressa na mesma língua. Fui embora sem subir. Muitas vezes me arrependi dessa decisão. Com o tempo, acabei aceitando que Cioran, que se considerava um “estrangeiro”, arrastando o seu “*rrr*” do Leste Europeu, teria perdoado os meus erros linguísticos e meu sotaque lamentável, como poucos.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes hoje?

J. M. M. – Na minha opinião, o eixo subjacente ao pensamento de Cioran é a *lucidez*. Cioran é um carrasco de ilusões. A sua lucidez penetra os sistemas filosóficos, religiosos e ideológicos para trazer à luz o que filósofos, clérigos e ideólogos escondem nos bastidores. Schopenhauer dizia que é típico dos filósofos racionalistas pensar até certo limite, até a metade agradável da existência, e parar por aí. O que importa para filósofos da lucidez, como Nietzsche e Cioran, é mostrar a outra metade, embora possa ser doloroso. Os temas abordados por Cioran com a sua lucidez lúcida são os mesmos de

sempre: Deus, o sentido ou sem-sentido da existência, a morte, o desejo, o amor, os sentimentos etc. São temas próprios de uma filosofia da vida e da ética antidogmáticas, os mesmos da grande tradição moralista. Se um jornalista o repreendia por repetir as mesmas coisas nos seus livros, Cioran respondia: “Sim, sobre o que é importante!”

A maioria dos temas sobre os quais Cioran escreve é *atemporal*; acima dos assuntos momentâneos, eles sempre retêm o seu interesse porque são consubstanciais ao ser humano. Ademais, ele abordou esses temas de uma maneira inteiramente nova, iluminando parte do cenário que até então permanecia às escuras. Pessoalmente, acho que o mais importante na obra de Cioran, acima dos temas abordados, é o modo de pensar. A sua relação intransigente com a clareza da visão, a ironia e a exigência de estilo.

C. V. – Você concorda com os exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

J. M. M. – Além da coincidência biográfica (ambos eram filhos de sacerdotes), Nietzsche e Cioran têm mais em comum. Fazem parte da irmandade dos pensadores solitários, à margem das escolas filosóficas; pertencem a uma filosofia não-institucional, silenciada pela Academia. São pensadores *viscerais*. Nas suas obras, longe das invenções artificiais do pensamento asséptico, o leitor percebe as convulsões do sentimento e da carne pensante. São, ao mesmo tempo, pensadores-literatos capazes de dar a vida por uma bela frase. Eles também se encontram nas barricadas das suas próprias batalhas contra Deus, contra a Verdade e os *ídolos* que se escondem atrás de maiúsculas.

Mas os motivos que os levam às barricadas do pensamento são distintos. Se analisarmos detalhadamente as suas obras, veremos que elas têm temperamentos e ideias filosóficas diferentes. Para citar apenas duas provas definitivas: a filosofia nietzschiana começa com a celebração dionisíaca da vida em *O nascimento da tragédia* e termina com o anúncio do “super-homem” encarnado por Zarathustra. Ambas as extravagâncias são estranhas ao pensamento de Cioran. O próprio Cioran afirmou em passagens de seus livros que a excepcional introspecção psicológica de Nietzsche, o seu inigualável *olfato* para detectar o momento da desintegração e as várias formas de niilismo, estão ausentes da sua obra, razão pela qual, segundo Cioran, parece tão ingênuo.

Se fizéssemos uma interpretação nietzschiana de Cioran, ele corresponderia ao “último homem”, aquele que, presa do niilismo ativo, destruiria os últimos ídolos.

Mas não acho que sua obra deva ser interpretada apenas como uma continuação da de Nietzsche. O pensamento de Cioran é uma fonte que, além de fluir na direção de Nietzsche, recebe contribuições de muitas outras fontes.

I. I. – Você acha que as páginas que Cioran dedicou à Espanha e aos espanhóis são fidedignas? Elas manifestam evidência de um profundo conhecimento da psicologia do povo espanhol ou talvez apenas o reflexo de uma visão romântica alimentada pela erudição?

J. M. M. – Sabemos que Cioran era fascinado pela história da Espanha e pelo que se poderia chamar de temperamento espanhol. Em um aforismo de *Silogismos da amargura*, ele diz: “Um após o outro, adorei e excrei numerosos povos; jamais me ocorreu renegar o espanhol que gostaria de ter sido...”¹ Obviamente, essa visão da Espanha e dos espanhóis não corresponde a critérios sociológicos objetivos, mas a uma criação literária.

Cioran descobre no estereótipo idealizado da Espanha e dos espanhóis algumas características que o fascinam; especialmente o caráter excessivo, a tendência a adotar uma atitude do tipo “tudo ou nada” sobre as grandes questões. Essa atitude extrema se manifesta em episódios da história espanhola como a conquista da América ou em fenômenos como a religiosidade católica. Para um místico, o século 16 espanhol é um tesouro.

Além disso, como analista do fracasso existencial e dos processos de decadência, Cioran também é atraído por uma forma especial de consciência trágica que ele encontra no espanhol; a forma ímpar de aceitar com um toque de bravata, entre a lamentação e o desafio, a consciência de ter sido tudo e a evidência de não ser mais quase nada.

C. V. – Como é a recepção da obra de Cioran na Espanha atualmente?

J. M. M. – O interesse pela obra de Cioran começou nos anos 70, em estreitos círculos filosóficos e intelectuais, graças às magníficas traduções espanholas que Fernando Savater publicou na editora Taurus: *Breviario de podredumbre*, *La tentación de existir*, *El aciago demiurgo*, *El inconveniente de haber nacido*. O interesse cresceu significativamente nos anos 80 e, nos anos 90, se ampliou para alcançar o público leitor de ensaios em geral.

1. CIORAN, *Silogismos da amargura*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 52.

A recepção da obra de Cioran na Espanha é semelhante à que teve, em sua época, Schopenhauer na Alemanha. Sem dúvida, Cioran é um autor de relativo sucesso entre os leitores de ensaios filosóficos, setor que continua sendo minoritário. Ele é muito mais lido do que a maioria dos filósofos europeus, mas a sua obra desperta mais interesse fora da universidade e da academia filosófica.

O pensamento de Cioran é apreciado por um grupo heterogêneo no qual podemos distinguir poetas, escritores, jornalistas, artistas, médicos, magistrados, etc., cujo denominador comum é um espírito aberto e um gosto cultural refinado; mais do que o coletivo profissional, que se mantém ligado a uma “mentalidade de escola”. Sendo um cioraniano, não tenho certeza se esse diagnóstico está correto, mas pelo menos é nisso que gostaria de acreditar.

Aussi bien en philosophie qu'en littérature, ce sont les cas qui m'intéressent, ces auteurs desquels on peut dire qu'ils sont un « cas » au sens quasi clinique du terme. M'intéressent tous ceux qui vont à la catastrophe, et également ceux qui sont parvenus à se situer au-delà de la catastrophe. Ma plus grande admiration va à qui s'est trouvé sur le point de s'écrouler. C'est pour cela que j'ai aimé Nietzsche ou Otto Weininger.

[Tanto em filosofia como em literatura, são os *casos* que me interessam, esses autores de que se pode dizer que são um “caso” no sentido quase clínico do termo. Me interessam todos os que vão em direção à catástrofe, e também os que conseguem situar-se mais além da catástrofe. A minha maior admiração é por quem está a ponto de desabar. É por isso que amei Nietzsche ou Otto Weininger.]

CIORAN, *Entretien avec Fernando Savater*

“O MEU CIORAN É O ‘CASO’, O APAIXONADO POR TUDO QUE É EXTRAVIO, DILACERAÇÃO, APORIA”

DAN C. MIHĂILESCU



Dan C. Mihăilescu nasceu em Bucareste, em 12 de dezembro de 1953. É crítico literário, historiador da literatura, ensaísta e jornalista. Tornou-se uma figura pública amplamente conhecida graças ao programa televisivo *Omul care aduce cartea* [O Homem que traz o livro], transmitido na Romênia pela Pro TV. Formou-se em 1976 na Faculdade de Língua e Literatura Romena (seção romeno-francesa) da Universidade de Bucareste. De 1980 a 2003 foi investigador científico no Instituto de História e Teoria Literária “G. Călinescu”, secretário de redação da *Revista de istorie și teorie literară* (1983-1986) e editor do

suplemento *Litere, arte, idei* (LAI) do jornal *Cotidianul* nos períodos de 1991-1996 e 2001-2004. Em 1999, tornou-se consultor para questões de comunicação do presidente da Sociedade Romena de Televisão. Desde 2000, produz o programa televisivo *Omul care aduce cartea* na Pro TV.

É autor de inúmeras crônicas literárias, em revistas e jornais como *Transilvania*, *Revistă 22*, *Ziarul de dominică*, suplemento do *Ziarul financiar* (2000-2006), *Idei în dialog*. Também é o autor de uma vasta bibliografia, na qual se destacam *Perspective eminesciene* (1982), *Dramaturgia lui Lucian Blaga* (1984), *Întrebările poeziei* (1989), *Stângăcii de dreapta* (1999), *Scriitorincul* (2001), *Carte de bucăți* (2003), *Literatura română în postceaușism I. Memorialistica sau trecutul ca re-umanizare* (2004), *Scrieri de plăcere* (2004), *Îndreptări de stânga* (2005), *Viața literară I* (2005), *Literatura română în postceaușism II. Proza. Prezentul ca dezumanizare* (2006), *Literatura română în postceaușism III. Eseistica. Piața ideilor politico-literare* (2007), *Despre omul din scrisori. Mihai Eminescu* (2009), *Despre Cioran și fascinația nebuniei* (2010), *Cărțile care ne-au*

făcut oameni (2010), *Și așa mai departe?* (2011), *Oare chiar m-am întors de la Athos?* (2011), *I.L. Caragiale și caligrafia plăcerii* (2012), *Ce mi se-ntâmplă. Jurnal pieziș* (2012), *Castelul, biblioteca, pușcăria. Trei vămi ale feminității exemplare* (2013), „*Ce-mi puteți face, dacă vă iubesc!?*” *Eseu confesiv despre Ioan Alexandru* (2015), *Plăceri vinovate și datorii împlinite* (2018) e *Podul cu vechituri* (2019).

CIPRIAN VĂLCAN – Quando você leu Cioran pela primeira vez?

DAN C. MIHĂILESCU – Em 1980-81. Eu tinha 27 anos, havia terminado de escrever um livro sobre Eminescu e era um novo pesquisador no Instituto “G. Călinescu” quando conheci Doina Graur, sobrinha de Ion Chinezu.¹ Uma mulher estranha, solitária, retraída entre fantasmas, frustrações, bovarismos, livros exóticos e assuntos bizarros, como a literatura do inferno. Depois de alguns anos, quando me familiarizei com a geração de 1927,² soube que ela era secretamente comparada a Sorana Țopa,³ pelo menos do ponto de vista da intimidade com os mistérios.

O primeiro livro de Cioran que eu li foi *Transfiguração da Romênia*. Ela tinha todos os seus livros publicados em romeno com dedicatórias a Ion Chinezu, mas também alguns dos livros publicados na França. Sempre saíamos da casa de Doina Graur com uma “rede cheia de peixes”, principalmente da geração pastoreada por Nae Ionescu. Naquela época, eu frequentava Arșavir Acterian, Mircea Handoca, Bucur Țincu e a família Neli e Petru Vasilescu, através dos quais descobri Alexandru Paleologu, o médico Sebi Munteanu, Barbu Brezianu e outros rostos com a marca do período entreguerras. De qualquer forma, em 1986, quando publiquei um ensaio sobre *Călătoriile lui Cioran cu anatema* (“As viagens de Cioran com anátema”), na *Revista de istorie si teorie literară*, e compilava “comunicações científicas” sobre as resenhas de Mihail Sebastian dos livros de Mircea Eliade, tive a sensação de que estar vivendo em pleno *criterionismo*,⁴

1. Ion Chinezu (1894-1966) foi um crítico literário e tradutor romeno, uma importante personalidade cultural da Transilvânia, tendo feito inúmeras traduções da literatura húngara e alemã (N. do E.).

2. *Tânăra generație din 1927*, a Jovem Geração de 1927, formada sob a égide do professor Nae Ionescu, à qual pertenceram Cioran, Eliade, Constantin Noica, Eugen Ionescu, Mihail Sebastian, Mircea Vulcănescu, Petre Țuțea, entre outros (N. do E.).

3. Sorana Țopa (1898-1986) foi uma atriz de teatro que se tornou célebre no período entreguerras. No ensaio de Ion Vartic sobre Cioran há um capítulo – “Quem não esteve apaixonado por Sorana Țopa?” – que trata de um triângulo amoroso platônico entre Țopa, Cioran e Eliade (ambos os quais estiveram apaixonados por ela). Cf. VARTIC, Ion, “Quien no estuvo prendado de Sorana Țopa?”, in *Cioran, ingenuo y sentimental*. Trad. de Francisco Javier Marina Bravo. Zaragoza: Mira Editores, 2002, pp. 180-197 (N. do E.).

4. De *Criterion*, nome do grupo/movimento literário e espiritual da Jovem Geração de 27, liderado por

deambulando pela velha Bucareste ao lado de Mircea Vulcănescu, Constantin Noica e Emil Cioran, Mișu Polihroniade, Emil e Dan Botta, Petru Comarnescu e Ionel Jianu (ainda não chegamos a Golopenția, Amzăr, Stahl, Brauner e outros “gustianos”⁵).

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes hoje?

D. C. M. – Nunca coloquei o filosófico, o religioso, o metafísico ou o místico no pleno brasão cioraniano. Mas em algum lugar no limite do campo heráldico. Desde o início tive a impressão de um enorme diário de vida (*le journal d'un douteur*), de um escritor de si mesmo (*écrivain de soi-même*). Não adianta buscar ideias originais, contribuições fundamentais como as categorias kantianas, a ideia hegeliana etc., pois o núcleo essencial é a vivência das ideias, a mistura explosiva de heresia cristã, combustão gnóstica, anarquismo russo e insatisfação ditatorial, mais o budismo da maturidade... Como filólogo e historiador literário, e, portanto, um escritor limítrofe, vi nele um êmulo dos *Demônios* de Dostoiévski, sem ter lido, até então, Rozanov, Spengler, Maistre, Klages, Kierkegaard, Chamfort ou mesmo Nietzsche (exceto *O Nascimento da Tragédia*). Com o tempo, é claro, também me envolvi em temas metafísicos. O “meu” Cioran é o Escritor, o “caso”, o Personagem, o autor dos *Cadernos* e das correspondências, o ávido leitor das experiências biográficas da constelação Sissi-Madame du Deffand, o atleta dos *Exercícios de admiração*, o observador dos bêbados de Rășinari, o apaixonado por tudo o que é loucura, heresia e mística em estado selvagem, extravio, dilaceração, fracasso, estilhaçamento, aporia, nada. Que soberba antinomia ele mantém com a dupla Eliade-Noica! Guardadas as diferenças, eu diria que ocorre com Cioran exatamente o mesmo que no caso de Ion D. Sîrbu,⁶ onde a obra literária (incluindo *Adio, Europa*) se move para longe, em segundo plano, do diário e da correspondência.

C. V. – Você concorda com os exegetas que consideram Cioran o principal continuador

Eliade (N. do E.).

5. Discípulos de Dimitrie Gusti (1880-1955), sociólogo, etnólogo, historiador e filósofo romeno. Gusti exerceu os cargos de presidente da Academia Romena (1944-1946), de Ministro da Instrução Pública, Cultos e Artes (1932-1933), além de ter sido professor nas Universidades de Iași e Bucareste. É considerado o pai da sociologia romena (N. do E.).

6. Ion Dezideriu Sîrbu (1919-1989) foi um filósofo, romancista, ensaísta e dramaturgo romeno. Sîrbu foi vítima do regime comunista, passando cerca de 6 anos como preso político (1957-1963). Morreu em Craiova, aos 70 anos. O seu romance principal, *Adio, Europa!*, foi publicado postumamente (N. do E.).

de Nietzsche no século 20?

D. C. M. – Absolutamente. E mais do que isso: penso que Cioran é o parêntese metafísico que fecha o século 20. “Deus está morto” como o parêntese inicial e “*Cioran, le dernier homme*”⁷ como o final, assim se expira filosoficamente o século. Com Heidegger no meio.

C. V. – Que escritor do século 20 pode ser comparado a Cioran no tocante ao estilo e aos temas de reflexão?

D. C. M. – Muito poucos, a rigor. No máximo, pensando nos seus Exercícios de admiração, podemos citar Beckett e Valéry, mas não Scott Fitzgerald. Também poderíamos incluir Saint-John Perse, em certos aspectos. Fora isso, Cioran é mais contemporâneo de Jó e Eclesiastes, de Maistre, Spengler e Nietzsche, do que de, rárará, Sartre!

C. V. – Há diferenças, na sua opinião, entre a recepção romena de Cioran e a ocidental?

D. C. M. – Acho que são apenas diferenças na tensão emocional e na empatia da leitura. Por exemplo, palpítamos de forma infinitamente vibrante, quase histérica (seja elogiando ou vituperando), com *Transfiguração da Romênia*, enquanto os franceses, em seu eterno nombrilismo,⁸ fascinam-se com o brilhantismo linguístico e o corte retórico inspirados no suntuoso epistolário francês da era dos salões. Para nós, o que interessa sobremaneira são os livros de Cioran publicados antes da sua saída do país, nos quais identificamos, tal como no caso de Eliade, todo o seu futuro desenvolvimento ocidental, soberbamente alquimiado, é verdade, mas puramente estilístico. Jean-François Revel ou Bernard Pivot nada têm a ver com a forma como Jeni Acterian leu *Lágrimas e santos*, cativada pela ligação com a gnose, o bogomilismo e o budismo, pelas filiações a Chaadaev, Pascal, Montaigne ou Chamfort. Onde estamos em paridade é no domínio do engajamento político-ditatorial: aqui, sim, o ferro vermelho não hesitou um segundo em fazer chiar, por toda parte na obra de Cioran, o veredicto de um *certain passé*...

C. V. – Como já disse, vejo-a como *le journal d'un douteur* [o jornal de um duvidador], uma confissão contínua, uma escrita de si comovente, sincopada bibliograficamente apenas por razões editoriais. Obra de um escritor, muito pouco filósofo, com traços

7. Cf. JAUDEAU, Sylvie, *Cioran ou le dernier homme*. Paris: José Corti, 1990.

8. Do francês *nombrilisme*: egocentrismo, umbiguismo, tendência a dar-se demasiada importância (N. do T.).

herético-místicos sedutores. E na correspondência, como em *História e na utopia*, um sagaz pensador da geopolítica à sua maneira (spengleriana). Para me fazer entender claramente, digo que dos três Eliades, para mim, o historiador das religiões, o prosador e o diarista, este último é o melhor. Para mim é sofrível ver o erudito colocado em primeiro plano, ou o autor de diários e memórias subsumido por aquele que nos seduziu com *Strada Mântuleasa*, *La Tîgănci*, *Noaptea de Sânziene* etc.⁹ Ademais, vendo com que ferocidade as acusações contra a biografia política de Cioran (o mesmo no caso de Eliade) se estendem por décadas, em detrimento da exegese das ideias, deixo de lado os *Cahiers* e o *Jurnal portughez* (de Eliade) para exhibir urgentemente *Le Mauvais Démiurge* e o *Tratado de história das religiões*.

Em suma, penso que o futuro da exegese sobre a Jovem Geração de 1927, especialmente no caso de Cioran e Eliade, será tudo menos tranquilo, isso se não for sequestrado pelas agendas políticas que visam exclusivamente as suas biografias.

9. Títulos representativos da produção literária de Mircea Eliade, que também escreveu romances. Um deles, *Tinerețe fără tinerețe* (1976), foi adaptado para o cinema: *Youth Without Youth* (“Juventude sem juventude”, 2007), dirigido por Francis Ford Copolla e protagonizado por Tim Roth (N. do E.).

Je ne connais que deux définitions de la poésie : celle des anciens Mexicains: « Le vent qui vient des dieux »... et celle d'Emily Dickinson (là où elle dit qu'elle reconnaît la vraie poésie à ce qu'elle est saisie d'un froid si glacial qu'elle sent que rien ne la réchauffera jamais).

[Só conheço duas definições da poesia: a dos antigos Mexicanos: 'O vento que vem dos deuses'... e a de Emily Dickinson (onde ela diz que reconhece a verdadeira poesia quando é atravessada por um frio tão glacial que sente como se nada mais pudesse reaquecê-la).]

CIORAN, *Cahiers*: 1957-1972

“CIORAN ATINGE O LEITOR NA CABEÇA EXATAMENTE COMO UM GRANDE POETA”

MARTA PETREU

Marta Petreu é o pseudônimo autoral de Rodica Marta Crișan, nascida em 1955, em Jucu de Jos, no distrito de Cluj, na Romênia. É filósofa, poeta, ensaísta, professora, escritora e editora, formada intelectualmente na atmosfera do movimento literário Echinox (vinculado à Universidade Babeș-Bolyai de Cluj). É professora de história da filosofia romena na Universidade Babeș-Bolyai. Além disso, é redatora-chefe da revista *Apostrof*, editada pela União de Escritores da Romênia. Marta Petreu doutorou-se em filosofia pela Universidade de Bucareste, em 1992, com uma tese sobre “As valências estéticas das anamorfozes lógicas”.



É autora de *Acasă, pe Cimpia Armagedonului* (Polirom, 2011) e *Supa de la miezul nopții* (Polirom, 2017). Como poeta, publicou *Aduceți verbele* (1981), *Dimineața tinerelor doamne* (1983), *Loc psihic* (1991), *Poeme nerușinate* (1993), *Cartea mîniei* (1997), *Apocalipsa după Marta* (1999), *Falanga* (2001) e *Scara lui Iacob* (2006). Como crítica, ensaísta e historiadora da filosofia, publicou *Teze neterminate* (Cartea Românească, 1991), *Jocurile manierismului logic* (1995), *Un trecut deocheat sau „Schimbarea la față a României”* (1999, reeditado em 2004 com o título *Cioran sau un trecut deocheat*), *Ionescu în țara tatălui* (2001), *Filosofia lui Caragiale* (Albatros, 2003), *Filosofii paralele* (2005), *Despre bolile filosofilor. Cioran* (2008), *Diavolul și ucenicul său: Nae Ionescu - Mihail Sebastian* (Polirom, 2009), *De la Junimea la Noica. Studii de cultură românească* (Polirom, 2011), *O zi din viața mea fără durere. Eseuri* (Polirom, 2012) e *Blaga, între legionari și comuniști* (Polirom, 2021).

CIPRIAN VĂLCAN – Quando você leu Cioran pela primeira vez?

MARTA PETREU – Muito tardiamente. Foi nos tempos de faculdade e do (movimento literário) *Echinox*. Cioran não era um autor para ser mencionado no meu círculo de

amigos. Eles gostavam de falar de Kafka, Dostoiévski, Esenin, Camus, Rilke, Blaga. E não, eu não o encontrei – como se fazem descobertas na adolescência e na juventude – por acaso, nem nas livrarias, nem nos antiquários, nem nas prateleiras da biblioteca central da universidade, nem nas revistas literárias que eu lia. Por muito tempo eu não soube que Cioran existia. No caso dele, a censura comunista fez o seu trabalho muito bem. (O mesmo se deu com a prosa de Dumitru Țepeneag,¹ cuja existência só vim a descobrir após a derrocada do comunismo.)

Eu gostaria que a história da Romênia fosse diferente, que houvesse uma continuidade natural da geração de Blaga² e D. D. Roșca,³ através da geração de 27 e da promoção eufórica do *Cercul Literar*,⁴ até nós. Tranquiliza-me a ilusão de que, se essa continuidade não tivesse sido destruída pela história, pelo comunismo romeno, nós, atualmente, teríamos sido muito melhores, talvez até extraordinários. *N-a fost să fie* [não era para ser] – a história e a política europeia arruinaram essa promessa, essa conexão potencial.

Voltando à sua pergunta, com Cioran aconteceu exatamente o mesmo que, mais tarde, aconteceria em relação a Egon Schiele: eu tinha visto em uma revista, no final dos anos 1980, uma ou duas reproduções de Schiele, que me causaram um desgosto violento. Mas, depois de algum tempo, percebi que me obcecavam, que as mantinha na tela da minha mente até quando preparava para dormir. Percebi que estava diante de algo novo para mim, algo muito, muito potente. E comecei a buscar informações sobre Egon Schiele, que se tornou um dos meus pintores favoritos. Assim como Cioran.

C. V. – Você concorda com os exegetas que consideram Cioran o principal continuador

1. Nascido em 1937, em Bucareste, Dumitru Țepeneag é um escritor romeno-francês ainda vivo. Foi um dos representantes do onirismo literário romeno. A sua cidadania romena foi revogada por decreto do regime comunista em 1975, o que o levou a fixar-se em Paris. A partir de 1990, após a queda de Ceaușescu, Țepeneag pôde retornar à Romênia, onde dedicou-se à atividade jornalística e editorial (N. do E.).

2. Lucian Blaga (1895-1961) foi um filósofo, poeta, dramaturgo e romancista romeno, considerado um dos maiores filósofos romenos do século 20, o primeiro a desenvolver um todo um sistema de pensamento. Foi eleito membro da Academia Romena em 1936 e, em 1956, nomeado pela Academia Sueca para receber o prêmio Nobel de Literatura. A Universidade de Sibiu leva o seu nome. Existe uma estátua em sua homenagem no Estoril, Portugal (N. do E.).

3. Dumitru Roșca (1895-1980) foi um filósofo romeno, membro titular da Academia Romena. Traduziu a obra de Hegel para o romeno (N. do E.).

4. O Círculo Literário de Sibiu (*Cercul Literar de la Sibiu*) foi um grupo literário modernista formado na referida cidade, na década de 1940, em torno da figura de Lucian Blaga (N. do E.).

de Nietzsche no século 20?

M. P. – Cioran representa, sobretudo, a expressão erudita e autoral do fundo cultural romeno, da psique coletiva, mas da psique romena que já se deu conta da grande cultura do mundo e tem à sua disposição meios de expressão maiores, maduros, instruídos, nem um pouco rudimentares. Além disso, tem aquele temperamento, digamos, intenso e explosivo, profundamente carregado, repleto de mágoas e pulsões. E uma inteligência excepcional.

Na minha opinião, se alguém quisesse demonstrar a continuidade entre Nietzsche e Cioran, teria tudo para fazer trabalho comparativo exitoso. Afinal, o próprio Cioran reconheceu as suas leituras iniciais e formativas do filósofo alemão, a sua influência. Até a despedida final, é claro. Nietzsche, com a sua poesia, liberou-o para deixar-se levar. Prefiro falar, no caso de Cioran, da pertença a uma família espiritual – a uma linhagem de pensamento e sentimento que inclui Sêneca, Pascal, Kierkegaard, Schopenhauer, Nietzsche, entre outros. Uma família de espíritos com afinidades temperamentais, de tal forma que Cioran reencontra-se em todos os precedentes e é, em maior ou menor medida, prefigurado por eles.

Acredito também que o nosso filósofo carrega em si o inconsciente étnico coletivo, para usar com certa liberdade um conceito junguiano. O inconsciente coletivo romeno, arcaico, cheio de melancolia, angústia, ódio ao ser, dificuldade de ser humano, elegias e lamentos. Livius Ciocârlie observa, em um dos seus livros, que o nosso autor é de *fundo romeno com forma francesa*. É uma ótima observação, e lamento que ele não tenha podido desenvolvê-la. Não se trata apenas das fontes culturais romenas que moldaram os seus temas, as suas ideias, a expressividade, e sobre as quais já falei no meu livro sobre Cioran; há também uma camada mais profunda, a das profundas modulações da natureza que alimentam a “ingenuidade freática” de Cioran, para empregar os termos de outro exegeta, Ion Vartic.⁵

Eu me pergunto quantos dos nossos autores elevaram o fundo romeno, essa nossa psique, ao nível de criações culturais de valor universal. Em certa ocasião, cheguei a discutir com alunos de doutorado sobre isso, e fizemos uma lista: George Enescu, Constantin Brâncuși, Lucian Blaga, Tudor Arghezi, Mihail Sadoveanu, Emil Cioran,

5. Cf. VARTIC, Ion, *Cioran, ingenuo y sentimental*. Trad. de Francisco Javier Marina Bravo. Zaragoza: Mira Editores, 2002, pp. 180-197 (N. do E.).

Mircea Eliade, Constantin Noica, Paul Constantinescu... Certamente existem outros, a lista não é definitiva.

Pelo que sei sobre ele hoje, se eu pudesse recomeçar a minha carreira como cioranóloga, começaria com uma análise do inconsciente coletivo romeno na obra de Cioran (romena e francesa), e não com a influência de Schopenhauer ou Nietzsche, como de fato eu comecei em 1997. Mas, veja só, meu caro Ciprian, não podemos adiar o que já passou, e só sabemos o que sabemos depois de trabalharmos muito com alguns textos, nunca antes. Talvez eu faça isso, se nada me impedir. Talvez Livius Ciorcârlie escreva um livro sobre isso, quem sabe?

No caso de Cioran, as influências culturais são como argamassa fajuta, que cai com o tempo, expondo assim a estrutura profunda do autor. Cheguei à sua estrutura descascando-a como uma cebola, desde os lençóis vermelho-dourados, como a túnica de Ulisses, aos lençóis carnudos e brancos, e depois ao segredo das profundezas, àquele fio amarelo-esverdeado como uma planta saída da nevasca. Parece-me que lá, nas profundezas mais protegidas de Cioran, está a sua origem romena, os seus mitos romenos pessoais, absorvidos do ar e da terra, quando brincava no cemitério da aldeia ou nos arredores de Coasta Boacii.

Escrevi sobre um dos seus mitos, o da juventude sem velhice e da vida sem morte, há cerca de dez anos, quando descobri o parentesco estrutural de Cioran – justamente a partir desse mito – com Eugen Ionescu. Talvez um dia eu consiga escrever sobre outras pessoas que fizeram carreira na sua obra francesa. Em todo caso, a forma francesa deu-lhe acesso à universalidade. A sua cultura nativa não podia ter-lhe conferido isso. E se não tivesse se tornado universal, se tivesse permanecido na Romênia, nós o trataríamos como apenas mais um dos nossos, zombando dele. Ou esquecê-lo-íamos, como fazemos com outros grandes autores que temos, e que não tiveram a oportunidade de fazer uma carreira europeia.

C. V. – Que escritor do século 20 pode ser comparado a Cioran no tocante ao estilo e aos temas de reflexão?

M. P. – Os mesmos temas, penso eu, pelo menos alguns deles, encontram-se também em Ionescu. Outros pertencem à corrente existencialista. Outras ainda são heranças da linhagem filosófica à qual pertence Cioran. Mas no caso filósofos como ele, o conteúdo (temas) e a expressão (isto é, a formulação altamente artística) formam um corpo único,

trazendo ao mundo, a cada fragmento ou aforismo, um produto de muitas qualidades artísticas. Exatamente como em Pascal ou Nietzsche.

Posto que a matéria e a forma estão intrinsecamente ligadas, Cioran seduz primeiro pela expressividade, pela arte, e só depois pelo conteúdo. Ele atinge o leitor na cabeça exatamente como faz um grande poeta. Nele, o fundo e a forma formam corpo comum em uma formulação lapidária, o texto adquire o valor de joia, digamos, de um diamante bem lapidado e afiado. E os quilates de expressividade enriquecem o seu valor filosófico. Entre nós, Eminescu foi igualmente expressivo. Na filosofia universal, Pascal. Na filosofia-poesia universal, Nietzsche.

Infelizmente, Cioran veio *depois* de todos eles... Na história da cultura, também importa o seu lugar de pertencimento, se tem ou não precedência cronológica.

C. V. – Na sua opinião, a obra de Cioran é devidamente lida na Romênia após 1989?

M. P. – Acho que é lido bem, no sentido de que os seus livros são adquiridos e lidos por verdadeiros leitores, não apenas os profissionais, como nós. Cioran quebrou o círculo vicioso de professores e comentaristas e, felizmente, para ele, alcançou o grande público: estudantes, médicos, professores, engenheiros, arquitetos, economistas etc. Esta é a verdadeira celebridade, ser lido por pessoas que não são especialistas de interpretação de textos. Nesse sentido, Cioran terá uma esplêndida posteridade, mesmo seja graças às entrevistas e cartas e menos, digamos, por causa de *Nos cumes do desespero* ou do *Breviário de decomposição*.

Então, há uma hermenêutica muito perspicaz aqui. Nós a sentimos por dentro, temos a sua maldade em nós, e por isso nos reconhecemos com júbilo nas formulações de Cioran. Os livros de Vartic e Ciocârliie, por exemplo, são importantes. Há também uma jovem geração de comentadores muitos interessantes. Lembro-me de um livro primoroso de Nicolae Turcan.⁶ Além dele, há um interessante trabalho sobre Blaga e Cioran, de um jovem doutor em filosofia, Ciprian Sonea.⁷ Há também os comentários de boca-a-boca (*după ureche*), que vulgarizaram as exegeses.

No Ocidente existem estudos interessantes. O livro de Patrice Bollon⁸ é um pouco antigo, mas continua sendo bom. Saiu recentemente um estudo sério e bem-informado

6. TURCAN, Nicolae, *Cioran sau excesul ca filosofie*. Cluj: Limes, 2008.

7. SONEA, Ciprian, *Fenomenul religios la Lucian Blaga și Emil Cioran*. Cluj: Limes, 2011.

8. BOLLON, Patrice, *Cioran, l'hérétique*. Paris: Gallimard, 1997.

de Nicolas Cavallès,⁹ que também conhece a língua romena. Um cioranólogo muito sério, Vincent Piednoir, publicou na editora L'Herne um grande e meticuloso volume de estudos sobre Cioran.¹⁰ Já li vários livros de Cioran escritos por ele, são um prazer, como se fossem as edições críticas da Romênia antes da queda do comunismo, com muitas e precisas notas. E Savater, com o seu *Ensayo sobre Cioran*. E Mariana Şora também é ótima.¹¹

Grandes autores, como Cioran, guardam uma riqueza escondida que só a complementaridade das interpretações traz à luz. Então, não podemos esquecer que Cioran passou a maior parte da sua vida na França, que se tornou, apesar da sua condição jurídica de apátrida, um homem *de lá*, um autor com reflexos, informação, cultura, tabus *de lá*...

C. V. – Na sua opinião, há diferença entre a recepção romena e a recepção francesa da obra de Cioran?

M. P. – Sim, certamente. Quando se trata de inseri-lo no contexto continental contemporâneo, os franceses são melhores do que nós, pois têm o pulso do mundo ocidental e não hesitam em encher Cioran de elogios. Nós somos mais cautelosos, reservados, por medo de parecermos ridículos. Até porque Cioran não é exatamente um autor indefectível, certo?

O mais cômico é ver a reação defensiva que surge, principalmente nas revistas, como uma onda, sempre que alguém no Ocidente ousa trazer à tona a questão do passado político de Cioran. Então se erige sobre nós, do nada, uma onda de defesas, como se temêssemos que pudessem quebrar o nosso “bibelô de porcelana”, um dos poucos que temos, e ficaríamos sem ele, infelizmente, sem esse fantástico êxito “estrangeiro”, que assumimos com o seu lado obscuro. Temos um sentimento possessivo em relação a Cioran e reagimos facilmente para defendê-lo quando é criticado.

A melhor defesa é a verdade inteira. É no que acredito. Ainda não nos acostumamos com a ideia de que, pelo menos em retrospectiva, a verdade dita francamente é melhor do que desculpas e mentiras. Ainda não queremos admitir que as discussões sobre um

9. CAVAILLÈS, Nicolas, *Cioran malgré lui : écrire à l'encontre de soi*. Paris: CNRS, 2011.

10. PIEDNOIR, Vincent; TACOU, Laurence (eds.), *Cahier de L'Herne Cioran*. Paris : Éditions de l'Herne, 2009.

11. ŞORA, Mariana, *Cioran jadis et naguère. Entretien à Tübingen*. Paris: Éditions de l'Herne, 1988.

autor, por mais críticas que sejam, são melhores do que o silêncio, que pode se tornar eterno. Acreditamos que os autores e as suas obras são uma espécie de belos objetos que não devemos tocar. É canhestrice (*stîngăcie*), para não usar um termo mais duro.

A reação de pânico que surge no nosso país sempre que há uma discussão crítica no exterior sobre um dos nossos autores e o seu passado político – no caso, Cioran – me parece bastante cômica. No Ocidente não existem tabus. E a linguagem das interpretações críticas mudou, radicalizou-se, coloriu-se, às vezes com o emprego de termos fortes. Só se desperta um interesse pelo autor, pelos seus livros, em virtude das exegeses críticas que lhe são dedicadas.

Si Nietzsche, Proust, Baudelaire ou Rimbaud survivent à la fluctuation des modes, ils le doivent au désintéressement de leur cruauté, à leur chirurgie démoniaque, à la générosité de leur fiel. Ce qui fait durer une oeuvre, ce qui l'empêche de dater, c'est sa férocité. Affirmation gratuite? Considérez le prestige de l'Évangile, livre agressif, livre venimeux s'il en fût.

[Se Nietzsche, Proust, Baudelaire ou Rimbaud sobrevivem às flutuações da moda, devem isso à gratuidade de sua crueldade, à sua cirurgia demoníaca, à generosidade de seu fel. O que faz durar uma obra, o que a impede de envelhecer é sua ferocidade. Afirmação gratuita? Considere o prestígio do Evangelho, livro agressivo, livro venenoso entre todos.]

CIORAN, *Silogismos da amargura*

“CIORAN DURA PORQUE RESISTE ÀS INTERPRETAÇÕES, PORQUE SE DIRIGE A CADA UM”

VINCENT PIEDNOIR

Vincent Piednoir co-editou, com Laurence Tacou, o *Cahier de L'Herne Cioran* (2009). Estabeleceu e publicou, em edição crítica e comentada, a correspondência epistolar entre Cioran e Armel Guerne entre 1961 e 1978 (L'Herne, 2011), traduzida em colaboração com Gina Puică. Também traduziu *Îndreptar pătimaș II* de Cioran, publicado na França como *Bréviaire des vaincus II* (L'Herne, 2011). É autor de *Cioran avant Cioran: histoire d'une transfiguration* (Gaussien, 2013).



CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

VINCENT PIEDNOIR – Quando descobri Cioran, ele já havia morrido. Eu era estudante universitário, no primeiro ano de filosofia: foi um amigo que me apresentou Cioran. Trouxe-me um exemplar de *Silogismos da amargura*, que ele acabara de descobrir, assegurando-me de que eu ficaria muito interessado. E não se enganou, porque foi um choque... O que me impressionou nos aforismos foi o humor de que estão impregnados: “Uma moda filosófica se impõe como uma moda gastronômica: refutam-se igualmente uma ideia e um molho.”¹ Era ótimo ler aquele tipo de coisa, imaginando a risada do autor...

Com Cioran, aprendi que a esmagadora maioria dos filósofos está gravemente isenta de autoironia, e que, sem dúvida, não estão sós. “Somos todos farsantes: sobrevivemos a nossos problemas.”² Essas provocações aparentemente gratuitas escondem, a bem da verdade, profundas lições endereçadas não somente aos filósofos,

1. CIORAN, *Silogismos da amargura*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 26.

2. *Ibid.*, p. 26.

mas ao espírito da Seriedade em geral, com a sua terrível maiúscula – o mal neste caso equivale a nada mais, nada menos, que uma *absoluta insensibilidade ao ridículo...*

O que aprecio em Cioran é esse tipo de conclusão, sempre suscetível de ser contrariada, afirmações fundadas na experiência, no sentido mais lato do termo, e cujo valor de verdade importa menos do que a atitude de desconfiança que se subentende no fundo. Eis, no meu entendimento, o que Cioran quis dizer com “lucidez”: um espírito desconfiado de si mesmo, consciente da sua força, a qual pode muito facilmente tornar-se destrutiva ou esclerosante... É verdade que, ao descobrir Cioran, tive o pressentimento de que ele me acompanharia por muito tempo: como uma presença... “tutelar”, por assim dizer, um tanto solene.

Apesar de tudo, sinto que essa descoberta deveria ter sido mais tarde. Talvez não seja bom começar pelo fim, pela ruína do entusiasmo, na “decomposição”... Mas isso é um equívoco: Cioran permaneceu verde por toda a sua vida, e esse vigor é palpável em cada parte do conjunto dos seus escritos. É a prova, se necessária, de que a vida se alimenta dos golpes que recebe e brinca com eles.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

V. P. – Eu realmente não tenho uma interpretação. E me questiono, seriamente, se seria possível ter. Há achados temáticos indiscutíveis em Cioran (ele gostava de dizer que eram “obsessões”). Mas extrair disso os elementos de uma interpretação global me parece um tanto arriscado. Como não se perder na redução, na esquematização, na caricatura? Podemos descortçar, identificar influências, oposições, técnicas de escrita etc. – um trabalho essencial, sem dúvida. E, no entanto, por que Cioran *dura*? Porque resiste a interpretações e porque não se dirige a todos, mas a *cada um*. A propósito, há esta frase já célebre, e assaz audaciosa, que abre o ensaio sobre Valéry: “Para um autor, é um verdadeiro desastre ser compreendido.”³

Uma observação como esta faz a gente pensar, não é mesmo? Eu, por exemplo, nunca tive a sensação de ter encontrado a chave: e isso é bom, é estimulante! Ademais, há outra coisa importante: Cioran ama profundamente as palavras (embora às vezes se defenda), isto é, as línguas, com as suas singularidades, a sua musicalidade, o sabor, o cheiro... E é justamente isso que o torna um *escritor* no sentido mais elevado da palavra.

3. IDEM, “Valéry diante de seus ídolos”, *Exercícios de admiração: ensaios e perfis*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 67.

O conceito é para ele não passa de uma casca vazia: o fruto seco e indigesto do intelecto puro.

A ideia de introduzir conceitos na sua obra, no intuito de extrair o seu “valor de verdade” – a fantasia última, inconfessa, de qualquer interpretação –, parece-me tão arriscada quanto pretender reduzir o pensamento humano às trocas químicas que ocorrem no cérebro. Sensível, fascinado, indignado, cético, irônico, cáustico: Cioran sempre escreve como um *ser humano*, não como uma máquina... Ele busca o que é verdadeiro, não a Verdade. Se a maioria dos seus textos são extremamente cinzelados, se ele dá uma atenção maníaca à expressão, se opta pelo estilo que impressiona, é porque o seu jeito de dizer é indissociável do que ele tem a dizer.

O seu rigor é menos conceitual que estético – e isso não é pouca coisa! O que seria de Proust ou Céline sem o *estilo*? Assim, penso que Cioran está mais próximo do artista que do filósofo. Quando escrevemos sobre ele – você certamente notou isso – é especialmente difícil resistir à tentação de citá-lo mais do que o habitual; estranho, não é mesmo? Porque, no caso dele, o *efeito* é primordial, deve ser sentido, experimentado primeiro.

Não sou absolutamente qualificado para julgar, mas tenho a impressão de que, em relação a Cioran, a abordagem exegetica adequada deve ser buscada nos tradutores – assim como na música ela vem dos intérpretes *durante a execução de uma peça*. Não é de hoje que ouvimos dizer que Cioran é um autor para adolescentes, que as suas ideias não têm nada de “original”, que não há “seriedade” em se interessar por alguém que, desde o início, se permite afirmar tudo e o seu contrário...

Hoje as coisas começam a mudar de figura: entende-se que Cioran – e falo principalmente do escritor “francês” – é um mestre na arte da nuance, que o seu labor em estilístico não é, em absoluto, inimigo do verdadeiro. Mais uma vez: Cioran não se dirige a todos, mas a cada um. Proporciona muita coisa para quem o compreende: exaltação, sorriso, exasperação, alívio etc. De resto...

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran atraíram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes hoje?

V. P. – Se juntarmos humor e estilo (e não cairmos em... interpretação), diria que sou muito sensível à tensão que transparece na maioria dos livros de Cioran entre “vitalismo”

Cioran, um aventureiro imóvel

e “ceticismo”. Não resolvida, essa tensão é tão incômoda – se não dolorosa – quanto fecunda em termos de criação, do ponto de vista da existência concreta. O *vital* e o *consciente* são compatíveis ou não? É, no fundo, a grande questão que obseda Cioran – e cuja presença assombra todas as outras...

Neste sentido, creio que Cioran percebeu e ilustrou perfeitamente o espírito da nossa Modernidade, onde a solidão impera como senhora absoluta. Ainda é possível *aderir* ao que quer que seja – sem sentir secretamente que está se enganando? Enquanto uma certa crença operar no fundo do indivíduo, alimentando-o, estimulando-o, até mesmo animando-o – tudo é para “o melhor dos mundos”. Mas o elã vital, o anseio, o jogo dos instintos, oscila ou enfraquece – e algo se rompe no indivíduo, que afunda na consciência da sua perdição.

O que é o “paraíso” para Cioran? Por que ele permaneceu tão apegado ao *Gênesis*? Acho que Cioran sofria muito, pois só podia conjugar o verbo *viver* no pretérito. Ele precisou de toda uma obra para fazê-lo, para expressá-lo. Esse aspecto é o que mais me impressiona, e é, de certa forma, o legado envenenado que Cioran nos deixou.

C. V. – Que escritores do século 20 podem ser comparados a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

V. P. – Do ponto de vista do estilo, não faço ideia... O estilo de Cioran – perdoe-me a aparente pirueta – me parece perfeitamente inimitável. A prova é que, frequentando-o assiduamente, tende-se a querer imitá-lo, a apoderar-se das suas torres, de algumas das suas construções – mais ou menos conscientemente. Na maioria das vezes, soa falso ou grotesco...

Tenho a sensação de que esse é um fenômeno que atinge todos os escritores que se distinguem primeiramente pelo estilo: Proust, Céline, Artaud, Bloy – para citar apenas os francófonos “contemporâneos”. Céline afirmou que um escritor só vale pela sua maneira: todo mundo tem histórias para contar, dizia, então, só o estilo importa. E “um estilo é algo raro: há um, dois, três por geração...”⁴

Pode-se discutir o fundamento desta afirmação; em uma época de publicação em massa como a nossa, dificilmente podemos ignorar o seu fundo de verdade. Hoje, escrevemos para comunicar ideias ou, pior, para relatar “testemunhos” ou “experiências”;

4. « *Ah, c'est rare un style, monsieur. Un style, il y en a un, deux, trois par génération.* » (Louis-Ferdinand Céline)

esquecemos o meio, o instrumento, o veículo; ora, é precisamente disto que depende a eficácia de um texto literário ou outro.

Nesse sentido, coloco Cioran entre os maiores – não por ser estilisticamente parecido a eles, mas justamente por ser radicalmente diferente... Quanto aos autores do século 20 que poderiam ser comparados a Cioran no aspecto temático, são bastante numerosos... Dois me vêm à mente: Joseph Roth, com *A marcha de Radetzky* (1932), e Thomas Bernhard, com *Extinction*. Duas pinturas do declínio, do universo em agonia, do colapso.

C. V. – Você concorda com os exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

V. P. – A relação é inegável. Ambos rejeitam a ideia de sistema, exploram o caminho do fragmento, introduzem o humor e a psicologia no cerne do pensamento, opõem-se ao racionalismo ocidental, têm uma profunda paixão pela música... A sua proximidade espiritual poderia ser descrita longamente. Mas, como explicar as reservas de Cioran sobre Nietzsche? Se o pensador romeno aprecia no alemão o “perito em decadências, o psicólogo, psicólogo agressivo, não somente observador como os moralistas”,⁵ ele não poupa as palavras mais duras para qualificar a visão nietzschiana do *Übermensch*, considerado por ele uma “mera elocubração”.⁶

Em *Do inconveniente de ter nascido* (1973), a acusação é severa: Nietzsche, escreve Cioran, é “demasiado ingênuo... Censuro-lhe os seus entusiasmos, e até mesmo os seus fervores. Apenas demoliu ídolos para os substituir por outros. Um falso iconoclasta, com aspectos adolescentes, e uma qualquer virgindade, uma qualquer inocência, inerentes à sua carreira de solitário.”⁷ E acrescenta que Nietzsche “limitou-se a observar de longe os homens. Se os tivesse olhado de mais perto, nunca teria podido conceber nem louvar o super-homem, visão bizarra, risível, para não dizer grotesca”, como se lê no mesmo aforismo. No fundo, Cioran só guarda de Nietzsche a figura do destruidor, do negador. O seu *pessimismo antropológico* é irredutível: o homem não pode ser “superado”; ele não é nem “ponte” nem “transição”, como pretendeu Zaratustra...

5. CIORAN, *Silogismos da amargura*, p. 35.

6. *Ibid.*, p. 35.

7. CIORAN, *Do inconveniente de ter nascido*. Trad. de Manuel de Freitas. Lisboa: Letra Livre, 2010, p. 79.

Cioran, um aventureiro imóvel

Para Cioran, a *aventura humana* deve ter um fim; nenhuma esperança de vida após a morte é permitida. Das “três metamorfoses do espírito”, ele oscila deliberadamente entre as duas primeiras: o *camelo* que busca o “fardo mais pesado” e o *leão* que quer “se tornar livre para novas criações” destruindo o seu “último mestre”; quanto ao terceiro, a *criança*, figura da “inocência” e do “esquecimento”, do “*sim* sagrado”, este lhe parece visceralmente inconcebível...

Talvez seja este o ponto de ruptura mais importante entre os dois pensadores. Cioran, o francês, prefere o desconforto do impasse ao artifício da esperança: mas, isso é tão deprimente? Pessoalmente, eu não penso que seja. Tudo depende da maneira – e Cioran, como nenhum outro, nos faz suportar com elegância: “Respirar com a consciência da nulidade de qualquer solução é a grande desculpa da existência. Nada é perdido quando se pode imaginar uma vertigem alegre. Desmoralizaremos o planeta *pelos nossos sorrisos*”, escreveu Cioran a Clément Rosset, em 29 de janeiro de 1982.⁸ Sem dúvida, um empreendimento mais modesto que o de Nietzsche. Porém...

8. In: *Cahier de l'Herne Cioran*, p. 486.

“CIORAN SE APROXIMA DE FILOSOFIAS ANTIGAS QUE PROPUNHAM UMA ABORDAGEM TERAPÊUTICA EM VEZ DE TEORIAS”

FLAMARION C. RAMOS

Flamarion Caldeira Ramos é professor de ética e filosofia política na Universidade Federal do ABC. Possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2001), mestrado (2003) e doutorado (2009) em Filosofia pela mesma instituição, com estágio na Johannes Gutenberg Universität Mainz da Alemanha (2006). Fez pós-doutorado na USP (2010-2011), com estágios de pesquisas na Universidad Complutense de Madrid da Espanha (2013) e na Università del Salento da Itália (2015), ambos com bolsa FAPESP. Suas pesquisas se concentram sobre o pessimismo filosófico alemão do século 19. É autor de diversos artigos e traduções sobre Schopenhauer e o Idealismo alemão.



CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

FLAMARION C. RAMOS – Conheci Cioran ao ler na *Folha de São Paulo* a reprodução de um artigo dedicado a ele, originalmente publicado na *Magazine Littéraire*, 1995, poucos meses antes de sua morte. Acho que o dossiê da *Magazine Littéraire* foi muito importante para a difusão da obra de Cioran ao redor do mundo. Só algum tempo depois consegui encontrar as traduções dos seus livros. Era a segunda edição do *Breviário de decomposição* no Brasil (Rocco, 1995), traduzido por José Thomaz Brum. A primeira edição, publicada pela Rocco em 1989, já estava esgotada. Foi em 1997 que adquiri um exemplar da segunda edição do *Breviário*. Entrementes, Cioran faleceu, o que gerou uma série de artigos na imprensa. Desde então, procuro ler tudo o que é publicado sobre ele, os textos originais em francês, as traduções em português e espanhol; ao mesmo tempo, pretendo um dia aprender o romeno para ter acesso direto aos seus primeiros livros publicados na Romênia.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes hoje?

F. C. R. – A minha primeira impressão dos escritos de Cioran, especialmente do *Breviário de decomposição*, foi extremamente forte. Eu estava deprimido na época e, quando li as primeiras páginas daquele livro, no ônibus, tive um ataque de riso incontrollável. Como qualquer leitor de Cioran, fiquei impressionado com o seu estilo e abalado pela sua capacidade de ir direto ao alvo, característica dos seus aforismos. Mas, para além da sedução imediata causada pelo estilo, tão marcante, quero assinalar a *lucidez* das suas análises sobre a história e o futuro da civilização. A intransigência de Cioran em relação aos ídolos é uma posição exemplar e necessária.

Já naquela época eu me interessava pelos autores pertencentes à tradição do pessimismo filosófico, como Schopenhauer, Mainländer, Eduard von Hartmann e Spengler. Cioran sempre me pareceu, no entanto, superior a eles, porque não transigiu com nenhuma teoria científica ou metafísica questionável, como todos os outros. Cioran não promete nenhuma verdade metafísica, e o seu desinteresse em sustentar qualquer teoria mostra uma tremenda ultrapassagem da filosofia. Essa é uma das chaves para entender a razão de Cioran ser tão sedutor: ele expõe uma visão do mundo que nada mais é do que um pessimismo cósmico irreduzível, mas um pessimismo que se baseia em intuições que todos nós temos, não em alguma teoria metafísica.

Esse pessimismo, porém, embora aparentemente banal, está profundamente enraizado em uma tradição. Ele é apresentado numa forma singular através de um discurso tão convincente que parece irrefutável, do qual o leitor dificilmente consegue sair ileso. Para usar uma expressão do filósofo francês Clément Rosset, trata-se de certo “terrorismo filosófico”¹ que, curiosamente, produz um efeito *terapêutico*: a leitura de Cioran produz certo consolo que nenhuma filosofia, por mais que se pretenda consolatória, pode oferecer. Neste sentido, ele se aproxima de filosofias antigas, como o cinismo, que propunham uma abordagem terapêutica em vez de teorias.

A relação de Cioran com a filosofia pessimista precisa ser mais explorada. Um tema constante nos seus escritos é a perda do fascínio pela filosofia e a sua inclinação para a poesia e a mística. Na verdade, são figuras representativas dessas áreas as que

1. Cf. ROSSET, Clément, “Do terrorismo em filosofia”, *Lógica do pior*. Trad. de Fernando J. Fagundes Ribeiro e Ivana Bentes. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989 (N. do E.).

mais cativam Cioran. Ele se interessou por poetas e santas a ponto de perder o interesse pelos filósofos. Mas ele não se tornou santo ou poeta, embora a sua obra seja repleta de poesia e mística. Como autor, Cioran é um “escritor filosófico”, se me permite tal expressão. Não esqueçamos este aforismo: “Os filósofos escrevem para os professores; os pensadores, para os escritores.”²

No mesmo sentido, Cioran lamenta, nos *Cahiers*, quando Schopenhauer deixa de se expressar como escritor e passa a escrever como filósofo. A partir daí, não é mais interessante. Mas, quando escreve e não fala mais como filósofo, o filósofo torna-se novamente interessante.

C. V. – Você concorda com a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

F. C. R. – Em parte. Vejo Nietzsche como uma referência fundamental para a compreensão do pensamento filosófico de Cioran. A crítica ao cristianismo e à moral tradicional, a superação da seriedade filosófica, a nova compreensão da verdade – como *interpretação* em vez de correspondência –, a intuição da decadência do Ocidente, a ruptura com o estilo tradicional de argumentação, a riqueza de estilos, a autonomia, enfim, inúmeros aspectos aproximam os dois autores...

Mas, em geral, as teses de Cioran estão longe do projeto filosófico de Nietzsche. Conceitos como “vontade de potência”, “além-do-homem” e “eterno retorno” são totalmente descartados por Cioran, que se interessava mais pela experiência vivida do indivíduo Friedrich Nietzsche do que pelo seu projeto de “transvaloração de todos os valores”, que soava tão ridículo para Cioran quanto qualquer outro projeto.

Ao mesmo tempo, Cioran se fastia da filosofia de forma mais radical do que Nietzsche, o qual, apesar de ser reconhecido como um brilhante escritor, não pode ser compreendido sem referência à história da filosofia, com a qual Nietzsche dialoga constantemente. Cioran, por sua vez, abstrai-se da filosofia e consegue falar do mundo de forma mais imediata. É por isso que ele é lido mais como escritor do que como filósofo.

Justamente por pertencer à tradição filosófica, Nietzsche é e continuará sendo lido por filósofos profissionais. Nesse sentido, devemos lembrar a interpretação de

2. CIORAN, *Écartèlement, Œuvres*. Paris: Gallimard (coll. « Quarto »), 1995, p. 1443.

Heidegger, que colocou Nietzsche no coração da tradição metafísica ocidental. Cioran ainda é ignorado pela filosofia universitária, pois a sua forma de pensar está no limite da tradição filosófica. Atrevo-me a dizer que, enquanto a obra de Cioran estiver viva, será ignorada pela filosofia acadêmica.

Pelo desgaste sofrido pela obra filosófica de Nietzsche, não sei se poderemos dizer o mesmo sobre o futuro da sua recepção. Nietzsche foi colocado – e com razão – na tradição de Platão, Aristóteles, Leibniz, Descartes e Kant. Cioran, por sua vez, se conecta com autores como Pascal, La Rochefoucauld, Baudelaire e Rimbaud.

Se fizermos uma comparação com a filosofia antiga, Nietzsche preferiria ser um pré-socrático (como Heráclito, tantas vezes mencionado por ele), enquanto Cioran se identifica mais com os cínicos e cétricos pós-socráticos. Por fim, apesar de algumas semelhanças e paralelismos, as suas obras são muito diversas, o que não nos autoriza a afirmar que uma seja a continuação da outra.

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran no tocante ao estilo e aos temas de reflexão?

F. C. R. – Não posso evitar o clichê de dizer que o trabalho de Cioran é “incomparável”. De fato, nenhum autor desenvolveu uma obra reflexiva que é implacavelmente cética e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, mantém certa nostalgia religiosa. Além disso, Cioran se choca com autores que defendem alguma forma de humanismo, como Camus ou Saramago. Beckett, seu amigo, é um escritor que talvez tenha desenvolvido em forma dramática a experiência da cosmovisão cioraniana. O anti-humanismo destes dois autores é algo que ainda está por ser decifrado pela crítica especializada. É possível traçar alguns paralelos significativos.

Em Beckett, nos encontramos em um mundo pós-decadente, no qual permanecem apenas alguns ruídos e ruínas. O corpo pereceu e a esperança perdeu todo o sentido. No entanto, tudo isso se expressa com um lirismo que consegue evitar a tragédia superficial e o romantismo decadente. Essa também é a proeza de Cioran: ele conseguiu dar uma forma reflexiva e estética a esse estado de ruínas a que foram reduzidos o mundo e todas as suas esperanças do pós-guerra.

O texto “Rostos da decadência”, do *Breviário de decomposição*, tenta enfrentar essa experiência histórica de *fim de partida*: “Somos os últimos: cansados do futuro,

e ainda mais de nós mesmos, extraímos o sumo da terra e despojamos os céus. Nem a matéria nem o espírito podem continuar alimentando nossos sonhos: este universo está tão seco como nossos corações. Já não há substância em parte alguma: nossos ancestrais nos legaram sua alma em farrapos e sua medula carcomida. A aventura chega ao seu fim; a consciência expira; nossos cantos se desvaneceram; eis que brilha o sol dos moribundos!”³ Não esqueçamos que o humor e o ridículo estão presentes nas obras de ambos. Uma frase como esta do *Breviário* poderia ter saído da boca de um *clown* beckettiano: “A árvore da Vida não conhecerá mais primaveras: é madeira seca; com ela se farão ataúdes para nossos ossos, nossos sonhos e nossas dores.” Cioran poderia ter dito, como Malone, de *Malone morre*: “Não há mais nada a dizer, embora nada tenha sido dito.”

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

F. C. R. – Vejo Cioran como autor de uma obra riquíssima e, conseqüentemente, de difícil interpretação. Chamá-lo de cético, moralista, niilista ou místico, ou todos esses ao mesmo tempo, é sempre uma forma simplista de classificar o seu pensamento. A tarefa do intérprete seria, portanto, demonstrar porque Cioran consegue ser cada um desses personagens e, ao mesmo tempo, o oposto deles. Afinal, ele destrói toda e qualquer tentativa de circunscrevê-lo. E faz isso de maneira sistemática. Cioran *pensa contra si próprio*⁴, sem nunca se desviar desse caminho, abraçando sobre os livros e o ato de escrever este lema contido nos *Silogismos da Amargura*: “Um livro que, após haver demolido tudo, não se destrói a si mesmo, exasperou-nos em vão.”⁵

Outra dificuldade de interpretação reside na maldição a que Cioran condenou todos os seus intérpretes ao escrever: “Todo comentário de uma obra é insuficiente ou inútil, pois tudo o que não é direto é nulo.”⁶ Alcançar esse caráter imediato é uma tarefa que cabe não só ao intérprete, mas também ao pensador que reflete sobre a experiência de Cioran, experiência que, como ele mesmo reconhece, se faz presente nos seus livros: “Tudo o que abordei, tudo o que elaborei ao longo da vida, é inseparável do que vivi.

3. CIORAN, “Rostos da decadência”, *Breviário de decomposição*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 156.

4. Cf. IDEM, “Pensar contra si próprio”, *A tentação de existir*. Trad. de Miguel Serras Pereira e Ana Luisa Faria. Lisboa: Relógio D’Água, 1988.

5. IDEM, *Silogismos da amargura*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 16.

6. *Ibid.*, p. 20.

Não inventei nada, fui somente o secretário das minhas sensações.”⁷

C. V. – Como é a recepção atual da obra de Cioran no Brasil?

F. C. R. – Cioran tem muitos leitores no Brasil. Dois livros sobre ele já foram publicados. O primeiro é o resultado de uma tese de doutorado, intitulada *Cioran: a filosofia em chamas*, de Rossano Pecoraro.⁸ Ele dá uma boa visão de conjunto da obra de Cioran, embora não arrisque nenhuma interpretação original. O outro livro é *Emil Cioran e a filosofia negativa* (Sulina, 2011), uma coletânea de artigos escritos por diversos autores, com diversas abordagens. Portanto, ainda não há uma interpretação mais profunda da sua obra entre nós. Apesar disso, conheço muitos acadêmicos que estão preparando teses, artigos e livros sobre Cioran. Eu mesmo estou escrevendo um livro, no qual pretendo desenvolver uma interpretação da filosofia da história em Cioran.

Em geral, acho que ele é mais lido por escritores e artistas, aliás, *comme il faut*. Seus textos inspiraram um monólogo dramático encenado e dirigido por Euler Santi, intitulado “Palestra sobre Nada”. Também quero ressaltar a importância de José Thomaz Brum para a difusão da obra de Cioran no Brasil. Além de ter traduzido alguns dos seus livros mais importantes escritos língua francesa (tendo contado com o apoio do próprio Cioran, que ele conheceu pessoalmente), Brum tem publicado artigos e dado palestras sobre o filósofo romeno. Graças a Fernando Klabin, tivemos uma tradução primorosa da versão original de *Nos cumes do desespero*. Esperamos que as editoras brasileiras se animem em publicar a obra romena de Cioran, o que nos ajudará enormemente a compreender o conjunto da sua obra.

7. IDEM, *Écartèlement*, *Op. cit.*, p. 1486.

8. PECORARO, Rossano, *Cioran: a filosofia em chamas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

“LEOPARDI E CIORAN PERTENCEM À
MESMA FAMÍLIA ESPIRITUAL”

MARIO ANDREA RIGONI (†)



Mario Andrea Rigoni (1948-2021) foi um escritor, ensaísta, poeta, tradutor e editor italiano. Foi professor emérito de literatura italiana na Universidade de Padova e colaborou, por mais de trinta anos, com o jornal *Corriere della Sera*. Estreou como crítico em 1970 quando, ainda estudante universitário, publicou na revista *Sigma* “A carta e o Logos”, o primeiro ensaio aparecer na Itália sobre o pensamento de Jacques Derrida, com quem Rigoni manteria posteriormente uma correspondência epistolar. Formado em História da crítica, em 1971, sob a égide de Enzo Turolla, publicou uma série de estudos importantíssimos sobre o pensamento simbólico da Idade Média ao Barroco, no volume *Maschere della Verità. Il pensiero figurato dal Medioevo al Barocco* (Carocci 2016), reunindo autores como João Escoto Erígena, Pico della Mirandola, Torquato Tasso, Giovan Battista Marino e Emanuele Tesauro.

Rigoni é um dos maiores especialistas na obra do poeta italiano Giacomo Leopardi (1798-1837), muito apreciado por Cioran. No âmbito da crítica literária moderna, dedicou a maior parte dos seus estudos ao poeta de Recanati, de quem editou

Meridiano Mondadori delle Poesie (1987), *La strage delle illusioni. Pensieri sulla politica e sulla civiltà* (Adelphi, 1992) e *Tutto è nulla* (Rizzoli, 1997), bem como uma reedição de *Discorso sopra lo stato presente dei costumi degl'Italiani* (Rizzoli BUR, 1998). Os estudos leopardianos de Rigoni, que sustenta a tese do materialismo antirracionalista e antiprogressista de Leopardi, foram reunidos no volume *Saggi sul pensiero leopardiano* (Cleup, 1982; Liguori, 1985), prefaciado por Cioran e posteriormente reeditado como *Il pensiero di Leopardi* (Bompiani, 1997; Aragno, 2010; La Scuola di Pitagora, 2020), e no livro *Il materialismo romantico di Leopardi* (La scuola di Pitagora, Napoli, 2013).

Rigoni também se dedicou aos estudos cioranianos, tendo publicado diversos volumes de exegese crítica sobre Cioran, de quem se tornou um dos melhores amigos italianos (ao lado de Guido Ceronetti). É um dos principais divulgadores da obra de Cioran na Itália, tendo dirigido a coleção das suas traduções italianas na renomada editora Adelphi, de Roberto Calasso. A correspondência Cioran-Rigoni foi publicada com o título *Mon cher ami* (Il Notes Magico, 2007). Publicou volumes de ensaios sobre Cioran, tais como *In compagnia di Cioran* (Il Notes Magico, 2004), *Ricordando Cioran* (La Scuola di Pitagora, 2011) e *Per Cioran* (La Scuola di Pitagora, 2017).

Como autor de ensaios e aforismos e outros textos literários, publicou *Variazioni sull'Impossibile* (Rizzoli, 1993), *Elogio dell'America* (La Scuola di Pitagora, 2016), *Vanità* (Aragno, 2010), *Elogio della sigaretta* (La Scuola di Pitagora, 2010), *Estraneità* (La Scuola di Pitagora, 2014), *Miraggi* (Roma, Elliot, 2017), *Disinganni* (Elliot, 2018), *Fondo di cassetto: aforismi e frammenti* (Elliot, 2019) e *Colloqui con il mio demone* (Elliot, 2021).

Em 15 de outubro de 2021, o mundo intelectual e cultural italiano lamentou o falecimento de Mario Andrea Rigoni, aos 73 anos, após uma longa luta contra uma grave doença.

CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

MARIO A. RIGONI – Foi durante uma viagem a Paris, com a minha esposa, no início dos anos 70. Fomos convidados para jantar na casa de Jean-Noël Vuarnet, um jovem escritor e ensaísta francês, que eu havia conhecido pouco tempo antes em um congresso sobre Nietzsche, um evento que ficou famoso, realizado em Cérisy-la-Salle, na Normandia. Vuarnet participou da comitiva de Gilles Deleuze e Pierre Klossowski, ambos presentes naquele congresso, do qual também participaram Jacques Derrida e Roberto Calasso. De todos eles, eu só conhecia pessoalmente Derrida, sobre publiquei um artigo na Itália em 1970. Por ocasião daquele congresso sobre Nietzsche, encontrei Calasso pela primeira vez, e também conversei com Klossowski, que me mostrou grande simpatia, convidando-me uma noite, com Vuarnet e outros, para beber uns *Calvados*

com ele e Denise (a Roberta dos seus romances), no quarto deles.

Vuarnet morava na Rue Servandoni, bem perto da Rue l'Odéon, onde Cioran morava. Ao final do jantar, Vuarnet anunciou, sem muita ênfase, a visita de um amigo escritor: era o próprio Cioran, cujo nome eu desconhecia! Eu descrevo a impressão que ele me deixou no “exercício de admiração” que abre o meu livro *Cioran dans mes souvenirs*, publicado pela Presses Universitaires de France (P.U.F.) em 2009.¹ Ele tinha uma aparência simples e um ar modesto; falava com um ritmo *saccadé* [entrecortado], o que tornava a sua eloquência fascinante e poderosa. Conversamos sobre livros a noite toda, mas não me lembro exatamente quais. Em todo caso, logo percebi que Cioran era um leitor formidável, que tinha predileção por diários, memórias, biografias, confissões, enfim, todos esses testemunhos de experiência diretos e pessoais.

C. V. – Cioran também frequentava o grupo de intelectuais que você mencionou?

M. A. R. – Não, de jeito nenhum. Dos que citei, só frequentava Vuarnet. Cioran não era um *habitué* da sociedade literária. E menos ainda do tipo que frequenta congressos... Mais tarde ele entrou em contato com Calasso, que se tornou o seu editor na Itália. Pelo que sei, os seus amigos na França, naquela época (década de 70), eram Henry Corbin, Samuel Beckett, Henri Michaux (lembro que Cioran tinha uma pintura dele na parede de casa), o pintor Roberto Matta e, é claro, Eugène Ionesco.

C. V. – Como era Cioran na intimidade? Era mais como o pensador brilhante que descobrimos nos livros, cheio de ironia e ceticismo, ou mais próximo da imagem empática e compreensiva que encontramos na sua correspondência?

M. A. R. – Ele era agradável e surpreendente, gostava das anedotas e dos ditos espirituosos, e tinha a capacidade de passar de uma reflexão amarga à mais escancarada ironia. Cioran se abria com todos, exceto com os indiscretos e os imbecis – uma categoria muito ampla, diga-se de passagem. Com os amigos, era hospitaleiro, atencioso e carinhoso, até protetor, e não apenas em termos práticos. Lembro-me de como, revisando a versão francesa de um livro de aforismos que eu havia escrito, ele me aconselhou fortemente a remover certas passagens que achava que poderiam me prejudicar, porque eram, como se diz hoje, *politically incorrect*. Posso dizer que ele tinha um carinho especial por mim.

1. Edição francesa de *In compagnia di Cioran*, publicado na Itália por Il Notes Magico em 2004 (N. do E.).

Certa vez, na ausência de Simone, passamos algumas horas juntos e, na hora do almoço, ele mesmo, para o meu grande espanto (e emoção), preparou-me um filé, ao mesmo tempo em que discutíamos a destruição da Alemanha, que ele condenava, é claro. Não consigo separar o homem do escritor ou do pensador, e acho que, no caso dele, seria impossível.

C. V. – Qual é a sua opinião sobre o livro de Friedgard Thoma, *Per nulla al mondo. Un amore di Cioran*,² recentemente traduzido para o italiano, que narra a relação clandestina da autora alemã com Cioran?

M. A. R. – Penso que esta senhora cometeu uma indiscrição imperdoável, mesmo que tenha esperado a morte de todos os diretamente envolvidos para publicar o livro. Tanto mais que certos detalhes mencionados, óbvios e comuns em qualquer relação erótica, são obviamente introduzidos para fins escandalosos, sem trazer nada de relevante ao conhecimento de Cioran. Hoje, o mundo se lança, avidamente, sobre os aspectos sexuais das biografias, fenômeno que o próprio Cioran deplorava. Infelizmente, ele também foi vítima disso. Claro, Cioran não gostaria que esses assuntos fossem tornados públicos, nem que a sua própria vida fosse dissecada, como acontece neste e em muitos outros livros, ensaios, teses de pós-graduação etc. Justo ele, que tantas vezes denunciou a inutilidade e os danos da crítica!

C. V. – Mas na correspondência de Cioran com Friedgard Thoma há referências, reflexões, trocas de ideias filosóficas ou literárias, que de outro modo ter-se-iam perdido...

M. A. R. – Isso é verdade apenas parcialmente. Aliás, esta é a única coisa do livro que se salva. Friedgard Thoma provavelmente poderia ter produzido com esse material um roteiro cinematográfico, e assim teria poupado a si mesma, e também Cioran, a substância do livro, a discrição...

C. V. – Você reconheceu logo de início a importância da obra de Cioran ou só mais tarde?

M. A. R. – Como disse, eu ainda não tinha lido os livros de Cioran quando o conheci pessoalmente. Mas posso dizer que os seus livros me cativaram imediatamente e para sempre. Por isso busquei uma editora adequada na Itália, o que não foi fácil. Mais tarde,

2. A edição original (alemã) do livro, *Um nichts in der Welt. Eine Liebe von Cioran*, foi publicada em 2001. *Per nulla al mondo: un amore di Cioran*, a edição italiana, é de 2010 (N. do E.).

a Adelphi deu um passo à frente e fiquei muito feliz em cuidar, direta ou indiretamente, das traduções.

C. V. – Quais eram os assuntos preferidos nas suas conversações com Cioran?

M. A. R. – Não tínhamos assuntos preferidos, falávamos de tudo. É claro que o crepúsculo da Europa e a ascensão do islamismo eram temas recorrentes... Além do destino singular (Cioran dizia “único”) dos judeus.

C. V. – O seu pensamento foi influenciado de alguma maneira pela sua amizade com Cioran? Há algum tema de reflexão que lhe foi sugerido pela frequência da sua obra?

M. A. R. – A amizade com Cioran e a leitura dos seus livros sem dúvida marcaram o meu gosto literário. Não fui tanto influenciado pelos seus temas, que sinto como se fossem meus por uma espécie de afinidade natural, mas, sobretudo, pelo *tom* extraordinário e imediatamente perceptível do seu pensamento, da sua prosa, pela sua *lucidez* implacável... Ao mesmo tempo, ele foi benéfico para libertar-me do vício da erudição acadêmica que, por causa do meu ofício, não pude evitar, enfim, foi um aliado da minha constituição original profunda, das minhas obsessões metafísicas. Por fim, provocou ou favoreceu a minha orientação para a brevidade e o aforismo: a principal marca estilística de Cioran.

C. V. – Você vê alguma afinidade entre o pensamento de Leopardi, a quem você dedicou inúmeros estudos, e o de Cioran? O pessimismo de Leopardi teria a mesma origem do pessimismo de Cioran?

M. A. R. – Não há dúvida de que Leopardi e Cioran pertencem à mesma família espiritual, mantendo muitas afinidades em suas visões de mundo, da vida e da história. Aliás, ambos praticavam uma espécie de “ultrafilosofia”, uma forma de lucidez provocada pelo fim de todas as filosofias. Embora Cioran não conhecesse integralmente a obra de Leopardi, interessava-se sobremaneira por tudo o que lhe concernia como pensador e como homem. Isto fica bem manifesto no prefácio que, muito generosamente, Cioran escreveu para o meu livro sobre o pensamento de Leopardi, e também pelas anotações dos *Cahiers (1957-1972)*, onde ficamos sabendo que ele se scandalizou, e com razão, pelo fato de um crítico ter usado uma expressão de Leopardi para falar de Sartre, como se os dois pudessem ser colocados no mesmo plano, ou em relação de continuidade. A sua veneração por Leopardi fica demonstrada pelo fato de ter emoldurado os versos

do poema *L'Infinito*, na parede da sua mansarda, em Paris. A nossa correspondência começou e terminou, em grande medida, sob o signo de Leopardi...

C. V. – Todo grande pensador tem por ponto de partida de uma intuição ou uma experiência capital, que depois é refletida e articulada na sua obra. Qual seria ela no caso de Cioran?

M. A. R. – Ele mesmo o afirma nos *Cahiers*. A intuição ou experiência profunda, à qual ele não poderia renunciar por nada neste mundo, é a de que *tudo o que o homem faz se volta contra ele*.³ Infelizmente é verdade e, parece-me, hoje mais do que nunca.

C. V. – A publicação dos *Cahiers: 1957-1972* foi uma surpresa para você?

M. A. R. – Com certeza. Até porque um caderno tão volumoso de notas, citações e pensamentos, que não estava destinado à publicação, mas à destruição, acabou por tornar-se um *livro* no sentido mais pleno da palavra, e um de que não se poderia prescindir. Apesar do tamanho impressionante (mil e cem páginas!) e da recorrência de certos motivos, não há uma única anotação que não seja cativante ou interessante, e, na maioria das vezes, que não assinala a veracidade do conjunto. E as considerações literárias são de uma acuidade extraordinária.

C. V. – Houve alguma outra surpresa editorial ultimamente?

M. A. R. – Sim, *De la France*, traduzido por Alain Paruit, um texto escrito originalmente em romeno, em 1941, publicado pelas Éditions de l'Herne em 2009, um livrinho muito interessante, cuja existência eu desconhecia.⁴

C. V. – Você acha que Cioran tem, hoje, a sua importância devidamente reconhecida?

M. A. R. – Parece-me que Cioran é mais valorizado pelos leitores comuns, que podem ser pessoas simples, um astro do cinema ou do esporte, do que por críticos, literatos e filósofos profissionais. Cioran tem muitos admiradores desconhecidos ou secretos,

3. Cioran também postula esse axioma trágico, para citá-lo numa fonte disponível em língua portuguesa, no volume *Entrevistas com Sylvie Jaudeau* (Porto Alegre, Sulina, 2001): “Tudo o que o homem empreende volta-se contra ele. Toda ação é fonte de infelicidade, pois agir contraria o equilíbrio do mundo; é estabelecer um objetivo e projetar-se no devir. O menor movimento é nefasto. Detonam-se forças que podem ser esmagadoras. Viver realmente é viver sem objetivo. É o que preconiza a sabedoria oriental, a qual bem compreendeu os efeitos negativos do agir” (N. do E.).

4. CIORAN, *Sobre a França*. Trad. de Luciana Persice Nogueira. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

alguns dos quais chegam a amá-lo ao ponto da idolatria. E isso é normal. Embora seja um escritor autêntico e um pensador singular, Cioran não se dirige aos especialistas, a menos que não estejam sendo especialistas... *na experiência da vida*. Muitos dos críticos famosos que trataram dele, como Susan Sontag⁵ e George Steiner, exibem preconceitos deploráveis, especialmente de natureza ideológica. Considere que Steiner, em artigo publicado na *New Yorker*,⁶ acusa Cioran de “superficialidade”, tanto intelectual quanto estilisticamente. É uma afirmação simplesmente ridícula.

Cioran escreveu que *só um monstro pode ver as coisas tal como elas são*. Ele pertencia, sem sombra de dúvida, a esta categoria, como Maquiavel e Leopardi, ao passo que os seus críticos são apenas “pessoas de bem”.

5. Em *Styles of Radical Will* (1969), uma coletânea de ensaios sobre cinema, literatura, política e outros temas, um dos capítulos é “Thinking Against oneself: Reflections on Cioran” [Pensando contra si próprio: reflexões sobre Cioran]. A Companhia das Letras publicou o livro em 1987 como *A vontade radical* (N. do E.).

6. O texto de Steiner – uma resenha crítica de *Écartèlement* – foi publicado na *New Yorker* em 16 de abril de 1984. Cf. STEINER, George, “Curto prazo final (sobre E. M. Cioran)”, in *Tigres no espelho (e outros textos da revista The New Yorker)*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Globo, 2012, pp. 293-303 (N. do E.).

*Réfutation du suicide : n'est-il pas inélégant
d'abandonner un monde qui s'est mis si
volontiers au service de notre tristesse?*

[Refutação do suicídio: não é deselegante
abandonar um mundo que com tão boa
vontade se pôs a serviço de nossa tristeza?]

CIORAN, *Silogismos da amargura*

“SEM A POSSIBILIDADE SOBERANA DO SUICÍDIO, A VIDA SERIA INSUPORTÁVEL”

GIOVANNI ROTIROTI

Giovanni Rotiroti é romanista, tradutor do romeno e professor de Língua e Literatura Romena na Universidade de Nápoles “L’Orientale”. Também é psicanalista. As suas investigações na área dos estudos romenos prezam por uma abordagem multidisciplinar e comparativa, em diálogo com a literatura europeia do século XX e contemporânea, com ênfase nos contextos de antes e depois da cesura representada por Auschwitz. Rotiroti tem contribuído para o desenvolvimento de metodologias críticas de tradução do romeno para o italiano a partir de obras literárias de importantes nomes da literatura romena. É um prolífico autor com inúmeros livros publicados, nos quais trata de autores romenos como Ion Luca Caragiale, Eugène Ionesco, Dan Botta, Mircea Eliade, Urmuz, Tristan Tzara, Benjamin Fondane, Gherasim Luca, Nichita Stănescu e Emil Cioran. Sobre Cioran, publicou *Il demone della lucidità: il ‘caso Cioran’ tra psicanalisi e filosofia* (Rubbettino, 2005) e *Il segreto interdetto: Eliade, Cioran e Ionesco sulla scena comunitaria dell’esilio* (Edizioni ETS, 2011). Tem publicado artigos acadêmicos, prefácios e ensaios sobre Cioran, na intersecção entre filosofia, literatura e psicanálise, em volumes coletivos e diversos periódicos, na Itália e muitos outros países.



CIPRIAN VĂLCAN – Como você descobriu a obra de Cioran?

GIOVANNI ROTIROTI – Li Cioran pela primeira vez em Florença, em 1989, quando Marin Mincu, o meu professor de literatura romena, me deu para ler algumas cartas que o pensador da Transilvânia havia lhe enviado de Paris. Essas missivas também continham um extraordinário texto de Cioran sobre o poema a *Oração de um Dácio* de Eminescu,¹ escrito por ocasião do Centenário do grande poeta romeno. O início desse

1. Escrito em 1879 e publicado em 1884, *Rugăciunea unui dac* é um poema intrigante em virtude dos paradoxos e da ambivalência no trato com a divindade. O Dácio, que assume a voz poética, é o ancestral do povo romeno, antes da colonização romana. O poeta moderno encarna o seu ancestral arcaico para dar voz à sua lamentosa oração, alternando entre bênção e maldição, louvor e anátema, salvação e perdição. Há uma tradução em português na revista (n.t.): EMINESCU, Mihail, “A oração

Cioran, um aventureiro imóvel

testemunho extraordinário me impactou profundamente:

“Durante os acessos de desespero, o único recurso salutar é um desespero ainda maior. Já que nenhuma consolação arrazoada é eficaz, é preciso aferrar-se a uma vertigem que rivaliza com a nossa, que a ultrapassa inclusive. A superioridade da negação sobre todas as formas de fé salta aos olhos quando o desejo de acabar com tudo é particularmente poderoso. Na minha vida inteira, sobretudo na juventude, a Oração de um Dácio me ajudou a resistir à tentação de acabar com tudo”.²

A partir desse texto, tenho a impressão de que Cioran interpreta a “negatividade da negação” da *Fenomenologia do Espírito* como sendo irreduzível à provisoriedade da dialética. O conceito hegeliano de *Aufhebung*, sempre pronto para transformar o positivo em negativo, é inoperante aqui. Na *Oração de um Dácio*, nós nos encontramos em outro nível. Cioran sublinha o estatuto singular e absoluto da expressão poética de Eminescu, como a condição mais “original”, tragicamente existencial, daquelas *racines trop profondes du néant valaque* [raízes profundas demais do nada valaco]. Ele postula a fratura original entre o conhecimento filosófico e o inatingível objeto de desejo (*dor*) que a poesia carrega em si.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran chamaram a sua atenção na primeira leitura e quais lhe parecem importantes hoje em dia?

G. R. – O aspecto mais significativo, e que até hoje tem valor para mim, é provavelmente questão do *suicídio*, uma constante no seu primeiro livro, *Nos cumes do desespero*, e que se tornará uma espécie de *signature*, no sentido derridiano, de toda a obra de Cioran. É uma ideia que o acompanhará por toda a vida, como um refrão musical obsessivo e, às vezes, até mesmo bem-humorado.

Cioran afirma várias vezes, em romeno e em francês (e também em entrevistas em alemão) que, *sem a ideia do suicídio, teria se suicidado*.³ Para ele, o suicídio é uma ideia positiva, salutar, que o ajuda a perseverar na vida, uma possibilidade que realmente permite ao sujeito virar as costas à vida sem abandoná-la, como Gherasim Luca também

de um dácio”. Trad. Rodrigo Menezes, in Revista (n.t.) *Nota do Tradutor*, nº 22, vol. 1, jun. 2021, pp. 36-40 (N. do E.).

2. CIORAN, *Il nulla. Lettere a Marin Mincu*. Milano: Mimesis, p. 56.

3. “Só vivo porque posso morrer quando quiser: sem a ideia do suicídio já teria me matado há muito tempo.” CIORAN, *Silogismos da amargura*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 56.

sugere, com outros meios de expressão, na sua extraordinária obra poética.⁴

Sem a possibilidade soberana do suicídio, a vida seria insuportável. Segundo Cioran, a *ideia* do suicídio, sempre presente nos momentos difíceis da vida, oferece ao indivíduo uma espécie de *libertação*, pois o faz acreditar que está tudo em suas mãos. A ideia de suicídio – como questionamento – significa saúde, não doença da alma. Desde o seu primeiro livro, publicado aos vinte e poucos anos, Cioran não estava nada convencido de que as pessoas cometem suicídio movidas pela desilusão ou pelo excesso de desejo.

Na verdade, o que o suicida não consegue suportar é aquela “morte” que, na poesia de Ungaretti, “se redime vivendo”, ou a angústia mortal (*Angst*) tematizada por Freud e Heidegger, a partir de Kierkegaard e Schopenhauer. Em romeno, Cioran denomina *neliniște*⁵ essa morte da vida, essa morte vital que se abre no teatro dramático da subjetividade, na forma de “ambições, esperanças, dores ou desesperos”. Trata-se, pois, de uma singular inquietação, organicamente percebida pelo sujeito, que se repete e se impõe como dimensão sensível do desejo, exigindo intransigentemente ser escutada na forma da palavra, da escrita, de um pensamento que se abre ao questionamento.

Para Cioran, o sentimento do suicídio não é um “capricho”, mas a própria impossibilidade de enfrentar a revelação “mais assustadora”, a “tragédia interior” que ecoa no labiríntico abismo da subjetividade. O fato de podermos nos representar a morte que descobrimos em vida não significa resignar-se passivamente ao sentimento de estar abandonado e sozinho no mundo, sem certezas nem remédios salvíficos, mas, sobretudo, conseguir assumir a responsabilidade do pensamento questionador, sem necessariamente ter que se matar por isso. A partir dessa experiência pessoal, Cioran nos ensina que a ideia do suicídio – e não o ato em si – é um recurso salutar, não uma condenação do ser humano. Ter a consciência dessa ideia vertiginosa pode realmente pode salvar uma vida.

C. V. – Você concorda com a opinião dos exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

4. Nascido Salman Locker, em Bucareste, Gherasim Luca (1913-1994) foi um poeta surrealista romeno. Também conhecido como Costea Sar e Petre Malcoci, Luca tornou-se um apátrida, como Cioran, depois de deixar a Romênia em 1952 (N. do E.).

5. Desassossego, inquietação, perturbação, agitação e, por aproximação, ansiedade (*anxietate*). *O Livro do desassossego* de Fernando Pessoa, em romeno, é *Cartea neliniștirii* (N. do T.).

Cioran, um aventureiro imóvel

G. R. – Penso que Cioran, na década de 1930, se identificou quase totalmente com a figura de Nietzsche, mas, com o tempo, não se limitou a emulá-lo ou repeti-lo, pelo contrário, buscou na obra do filósofo alemão os pontos que poderia desdobrar, levar mais longe e, de certo modo, continuar. Acho que Cioran realmente amou Nietzsche e o enfrentou a vida toda. Mas na França – como podemos atestar pelos *Cahiers*, por parte da sua correspondência e em entrevistas – Cioran declara abertamente a sua vontade de romper com o modelo nietzschiano de pensamento e estilo.

Dando uma olhada nos *Cahiers*, encontraremos comentários como este: “Não posso mais ler Nietzsche. Pertence demais ao meu passado.”⁶ Ou este: “Nietzsche é sem dúvida o maior *estilista alemão*. Em um país onde os filósofos escrevem tão mal, era necessário que nascesse, por reação, um gênio do Verbo, como não existe nem mesmo *em um povo enamorado da linguagem*, como o francês. Pois não há na França o equivalente de um Nietzsche – no plano da expressão, da intensidade da expressão.”⁷ Ao final da vida, Cioran resumirá a cifra da sua vida intelectual sob o signo de Nietzsche:

A minha vida “intelectual” começou com a minha fé na minha missão (na época de *Schimbarea la față*). Aos vinte e três anos eu era profeta; depois, essa fé se enfraqueceu e pude testemunhar, ano após ano, o declínio da minha crença numa missão a cumprir, numa influência a exercer. Receio (?) que o cético em mim tenha vencido, afinal. Com o passar dos anos, me tornei *modesto*, ou seja, cada vez mais normal. Ora, um homem desequilibrado não pode assumir nenhuma missão, nem crer apaixonadamente em si mesmo. Quando penso que em 1936 (?), em Munique, vivia com tanta intensidade que cheguei a pensar que uma nova religião surgiria nos Bálcãs, de tanto que a minha febre me dava autoconfiança. Uma confiança que me apavorava, pois não acreditava que pudesse suportar tamanha tensão por muito mais tempo. (Eu segui o caminho exatamente oposto ao de Nietzsche. Comecei por... *Ecce Homo*. Pois *Nos cumes do desespero* é isso: um desafio lançado ao mundo. Agora, todo desafio me parece infantil, e sou muito cético para cometer mais um.)⁸

C. V. – Que escritor do século 20 poderia ser comparado a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

G. R. – No que concerne aos temas de reflexão, para além de Freud e Heidegger, que o filósofo de Sibiu precisou confrontar criticamente para distinguir-se deles, eu colocaria Cioran ao lado de Blanchot, Bataille, Celan e Beckett. Na Itália, aproximá-lo-ia de autores

6. CIORAN, *Cahiers: 1957-1972*. Paris: Gallimard, 1997, p. 752.

7. *Ibid.*, p. 756.

8. *Ibid.*, p. 761.

como Manganelli, Caproni, Ceronetti, Carifi e Rescio. Agora, em relação ao estilo, o próprio Cioran o diz, em *Sobre a França* (escrito em romeno). Identificando-se com a França ocupada pelas tropas nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, em 1941, ele tenta, inconscientemente, encontrar-se um lugar que seja um espaço possível de expressão em língua francesa, muito antes de maturar a ideia da ruptura definitiva com a sua língua materna e, ademais, com todas as suas convicções ideológicas anteriores, revolucionárias e totalitárias até o fanatismo. Eis o trecho: “A França aguarda um Paul Valéry patético e cínico, um artista absoluto do vazio e da lucidez.”⁹

Cioran encontra essa “vaga nuance profética e a brava coragem diante do irreparável” no silêncio da madrugada e no encanto crepuscular da língua francesa, onde o “vazio” e a “lucidez” ensejam a abertura de uma “nova” palavra que permita o trânsito entre o vivo e o mortal, não sufocada e petrificada na desertificação do *cafard*, mas contendo em si a possibilidade de desintegração dos objetos nostálgicos da “pátria” e da língua materna na errância e na dissipação sonhadora.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

G. R. – Após Nietzsche sabemos que “não existem fatos, apenas interpretações”. Isso não significa que a verdade não exista, ou que seja relativa, mas que na tradição ocidental a verdade é expressa de muitas maneiras. Essa verdade na escrita de Cioran não é alheia ao segredo. A obra de Cioran guarda muitos segredos que não concernem somente à obsessão do tempo, ao tédio, à questão do suicídio, ao desespero, ao vazio do mundo, à perpetuação do mal, à inquietude vivida de modo real, ao horror da História, à alegria do estado anterior ao inconveniente de ter nascido, à plenitude dos êxtases musicais, e que tem a ver com o problema abismal da liberdade compartilhada na separação radical, em primeiro lugar da própria pessoa.

Cioran nos ajuda a ver, mesmo na escuridão das palavras, uma abertura ou fissura que esconde algo de irredutível ao conhecimento e que, por isso, nos permite entrar em diálogo conosco mesmos sem necessariamente nos deixarmos dominar. Nesse sentido, a verdade da obra de Cioran não pode ser fixada em uma verdade absoluta, entendida como algo profundo e obscuro, nem pode ser interpretada como algo factual e objetivo; trata-se antes da travessia desse excesso apaixonado e até obscuro do seu pensamento que impede que a verdade seja fixada, representada de uma vez por todas em categorias

9. CIORAN, *Sobre a França*. Trad. de Luciana Persice Nogueira. Belo Horizonte: Âyiné, 2020, p. 57.

preestabelecidas. A verdade na obra de Cioran é enigmática e mutante. Ele gosta de estar sempre aberto ao domínio da linguagem e do desejo de questionamentos.

C. V. – Como você avalia a recepção atual da obra de Cioran na Itália?

G. R. – Cioran tem na Itália um grande e fiel público de leitores que o amam. A sua obra pertence ao pensamento crítico e é provavelmente por isso que não seja ensinada nos espaços oficiais de difusão do conhecimento. Há muitos pesquisadores e entusiastas de Cioran na Itália, como o meu amigo Antonio Di Gennaro. O que me anima, especialmente, é que hoje são os jovens a descobrir Cioran e apropriar-se dele. É um bom sinal para um mundo que parece ter sucumbido de vez ao avanço devastador da superpotência das paixões tristes e alienações escravizantes de baixo perfil cultural...

“PARA MIM, CIORAN SEMPRE FOI UM MELANCÓLICO”

CONSTANTIN ZAHARIA

Constantin Zaharia doutorou-se pela École des hautes études en sciences sociales (EHESS) de Paris, em 1996. A sua tese de doutorado, *La parole melancolique. Une archeologie du discours fragmentaire*, orientada por Yves Hersant, foi publicada como livro três anos mais tarde (Editura Universității București, 1999). Zaharia tem publicado inúmeros artigos sobre Cioran em periódicos e publicações coletivas, na Romênia e na França, tais como *Cahiers roumains d'études littéraires*, *RHFB Rapports – Het Franse Boek*, *Le Magazine Littéraire*, *Cahiers de l'Herne*, *Cahiers Emil Cioran – Approches critiques*, *Analele Universității din București*, entre outros. Editou, para a Humanitas, três manuscritos inéditos de Cioran, publicados postumamente: *Despre Franța* (2011), *Îndreptar pătimăș II* (2011) e *Razne* (2012). Constantin Zaharia é colaborador da revista *Critique* (Editions de Minuit).



CIPRIAN VĂLCAN – Quando você leu Cioran pela primeira vez?

CONSTANTIN ZAHARIA – Deve ter sido por volta de 1979. Eu era aluno da Faculdade de Línguas Estrangeiras de Bucareste, estava no segundo ano. A amiga de uma amiga, cuja filha estudava francês e romeno comigo, convidou-me um belo dia, por pura generosidade, a escolher alguns livros da sua biblioteca, isto é, os livros que eu quisesse. Eram muitos. Fitei-os com atenção e os meus olhos pousaram, é claro, em Cioran.

Era um exemplar de *Amurgul gândurilor* [O Crepúsculo dos pensamentos], a edição original de 1940. Eu sabia, claro, quem era Cioran, por causa da faculdade, das conversas com colegas e professores (que não eram membros do Partido). Também

sabia que era um autor censurado, que vivia na França e praticava uma espécie de existencialismo atípico que nada tinha a ver com Sartre.

Eu tinha lido sobre ele em um capítulo da *Istoria* de Călinescu e em passagens do primeiro volume da *Istoriei literaturii române între cele două războaie mondiale* [História da Literatura Romena entre as duas Guerras Mundiais] de Crohmălniceanu. Todas as vezes fiquei desapontado, pois as opiniões de ambos os críticos eram negativas a respeito de Cioran. Assim ficou fácil para mim escolhê-lo, sabendo, ademais, como era difícil encontrar um exemplar dos seus livrinhos.

Então eu o li sofregamente e fui além: gravei-o em fita! Não sei o que deu em mim, acho que estava desesperado porque um escritor importante não podia ser difundido, então eu decidi “copiar” o livro, sentindo-me um monge no scriptorium, com a missão de multiplicar um manuscrito raro. Posteriormente, fiz o mesmo com *Nos cumes do desespero*, que transcrevi à máquina.

C. V. – Que aspectos da obra de Cioran atraíram a sua atenção na primeira leitura e quais você considera importantes atualmente?

C. Z. – É claro que quando li *Amurgul gândurilor* pela primeira vez, eu não dispunha das ferramentas necessárias para situar Cioran compreensivamente no amplo espaço cultural europeu. Eu conhecia um pouco de Schopenhauer e Nietzsche, lia literatura francesa clássica, especialmente o teatro, e Pascal; os *moralistes*, por outro lado, eram como que uma incógnita para mim. Eu tinha uma admiração por Paul Valéry que os meus professores haviam inculcado em mim. O que posso dizer? Eu gostava mais de Gabriel Garcia Márquez e Jorge Luis Borges que da literatura clássica.

Contudo, alguns acentos me chamaram a atenção. Ao contrário de tudo o que eu já tinha lido na literatura romena, o texto de Cioran me apareceu sob uma luz estonteante de modernidade. Nada se comparava à sua escrita livre, inflamável e ao mesmo tempo precisa, cheia de ímpeto, mas também analítica, de modo que muitas vezes assume a forma minimalista do aforismo. Tive a impressão de que o ensaio deveria ser assim, que deveria ser a livre expressão de ideias, sem preocupação com restrições formais. A descontinuidade não era um defeito, pois já no meu primeiro ano de faculdade me encantavam os *Ensaio*s de Montaigne.

O que me atraiu a Cioran foi o lado veemente do seu discurso. Uma espécie de

violência que beira a crueldade, principalmente consigo mesmo. Senti nele, então, uma capacidade extraordinária de ultrapassar os limites do bom senso, de entrar com força em territórios onde poucos se aventuram. Cioran me pareceu um espírito que tivesse prometido a si mesmo nunca compactuar com a mediocridade. Tive a impressão de que ele vivia sob constante tensão, perseguido pelo demônio da lucidez e pelo desejo de solidão.

Mas talvez eu esteja idealizando... Em todo caso, era assim que eu me sentia em relação a Cioran naquela época, ao invés de entendê-lo. Essa *veemência* não era necessariamente uma coisa positiva. Eu não sabia exatamente de onde isso vinha, nem como poderia ser situado, culturalmente falando. Mais tarde eu aprenderia que a veemência pode ser um traço da melancolia, segundo Aristóteles (a referência está em *Saturne et la mélancolie*, de Klibansky, Panofsky e Saxl). Freud diz algo semelhante.

Devo acrescentar uma coisa que me parece importante: houve uma segunda primeira leitura de Cioran. Ou seja, a primeira leitura dos seus livros escritos em francês. Outro grande amigo me mostrou um dia um exemplar de *Do inconveniente de ter nascido* (acho que foi no outono de 1979) e disse: “Tenho cinco dias, se quiser te deixo dois”. Não hesitei, li o livro numa sentada só, e tive de devolvê-lo em seguida, com algum pesar, pois quis ter ficado com ele para poder folheá-lo mais vezes. Surpreendeu-me o rigor, diria clássico, da sua escrita francesa, mas também a excelência aforística e os acentos de inegável modernidade. Parecia menos chamativo do que na minha juventude, mas eu reveria os meus pontos de vista anos depois.

C. V. – Você concorda com os exegetas que consideram Cioran o principal continuador de Nietzsche no século 20?

C. Z. – Eu começaria dizendo que Cioran não é um continuador de Nietzsche. Por razões óbvias, toda a cadeia argumentativa que me leva a diferenciá-los não pode ser desenvolvida aqui. Cioran não é um reformador da filosofia, como Nietzsche pretendia ser. Ele não estabeleceu uma polêmica entre a filosofia contemporânea e o seu próprio pensamento. No máximo, podemos dizer que Cioran denunciou a falência do pensar filosófico sistemático em páginas contundentes do *Breviário de decomposição* e de *A tentação de existir*, ainda que, a bem da verdade, quase todos os seus livros franceses atestem uma verdadeira aversão à filosofia.

Cioran, um aventureiro imóvel

Com o passar dos anos, Cioran se torna um feroz “antifilósofo”, afirmando repetidas vezes a inanidade do pensamento estruturado. É verdade que, para ele, “filosofia” tem uma conotação muito específica, designando sempre um *sistema* filosófico. Cioran admira Kierkegaard e Nietzsche, Montaigne e Pascal, e a estes se somam inúmeros outros que o pensador de Răşinari costuma citar nos seus livros ou mesmo nos cadernos. Schopenhauer, o filósofo que lia com tanta paixão na adolescência, e de quem nunca se dissociou completamente, não escapa de certas distâncias exprimidas por Cioran.

Tanto Cioran quanto Nietzsche rejeitam o sistema e recorrem à expressão aforística. Mas, enquanto o primeiro abandona o projeto enquanto tal, abordando temas e espaços de reflexão não filosóficos, o segundo jamais virou às costas à filosofia, por mais que adotasse uma abordagem poética das ideias, como acontece com Zaratustra. No fundo, e corro o risco de me contradizer, diria que eles são como almas gêmeas que olham em direções diferentes. Cioran diz nos *Cahiers* que Nietzsche está cheio de ingenuidades que podem até colar na adolescência, mas que não interessam mais ao espírito amadurecido que tenha assimilado, digamos, La Rochefoucauld e Saint-Simon. Para Cioran, o *Übermensch* não faz sentido: é uma fantasia compensatória imaginada por um homem frágil e enfermo.

Há, então, a relação de cada um deles com o século XVIII. Nietzsche prefere Voltaire e Chamfort. Cioran não é necessariamente um voltairiano, mas valoriza Chamfort sem reservas. A estes se soma toda uma série de *moralistes* que Cioran leu e releu toda a sua vida, especialmente em meados dos anos 1940, em vias de escrever a primeira versão do *Breviário de decomposição*: La Rochefoucauld, Vauvenargues, Joubert, La Bruyère, e menciono apenas os mais conhecidos. A estes se somam os autores memorialistas e de correspondências, que o familiarizaram com uma literatura que permanece, até hoje, tão marginal quanto excepcional. Porém, Cioran não caça temas de reflexão nos seus escritos, mas algo diferente: uma forma de expressão que permitisse a ele, um meteco recém-chegado à França, oriundo do outro lado da Europa, competir em estilo e elegância com os nativos. Cioran recorre a esse modelo de estilo, que se adaptará à sua própria sensibilidade, potenciando os seus efeitos graças à modernidade que intervém como fator de discernimento.

Assim, há em Cioran, em parte, um *moraliste* inserido na tradição da literatura clássica, mas com sotaques de uma inegável modernidade, enquanto Nietzsche permanece um filósofo que pisca para os seus vizinhos-inimigos (toda a Alemanha

naquele momento), atraído pela elegância estilística e pela dicção das ideias, mas ao mesmo tempo refém do espírito germânico que ele critica virulentamente. Quando lê Voltaire, Chamfort ou Mirabeau, Nietzsche fica fascinado por um traço que lhe é próprio: a *veemência*.¹ Cioran nutre o mesmo interesse pela expressão veemente: aforismo, máxima ou a simples frase são gêneros irmãos que permitem o estabelecimento de um tipo de pensamento que pode ser associado à violência.

Tematicamente, no entanto, eles permanecem muito diferentes. Cioran não está preocupado com os temas de reflexão propriamente nietzschianos. Nem o *Übermensch*, nem a genealogia da moral, nem o nascimento da tragédia realmente o interessam, embora haja uma *incidência acidental* destes temas na sua obra. Em vez disso, Cioran prefere falar sobre a morte, a existência debilitada, o sofrimento, o intolerável, coisas que Nietzsche nem menciona.

Na verdade, ambos pertencem a um paradigma filosófico que se manifesta de forma polêmica, e com intenções reformadoras, a partir do século XIX. Kierkegaard também segue a mesma trajetória. Os três têm um lado ensaístico, diria até literário, apesar da intenção filosófica fundamental. Todos eles escrevem aos poucos (com algumas diferenças e circunstâncias específicas, é claro) e negam a abordagem sistemática. A noção de *fragmento* que apresento aqui não é sinônimo de aforismo no sentido clássico. Diferentemente deste, o *fragmento* se apresenta sob o signo da incompletude, enquanto o aforismo é um sistema mínimo, do qual nada pode ser subtraído e ao qual nada pode ser acrescentado. Para o grupo de escritores da revista *Athenaeum*, o fragmento encerra-se sobre si mesmo como um “ouriço”, reduzindo-se à condição de mônada. Mas isso era antes de 1800...

No século 20, o fragmento torna-se o gênero privilegiado da modernidade, inclassificável por excelência, podendo ser reivindicado tanto pela literatura quanto pela filosofia. A contribuição de Nietzsche é essencial neste aspecto. No entanto, Cioran evoca esse modo de expressão em referência aos Cadernos de Paul Valéry, não aos *Fragmentos póstumos* de Nietzsche (que ele não teve oportunidade de ler na edição de Colli e Montinari, na época em que escrevia o *Breviário de decomposição*). Ademais, sabe-se que os textos contidos em *A vontade de potência* são fruto de uma manipulação

1. Nos *Cahiers* (p. 40), há uma nota em que Cioran declara o seu gosto pelos “espíritos da veemência” como Tertuliano e Nietzsche (N. do E.).

ideológica que agradaria ao regime nazista em suas escolhas políticas, além de angariar notoriedade à irmã de Nietzsche, cujo antissemitismo era evidente. Nada disso reflete as escolhas de Cioran, apesar da derrapagem de *Transfiguração da Romênia*.

Seria útil postular a hipótese de uma *arqueologia da noção de fragmento*, tão característica da cultura europeia. No meu entendimento, quem está na origem do fragmento “moderno”, ele próprio dotado de imensa modernidade, não é outro senão Montaigne. Os seus *Ensaaios*, com as suas arestas abertas, aparentemente sem rigor, introduziram no campo filosófico europeu um modo de expressão – e de pensamento – que viria a dar frutos muito tardiamente. Um outro pensador que também escrevia em fragmentos achava que Montaigne exagerava em tudo e falava demais sobre si mesmo: Pascal. Mas até Pascal se refere a ele como uma verdadeira autoridade. Pois o que Montaigne trouxe para dentro da filosofia é um espírito de liberdade que vem principalmente do gênero “descosido” (*dezlânat*) do ensaio.

C. V. – Que autor do século 20 poderia ser comparado a Cioran em termos de estilo e temas de reflexão?

C. Z. – Pode soar estranho, mas acho que Cioran não encontra ninguém igual entre os seus contemporâneos. Ainda hoje, quase 20 anos após sua morte, não podemos vislumbrar a estatura de um escritor-filósofo da sua envergadura. Mas, em termos de estilo, ele teve um importante predecessor: Paul Valéry, cujos *Cadernos* podem ser considerados um arquétipo dos ensaios e fragmentos de Cioran. Refiro-me à qualidade estilística de ambos. Não foi à toa que Cioran escreveu um panfleto excepcional, “Valéry diante de seus ídolos”: obviamente, se incomodava com o fato de Valéry ter sido um verdadeiro modelo para ele. Valéry, Cioran e Julien Gracq são alguns *picos do estilo perfeito* na França do século 20. São autores que não têm nada a ver com a literatura que se pratica hoje, geralmente medíocre em todos os aspectos, tanto no estilo como nas ideias. Mas não quero me desviar do assunto.

Alguns temas de reflexão são comuns a Valéry e a Cioran. Por exemplo, há parentescos temáticos entre *Regards sur le monde actuel* (1931) e *História et utopia* (1960), não é mesmo? Ademais, encontraremos nos cadernos de Valéry e de Cioran aforismos muito semelhantes, diria até em um ou dois casos idênticos. Acidentes, se quiser... Cioran ficou tão encantado com algumas fórmulas que as transcreveu no papel, mas pode ser que depois tenha pensado que ele mesmo as tivesse escrito, o que

não é absolutamente errado, dada a sua proximidade estilística. Por fim, deixando a brincadeira de lado, é preciso sublinhar a proximidade entre os dois.

Em todo caso, o pessimismo jubiloso de Cioran (a fórmula foi consagrada durante um colóquio organizado na Feira do Livro de Paris, em 2011) não encontra páreo no espaço das letras francesas contemporâneas. Pratica-se hoje, cada vez mais, o pensamento positivo, o discurso ético levado às últimas consequências, o espírito edificante que instala o indivíduo no horizonte da pura mediocridade, tornando-o culpável por qualquer atitude que venha do espírito de rebanho. A barbárie assume novas formas, mais hipócritas e, portanto, mais perigosas do que a sinceridade de Valéry e Cioran.

Outro escritor que podemos aproximar de Cioran é Maurice Blanchot. Não o crítico, não o romancista, mas o autor de fragmentos, o autor da *Escritura do desastre*. Cioran avalia Blanchot recorrendo (como sempre) a fórmulas negativas, dizendo, por exemplo, que ele pratica uma literatura vazia, o que, para Cioran, significa “sem ideias”. Ao mesmo tempo, o que os aproxima é justamente a gama de temas que pressupõem a ausência: vazio, desastre, morte etc. Contudo, Blanchot não é um adepto da pureza estilística.

C. V. – Na sua opinião, a obra de Cioran é devidamente lida na Romênia após 1989?

C. Z. – Não acho que haja leituras impróprias. Há leitores que, por motivos diversos, podem errar por não conseguir situar justamente um escritor. Na Romênia, Cioran goza de uma merecida reputação. Libertado da censura após 1989, todos os seus livros foram republicados pela editora Humanitas, tanto os livros romenos quanto os franceses.

Não creio que haja outro país na Europa, ou no mundo, que tenha traduzido Cioran com tanto frenesi como aqui. Eu mesmo participei desse processo, editando para a Humanitas três manuscritos romenos escritos por Cioran nos anos 1940, um dos quais não foi nem sequer publicado em francês. Pode-se dizer que praticamente toda a obra de Cioran foi editada na Romênia. A isso se soma a contribuição da crítica. Os ensaios e livros de Gabriel Liiceanu, Andrei Pleșu, Dan C. Mihăilescu, Ion Vartic e Marta Petreu, para citar apenas alguns (perdoem-me os que não citei), têm alimentado o interesse do grande público por Cioran.

Beneficiando-se dessas vantagens, a Romênia reúne em si todas as condições

favoráveis para uma recepção adequada da obra de Cioran. Seria má fé da minha parte dizer o contrário. É claro, um romeno pode se interessar por Cioran por razões diversas às de um francês, mas essa é outra questão.

C. V. – Você vê diferenças entre a recepção romena de Cioran e a sua recepção no Ocidente?

C. Z. – Necessariamente. Tenho tratado de Cioran há mais de vinte anos e, a certa altura, dando palestras na Universidade de Bucareste, consegui apresentar um quadro bastante preciso das diferenças entre a sua recepção na Romênia e na França. Não sei se você notou, mas os livros de Cioran traduzidos do romeno para o francês não despertaram na França o mesmo interesse que os seus livros escritos diretamente em francês. O mesmo está acontecendo na Romênia, só que de modo inverso: para o público não francófono, os livros de Cioran escritos em francês parecem menos importantes ao lado dos escritos dos anos 30 e 40. Não se trata de patriotismo, mas do nosso modo de nos inscrevermos em um espaço cultural determinado.

No meu entendimento, diferenças antropológicas e históricas são determinantes para as divergências de percepção de Cioran na França e na Romênia. Na cultura romena, Cioran é de grande importância. Os seus escritos pertencem ao paradigma da modernidade; é contemporâneo das vanguardas, recorre frequentemente à metáfora, distorce a filosofia, trazendo-a para o campo do ensaio, recusando a abordagem universitária. Por estas razões, Cioran surge para nós como um escritor da atualidade, ainda que o sofrimento, a morte, o tédio e o nada sejam temas atemporais de meditação.

Mas, o que acontece no espaço francês? Em 1949, quando o *Breviário de decomposição* apareceu, os críticos ficaram extremamente sensibilizados pelo estilo de Cioran, deixando de explicar de onde vem essa performance. Com o tempo, Cioran começou a tocar no assunto, nas entrevistas, por exemplo, e alguns jornalistas começaram a perceber a influência do francês clássico na sua escrita. Para o público francês, a referência ao século 18 é imprescindível, mesmo que seja uma ilusão entretida por uma linguagem em que os acentos da modernidade são evidentes. Essa referência está completamente ausente do espaço cultural romeno. Como representar, na Romênia, a preeminência de um modelo estilístico anterior a Mihai Eminescu? Nem os cronistas nem Cantemir representam² um tal modelo estilístico. Não há uma cultura do aforismo

2. Dimitrie ou Demetrius Cantemir (1673-1723) foi um príncipe, estadista e homem de letras romeno, considerado uma das figuras mais importantes do Iluminismo. Ele serviu duas vezes como voivode da

na Romênia, como na França – e, aparentemente, em nenhum outro país da Europa.

Com efeito, a posição de Cioran é extremamente desconfortável. Escritor romeno até meados dos anos 40, adota o francês como língua de expressão e o horizonte cultural da França, o que significa um verdadeiro câmbio de identidade. Você notou que, a partir do *Breviário de decomposição*, a sua assinatura não é mais *Emil*, mas *E. M. Cioran*?³ Trata-se, portanto, de uma nova pluma, empunhada por um novo autor. Esse novo autor não escreve mais em romeno. Não entrarei em detalhes, mas é claro que a censura de Cioran (na Romênia) teve um papel decisivo na escolha que viria a fazer. Mas, para além do contexto político, devemos lembrar que Cioran amiúde se recusava a falar romeno. As cartas para Aurel eram escritas em francês.

C. V. – Como você interpreta a obra de Cioran?

C. Z. – Para mim, Cioran foi sempre um melancólico. Não apenas o inventário temático dos seus escritos pertence à melancolia, como também as atitudes expressas na escrita pertencem ao humor negro. Não esqueçamos que a melancolia é uma ideia antiga, aparecendo na medicina clássica. Segundo Hipócrates, é um dos quatro humores, podendo induzir, pelo equilíbrio ou desequilíbrio, à saúde ou à doença. Mas, muito rapidamente, sob o signo de Aristóteles, ela é colocada em relação ao *homem de gênio*, necessariamente melancólico. A evolução dessa ideia é extraordinária, porque a melancolia se manifesta em muitos campos: medicina, psicologia, psicanálise, mas também em filosofia, literatura, artes plásticas, astrologia...

O que me interessava especialmente quando eu preparava a minha tese de doutorado era o nexos entre *fragmento e melancolia*. Em alguns escritores, a consciência da futilidade (*deșertăciunii*) pode culminar em uma expressão fragmentária, aforística, descontínua em suma. Trata-se, certamente, de um ato cultural, o único capaz de dar à melancolia uma dimensão fecunda. Pode assumir acentos de tristeza ou desespero, ou às vezes certa *veemência* que tanto apreciamos em Cioran. Pode soar estranho, mas

Moldávia (março-abril de 1693 e 1710-1711). Durante seu segundo mandato, ele aliou seu estado à Rússia em uma guerra contra os senhores otomanos da Moldávia; A derrota da Rússia forçou a família de Cantemir ao exílio e à substituição dos voivodas nativos por fanariotas gregos. Cantemir também foi um escritor prolífico, filósofo, historiador, compositor, musicólogo, linguista, etnógrafo e geógrafo (N. do E.)

3. Em *Le Corrupteur corrompu*, Nicolas Cavallès reúne todas as assinaturas utilizadas por Cioran até estabelecer as iniciais *E. M.* (inspiradas em E. M. Forster), problematizando essa variedade de assinaturas como uma crise de identidade autoral na transição entre duas línguas (N. do E.).

todos – absolutamente todos – os temas presentes na obra de Cioran estão relacionados à melancolia: o desespero, a obsessão da morte (veja-se as vaidades do Renascimento), a tristeza, o sentimento do vazio, o tédio, a paixão ou a arte da negação, o discurso sobre o corpo, a identidade como um jogo perpétuo entre margem e centro, a acídia, etc.⁴

Até o humor, tão saliente na escrita francesa de Cioran, é fruto da melancolia – uma espécie de autoterapia, por assim dizer. Você não considera importante o papel da ironia em tudo o que Cioran escreveu? Não esqueçamos que a tese de doutorado de Kierkegaard – outro melancólico incurável – se debruça sobre o conceito de ironia. Poderíamos glosar infinitamente sobre ela: *Cioran é inesgotável*. A dialética da escrita fragmentária possibilita um *percurso hermenêutico sem fim...* Parafraseando Borges, podemos dizer que a obra de Cioran é uma esfera cujo centro está em toda parte, e a circunferência, em lugar nenhum. Qualquer um dos fragmentos de Cioran pode ocupar a posição central na sua obra.

4. Sobre a acídia (*acedia*) dos claustros medievais, tema e título de um texto do *Breviário de decomposição*, cf. STAROBINSKI, Jean, *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. Trad. de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CRONOLOGIA

1911. Nascimento em 8 de abril, em Răşinari, um pequeno e idílico vilarejo na Transilvânia, à época pertencente ao Império Austro-Húngaro. O seu pai, Emilian Cioran, é um *pope* cristão ortodoxo. A sua mãe, Elvira Comaniciu (descendente de uma família transilvana cujos antepassados haviam recebido títulos nobiliários do Império), preside a associação das mulheres ortodoxas do lugar. Tem uma irmã mais velha, Virginia, e um caçula, Aurel: todos batizados com nomes latinos, o que era um *statement* político-cultural, a afirmação da identidade romena de transilvanos que, como a família Cioran, estavam subordinados à coroa austro-húngara.

1916-1917. Por volta dos cinco ou seis anos, a primeira experiência de tédio (*ennui* em francês, *plictiseală* em romeno), não esse tédio ordinário, por ausência de ocupação e atividade, mas um *taedium vitae* que revela “o vazio do coração ante o vazio do tempo: dois espelhos refletindo cara a cara sua ausência, uma mesma imagem de nulidade” (*Breviário de decomposição*). Como Cioran relata nas *Entretiens*, “foi durante a Primeira Guerra Mundial. [...] Uma noite, provavelmente de verão, tudo ao meu redor se esvaziou de sentido, congelou-se: uma espécie de angústia insuportável. Sem poder formular o que estava acontecendo, eu tomava consciência da existência do tempo. Nunca consegui esquecer esta experiência. Falo do vazio essencial, que é uma extraordinária consciência da solidão do indivíduo” (entrevista com Léo Gillet). Nessa mesma época, durante a Primeira Guerra, os seus pais serão deportados para prisões de trabalhos forçados,

acusados de conspiração contra o império.

1921. Aos 10 anos de idade, um dos acontecimentos capitais que marcará para sempre a sua consciência, uma experiência traumática que dividirá a sua vida entre o “paraíso terrestre” de Rășinari –no qual o pequeno selvagem vivia como se fosse o “Mestre da Criação” – e tudo o que viria em seguida. Após a reintegração da Transilvânia ao Reino da Grande Romênia, graças ao Tratado de Trianon, o seu pai o matricula no melhor liceu de língua romena da região,¹ na cidade vizinha de Sibiu. “Quando eu tinha dez anos, os meus pais me mudaram para a cidade grande. Ainda me lembro daquela viagem, sendo levado em uma carruagem a cavalos. Fiquei completamente desesperado. Fui desenraizado e, durante aquela viagem, que durou uma hora e meia, senti uma perda irreparável” (Entrevista com Luis Jorge Jalfen). Em Sibiu, o pequeno Emil reside inicialmente em uma pensão alemã, com outras crianças. Algum tempo depois, Emilian é nomeado *protopope* de Sibiu e a família inteira muda-se para lá.

1925. Cioran praticava o violão com afinco até que um belo dia, aos 14 anos, abandonou o instrumento sem mais nem menos para começar a devorar todos os livros que encontrava pela frente. Era o início da sua carreira intelectual, construída sobre a frustração de não poder ser músico. O jovem Emil se dera conta de que era mais difícil rivalizar com Bach do que com Deus. Em Sibiu, o adolescente bibliófilo se alterna entre a biblioteca Astra e a biblioteca do palácio Brukenthal. Seus cadernos de estudos a partir de então revelam, por citações no original ou em romeno, uma leitura atenta de Diderot, Balzac, Tagore, Soloviev, Lichtenberg, Dostoiévski, Flaubert, Schopenhauer e Nietzsche.

1927-28. “O pior foi quando eu tinha dezesseis ou dezessete anos. A minha juventude foi um desastre. Comecei a sofrer de insônia e não podia fazer nada. Ficava na cama o dia todo. O contraste com a minha infância foi uma grande experiência para mim” (*Entretiens*). Um dia, o jovem insone se jogou no sofá e exclamou: “Não aguento mais!” A resposta da sua mãe: “Se eu soubesse, teria abortado”. “Devo dizer que aquelas palavras, em vez de me deprimirem, foram uma libertação. Me fizeram bem... Entendi que eu era apenas um acidente. Que não deveria levar a minha vida a sério. Foram palavras libertadoras” (Entrevista com Léo Gillet). Sibiu foi uma das cidades que Cioran mais amou. Lá, viveu dramas e êxtases. Foi em Sibiu que teve a sua grande desilusão amorosa de juventude, com uma garota chamada Cela Schian.² Em 1927, matricula-se na Universidade de Bucareste, junto com centenas de milhares de novos estudantes vindos de todas as partes do país, para estudar Filosofia e Letras. Estudante

1. Liceu Gheorghe Lazar de Sibiu. Cumpre notar que, antes do Tratado de Trianon, o ensino em língua romena era proibido nas escolas da Transilvânia, sendo o húngaro o idioma oficial naquela parte do império.

2. Antonio di Gennaro comenta esse episódio na entrevista que faz parte deste livro.

Cronologia

na Universidade de Bucareste, Cioran torna-se um dos representantes da *tânăra generație* [jovem geração] de intelectuais de 1927, ao lado de Eliade, Noica, Ionescu, Sebastian, Vulcănescu, entre outros. Participa ativamente do grupo *Criterion*, reunido em torno de Eliade.

1932. Licencia-se em janeiro com uma tese sobre “Bergson e o intuicionismo contemporâneo”. A insônia perdura, ainda mais penosa em Bucareste, cidade à qual o transilvano Cioran não se adapta. Os seus estudos se concentram sobretudo no campo da filosofia e da história da arte alemãs: Schopenhauer, Nietzsche, Simmel, Wölfflin, Kant, Fichte, Hegel, Husserl – além de Bergson e Chestov. Licencia-se em janeiro de 1932 com uma tese sobre “Bergson e o intuicionismo contemporâneo”. A partir de 1932, Cioran começa a colaborar intensivamente com jornais e revistas da Romênia, tratando de temas como “o intelectual romeno”, “indivíduo e cultura”, “a perspectiva pessimista da história”, “o sentido da cultura contemporânea”, “o tempo e o relativismo”, “a cultura e a vida”, “a Romênia diante do estrangeiro”, “o culto à força”, além de personalidades como Jaspers, Kokoschka, Hokusai, Rodin, Greta Garbo, Dürer e Hegel.³

1933. Cioran obtém uma bolsa do Instituto Humboldt para estudar na Alemanha. Parte de trem para Berlim em 24 de outubro de 1933. Na Alemanha, entre Berlim e Munique, acompanha os cursos de Nicolai Hartmann e Ludwig Klages. Cioran acompanha de perto a ascensão do hitlerismo e chega a confessar, em um dos seus textos escritos na Alemanha para serem publicados na Romênia, que “não há homem de estado que eu admire mais atualmente do que Hitler”. Desejava a mesma glória que percebia na Alemanha, em meados da década de 1930, para a sua pobre Romênia.

1934. É publicado na Romênia, in absentia (Cioran se encontra na Alemanha), *Nos cumes do desespero*, que ganhará o prêmio para jovens escritores da *Fundația Pentru Literatură și Artă Regele Carol II* [Fundação do Rei Carol para a Literatura e as Artes]. Ionescu concorria com *Nu*

1935. Antes de retornar da Alemanha à Romênia, no início deste ano, visita Paris pela primeira vez, onde encontra o seu amigo de infância, Bucur Țincu. Encantado pela Cidade das Luzes, fica lá por pouco mais de um mês. Frequenta a biblioteca Sainte-Geneviève, onde escreverá um texto sobre “Mozart e a melancolia dos anjos”. De volta à Romênia, deve cumprir o serviço militar, destinado à artilharia de Sibiu.

1936. Período turbulento, de efervescência cultural, mas também inquietação e polarização política. Insônia, ansiedade, “nos cumes do desespero”. Ilinca Zarifopol-Johnston aborda a radicalização política súbita da geração de Cioran, a partir de 1933 (alguns à extrema-esquerda, outros à extrema-direita). A jovem geração de 1927, que

3. Cf. CIORAN, *Solitude et destin*. Trad. de Alain Paruit. Paris: Gallimard, 2004.

se consolidaria na década seguinte, será em parte cooptada pelo professor Nae Ionescu em prol da Guarda de Ferro, um movimento fascista (ultranacionalista, xenofóbico, fanático) surgido na Romênia entre na década de 1930. *Transfiguração da Romênia* (1936) é o libelo que atesta o “passado infame” de Cioran, nas palavras de Marta Petreu – isto é, o seu passado legionário de extremismo e fanatismo político. Como observa Ilinca Zarifopol-Johnston, “esse processo de intensa politização da vida cultural romena, do qual a *Transfiguração da Romênia* é tanto um sintoma quanto um símbolo, reflete o clima político cada vez mais radical do país nos anos 30. A começar pelo assassinato do primeiro-ministro I. G. Duca por membros da Guarda de Ferro, em dezembro de 1933, a Romênia desliza gradualmente para longe da sua política liberal e em direção à extrema direita” (*Searching for Cioran*). No mesmo ano da publicação de *Transfiguração da Romênia*, também é publicado *O Livro das ilusões*.

1937. É o seu último ano de vida na Romênia. Publica em *Vremea* um artigo intitulado “Crima bătrânilor” [O crime dos velhacos], no qual defender Eliade da acusação de “pornografia” ensejada pela publicação do romance *Senhorita Christina*.⁴ Em novembro de 1937, obtém uma bolsa do Ministério de Assuntos estrangeiros da França, por intermédio do *Institut français des hautes études* de Bucareste. No mesmo mês, parte com destino a Paris, com uma parada em Florença. Quando *Lágrimas e santos* é publicado, ao final deste ano (causando uma onda de críticas e reações negativas, a começar pelos pais de Cioran, mas também de Eliade e outros amigos), Cioran já está na França. *Lágrimas e santos* é o seu segundo livro publicado na Romênia *in absentia*: reincidência “premonitória”. Em Paris, hospeda-se no hotel Marignan, no Quartier Latin, e se matricula na faculdade de Letras da Universidade de Paris-Sorbonne. Em dezembro, assiste à aula inaugural de Paul Valéry no Collège de France.

1938. Nos seus primeiros anos vivendo na França, Cioran segue enviando textos para serem publicados na Romênia – ainda não tomou a decisão de escrever em francês. Tendo se filiado ao Centro laico de albergues da juventude, desiste de frequentar a universidade – e abandona o projeto de doutorado, nunca realizado – para explorar o interior da França de bicicleta. Paralelamente aos périplos sobre duas rodas (1938-1939), escreve o seu quinto livro em romeno, *Amurgul gândurilor* [O crepúsculo dos pensamentos], publicado em 1940, em Sibiu. Neste período, escreverá outros livros em romeno, textos que permanecerão engavetados até serem descobertos e publicados postumamente.

1939. Cioran retorna brevemente à Romênia para regularizar documentações necessárias para a sua permanência na França. Graças a Vladimir Jankélévitch e a

4. ELIADE, Mircea, *Senhorita Christina*. Trad. de Fernando Klabin. Ilustrações de Santiago Caruso. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

Cronologia

Louis Lavelle, consegue renovar a bolsa duas vezes, até perdê-la em 1940. Em maio do mesmo ano, a situação política internacional começa a se acirrar em função do avanço das tropas alemãs.

1940. Em 14 de junho, Cioran assiste à entrada das tropas nazistas em Paris. Em setembro, golpe de estado em Bucareste: o marechal Ion Antonescu derruba o rei Carol II, com o apoio dos Legionários, assumindo provisoriamente o poder. Em seguida, Antonescu rompe com a Guarda de Ferro, que se insurge contra ele. Cioran é intimado a retornar à Romênia, voltando uma segunda vez. Lá permanece até o começo de 1941, quando retorna a França.

1942. Cioran muda-se do hotel Marignan para o hotel Racine, na rua de mesmo nome. Tendo perdido a bolsa de estudos do doutorado na Sorbonne, obtém uma nova bolsa, no caso, da *École Roumaine de France de Fontenay-aux-Roses*, fundada pelo historiador romeno Nicolae Iorga. Segue escrevendo em romeno, trabalhando em diferentes textos simultaneamente. Em 18 de novembro de 1942, conhece Simone Boué, a sua companheira para o resto da vida, na fila de um refeitório acadêmico. Cioran fura a fila para entrar na frente dela e puxar conversa (é Simone quem conta a anedota). Na década de 1940, em meio a uma Europa em guerra, escreve *Îndreptar pătîmas*, *Razne*, *Fereastră spre nimic* e *Despre Franța*, todos publicados postumamente. São os seus últimos textos em romeno – e engavetados – antes da decisão de tornar-se um escritor de língua francesa. Ainda na década de 1940, passa a estudar o inglês e o português, na intenção de ler Byron e Antero de Quental nos idiomas originais. Frequenta a biblioteca da Igreja romena ortodoxa de Paris. São anos de dificuldade financeira e desconforto: desde 1944 nenhuma bolsa de estudos, e Cioran precisa fazer traduções do inglês ao francês para se manter. Também é ajudado por amigos. Come em restaurantes universitários gratuitos e economiza o máximo que pode.

1943. Seis anos antes da publicação do *Précis de décomposition*, Cioran já se arrisca escrevendo em francês, publicando dois textos na revista *Comœdia*: “Mihail Eminescu” e “Le dor ou la nostalgie” (cujos temas são distintivos da cultura e da alma romenas).

1944. Benjamin Fondane, de quem Cioran se tornara amigo em Paris (romeno exilado como ele), de ascendência judaica, é detido pelas tropas nazistas em Paris, junto com a sua irmã, Lina. Cioran fica sabendo através da esposa de Fondane e tenta intervir, junto com Stéphane Lupasco e Jean Paulhan, para libertá-los. Só conseguem a libertação de Fondane, não de Lina, e ele decide seguir com ela. São deportados para Auschwitz, onde serão mortos em câmaras de gás em outubro de 1944. Uma perda dolorosa e um trauma profundo que são determinantes para a reviravolta do pensamento de Cioran, de fanático legionário a cético desiludido. O *Breviário de decomposição* é, em parte, e implicitamente, um *Requiem para Fondane*. Ainda em

Cioran, um aventureiro imóvel

1944, retiro espiritual no convento do padre dominicano Marie-Dominique Molinié, em Nancy. A partir de então, Cioran e Molinié mantêm uma intensa correspondência que dura pouco mais de um ano, e na qual “o ceticismo atormentado de um interroga a fé do outro”. O texto “Divagações em um convento”, no *Breviário de decomposição*, é uma reminiscência dessa estadia.

1946. Em Offranville, vilarejo perto de Dieppe, onde Cioran e Simone gostavam de ir durante o verão, tentativa de traduzir Mallarmé para o romeno. Decisão de abandonar a língua materna e tornar-se um escritor de língua francesa. De volta a Paris, começa a trabalhar na primeira versão do *Breviário de decomposição*, intitulado inicialmente *Exercices négatifs*. Reescreverá o livro inúmeras vezes até chegar à versão final.

1949. Ano da estreia literária como escritor de expressão francesa, com o *Précis de décomposition* (publicado ao final deste ano). Curiosamente, as primeiras críticas do livro na imprensa brasileira datam do início de 1949, antes, portanto, da sua publicação pela Gallimard (o manuscrito já circulava pelas mãos de críticos e editores). Muito antes da publicação do *Précis*, e da entrega do Prix Rivarol, um dos jurados da premiação, Daniel-Rops, já fazia campanha de boicote contra o livro e o seu autor. Em texto publicado na França (fonte desconhecida) e republicado duas vezes no Brasil, em jornais diferentes e com títulos distintos (“Irradiação da língua francesa” em *A Manhã*, 22 de maio de 1949; “Esplendor da língua francesa” em *O Jornal*, 24 de maio de 1949), Daniel-Rops menciona um candidato romeno, sem dizer o seu nome, afirmando que o seu texto, “amargo e violento, que faz pensar, sob certos aspectos, em Nietzsche”, não merece ser lido, quanto menos ganhar o prêmio.

1950. *Prix Rivarol*: estreia gloriosa como escritor estrangeiro de língua francesa, elogiado por grandes nomes do mundo literário francês, como Jules Supervielle e Saint-John Perse. Cioran reside em quartos de hotéis baratos e come em refeitórios universitários. Frequenta círculos intelectuais parisienses. Amizade com Henri Michaux. Tendo rompido juridicamente com a Romênia, mas sem possuir cidadania francesa (o que nunca solicitará oficialmente), Cioran é tecnicamente um *apátrida*, possuindo apenas um passaporte Nansen (certificado de identidade e de viagem concedido aos refugiados apátridas pela Sociedade das Nações, atualmente ONU). Segue publicando textos em revistas francesas. Viagens de bicicleta com Simone Boué à Espanha. Viagens à Escócia, Alemanha e Itália.

1952. Publicação de *Silogismos da amargura*, o seu segundo livro em língua francesa, bastante diferente, no tom e na forma, do anterior. Contrariando as expectativas postas pelo êxito do *Précis*, o segundo livro de Cioran em francês é um fracasso de crítica e de vendas. Desanimado, cogita desistir da carreira de escritor. Graças a Jean Paulhan, editor da Gallimard, que lhe solicita textos para a *Nouvelle revue française* (revista editada pela Gallimard), Cioran é “forçado” a seguir escrevendo.

Cronologia

1953. O primeiro artigo na *N.R.F.*: “La fin du roman”, em que Maurice Blanchot é criticado veladamente, o que ocasionará uma réplica no número seguinte.

1954. Convite da editora Plon para dirigir uma coleção de filosofia: *Chéminements*, na qual Cioran edita livros inéditos de Rudolf Kassner, José Ortega y Gasset, Lev Chestov e Erwin Reisner. Ainda em 1954, a *Securitate* (polícia secreta romena) abre um dossiê de investigação sobre Cioran, passando a monitorá-lo na França.

1956. *A tentação de existir*. À diferença dos *Silogismos da amargura*, trata-se de um volume de ensaios mais ou menos longos. Revelando um talento até então inexplorado, a veia *ensaística* de Cioran, este livro é muito bem recebido, como o *Breviário*. No mesmo ano, Cioran conhece Samuel Beckett (“Sam”).

1957. Morte de Emilian Cioran, o seu pai. Neste mesmo ano, Constantin Noica é preso na Romênia (comunista), junto com mais 22 intelectuais, inclusive o irmão de Cioran (Aurel), pela acusação de receptação e divulgação ilegal de *A tentação de existir*. Cioran se sente culpado pela prisão do irmão porque, anos antes, quando ainda vivia na Romênia, havia empregado toda a sua verve iconoclasta nietzschiana para dissuadi-lo do desejo de ordenar-se padre, como Emilian, o pai da família. Ainda em 1957, Cioran recusa o prêmio Saint-Beuve por *A tentação de existir*.

1958. Cioran matricula-se, no Collège de France para frequentar o curso de Henri-Charles Puech sobre gnose. Essa experiência estudantil tardia inspirará um aforismo: “«E os últimos serão os primeiros»”. Foi no Collège de France, em 30 de janeiro de 1958, no curso de Puech sobre o *Evangelho de Tomé*, que essa cantilena, surgida no meio de um comentário erudito, me submergiu em um estranho estado. Ela não teria me remoído tanto nem se eu a tivesse ouvido em plena agonia”, escreverá Cioran mais de 20 anos depois, em *Écartèlement* (1979).

1959. Mais textos na *N.R.F.*

1960. *História e utopia*, livro de ensaios como o anterior. Graças a uma leitora e admiradora que trabalha no setor imobiliário, Cioran e Boué conseguem a mansarda onde viverão pelo resto da vida no Quartier Latin, Rue l’Odéon, 21.

1960. Cioran recusa mais um prêmio, desta vez oferecido por *Combat*. O poeta Henri Thomas seria um dos jurados. Viagens a Inglaterra, Espanha e Áustria. Neste mesmo ano, em 6 de maio, morre Lucian Blaga na Romênia. Além de ser o mais importante filósofo romeno, Blaga foi diplomata. Um dos exemplares de *A tentação de existir* clandestinamente infiltrados na Romênia (1957) caíra em suas mãos. A reação de Blaga a “Pequena teoria do destino” (texto que inverte o nacionalismo de *Transfiguração da Romênia* pela perspectiva cínica de um “exilado metafísico”) é violentamente crítica. Em dezembro de 1962, Cioran registra nos *Cahiers* a sua decepção ao tomar ciência

Cioran, um aventureiro imóvel

das críticas de Blaga. “Eu o colocava sobre um pedestal. Pensava que estava acima de nós, planando, despreocupado ou meditativo, estranho às nossas querelas, incapaz de ter reações balcânicas, mudanças de humor ou explosões febris de ciúmes. A distância o tinha embelezado, conservando dele na minha memória traços puros. Infelizmente, o deus desabou! Talvez seja melhor assim” (*Cahiers*).

1963. Tendo abandonado quase três anos antes o cigarro e o café, dois indispensáveis companheiros da sua produção literária, Cioran anota em um dos cadernos, com o seu humor tipicamente balcânico: “Faz hoje trinta e cinco meses que renunciei ao tabaco e ao café, faz trinta e cinco anos que eu perdi minha alma” (*Cahiers*).

1964. *La chute dans le temps*, o seu quinto título em língua francesa (um livro ensaístico, não aforístico, como os dois anteriores).

1965. O premiado *Précis* é reeditado em formato de bolso.

1966. temporada de férias no balneário espanhol de Talamanca, onde sofre crises de insônia e é perseguido pela ideia do suicídio. Dessa experiência resultará o *Caderno de Talamanca*. Um ano trágico, de sucessivas perdas: em um intervalo de pouco mais de 1 mês, morrem a sua mãe (18 de outubro) e a sua irmã (23 de novembro) na Romênia. Mais textos para a *N.R.F.* e outras revistas francesas.

1969. *Le mauvais démiurge*, mais um livro de ensaios, só que neste caso intercalados com seções de aforismos breves (como os *Silogismos*). Por este livro, Jacques Lacarrière exalta Cioran como um gnóstico contemporâneo, “um bogomilo extraviado e edulcorado em contato com o Ocidente”. Em 28 de junho de 1969, *Le monde* publica – para o seu descontentamento – um dossiê de 2 páginas intitulado “Cioran ou le nihilisme contemplatif” [Cioran ou o niilismo contemplativo]. Um dos textos é de Gabriel Marcel, filósofo existencialista católico e um dos melhores amigos franceses de Cioran: “Um aliado na contracorrente”.

1970. Suicídio de 2 amigos: Arthur Adamov e Paul Celan. Cioran vai ao funeral do segundo. Mais textos para a *N.R.F.* e outras revistas literárias. Viagens à Áustria, Suíça e Inglaterra.

1970. Publicação de um dos seus mais aclamados volumes de aforismos, amplamente considerado um dos pontos culminantes da sua obra francesa: *Do inconveniente de ter nascido*.

1977. Recusa de mais um prêmio: o Roger-Nimier, oferecido pelo conjunto da obra. Recusando-o, Cioran abdica de 10.000 francos).

1977. Publicação de *Écartèlement*, livro que, como *Le mauvais démiurge*, intercala ensaios longos e breves aforismos.

Cronologia

1981. A *Securitate* lança o programa “Recuperação” com o objetivo de trazer Cioran de volta à Romênia, no intuito de utilizar a sua notoriedade como capital político em favor do regime comunista. Aproximam-se do seu irmão, Aurel, que desconfia do plano e o desbaratina, recusando-se a colaborar. Mais publicações para a *N.R.F.* e outras revistas literárias francesas. Viagens à Alemanha, Suíça, Itália, Grécia e Inglaterra.

1984. Morte de Henri Michaux. Cioran comparece ao funeral.

1986. Publicação de *Exercícios de admiração: ensaios e perfis*, que consolida a sua consagração literária como um grande estilista de língua francesa. Pela primeira vez, assina apenas CIORAN. Em novembro de 1986, *Lágrimas e santos* é o seu primeiro livro romeno traduzido para o francês, graças à diligência da amiga e compatriota Sanda Stolojan.

1987. É publicado o seu último livro: *Aveux et anathèmes*, de aforismos breves, como *Do inconveniente de ter nascido* e *Silogismos da amargura*.

1987. A agência Associated Press espalha uma *fake news* de que Cioran teria cometido suicídio por envenenamento. Dias depois, ele reaparece em público, desmentindo o boato. Decisão de aposentar a pena, deixando aos poucos de escrever. A correspondência epistolar ainda o cativa. Também em 1988 recusará o prêmio Paul-Morand da Academia francesa. Recusando-o, abdica de 30.000 francos. “*Esse prêmio é incompatível com o que estou escrevendo, com a minha visão das coisas. Não se pode aplaudir as coisas que escrevo. O meu trabalho é uma obra de negação, não posso ter um prêmio*”, declarou por telefone, aos 77 anos, à AFP.

1989. Queda do ditador romeno Nicolae Ceaușescu. Em 22 de dezembro do mesmo ano, morte de Samuel Beckett.

1990. A *Bibliothèque nationale française* (BNF.) apresenta o manuscrito do *Précis de décomposition* em uma exposição intitulada: “En français dans le texte. Dix siècles de lumières par le livre”. Após o fim da Guerra Fria, é reeditado em Bucareste, pela Humanitas, *Schimbarea la față României*. Os seus livros romenos começam a ser reeditados e traduzidos, primeiro na França, depois em outros países, assim como os seus livros franceses começam a ser traduzidos e editados na Romênia.

1993. Os primeiros sintomas inequívocos do Alzheimer: em meados de fevereiro, encontram Cioran sentado na calçada, perdido e confuso. Tentava voltar para casa do escritório da Gallimard, mas já não se lembrava do caminho. Também vinha sofrendo de varizes e cálculo renal. Mais ou menos um mês depois do episódio da calçada, fratura o fêmur numa queda sofrida em casa. É hospitalizado no hospital Cochin. Alguns dias mais tarde, por causa do diagnóstico de uma úlcera grave, é transferido para o hospital geriátrico Broca. Em outubro de 1993, é publicado o seu último artigo na *N.R.F.*

1995. Cioran falece no hospital Broca, em Paris, em 20 de junho, após ter entrado em coma no dia anterior. Seu estado já era crítico há algumas semanas. Em 23 de junho de 1995, a igreja romena de Paris realiza, no cemitério parisiense de Montparnasse, o seu funeral conforme ao rito ortodoxo. Clément Rosset, que esteve presente, escreveu uma memória sobre o funeral. Após a sua morte, Simone Boué descobriria uma dezena de cadernos (*cahiers*) de Cioran, os quais se poria a datilografar diligentemente e encaminhar para publicação (Gallimard).

1997. Dois anos após o falecimento do companheiro, e antes da publicação dos *Cahiers*, Simone morreu afogada no litoral da Vendée, perto da sua cidade natal. Infelizmente, ela não pôde ver o resultado dos seus esforços. Simone Boué e Emil Cioran estão enterrados juntos no cemitério de Montparnasse, em Paris.

REFERÊNCIAS:

BOLLON, Patrice, *Cioran, l'hérétique*. Paris: Gallimard, 1997.

CAVAILLÈS, N.; DEMARS, A. (eds.), “Chronologie”, in: CIORAN, *Œuvres*. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pleïade), 2011.

LIICEANU, Gabriel, *Itinéraires d'une vie: E. M. Cioran*. Paris: Michalon, 2007.

PETREU, Marta, *An Infamous Past: E. M. Cioran and the Rise of Fascism in Romania*. Chicago: Ivan R. Dee, 2009.

ZARIFOPOL-JOHNSTON, Ilinca, *Searching for Cioran*. Indiana: Indiana University Press, 2009.

BIBLIOGRAFIA

I. LIVROS DE CIORAN EM LÍNGUA ROMENA:

1934. *Pe culmile disperării / Nos cumes do desespero.* Trad. de Fernando Klabin. São Paulo: Hedra 2012.

1936. *Cartea amăgirilor / O Livro das ilusões.* Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

1936. *Schimbarea la față a României / “Transfiguração da Romênia”* (inédito em português).

1937. *Lacrimi și sfinți / “Lágrimas e santos”* (inédito em português).

1940. *Amurgul gândurilor / “O crepúsculo dos pensamentos”* (inédito em português).

1941-44. *Îndreptar pătimăș vol. I e II / “Breviário passional” vol. I e II* (póstumo; inédito em português).

1941. *Despre Franța / Sobre a França.* Trad. de Luciana Persice Nogueira. Belo Horizonte: Âiyné, 2020.

1944. *Fereastră spre nimic / “Janela para o nada”* (póstumo; inédito em português).

1945-46. *Razne / “Extravios”* (póstumo; inédito em português).

II. LIVROS DE CIORAN EM LÍNGUA FRANCESA:

1949. *Précis de décomposition / Breviário de decomposição.* Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989 1995, 2011.

1952. *Syllogismes de l'amertume / Silogismos da amargura.* Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, 2011.

1956. *La Tentation d'exister / A Tentação de existir.* Trad. de Miguel Serras Pereira e Ana Luisa Faria. Lisboa: Relógio D'Água, 1988.

1960. *Histoire et utopie / História e utopia*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, 2011.

1964. *La Chute dans le temps / “A Queda no tempo”* (inédito em português).

1966. *Cahier de Talamanca / Caderno de Talamanca*. Trad. de Flávio Quintale. Belo Horizonte: Âyiné, 2019 ((póstumo)).

1969. *Le mauvais démiurge / “O demiurgo malvado”* (inédito em português).

1973. *De l'inconvénient d'être né / Do inconveniente de ter nascido*. Trad. de Manuel de Freitas. Lisboa: Letra Livre, 2010.

1979. *Écartèlement / “Esquartejamento”* (inédito em português).

1986. *Exercices d'admiration: essais et portraits. Exercícios de admiração: ensaios e perfis*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988; Rocco, 2001, 2011.

1987. *Aveux et anathèmes / “Confissões e anátemas* (inédito em português).

1995. *Entretiens / “Entrevistas”* (inédito em português).

1997. *Cahiers: 1957-1972 / “Cadernos: 1957-1972”* (inédito em português).

III. LIVROS DE CRÍTICA E EXEGESE CIORANIANA:

BARSACQ, Stéphane, *Cioran : éjaculations mystiques*. Paris: Seuil, 2011.

BOLLON, Patrice, *Cioran l'hérétique*. Paris: Gallimard, 1997.

CAVAILLÈS, Nicolas, *Cioran malgré lui : écrire à l'encontre de soi*. Paris: CNRS, 2011.

_____, *Le Corrupteur corrompu: barbarie et méthode dans l'écriture de Cioran*. Paris: Le Manuscrit, 2005.

CIOCÂRLIE, Livius, *Caietele lui Cioran*. Bucarest: Humanitas, 2007.

DAVID, Sylvain, *Cioran: un héroïsme à rebours*. Montreal: PUF, 2006.

DI GENNARO, Antonio; MOLCSAN, Gabriella (eds.), *Cioran in Italia. Atti del Convegno (Roma, 10 novembre 2011)*. Aprilia (LT): Aracne Editrice, 2012.

DI GENNARO, Antonio, *Metafisica dell'addio. Studi su Emil Cioran*. Aprilia (LT): Aracne Editrice, 2011.

Bibliografia

- _____ (ed.), *E. M. Cioran: tradire la propria lingua. Intervista con Philippe D. Dracodăidis*. Napoli: La Scuola di Pitagora editrice, 2015.
- DIENSTAG, Joshua Foa, *Pessimism: Philosophy, Ethic, Spirit*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2006.
- FINKENTHAL, Michael; KLUBACK, William, *The Temptations of Emil Cioran*. New York: Peter Lang, 1997.
- HACEN, Aymen, *Le Gai désespoir de Cioran*. Tunisia: Miskiliani, 2007.
- HERRERA A., M. Liliana, *Cioran: lo voluptuoso, lo insoluble*. Pereira: Publiprint, 2003.
- JACCARD, Roland, *Cioran et compagnie*. Paris: PUF, 2004.
- JAUDEAU, Sylvie, *Cioran ou le dernier homme*. Paris, José Corti, 1990.
- MARÍN, Joan M., *Cioran o el laberinto de la fatalidad*. Valencia: Institució Alfons el Magnànim, 2001.
- _____, *E. M. Cioran: l'escriptura de la llum i el desencant*. Valencia: 7 i Mig, 1999.
- MIHĂILESCU, Dan C., *Despre Cioran și fascinația nebuniei*. București: Humanitas, 2010.
- PECORARO, Rossano, *Cioran: a filosofia em chamas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- PETREU, Marta, *An Infamous Past: E.M. Cioran and the Rise of Fascism in Romania*. Chicago: Ivan R. Dee, 2005.
- _____, *Despre bolile filosofilor: Cioran*. Iași: Polirom, 2017.
- PIEDNOIR, Vincent; TACOU, Laurent (eds.), *Cahier de L'Herne Cioran*. Paris : Éditions de l'Herne, 2009.
- PIEDNOIR, Vincent, *Cioran avant Cioran: histoire d'une transfiguration*. Marseille : Gaussen, 2013.
- RIGONI, Mario A., *In compagnia di Cioran*. Padova: Il Notes Magico, 2004.
- _____, *Ricordando Cioran*. Napoli: La Scuola di Pitagora, 2011.
- _____, *Per Cioran*. Napoli: La Scuola di Pitagora, 2017.
- ROTIROTI, Giovanni, *Il demone della lucidità: il 'caso Cioran' tra psicanalisi e filosofia*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2005.

GIOVANNI ROTIROTI

Cioran, um aventureiro imóvel

_____, *Il segreto interdetto: Eliade, Cioran e Ionesco sulla scena comunitaria dell'esilio*. Pisa: Edizioni ETS, 2011.

SONEA, Ciprian, *Fenomenul religios la Lucian Blaga și Emil Cioran*. Cluj: Limes, 2011.

ȘORA, Mariana, *Cioran jadis et naguère. Entretien à Tübingen*. Paris: Éditions de l'Herne, 1988.

THOMA, Friedgard, *Per nulla al mondo: un amore di Cioran*. Trad. de Pierpaolo Trillini. Falconara Maritima (AN): L'Orecchio di Van Gogh, 2010.

TURCAN, Nicolae, *Cioran sau excesul ca filosofie*. Cluj: Limes, 2008.

VARTIC, Ion, *Cioran, ingenuo y sentimental*. Trad. de Francisco Javier Marina Bravo. Zaragoza: Mira Editores, 2002, pp. 180-197.

ZARIFOPOL-JOHNSON, *Ilinca, Searching for Cioran*. Indiana: Indiana University Press, 2009.

SOBRE O AUTOR:



Nascido em 1973, em Arad, Ciprian Vălcan é um filósofo, ensaísta e professor universitário romeno. Doutorou-se na École Pratique des Hautes Études (2000-2006). Da sua tese de doutorado, orientada por Jacques Le Rider, resultou *La concurrence des influences françaises et allemandes dans l'oeuvre de Cioran* (Institutul Cultural Român, 2008), livro que é hoje uma referência fundamental para quem deseja aprofundar-se em Cioran em uma abordagem histórico-filosófica minuciosa e compreensiva.

Para além dos estudos cioranianos, Vălcan é ensaísta e aforista, autor de uma obra original e veemente que começa a ser descoberta por nós, em língua portuguesa. É o autor de dezenas de volumes de aforismos, ensaios e memórias, traduzidos e publicados nos mais diversos países, na Europa e nas Américas, inclusive no Brasil. De sua autoria, já foram publicados no Brasil *O suicida ou a era do niilismo*, traduzido por Fernando Klabin (Zazie, 2016) e *As velhinhas e o diabo*, coletânea bilingue de aforismos, traduzido por Rodrigo Inácio R. Sá Menezes (Tesseractum, 2022). Os primeiros aforismos de Vălcan em português apareceram na revista (n.t.) *Nota do Tradutor*, traduzidos por Fernando Klabin.

GIOVANNI ROTIROTI



© *Átopos* Editorial

Este é um *e-book* (PDF).

Tipografia: Minion Pro

Conclusão: 13 de fevereiro de 2023

Produção: *Átopos* Editorial

GIOVANNI ROTIROTI

ISBN: 978-65-85286-00-8

ORL



9 786585 286008